

REVISTA
DOS
CRIADORES

EM FAVOR À SERVIÇO DA PECUÁRIA
Município: 19866-000 - N.º 676 - CEP 41.900-000
Orgão oficial do ABCP

NO PARANÁ
FORMA-SE UM
DOS MAIORES
REBANHOS
DE LIMOUSINE
DO MUNDO



1.ª TRANSFERÊNCIA DE EMBRIÕES EM LIMOUSINE DO BRASIL

O MAIS FORTE

AGROVET
5.000.000

No dia-a-dia do campo, é difícil ao criador, identificar com rapidez e segurança, os agentes causadores das doenças que atacam o seu rebanho. Nessas ocasiões, é de fundamental importância a existência de um produto - com amplo espectro de ação, rápido e eficaz, - que atue contra um grande número de infecções, promovendo uma imediata recuperação do animal e reduzindo quebras na produtividade.

AGROVET 5.000.000, vem comprovando durante anos e anos, sua fulminante ação contra um grande número de bactérias Gram-positivas e Gram-negativas que atingem os tratos: respiratório, geniturinário, gastrointestinal, pele e tecidos moles; nos bovinos, eqüinos, suínos, ovinos e caprinos.

A comprovada eficácia da associação das penicilinas G Procaina e G Potássica com a estreptomicina, faz de AGROVET 5.000.000 o antibiótico indispensável na farmácia de todos os pecuaristas.



SQUIBB
DIVISÃO AGROPECUÁRIA

NEGÓCIOS RURAIS - um instrumento de administração

ANO I — N.º 12 — Coord.: Engs. Agrônomos: Luiz Antonio Pinazza e Ivan Wedekin — MAIO — 1986

MOMENTO AGROPECUÁRIO

A comercialização da safra 1985/86 e a nova política agrícola

A colheita da safra de verão de 1985/86 no Centro-Sul segue a todo vapor nas principais regiões produtoras. A exemplo dos últimos anos, depara-se com estrangulamento para manter o fluxo normal do escoamento da produção colhida para outros locais. Os dois principais fatores limitante vêm sendo a deficiente rede de armazenagem nos pontos próximos das áreas com lavouras e a insuficiência conjuntural da frota de caminhões disponíveis para atender o volume de mercadorias para embarcar.

As estatísticas sobre o volume da produção foram reavaliadas, com a Companhia de Financiamento da Produção divulgando sua última estimativa, com base em levantamentos realizados em março. Ainda é possível que ocorram novos aperfeiçoamentos das estimativas, pois com a melhoria das condições climáticas, a partir de janeiro, os números da safra deixaram de mostrar o pessimismo até então dominante. Conforme assinala a Tabela 1, a produção brasileira dos principais cereais e oleaginosas deverá apresentar uma quebra de 12% em relação à safra passada. Trata-se de um percentual bem inferior às primeiras previsões que indicavam quedas de 20% a 30%. As projeções da CFP apontam uma produção de 50.549 milhões de toneladas, contra 56.833 milhões no ano anterior.

Confirmados esses números e traduzindo-os em termos monetários, calcula-se a grosso modo que a agricultura sofreu um prejuízo da ordem de Cz\$ 15 bilhões. É uma perda significativa para os produtores, que não será compensado na comercialização, pois a menor produção não terá como contrapartida um aumento dos preços, que ficarão situados próximos aos mínimos oficiais.

No tocante a comercialização da produção, não se denota o quadro preocupante verificado no ano passado, quando ocorreu uma forte pressão de venda no segundo trimestre. Tal movimento decorreu das altas correções monetárias mensais. O preço mínimo interrompia seu reajuste em determinado mês, enquanto que os débitos de custeio prosseguiram sendo corrigidos. Assim, afunilado nessa situação, o produtor corria para desfazer-se da produção, levantando recursos para quitar os compromissos bancários. No agregado, gerou-se uma grande oferta no curto prazo, que culminou num maior afrouxamento das cotações.

Neste ano, apesar do contexto ser diferente, os produtores não terão novamente interesse em reter estocado as suas colheitas. O raciocínio é puramente econômico e parte da lógica de que, com o congelamento dos preços, fica impossível repassar

os custos de armazenamento no momento da venda. Por tudo isso, é perfeitamente compreensível o fato já detectado pelo governo, no sentido de que os agricultores, que estão comercializando sua produção, demandam, dentro do Programa de Garantia de Preços Mínimos, operações de Aquisições do Governo Federal — AGF's, em relação aos Empréstimos do Governo Federal — EGF's.

Dentro de tal contexto, as estimativas iniciais apontavam que o governo seria forçado a comprar, neste ano, ao redor de 9 milhões de toneladas de cereais e oleaginosas, ou seja, 2 milhões acima do volume adquirido em 1985. O custo deveria atingir a expressiva cifra de Cz\$ 23 bilhões. Para evitar uma forte pressão de venda ao governo, as autoridades econômicas decidiram que o pagamento das operações de AGF não será mais feito à vista, mas sim em parcelas mensais de 30 a 120 dias. Este fato prejudicará sensivelmente os produtores, pois os preços de mercado deverão cair a níveis abaixo do preço mínimo, pois os consumidores não estão muito dispostos a arcar com o ônus da estocagem dos produtos agrícolas. A situação é mais preocupante nas áreas de fronteira agrícola dos estados do Mato Grosso do Sul, Paraná, Rondônia, Bahia e Goiás. Devido ao preço do frete a soja, o milho e o arroz

deverão continuar sendo comercializados abaixo do preço mínimo. Face ao congelamento, os tradicionais compradores, que adquiriam a safra no pico da colheita a preços baixos, para revendê-los especulativamente na entressafra, estão retraídos.

Com o parcelamento do AGF, o governo espera não só resolver o seu problema imediato de caixa, mas efetivamente desestimular o produtor agrícola de vender-lhe a produção. A idéia é criar condições para que produtores, atacadistas, cooperativas e outros agentes ingressem na comercialização das safras, retirando essa responsabilidade do governo federal.

A política agrícola para a safra 1986/87

Na safra 1986/87, que começa a ser cultivada em meados do segundo semestre, deverá acontecer uma recuperação do volume real de recursos destinados ao crédito rural, após a grande baixa ocorrida nos últimos anos (ver Gráfico). Estimase que o volume global de recursos poderá chegar a cerca de Cz\$ 78,3 bilhões, dependendo de estudos finais do Banco Central e das negociações para obtenção de recursos adicionais do Banco Mundial. Este montante corresponde a um aumento de 56% sobre o valor nominal dos recursos aplicados no crédito rural de 1985, que foi de Cz\$ 50,3 bilhões. Do montante total a ser alocado à agricultura, Cz\$ 57,8 bilhões serão destinados às operações de custeio e Cz\$ 20,5 bilhões serão aplicados em investimentos. O Norte e o Nordeste terão juros diferenciados em três categorias para investimento e custeio. O grande produtor vai pagar 8% ao ano, o médio 6% e o pequeno 3%. A região Centro-Sul terá juros de 10% para custeio e investimento.

Vê-se, pois, que as novas taxas de juros fixadas pelas autoridades econômicas para o financiamento da safra 1986/87 correspondem a um significativo aumento em relação às taxas vigentes antes da reforma econômica. Contudo, não representam a eliminação dos subsídios concedidos pelo governo ao setor. Segundo cálculos preliminares, o governo

será obrigado a arcar com despesas entre Cz\$ 4 bilhões e Cz\$ 5 bilhões para cobrir as taxas mais baixas que serão pagas pelos produtores das regiões Norte e Nordeste.

No caso dos empréstimos aos produtores da região Centro-Sul, que respondem por 85% da demanda de crédito rural no país, o subsídio governamental é nulo. A taxa de 10% que eles irão arcar pela tomada dos empréstimos corresponde exatamente à taxa líquida (isto é, já deduzido o Imposto de Renda) que o governo paga para captar recursos no mercado, através da venda de títulos da dívida pública. Foi para neutralizar a possibilidade de concessão de subsídios aos produtores mais desenvolvidos que o governo decidiu adotar as taxas líquidas das Letras do Tesouro Nacional (LTN), como referência para fixação das taxas de crédito rural. A partir de 28 de fevereiro de 1987, os financiamentos para investimento serão repactuados de seis em seis meses, compatibilizando as taxas nos mesmos níveis de captação dos recursos no mercado, via LTN.

O Valor Básico de Custeio (VBC) para os produtos básicos (feijão, arroz, milho e mandioca) será de 100% em todas as faixas de produ-



tores. Nas demais culturas, o VBC será de 100% para o pequeno produtor, 80% para o médio e 60% para o grande. Como exceção, estão os produtores de cana-de-açúcar, cacau, seringueira e café, que receberão de 40% a 50% do VBC.

De acordo com os critérios definidos pelo governo na concessão do crédito rural, percebe-se nitidamente o esforço de garantir um volume de recursos para o agricultor fazer as inversões necessárias em suas fazendas. Resta, porém, a definição da exigibilidade dos Bancos, que estabeleça o percentual dos depósitos à vista a serem destinados ao setor agrícola (especula-se em torno de 30%).

Tabela 1: Produção Brasileira de Cereais e Oleaginosas (em 1.000 t)

Produtos	SAFRAS					
	1984/85(1) Março	1985/86(2) Maio	%	1985/86(3)	%	%
CEREAIS						
Arroz	8.759,8	9.279,4	6	9.386,4	7	1
Aveia	154,3	154,3	—	154,3	—	—
Centeio	3,8	3,8	—	3,8	—	—
Cevada	116,7	116,7	—	116,7	—	—
Feijão Total	2.533,8	2.193,7	-12	2.100,0	-18	-4
Feijão 1.ª safra	1.255,6	692,4	-45	692,4	—	—
Feijão 2.ª safra	1.277,2	1.501,3	18	1.407,6	-10	-7
Milho	20.794,2	17.469,5	-16	18.956,0	-10	9
Sorgo	305,8	404,7	32	351,3	15	-13
Trigo	4.324,3	4.324,3	—	4.434,4	3	4
SUBTOTAL	36.992,7	33.946,4	-8	35.562,9	-4	-5
OLEAGINOSAS						
Amendoim Total	328,8	231,8	-30	217,4	-34	-6
Amendoim 1.ª safra	254,4	157,4	-38	157,4	-38	—
Amendoim 2.ª safra	74,4	74,4	—	60,0	-20	-19
Mamona	393,0	287,9	-27	288,3	-27	—
Soja	17.286,3	12.356,7	-29	13.192,8	-28	7
Caroço de algodão	1.632,7	1.221,1	-23	1.288,4	-30	6
SUBTOTAL	19.840,8	14.097,5	-29	14.986,9	-25	6
TOTAL	56.833,5	48.043,9	-15	50.549,8	-12	5

Obs.: Para as culturas de inverno (Aveia, Centeio e Cevada) foram preliminarmente consideradas as produções obtidas em 1985.

Fonte: CFP.

MERCADO DE PRODUTO

Nota explicativa

Cabe aqui esclarecer o tratamento estatístico dos preços apresentados nos gráficos. Os preços são os praticados a nível de produtor no estado de São Paulo e se referem a médias mensais levantadas pelo Instituto de Economia Agrícola da Secretaria de Agricultura e Abastecimento.

O gráfico apresenta duas linhas: a inferior é a dos **preços correntes ou nominais** de negócios realizados na prática. A curva superior registra os **preços reais**, cuja atualização permite a comparação em base isenta de inflação. Para se chegar à série real parte-se dos preços nominais de cada mês passado, trazendo-os a valores de hoje (abr. 86) pela inflação acumulada no período; a atualização é feita através do Índice Geral de Preços (IGP), calculado pela Fundação Getúlio Vargas.

Exemplificando: o **preço corrente ou nominal** da arroba do boi gordo em abr. 85 foi de Cz\$ 53,07; o **preço real**, a valores de abr. 86, será de Cz\$ 169,50, ou seja, Cz\$ 53,07 x 3,194, pois a inflação estimada para o período de abr. 85-abr. 86 é de 219,4%.

No mês presente (abril), que é a base da série real, o **preço real**, como era de se esperar, é igual ao **preço corrente**, tal como registram os gráficos.

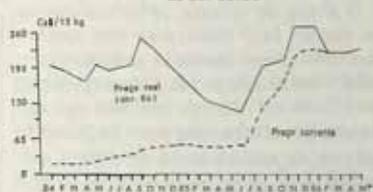
BOVINOS DE CORTE

Balço de oferta e demanda apertado

Ainda que a oferta, no momento, seja suficiente para atender o mercado, pois a pecuária encontra-se em pleno pico de safra (em maio-junho), os preços praticados para o boi gordo apresentam-se aquecidos. A arroba está sendo comercializada no estado de São Paulo, na faixa de Cz\$ 220 e 230, superando o preço do acordo entre o setor e o governo. O expressivo aumento do consumo, a previsão de uma safra reduzida neste ano e o melhor desempenho das exportações são indicadores para sustentar expectativas de altas no preço do boi.

O tabelamento da carne bovina no varejo em níveis relativamente baixos e o aumento da massa salarial impulsionaram o consumo interno, previsto por produtores e varejistas

SÃO PAULO: PREÇOS RECEBIDOS PELO PRODUTORES DE BOI GORDO



entre 20% e 30%. A melhoria do poder aquisitivo do consumidor frente à carne bovina, após o pacote econômico, pode ser avaliada pela quantidade de carne no varejo adquirida com um salário mínimo, que passou de 25 kg em fevereiro para 34,3 kg em março.

Neste ano, o mercado de carne se desenvolverá em torno das variáveis de oferta e demanda e do comportamento do governo. Do lado da oferta, fontes do setor privado estimam uma redução da produção causada pela seca ao redor de 180 mil t. Do lado da demanda, tem-se a forte recuperação do poder de compra sa-

larial, mostrada anteriormente, e a manutenção da competitividade das exportações brasileiras. As vendas do país deverão continuar muito expressivas, embora abaixo das 537 mil t de 1985; o mais provável é um volume ao redor de 400 mil t. Para permitir a recomposição do consumo e controlar preços, o governo deverá importar maciçamente (a pretensão é de 250 mil t), sendo que 100 mil t já foram negociadas com o exterior.

LEITE

É preciso resolver os problemas do setor

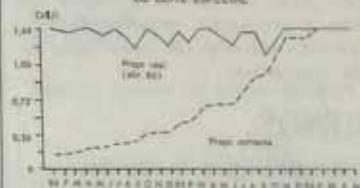
O quadro do setor leiteiro continua inalterado. De um lado os pecuaristas com sérias dificuldades para manterem-se na atividade, em virtude da defasagem de quase 40% entre os custos de produção e os valores recebidos pelo produto, sem computar qualquer margem de lucro. Do outro, o governo permane-

SÃO PAULO: PREÇOS RECEBIDOS PELO PRODUTORES DE LEITE B



cendo resistente em alterar o preço a nível de consumidor, ou conceder subsídio direto ao produtor, medida proposta pelo setor. As definições não ocorrem e os problemas da atividade leiteira tendem a agravar-se.

SÃO PAULO: PREÇOS RECEBIDOS PELO PRODUTORES DE LEITE ESPECIAL



A consequência desse impasse tem sido a queda expressiva da produção. A Dira do Vale do Paraíba,

uma das principais bacias leiteiras do país, evidência esta realidade de forma que uma cooperativa na região (Conevap) recebeu, em janeiro, 50.780 litros por dia em média (leite B), volume que caiu para 47.533 litros em fevereiro, 43.346 litros em março e 42.594 litros em abril. No caso de leite Especial, o recebimento foi de 53.398 l em janeiro, 48.709 l em fevereiro, 40.899 l em março e 33.166 l em abril. A queda no período para os leites B e Especial soma 16,1% e 37,9%, respectivamente, e 27,2% para a oferta total.

A redução do volume entregue às usinas atingiu níveis que comprometeram o abastecimento do mercado consumidor de São Paulo, Rio de Janeiro e Curitiba, obrigando o governo recorrer a importação de 22 mil t de leite em pó (que será internalizada até final de maio). A SEAP estima que os mercados do Rio de Janeiro e São Paulo enfrentam um déficit de fornecimento de 300 mil l de leite por dia. Para atender esta situação emergencial de falta de leite, o governo precisou remanejar de seus estoques cerca de 800 t para atender à demanda do Rio de Janeiro e 300 t para São Paulo. Para Curitiba, o remanejamento de 20 mil l diários da região Norte do estado tem resolvido o problema.

SÃO PAULO: PREÇOS RECEBIDOS PELO PRODUTORES DE LEITE INDUSTRIAL



A importação resolve a escassez imediata do abastecimento, mas é um fator desestimulante à produção futura. Se não houver medidas para remunerar melhor o produtor de leite, a produção certamente reduzirá e os volumes de importação serão crescentes.

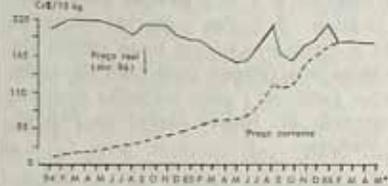
SUÍNOS

Produção poderá crescer 3% neste ano

O aumento na oferta de carne suína e de outras carnes nos primeiros

meses do ano, período de demanda sazonalmente em queda, contribuíram para a elevação dos estoques em poder das indústrias. Desse modo, os preços recebidos pelos suinocultores apresentavam-se fortemente contidos no momento em que aconteceu o congelamento dos preços decorrente da reforma econômica do governo. Por esse motivo, a relação de preços suínos e milho encontrava-se num patamar bem abaixo dos bons níveis do final de 1985.

SÃO PAULO: PREÇOS RECEBIDOS PELO PRODUTORES DE SUÍNOS



O mercado de suínos, em abril, apresentou boa mobilidade nas vendas, não possibilitando formação de estoques pelas indústrias. O suinocultor paulista vem recebendo em média pelo produto cerca de Cz\$ 180,00 a arroba, cotação considerada desestimulante ao setor, especialmente aos independentes.

O abate de suínos, principalmente na região Sul, mostra-se em expansão, levando o setor a projetar um crescimento da produção em torno de 3% em 1986. A pressão do aumento da oferta não tem implicado em preços mais baixos devido a elevação observada no consumo, que a exemplo das outras carnes, experimenta forte crescimento.

AVES

Expansão do consumo sustenta o mercado

Com base na previsão da Associação dos Produtores de Pintos de Corte (Apinco), de um alojamento de 96,5 milhões de pintos em março, a avicultura estará colocando no mercado até fins de maio uma oferta acumulada de 638,8 mil t de carne de frango neste ano, o que corresponde a um aumento de 4,8% em relação a igual período de 1985.

A despeito do aumento observado na produção, as exportações brasileiras de frango mostram-se declinantes. No primeiro trimestre deste ano foram embarcadas 48.722 t, para uma receita cambial de US\$ 46.914, representando uma queda de 16,1% e 8,4%, respectivamente, em comparação aos resultados do mesmo período de 1985. O desempenho só não foi pior pela reação dos preços médios internacionais, atualmente em torno de US\$ 963/t, contra US\$ 883/t no ano anterior.

Esse fato poderia desencadear uma oferta excessiva no mercado interno e preços bastante aviltados, caso não tivesse acontecido uma expansão do consumo interno. De acordo com a Apinco, o consumo per capita de carne de frango cresceu 6,3% no primeiro trimestre, basicamente em março, situando-se em 2,53 kg/habitante. Se o consumo se mantiver nesse mesmo ritmo, é possível prever que até o final do ano este índice alcance 10 kg/habitante.

Apesar do tabelamento do frango ter ocorrido quando os níveis de preços eram considerados baixos, constituindo em fator de desestímulo à produção, a avicultura tende a crescer neste ano, mantendo aquecida a demanda de pintos de corte. A Apinco projeta um crescimento de 8% na produção de carne de frango em relação a 1985.

SÃO PAULO: PREÇOS RECEBIDOS PELO PRODUTORES DE FRANGOS



O mercado, após a quase paralisação da comercialização que sucedeu às novas medidas econômicas, voltou gradativamente a recuperar-se, com a oferta escoando com certa facilidade, sem formação de estoques. A cotação do frango a nível de produtor paulista está em Cz\$ 7,80/kg, contra um custo de produção atualizado de Cz\$ 7,44. O produto resfriado no atacado estabilizou-se em

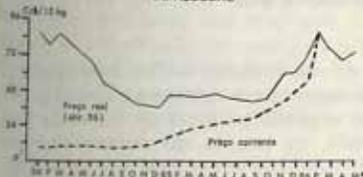
Cz\$ 13,50/kg, enquanto o frango congelado, em decorrência dos altos estoques, está com preços deprimidos na faixa de Cz\$ 11,00 a Cz\$ 11,50/kg.

ALGODÃO

EGF pode sustentar preços

O mercado da malvacea permanece bastante calmo, refletindo o quadro de oferta abundante esperado para esta safra. Fontes ligadas ao comércio estimam a produção meridional em 475 mil toneladas que, somadas a 70 mil toneladas produzidas no sul da Bahia e a 150 mil toneladas oriundas do Nordeste, perfazem um total de 695,0 mil toneladas. Essa oferta embora sensivelmente inferior ao produzido em 1985, é mais do que suficiente para atender a demanda do produto, prevista em 600 mil toneladas. O excedente, contudo, deverá superar a 442 mil toneladas, pois há estoques em mãos de particulares e do governo, da ordem de 373,5 mil t, além de um volume importado de 23,5 mil t.

SÃO PAULO: PREÇOS RECEBIDOS PELO PRODUTORES DE ALGODÃO



to, os produtores vêm recebendo preços acima do mínimo fixado para a lavoura, de Cz\$ 71,85 a arroba, pois o rendimento em pluma em diversas regiões produtoras situa-se acima da média, permitindo a venda do produto em pluma nos níveis de preços atuais. Outro fator que poderá promover a sustentação dos preços é a isenção do ICM na exportação de algodão, a ser decidida pelo Confaz, que poderá retirar do mercado parte do algodão de tipos inferiores, inadequado para o consumo interno. No momento, apesar da boa performance das vendas das indústrias têxteis prevista para o primeiro semestre do ano, há preocupação quanto ao controle dos preços do item vestuário pelo governo. É que dependendo das medidas a serem tomadas pela área governamental quanto ao setor, caso se confirmem altas nos preços desses produtos, tanto o segmento industrial quanto maquinistas poderão pressionar negativamente os preços do algodão a nível de lavoura.

AMENDOIM

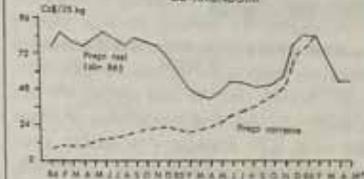
Atraso na divulgação das normas de EGF e AGF

O terceiro levantamento de safras da Secretaria da Agricultura e Abastecimento do estado de São Paulo (IEA-CATI), realizado em fevereiro de 1986, situa a produção paulista de amendoim das águas em 1985/86 em 137,5 mil toneladas, o que corresponde a um decréscimo de 37,8% em relação a do ano passado. Para esta queda acentuada da produção — a menor desde 1958 — contribuíram tanto a menor área de plantio da cultura nesta safra (-13,8%) quanto a baixa produtividade alcançada, de 1.471 kg/ha, a mais baixa desde a safra de 1973/74. Por sua vez, a cultura da seca está sendo estimada em 54,5 mil t, 16,2% menor que a anterior, para uma área de plantio de 38,5 mil ha, cerca de 18% inferior à de 1984/85.

Apesar deste quadro de menor oferta do produto, a comercialização do amendoim encontra-se praticamente paralisada. Devido à que-

da das cotações internacionais do óleo de amendoim, atualmente em torno de US\$ 550 a tonelada, as indústrias encontram dificuldade em adquirir a mercadoria pelo preço definido pelo governo, de Cz\$ 68,00 a saca de 25 kg para o tipo comum oriundo da lavoura. Assim, aguardam a divulgação das normas de AGF e EGF, para verificarem a viabilidade da compra do amendoim do produtor por EGF, e posterior revenda do óleo ao governo, via AGF. Enquanto isto, os produtores mais premiados por compromissos financeiros procuram prorrogar seus débitos junto às cooperativas até a chegada das normas de EGF e AGF à rede bancária, o que deverá ocorrer até o início de maio. Acredita-se que apenas 33% da produção paulista de amendoim destinada ao estmagamento — 120 mil t — tenha sido comercializada até agora. Neste

SÃO PAULO: PREÇOS RECEBIDOS PELO PRODUTORES DE AMENDOIM



contexto, as aquisições da CFP nesta safra poderão totalizar cerca de 80 mil t. As exportações do amendoim HPS, que é selecionado e catado à mão, poderão totalizar 10 mil t este ano, mas devido às dificuldades de colocação externa do produto, os exportadores pleiteiam junto ao governo a redução da alíquota do ICM, visando a aumentar a competitividade do produto brasileiro. Por ora, as cotações do HPS giram em torno de US\$ 700/t.

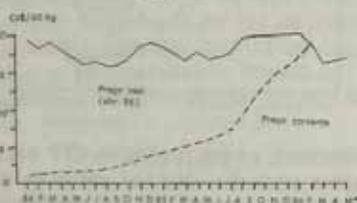
ARROZ

Vendas abaixo do preço mínimo

O mercado de arroz não apresentou alterações significativas no decorrer de abril, operando num quadro de muita estabilidade. A principal causa da apatia do mercado re-

side na redução acentuada dos negócios provocada pelo tabelamento do produto, particularmente do arroz agulhinha gaúcho tipo 2, o mais consumido no mercado paulista. Isto porque o preço em que foi tabelado esse arroz no varejo é incompatível com o preço mínimo definido para o produtor — Cz\$ 130,00 a saca — apresentando uma defasagem de aproximadamente 10%. Este fato, aliado à presença do arroz importado no mercado a preços considerados acessíveis — variando entre Cz\$ 250,00 a Cz\$ 307,00 a saca de 60 kg — e à desova de 20 mil t do produto dos estoques de arroz beneficiado importado pelo governo para os supermercados do Rio de Janeiro e São Paulo, a preços, respectivamente, de Cz\$ 5,02 e Cz\$ 4,88/kg, com 30 dias de prazo, para venda no varejo a Cz\$ 6,43/kg, contribuiu para pressionar o mercado, que teve um quadro de oferta relativamente abundante com a intensificação da colheita nos principais estados produtores.

SÃO PAULO: PREÇOS RECEBIDOS PELO PRODUTORES DE ARROZ



Neste contexto, o ajuste do mercado vem se verificando via achatamento dos preços pagos ao nível da lavoura, que oscilam, de modo geral, entre Cz\$ 110,00-130,00 a saca, pendendo principalmente para o primeiro valor do intervalo. O início das operações de EGF e AGF, entretanto, tende a dar maior sustentação ao mercado, dependendo do volume de recursos dirigidos ao setor, no médio prazo. Por ora, seus efeitos ainda não se fazem sentir com intensidade, pois o produtor para ter acesso a estes tipos de financiamentos necessita utilizar seus próprios recursos para custear a colheita e o ensacamento do produto, o que tem propiciado a venda de lotes da mercadoria a preços inferiores ao mínimo do governo. Com o término da colheita, entretanto, a pressão de

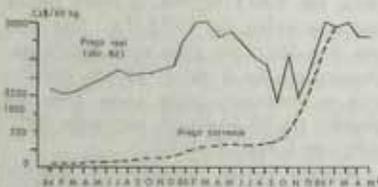
“caixa” deve arrefecer e as vendas poderão ser concretizadas a preços mais remuneradores, o que não deverá causar transtornos no abastecimento do produto. O suprimento deve manter-se regularizado, pois as estimativas disponíveis de produção indicam uma safra entre 9,2 a 10,2 milhões de t, para um consumo da ordem de 10,2 milhões. Para enfrentar quaisquer perturbações, contudo, o governo liberou importações de 1,2 milhão de t, das quais 1,0 milhão deverão ser realizadas pela iniciativa privada, o que deverá manter os preços sob controle a nível de varejo no decorrer do ano.

CAFÉ

Robusta ganha espaço na produção nacional

O IBC não avalia com precisão o tamanho da safra de café, cuja colheita ora se inicia, devendo prolongar-se até julho. Acontece que as extensas pesquisas de campo e de levantamentos aerofotogramétricos não foram suficientes para apurar os efeitos da forte seca registrada durante a florada, nas principais regiões produtoras de São Paulo, Paraná e Minas Gerais. Informalmente, as expectativas são de uma colheita da ordem de 14 a 15 milhões de sacas. O mercado interno, diante de um quadro de aumento na disponibilidade no curto prazo, está calmo. Alguma reversão, contudo, poderá ocorrer, caso se constante geadas e ventos frios em áreas de cafeais. Salvo imprevistos dessa natureza, as cotações deverão permanecer estabilizadas; nos cafés finos de

SÃO PAULO: PREÇOS RECEBIDOS PELO PRODUTORES DE CAFÉ BENEFICIADO



Cz\$ 3,1-3,3 mil por saca; nos duros de Cz\$ 2,9-3,0 mil, os intermediários

de Cz\$ 2,7-2,9 mil e os de consumo interno Cz\$ 2,5-2,7 mil.

A grande novidade da produção brasileira, dada a expressão adquirida na presente safra, é o café robusta (conillon), empregado no fabrico de solúveis e na mistura com produtos mais finos por torrefadores da Europa e Estados Unidos. O país deverá colher cerca de 5 milhões de sacas, devendo o estado do Espírito Santo participar em quase 90% desse total. Do lado externo, em Londres, a Organização Internacional do Café manteve-se reunida, discutindo possíveis mudanças nas normas de comercialização da rubiácea. O Brasil sustenta sua posição de manter 30% das cotas de exportação, avaliadas em 60 milhões de sacas, não obstante, neste ano, ter uma meta de embarque de 14,5 milhões, para não comprometer o consumo doméstico. As cotações internacionais seguem firmes, quase o dobro dos seus níveis históricos (US\$ 1,20-1,40 a libra peso), podendo sofrer aquecimentos, de acordo com as condições climáticas brasileiras.

FEIJÃO

Iniciada as operações de AGF e EGF

O mercado de feijão vem operando num clima de muita estabilidade. No atacado paulista da Bolsa de Cereais, os preços do carioquina-extra mantiveram-se praticamente inalterados no decorrer do mês, em Cz\$ 400,00 a saca de 60 quilos, acusando um pequeno decréscimo no decorrer da última semana, quando estabilizaram em torno de Cz\$ 370,00-380,00 a saca. Esta queda de preços decorre basicamente de maiores entradas do produto na capital paulista, proveniente do interior do estado, onde a colheita da seca vem se intensificando gradualmente. Por outro lado, também nos estados do Paraná e de Santa Catarina a colheita ganha impulso, o que contribui para acentuar a tendência de queda nas cotações do produto. Aliás, nesses estados, os preços pagos aos agricultores mostram-se enfraqueci-

Negócios Rurais — um instrumento de administração

dos, pois as despesas de comercialização do produto inviabilizam o seu envio para São Paulo, lotando os mercados regionais.

Neste contexto de crescimento da oferta a curto prazo, a possibilidade de realizações de EGF's ganha destaque, já que viabiliza a comercialização do feijão no período posterior ao pico da colheita que, este ano, deverá ocorrer em junho, devido ao atraso no plantio em diversas regiões produtoras, com consequências da estiagem. Entretanto, as operações de financiamento estão ainda

SÃO PAULO: PREÇOS RECEBIDOS PELO PRODUTORES DE FEIJÃO



muito lentas, trazendo preocupações a nível de lavoura quanto a não sustentação dos preços nos parâmetros atuais. Na verdade, as perspectivas indicam que dada a oferta abundante do produto, o volume de AGF's deverá se elevar a curto prazo, o que contribui para enxugar o mercado, permitindo por outro lado, ao governo, compor seus estoques reguladores previstos em 500 mil t. Assim, a sustentação do mercado está na dependência da agilidade imprimida pelo governo, no curto prazo, às operações de AGF e EGF.

LARANJA

Variedades doces não balizarão os preços

O Departamento da Agricultura dos Estados Unidos previu que a colheita recém encerrada de laranja naquele país chegou a 178,8 milhões de caixas, cerca de 11% a mais que o total do ano precedente. Desse total, a produção dos pomares da Flórida respondeu por 123 milhões, que constitui uma safra de 18% acima da anterior. Tal desempenho, juntamente com os altos estoques acumulados pelo Brasil, vêm sendo

fatores de esfriamento das cotações, que oscilam entre 800 e 900 dólares por tonelada. A tendência é de permanecer inalterado esse quadro, bastando observar que os estoques brasileiros estão avaliados em 350 mil toneladas para junho, quando encerra o ano comercial do produto. Trata-se de um volume expressivo, correspondente a 75% das exportações realizadas em 1985.

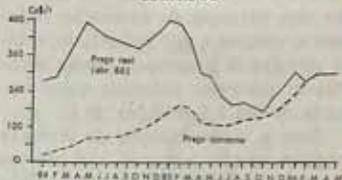
Dentro deste contexto, constata-se um silêncio muito grande a respeito da comercialização da safra nacional, que começará a adquirir maior ritmo no segundo semestre. Ao contrário de anos anteriores, pouca especulação tem havido entre os citricultores e indústrias esmagadoras, apesar da pequena crença de um pagamento superior a dois dólares por caixa de 40,8 quilos entregue como matéria-prima. As vendas das laranjas doces (pera-lima) e de casca mole (ponkam, morkoti, tangerina e mexerica) não servirão para balizar o mercado de suco, pois serão consumidas, na sua maior quantidade, na forma "in natura", devido à oferta estreita para atender a demanda. Isso decorre da longa estiagem do segundo semestre de 1985, que prejudicou o florescimento, gerando quebra na produção e um amadurecimento muito irregular ao longo do tempo.

MANDIOCA

Governo está comprando

A comercialização da raiz, que permaneceu semi-paralisada até meados de abril, começa a ganhar um ritmo mais intenso. É que com o início das operações de EGF e AGF, o segmento industrial retornou de modo mais agressivo ao mercado, trazendo novo alento aos produtores que vinham encontrando dificuldades na colocação do produto. Entretanto, apesar da maior procura, as entregas nas indústrias ainda são consideradas pequenas, pois o pico da colheita deverá ocorrer em junho. Um fato é certo: o rendimento industrial está abaixo do padrão, que é de 3,0 quilos de raiz para 1,0 quilo de farinha. Nesta safra, a ne-

SÃO PAULO: PREÇOS RECEBIDOS PELO PRODUTORES DE MANDIOCA



cessidade da raiz é maior, de 3,5 a 3,8 quilos, para a produção de 1 kg de farinha. Isto prejudica as indústrias, já que onera seus custos de produção. No momento, os preços pagos pela raiz giram em torno do preço mínimo, que é de Cr\$ 348,56 a tonelada.

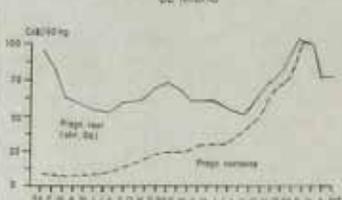
Entretanto, a exemplo do que vem ocorrendo em outros mercados, a movimentação dos negócios está na dependência de uma maior agilização das operações de EGF e AGF. O problema é que o setor industrial não se mostra satisfeito com os níveis de preços definidos pelo governo para o produto beneficiado, alegando que os custos de empacotamento adicionados ao custo industrial são incompatíveis com os preços de tabela no varejo. Neste contexto, a preferência é realizar EGF's para posterior revenda via AGF ao governo, operações consideradas ainda muito lentas pelo setor.

MILHO

Governo ainda será grande comprador

A nova previsão da safra brasileira de milho é de 18,9 milhões de t, acima das previsões anteriores devi-

SÃO PAULO: PREÇOS RECEBIDOS PELO PRODUTORES DE MILHO



do fundamentalmente à melhoria nos níveis de produtividade nos estados de Goiás, Minas Gerais e São Paulo, e do bom desempenho das

lavouras plantadas tardiamente no Paraná e Santa Catarina. Os aumentos nos volumes de produção reduzem o volume a ser importado, muito embora o governo já tenha autorizado compras externas num volume de até 2,9 milhões de t.

Com a intensificação da colheita observa-se um aumento nas ofertas e conseqüentemente pressão sobre as cotações do mercado. Os grandes consumidores continuam com suas compras limitadas ao consumo imediato, diante da falta de razões para um forte aquecimento dos preços futuros de milho. Diante disso, o governo já desponta como o principal comprador desta safra, registrando um grande volume de milho adquirido pela CFP no estado de Goiás. As cotações a nível de produtor situam no patamar ligeiramente abaixo do preço mínimo oficial, Cz\$ 79,20/60 kg, enquanto a nível de atacado, no estado de São Paulo, os negócios oscilam na faixa de Cz\$ 88,00 e Cz\$ 90,00/60 kg.

O governo poderá estudar inclusive uma redução de 12,84% no preço mínimo do milho, passando-o para Cz\$ 70,08/60 kg, o que significaria o congelamento do preço mínimo em 28 de fevereiro sem a correção monetária correspondente a fevereiro. Essa medida propiciaria maiores compras pelo setor privado, como também aliviaria a margem de ganho da indústria, atualmente bas-

tante deprimida pelo tabelamento. No entanto, o governo recuou dessa medida, mantendo o preço mínimo em Cz\$ 79,20.

SOJA

Comercialização está mais ágil

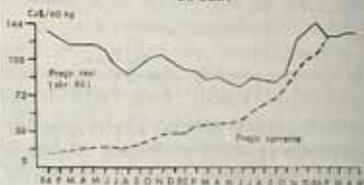
O comportamento dos preços dos cereais e da soja no mercado internacional, na última semana de abril, foi marcado por forte aquecimento, devido às possíveis conseqüências do acidente nuclear na União Soviética na produção de grãos e no consumo de alimentos naquele país. Diante das especulações sobre eventual necessidade de importação expressiva pela URSS, os preços do trigo e do milho dispararam, com reflexos diretos nas cotações da soja. Todavia, com as notícias mais tranquilizadoras sobre o acidente, o mercado voltou a sua normalidade situando o contrato do grão para entrega em maio em US\$ 5,36/bushel (US\$ 11,82/60 kg).

Internamente, a safra de soja está reavaliada pelo IBGE em 13,6 milhões de t, superando as previsões da CFP, 13,2 milhões de t. A colheita do grão, antes atrasada, sofreu bom avanço, aproximando-se da fase final em praticamente todos os esta-

dos produtores. As fortes e persistentes chuvas recentes no estado do Rio Grande do Sul atrasaram os trabalhos de colheita e afetaram ainda mais a produtividade esperada.

A comercialização apresenta-se um pouco mais ágil, devido às indústrias mostrarem-se mais agressivas em suas compras, uma vez que seus estoques estão baixos. Outro fato que contribui nesse sentido é o elevado volume de compras do governo, principalmente nos estados centrais, como também compras por parte das cooperativas, que estão mantendo grande volume de seus estoques em EGF. As cotações postas São Paulo encontra-se no intervalo de Cz\$ 137-141 por saca.

SÃO PAULO: PREÇOS RECEBIDOS PELO PRODUTOR DE SOJA



As perspectivas de exportação do grão apresentam-se bem acima das expectativas iniciais que se tinha em função da quebra esperada na safra, com os registros já atingindo mais de 1 milhão de t, contribuindo para a redução da oferta no período de colheita.

FATORES DE PRODUÇÃO

Tratores

A produção de tratores da indústria brasileira, no período de 1969-80, apresentou uma taxa de crescimento relativamente alta, sendo que

a produção de 1980 foi quase seis vezes superior à de 1969. Um conjunto de fatores explicam este desempenho do setor de tratores, des-

taçando-se os preços recebidos pelos agricultores bastante favoráveis, boas condições de financiamento e expansão da fronteira agrícola, na

maior parte do período de 1969-79.

Contudo, a elevação dos juros nos financiamentos para investimento na agricultura desde o início dos anos 80, a descapitalização dos agricultores e a redução dos recursos disponíveis para crédito rural desencadearam a crise que a indústria de máquinas e implementos veio amargando nos últimos anos. Essa tendência prevaleceu até o momento da reversão em 1984, quando o setor começou a experimentar recuperação do seu desempenho. De fato, até setembro e outubro do ano passado, o ritmo de vendas foi muito bom, sofrendo um freio, quando a safra de verão 1985/86 começou a mostrar sinais de dificuldades, decorrentes da seca.

Mas o mercado de tratores, após a decretação do Plano de Estabilização Econômica, em fins de fevereiro passado, sofreu forte impulso, registrando uma verdadeira explosão do número de pedidos, ampliando as vendas. As indústrias, surpreendidas pelo inesperado aumento da procura, não estão conseguindo num curto prazo de tempo atender a toda a demanda, em função da dificuldade de obter equipamentos de outros fornecedores. Estima-se que a capacidade de produção das indústrias do setor é de cerca de 80 mil tratores ao ano, mas o setor vinha trabalhando com uma produção de 50 mil e uma retomada imediata dependeria também dos fornecedores de pneus, rolamentos especiais e outros equipamentos.

De fato, as medidas adotadas pelo governo incentivam o ato de produção, e o produtor entendeu que a sua rentabilidade futura estará atrelada principalmente à produtividade das novas safras, o que o leva a procurar garanti-la com a aquisição de novas máquinas e implementos agrícolas. A extinção da correção monetária dos financiamentos agrícolas e a taxa de juros ainda relativamente baixa motivaram a renovação da frota de máquinas. Os preços das máquinas também estão favoráveis para o aumento das vendas, pois permanecem datados de 25 de janeiro passado. Além disso, computando-se os custos indiretos não repassados aos preços finais conge-

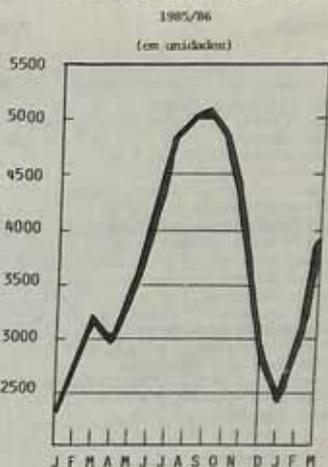
lados em 28 de fevereiro, os tratores custam atualmente abaixo do seu preço real.

De acordo com levantamento da Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores (ANFAVEA), as vendas internas de tratores em março registraram um crescimento de 229% em relação a igual período do ano passado e 35,5% acima do mês de fevereiro, totalizando um volume de vendas da ordem de 3.997 unidades no mercado interno. No primeiro trimestre do ano, as vendas de tratores cresceram 12,8% em comparação ao mesmo período de 1985, somando 9.440 unidades contra 8.370 unidades. Por linha de produtos, o destaque das vendas, tanto no que se refere ao mercado interno como o externo, ficou com os cultivadores motorizados, cujo crescimento foi de 108,3% e 219,7%, respectivamente, com relação a igual trimestre de 1985 (ver Quadro).

A despeito dos bons resultados obtidos no mercado interno, as vendas externas acumuladas neste primeiro trimestre apresentaram uma queda de 4,2% em relação ao mesmo trimestre do ano anterior, tendo sido comercializadas 1.148 unidades. O resultado foi uma receita de US\$ 56 milhões, representando uma queda de 1,3% com relação aos resultados do ano passado.

Diante desse quadro favorável, o

Gráfico: Vendas de Tratores ao Mercado Interno em



Fonte: Anfaeva

setor tenderá a reformular para mais as suas previsões iniciais de aumento de vendas este ano, atualmente da ordem de 8 a 10% sobre as de 1985. Por outro lado, essa euforia também é preocupante para alguns empresários do setor, que preferem manter cautela nas suas previsões, pois julgam que muitos entre os que estão entrando hoje nas vendas estão apenas antecipando as suas compras, aproveitando-se dos juros baixos e dos preços congelados.

Evolução da Produção e Vendas da Indústria Brasileira de Tratores, 1980-85
(em unidades)

Produto	1980	1981	1982	1983	1984	1.º trim. 1985		1.º trim. 1986		Δ %
						1985	1985	1986	1986	
Trator 4 Rodas										
Produção	58.812	39.341	30.346	22.612	45.842	43.914	9.007	9.195	2,1	
Vendas Internas	50.994	28.104	24.662	22.496	41.952	41.243	7.663	8.075	5,4	
Exportação	7.743	10.073	6.239	1.885	3.298	3.294	1.091	927	-15,0	
Cultivador Motorizado										
Produção	6.896	4.548	5.364	3.212	2.595	3.300	573	1.171	104,4	
Vendas Internas	6.226	4.724	5.157	2.996	2.566	3.139	456	950	108,3	
Exportação	337	179	59	103	213	259	61	195	219,7	
Trator de Esteira										
Produção	4.285	3.133	1.900	751	1.348	1.762	392	447	14,0	
Vendas Internas	3.753	2.393	1.503	877	1.198	1.600	251	415	65,3	
Exportação	428	397	329	221	227	216	46	26	-43,5	
Total										
Produção	69.993	47.022	37.610	26.576	49.785	48.976	9.972	10.813	8,4	
Vendas Internas	60.973	35.221	31.322	26.369	45.716	45.982	8.370	9.440	12,8	
Exportação	8.508	10.649	6.627	2.209	3.738	3.769	1.198	1.148	-4,2	

Fonte: Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores (ANFAVEA).

REGISTROS

Preços Pagos pela Agricultura, cidade de São Paulo e Indicadores Financeiros

Item	Unidade	Preço
Máquina, veículo e implemento*		
Arado de Alveca, 3/4 reversível (41 kg, lâmina de aço carbono)	un.	962,45
Arado de 3 discos, 26" fixo, liso	un.	14.600,00
Ominhão Ford-F-11000, diesel	un.	180.932,00
Carreta 4 t c/carroceria, s/pneu, s/freio	un.	18.687,00
Colheitadeira p/grãos - MF. 3.660	un.	391.712,00
Colheitadeira p/grãos - MF. 5.650	un.	453.264,00
Grade de discos, 25 discos de 18"	un.	17.585,00
Pick-up F-100, motor a gas., 4 cil. c/caçamba	un.	91.262,57
Máquina de beneficiar café, 600 arrobas p/dia	un.	176.211,00
Motor elétrico 3 HP trifásico - 4 p.blindado	un.	1.222,77
Planet 5 enxada, tração animal (28 kg)	un.	663,50
Plantadeira manual, Lider Modelo A	un.	121,24
Pulverizadora costal, 7 a 8 kg de pó	un.	960,35
Pulverizador costal, 18 litros	un.	457,13
Semeadora adubadeira, 1 linha, tração animal	un.	2.527,00
Trator Massey-Ferguson, 44 CV	un.	91.254,00
Trator Massey-Ferguson, 61 CV	un.	122.590,00
Adubo e corretivo*		
Cloreto de potássio	t.	---
Fosfato natural moído	t.	---
Termofosfato	t.	---
Nitrocálcio Petrób. Conc. (27% N)	t.	---
Uréia	t.	---
Sulfato de amônio	t.	---
Nitrato de amônio	t.	---
DAP	t.	---
Superfosfato simples (nacional)	t.	---
Superfosfato triplo	t.	---
Calcário dolomítico (Rio Claro e Piracicaba)	t.	155,75
Inseticida e fungicida*		
Aldrin 5X	ac 25kg	---
B.H.C. 12X	kg	---
1-10 (DDE Parathion)	kg	---
1,3-10 (DDE Parathion)	kg	---
Iaca Nicox	kg	9,71
Ditarem-H-65	kg	49,78
Mesato	ca 25kg	1.406,83
Oxicloreto de cobre 50X	kg	30,66
Oxicloreto de cobre 35X	kg	43,61
Folidol 1,3X	kg	4,28
Sulfato de cobre	kg	22,30
Vacina e medicamento *		
Assantol + Nevgren	kg	267,56
Croolina Pearson	lc	27,91
Penicilina Mycellin, frasco 400 mil unid.	fr	3,56
T-H-10	ac 25kg	1.479,78
Vacina contra brucelose	d.	1,64
Vacina contra carbúnculo sintomático	50 ml	7,52
Vacina contra carbúnculo hemático	50 ml	---
Vacina contra febre aftosa (Inst. Biológico)	d.	2,75
Ração*		
1. Ave		
Pinto	kg	---
Frango	kg	---
Poledira	kg	---
Reprodutores	kg	---
Corte inicial	kg	---
Corte final	kg	---
2. Bovino		
Bezerro	kg	---
Manutenção	kg	---
Produção	kg	---
Touro	kg	---
3. Suíno		
Inicial	kg	---
Crescimento	kg	---
Acabamento	kg	---
Reprodução	kg	---
Plano de um dia*		
Corte	un.	---
Postura	un.	---

Item	Unidade	Preço
Utensílio e ferramenta*		
Aplicador de fomicida pó	un.	33,38
Arame farpado nacional	kg	9,36
Excavador Locomotiva	m ²	51,04
Enxada para cultivador, 16"	conj.	---
Enxada 2 caras, 2,5 libras	un.	37,94
Enxada Tupi, 2,5 libras	un.	---
Enxada 2 caras, 3 libras	un.	37,84
Foice 10", meia lua p/pastu	un.	32,45
Grampo para cerca	kg	9,90
Latão de leite, 50 litros	un.	342,00
Peneira para café, 70"	un.	57,43
Prego 17/21	kg	12,01
Saco novo, arroz em casca (60 kg)	un.	11,56
Saco novo, batata (60 kg)	un.	7,33
Saco novo, café (100 a 110 l)	un.	---
Peça de reposição*		
Bico de feto c/asa, 18"	un.	---
Disco de arado, liso, 26"	un.	339,00
Pneu de caminhão, 825 x 20, 12 lonas	un.	2.010,43
Pneu de caminhão, 900 x 20, 12 lonas	un.	2.442,00
Animal de trabalho e produção*		
Bezerro	un.	---
Boi magro	un.	---
Vaca leiteira, até 5 l/dia	un.	---
Vaca leiteira, de 5 a 10 l/dia	un.	---
Vaca leiteira, acima de 10 l/dia	un.	---
Boi carreiro novo	un.	---
Burro donado novo	un.	---
Alimento para animal*		
1. Farelo		
trigo	ac 30kg	40,00
caroço de algodão	kg	1,82
amendoim	kg	---
raspa de mandioca	kg	---
soja	kg	2,56
2. Farinha		
ossos	kg	4,20
sangue	kg	3,30
carne	kg	3,05
ostra	kg	0,41
3. Outros		
Refinasil	ac 50kg	84,42
Sal comum grosso	ac 50kg	53,60
Sulfato de manganês	kg	7,92
Torta de algodão	kg	1,75
Sal mineral	kg	24,81
Torta de amendoim	kg	2,00
Combustível e lubrificante*		
Gasolina comum, amarela	10 lc	47,70
Óleo diesel	10 lc	31,00
Óleo lubrificante SAE-30 18 litros	lc	18,00
Querosene	10 lc	31,90
Álcool hidratado	10 lc	31,00
Material de construção**		
Cal virgem	ac 20kg	13,00
Galbro de proba (5x5cm, base 4,40cm) até 5m	m ³	4.700,00
Tubo galvanizado p/água, 3/4, com costura 19mm	mt	23,05
Tubo galvanizado p/água, 3/4, sem costura 19mm	kg	---
Cimento Portland	ac 50kg	49,81
Folha de porta interna, lisa 35mm espessura	un.	238,00
Tábua de pinho (12 x 1 cm) de 38, 4,27m	ds.	1.017,00
Telha francesa de cerâmica (fosca)	milheiro	2.300,00
Tijolo comum	milheiro	250,00
Frete Cds/m ³ t	-	0,43
Mão-de-obra p/dia - normal (64,00) - colheita (57,00)	-	---
Mão-de-obra mensal - 1.100,00	-	---
Salário Mínimo - 804,00	-	---
OTH - 108,40	-	---

Fonte: * Instituto de Economia Agrícola

** Revista "A Construção de São Paulo"

REVISTA DOS CRIADORES

Fundada em 1930

A Revista dos Criadores, órgão oficial de divulgação da Associação Brasileira de Criadores, destina-se ao fomento e melhoria da pecuária nacional.

Diretor Responsável: Luiz de Almeida Penna

Redator: Fernando Noboru Yassu.

Colaboradores: Leovigildo Pacheco Jordão, Luiz Paulin Neto, João Barisson Villares, Gestão Moraes da Silveira, Walter Battiston, F. Teatini, Fidelis Alves Neto, José Resende Peres, General Diogo Branco Ribeiro, Manuel José de Alcantara, Dácio de Moraes Junior. Seção de Economia: Eng.º Agr.º Luiz Antonio Pinazza e Eng.º Agr.º Ivan Wedekin.

Departamento de Publicidade da Editora:

Gerência: Luiz de Almeida Penna Filho
Contatos: Laércio Noronha, Jacqueline N. Bomfim e Beatriz Carvalho de Andrade Silva.

Fotografia: Francisco Sciaccia.

Ao fazer publicidade na Revista dos Criadores ou em outra qualquer publicação desta Editora exija credencial do vendedor, não aceite autorização em "xerox" e recibo na autorização. Só emita cheque cruzado e em nome da EDITORA DOS CRIADORES LTDA.

Assinatura-anuidade — Com direito a 1 AGENDA DOS CRIADORES E AGRICULTORES e o título de associado da ABC: 7 ORTN. Números atrasados: ao preço da última edição em banca.

ISSN 0034-9259

Departamento de assinatura:

Gerência: Maria Nazareth de Castro Penna

Único Agente Autorizado para Publicidade e Assinatura: Disbrapel Ltda. — Edições Agropecuárias, Rua Caraiabas, 434 — CEP 05020 — Cx. Postal 61.051 — São Paulo - SP.

Redação: Rua Venâncio Aires, 31 — São Paulo - SP — CEP 05024 — Fone: 263-8400 — Caixa Postal 1669 — End. Telegráfico "Criadores".

Gráfica e Fotolito Próprios: Rua Venâncio Aires, 31 — São Paulo - SP.

Venda avulsa:

Exemplar avulso: Cz\$ 48,50

Via aérea para: MANAUS, BOA VISTA, PORTO VELHO, RIO BRANCO e SANTARÉM — Cz\$ 63,00.

Sucursal: Rio de Janeiro - RJ — Editora dos Criadores - Disbrapel, Rua Monsenhor Manoel Gomes, 3 (5to. Cristóvão) - CEP 20931 - Tels.: 021 264-7150 - 264-7155 e 800-2307 (3rta. Sônia Maria D. Paes Lerne)

Belo Horizonte - MG — Editora dos Criadores - Disbrapel, Rua Brasília, 310 - Carlos Prates - 30000 - Belo Horizonte - MG - Tel. 031 - 201-2899

Os artigos assinados nem sempre traduzem a orientação da Revista e da ABC e são de responsabilidade dos que os subscrevem. Autorizamos a transcrição de trabalhos aqui publicados desde que sejam citados nosso nome e a edição.



NOSSA CAPA

No Paraná forma-se um dos maiores rebanhos de Limousine do mundo

SUMÁRIO

Maio de 1986 — Ano LV — N.º 676

16

1986 — Um bom ano para a pecuária?

41

Moscas provocam perdas de produtividade na pecuária e avicultura

145

O que vai pelo Controle Leiteiro

21

Dia 19 de junho, Conselho escolhe nova diretoria da ABC

43

Importância de árvores e bosques nas pastagens

SEÇÕES

1 .. Negócios Rurais

14 .. Ponto de Vista

46 Mecanização

50 Cartas

52 .. Das Empresas

54 Capim Transvala

55 RC-ABC-Rio

59 O Nelorista

95 Mangalargan... do brasa

118 Crônicas

124 Serviços

126 Leilões e Exposições

129 .. Equideocultura

134 .. Sorgo forrageiro

137 Registro

25

A revolução dos tratores

103

RRZ — Fertilidade em bovinos — Razões básicas para evitar inseminações tardias. — Crescimento e produção em gado Nelore — Como evitar os danos causados pelos roedores — Criação de crocodilos

28

Reforma agrária

30

Proposta da ABC para a nova política nacional de produção leiteira

141

No plantel sob controle seleção de holandês da Fazenda Pau D'Alho sempre usando tecnologia avançada

38

Em 1987, Butantã, normalizará a distribuição do soro



(Ex-Associação Paulista de Criadores de Bovinos). Reconhecida como de utilidade pública pelo Decreto Estadual n.º 33.811, de 20 de outubro de 1958.

Registrada no Ministério da Agricultura sob n.º 35, com jurisdição nacional

60 ANOS DE BONS SERVIÇOS PRESTADOS AOS CRIADORES

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE CRIADORES

DIRETORIA

Presidente

Joaquim Barros Alcântara Filho

Vice-presidentes

Gen. Diogo Branco Ribeiro
Manoel Elpidio Pereira de Queiroz Filho
Roberto Brotero de Barros
João Antonio Camarero
Frontino Ferreira Guimarães Júnior

Secretários:

Luiz Glycério de Freitas
Luiz Baptista Pereira de Almeida

Tesoureiros:

Octavio de Mesquita Sampaio
Pedro de Paula Leite Moraes

CONSELHO DELIBERATIVO

Presidente

Arnaldo Lima

Membros natos

João de Moraes Barros
José Bonifácio Coutinho Nogueira
Severo Fagundes Gomes
Urbano de Andrade Junqueira
Hélio Moreira Salles
Renato Costa Lima
José Cassiano Gomes dos Reis
Joaquim Barros Alcântara Filho

Efetivos

Roberto Brotero de Barros
Manuel Elpidio Pereira de Queiroz Filho
Caio de Lima Corrêa
Ruy Calazans
Rubens Malta de Souza Campos Filho
Octavio de Mesquita Sampaio
José Carlos Guimarães Oliva
Armando de Moraes Barros
Oswaldo Lara Leite Ribeiro
Diogo Branco Ribeiro
Renato Napolitano
Geraldo Diniz Junqueira
Frontino Ferreira Guimarães
Ricardo Barros de Almeida Telles
Lavil Veiga de Oliveira
Luiz Batista Pereira de Almeida

Marius Oswald Arantes Rathsan
Luiz Glicerio Gracie de Freitas
Manoel José Alcântara
Henrique de Souza Dias
Alberto Chap Chap
Eider Ribeiro Dantas Filho
Carlos Eduardo Vieira Ribeiro
Paulo Fernando da Silveira Bueno
Edwin Benedito Montenegro
Carlos do Amaral Cintra
José Cassiano Gomes dos Reis Filho
Roberto Diniz Junqueira
Clarice Brito Soares
João Antonio Camarero

Suplentes

Eckhard Alfrid Reimann
Pedro de Paula Leite Moraes
Fabio Garcez Meirelles Junior
Carlos Alberto Julio Lohmann
Fernando Euler Bueno
Alberto Paula Leite de Moraes
Roberto Cano de Arruda
Adalio José de Castilho
Rubens Franco de Mello
Franklin Rodrigues Siqueira

CONSELHO FISCAL

Efetivos

Jayme Watt Longo
Radyr de Queiroz
Roberto Diniz Junqueira

Suplentes

Arion Bueno de Oliveira
Laerte Garcez Meirelles

SUPERINTENDENTE

Virgílio de Almeida Penna

DEPARTAMENTO TÉCNICO

Manoel José de Alcântara, Eng.º Agr.º
João Soares Veiga, Méd. Vet.

Serviço de Controle Leiteiro

Fidelis Alves Neto, Méd. Vet.

Registro Genealógico, Serviço Ponderal de Controle de Peso e Pró-Cruza

Walter Battiston, Méd. Vet.

Assistência Técnica — Veterinária

Dr. Humberto A. Clemente
Dr. Antonio Carlos Gouvêa

Laboratório de Análises

Dr. Paulo Fernando Athaydes

DEPARTAMENTO JURÍDICO

Dr. Rubens Malta Campos



SÃO PAULO: Rua Jaguaribe, 634 — CEP 01224 — Tels. (011) 826-3033 — 800-3748 — 800-3747. Caixa Postal 9194. Av. José Cesar de Oliveira, 175 — CEP 05317 — Tels. 851-7966 e 800-3531. Aberta até às 22 horas. SÃO JOÃO DA BOA VISTA, SP: Dr. Gabriel Ferreira, 83 — Tels.: (0196) 23-4377 e 23-4224 — CEP 13870. RIO DE JANEIRO, RJ: Rua Monsenhor Manoel Gomes, 3 — São Cristóvão — CEP 20931 — Tels. (21) 264-7150, 264-7255 e 800-2307. Os prefixos 800 são para ligações do interior para as capitais e sem despesas para o interessado.

*A atual sede social da ABC,
a subsede no Rio de Janeiro, outras lojas
e a nova sede social em construção*



Edifício ABC — Centro da Agropecuária: a futura sede social da ABC, à Av. José Cesar de Oliveira, 175 ao lado da loja já existente. Localiza-se no Jaguaré, próximo a Ceagesp. As áreas disponíveis foram todas vendidas em menos de 45 dias. Obras em pleno andamento, em fase de preparo do sub-solo e solo.



A loja à Av. José Cesar de Oliveira ao lado da qual está sendo construída a nova sede.



A subsede no Rio de Janeiro à rua Monsenhor Manoel Gomes, 3, São Christóvão.



Atual sede à rua Jaguaribe, 634



A loja em São João da Boa Vista, SP, à rua Gabriel Ferreira, 83.

A ABC é, hoje, um centro regulador de preços dos insumos agropecuários.

A agricultura na esteira do Plano Cruzado

Lá se passam cerca de três meses de vigência do Plano de Estabilização Econômica, que trouxe uma significativa mudança no comportamento da sociedade brasileira. Para a agricultura, delineou-se um novo horizonte, no qual a atividade produtiva passa a confiar no retorno compensador do seu trabalho. Aliás, essa reação não constitui uma peculiaridade tão somente do setor agropecuário, mas também nos outros setores, tais como na indústria, comércio e serviços.

No momento presente, assim como ocorreu na fase subsequente ao anúncio das medidas do também chamado Pacote Tropical, assiste-se muitas posições questionando a sua validade. Felizmente para todos nós, marcantemente ligados à agricultura, tais afirmações não têm encontrado respaldo prático. De fato, o plano, desde o começo, conseguiu ser implementado em quase sua plenitude, sem defrontar com tropeços que viessem a inviabilizá-lo.

A experiência vivida nesse período posterior a reforma financeira, mostra de maneira cabal que o congelamento dos preços foi eficaz. Evidentemente, essa situação não deverá prevalecer imutável eternamente, já que o correr do tempo imporá reajustes. Isso parece ser um fenômeno de fácil entendimento. Afinal, o plano teve como objetivo quebrar a abrupta ascendência da espiral inflacionária, que fatalmente poria em desorganização a economia nacional. Ele, por si só, não possui a capacidade de sanar a inflação, que poderá, a muito sacrifício, ser controlada mediante a aplicação de novas medidas complementares.

A fim de que não seja posto a perder todo o esforço dispendido até aqui, de muito bom propósito consiste a visualização de que a sociedade brasileira e o governo passam a vivenciar uma nova fase mais complexa e trabalhosa, em que os resultados surgem devagar ao longo do

tempo. Forçosamente, o caminho a ser percorrido passará pela liberação dos preços relativos dos bens e serviços, os quais darão a força motriz para movimentar a economia. Somente após ultrapassado esse difícil e moroso processo, poder-se-á chegar a uma avaliação cabal do plano. Nessa trajetória, a participação do governo continuará sendo crucial, pois em função da eficiência de suas medidas conseguirá manter em controle a inflação, num contexto de descongelamento dos preços e crescimento econômico.

Resta, porém, confirmar como a agricultura ficará inserida, doravante, em todo este contexto. Aqui não se trata de desconsiderar os problemas, também de relevância, localizadas na indústria (particularmente no setor produtivo estatal, onde as tarifas e preços acham-se bastante defasados) e no comércio (onde a difícil situação da pequena e média empresa estimulará a clandestinidade fiscal). Acontece que, a abordagem dada ao setor agrícola vem concentrando-se basicamente na área do abastecimento, com vistas a garantir a oferta e a persistência do congelamento.

Sob tal observação, cumpre oportunamente salientar que, não obstante estarem planejadas desde o final do ano passado, em razão da seca, as importações de alimentos ganharam novas feições diferenciadas, após o pacote econômico. Enquanto anteriormente as compras do exterior entrariam para garantir abastecimento e regular o mercado, agora eles são fundamentais para garantir o êxito, acima comentado, destes três meses pós-Plano Cruzado, com o desaquecimento dos preços agrícolas.

— **na fase crítica de entressafra, o preço congelado do leite torna deficitária a atividade.**

Na verdade, longe de se caracterizar como uma abertura de um pre-

cedente perigoso, o governo precisa sensibilizar-se sobre a necessidade de promover ajustes no tabelamento de alguns produtos congelados em patamares que inviabilizam a sua produção. Os casos mais graves são o do arroz e do leite, os quais se não ocorrerem rapidamente, a importação apenas virá a perpetuar as distorções.

Para o segmento produtor de leite, na medida direta em que ocorra atraso na tomada de medidas corretivas nos preços, a situação vai ficando cada vez mais insustentável. Já na atual entressafra a produção deverá sofrer dura baixa, uma vez que os criadores não dispõem de recursos para custear os gastos com alimentação suplementares (silagem, fenação, ração, etc.), pois não terão retorno. Ficará, então, por conta da importação de 65 mil toneladas de leite em pó, que o Brasil começará a realizar a partir de junho, a fórmula incompreensível para atender o sub-consumo interno.

Infelizmente, o que se constata é que para uma atividade absorvedora de investimentos com maturação a médio prazo, a produção leiteira nacional vem sendo inviabilizada ao longo do tempo. Cada governo adota um critério de fixação do preço. Ultimamente vinha tendo reuniões prévias entre representantes do governo e produtores, em busca de um valor remunerador.

No reajuste concedido em dezembro passado, o governo solicitou dos representantes dos produtores a elaboração de uma planilha dos custos de produção. Esta planilha foi elaborada, mensurando item por item de todos os componentes que formam o preço do leite, indicando um aumento de 60%, enquanto o governo autorizou 14%. Para fevereiro, quando estava previsto outro reajuste das planilhas, veio o pacote com o congelamento. Para piorar ainda mais a situação do produtor, tivemos com o Pacote Tropical o

reajuste salarial e o conseqüente aumento do custo da mão de obra.

Por tudo isto, cumpre ao governo conscientizar que precisa rever a dramaticidade em que está inserida a pecuária leiteira. O universo de criadores afetados é enorme. Basta reportar-se ao censo do IBGE de 1980, que registrava 2,5 milhões de propriedade com pecuária bovina, onde 64% produzem leite. Ademais, existem nas estatísticas brasileiras, informações ostensivas de que 70% dos produtores são fornecedores individuais de até 50 litros por dia, com produção familiar de subsistência. Seria, portanto, conveniente do ponto de vista social e econômico, para a Nova República, manter-se insensível perante uma atividade com tal perfil de produção? Ao contrário, a sustentação econômica da atividade leiteira dará ao governo maior trunfo para levar adiante seus programas sociais na área de alimentação, que passarão a serem reivindicados com maior intensidade do-
— a eficiência do governo em gerenciar o abastecimento esbarra no seu gigantismo

— a eficiência do governo em gerenciar o abastecimento esbarra no seu gigantismo

Numa visão mais abrangente, tem-se que a necessidade de uma revisão na política de abastecimento desen-

volvida pelo governo, transcende de um problema único como o do leite, apesar de sua importância. Anteriormente mencionou-se também o arroz, mas existem outros produtos, notadamente entre os horti-frutigranjeiros e as carnes.

Ainda que sob o argumento de manter a viabilidade do congelamento, como premissa básica para garantir o êxito do Plano Cruzado, o governo esbarra no gigantismo das funções a serem desenvolvidas. De um lado, está em pleno andamento a comercialização da safra 85/86, em que as compras governamentais poderão chegar a 9,0 milhões de toneladas. De outro, a importação de arroz, carne, milho e leite em pó, num total de 4,4 milhões de toneladas, que implicará em dispêndios na ordem de 1,0 bilhão de dólares.

Aí, então, aparece a indagação de como acionar com eficiência uma monumental máquina estatal para gerenciar toda essa mercadoria: "a que está sendo colhida e a importada". A conclusão que se chega é da impossibilidade do estado arcar sozinho com essa atribuição. O Brasil é um país continental, possuindo mercados com peculiaridades distintas e regionais por todo o território. Muitas perdas deverão ocorrer com prejuízos aos cofres públicos na implantação da política global de

abastecimento. Com a formação de estoques reguladores, serão absorvidos cerca de Cz\$ 17 bilhões, segundo a CINAB (Conselho Interministerial de Abastecimento). Trata-se de uma dotação muito superior ao valor de Cz\$ 6,8 bilhões, previsto pelo orçamento fiscal aprovado no ano passado.

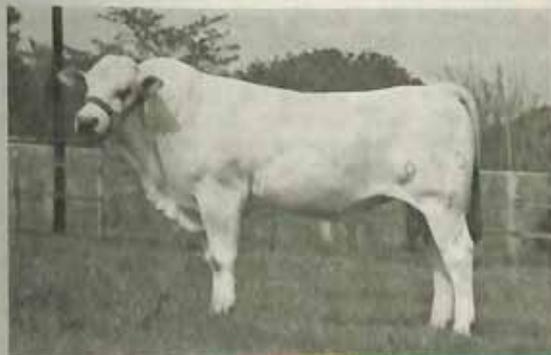
Um alerta, portanto, deve ser levantado no sentido de que tal procedimento é válido para apenas no curto prazo. Ou seja, num período de tempo em que o produtor rural sinta mudanças positivas, vindo a encarar com maior confiança o futuro. Isso já vem ocorrendo como pode ser verificado no aquecimento no mercado de máquinas e de insumos agrícolas. Nesse momento, o governo não pode frustrar de maneira alguma o homem que investe no campo, devendo definir claramente as regras do plantio da próxima safra, no mais breve possível.

A oportunidade atual é de fazer o país ingressar definitivamente no mundo de uma agricultura capitalizada e moderna, que possa atingir níveis de eficiência semelhantes aos das nações desenvolvidas. É uma alternativa rara que não pode ser perdida. Vale lembrar, por último, que nos últimos vinte anos as conquistas tecnológicas permitiram que o homem quase duplicasse sua produção de grãos.

FAZENDA BELA ALIANÇA Prop.: Arnaldo Landgraf

End.: Rua Duque de Caxias, 1757 — Fones: (0195) 61-1206 - 61-1204 (Fax) PIRASSUNUNGA - SP

MARKA CRIAÇÃO E SELEÇÃO DE MANGALARGA MARCHADOR E MARGHIGIANA



Venda permanente de reprodutores meio sangue e 3/4



1986 - um bom ano para a pecuária?

De acordo com os participantes de uma mesa redonda, promovida pela Dow - Divisão Agroquímica, a conjuntura econômica é extremamente favorável à pecuária em 1986: todos os indicadores — tanto do mercado interno como do externo — apontam um ano muito bom para a pecuária. O comportamento econômico da pecuária nacional em 1986 está, porém, nas mãos do Governo. Como ninguém sabe qual vai ser o comportamento do Governo, os debatedores, após apontarem as razões do otimismo, preferem cautela. "Esperamos que o Governo tenha o bom senso e deixe o mercado guiar o comportamento do setor", pediram os debatedores. E, no final, fizeram sugestões para uma nova política para a pecuária. Este artigo foi baseado no debate publicado pelo jornal "O Pasto Livre", órgão da Dow Química.

O ano de 1986 será bom para a pecuária, com alta de preços, abertura de novos mercados no exterior e recuperação do consumo interno. É o que concluíram os participantes da mesa-redonda promovida pela Dow Química — Divisão de Produtos Agroquímicos, no dia 5 de dezembro. Dela participaram o economista Ivan Wedekin, especialista em pecuária de corte e assessor de Estudos Econômicos da Agroceres; Flávio Telles de Menezes, presidente da Sociedade Rural Brasileira; Antônio de Oliveira Pereira, presidente do Sindicato Nacional dos Pecuáristas; José Luiz Niemeyer dos Santos, diretor do Departamento de Pecuária da Sociedade Rural Brasileira, Alberto Chap Chap e Sylvio Lazzarini, diretores do Sindicato Nacional dos Pecuáristas.

Ivan Wedekin, que coordenou a mesa-redonda, mencionou a melhoria no nível de renda como um fator de estímulo ao consumo interno. O economista destacou também a importância da pecuária de corte na economia do país. De acordo com ele, citando dados da Fundação Getúlio Vargas, o valor bruto da produção pecuária de origem animal em 1984 foi de 11 bilhões de dólares — 2,3 vezes maior do que o faturamento das indústrias automobilísticas. E depois fez a demonstração sobre o desempenho da pecuária e suas perspectivas econômicas,

mencionando os ciclos pecuários.

Flávio Telles de Menezes procurou explicar o seu otimismo, analisando a conjuntura externa. E a base do seu otimismo quanto ao mercado externo é a queda do dólar no mercado internacional, o que proporciona maior competitividade aos nossos produtos; a recuperação econômica dos países importadores. Além disso, a Argentina, um dos principais concorrentes, exportará no máximo 250 mil toneladas este ano por força da redução do rebanho e aumento desenfreado de consumo. O Uruguai, por sua vez, está encontrando dificuldades em cumprir os compromissos de exportação. E, segundo o Instituto Nacional de Carne do Uruguai, o país exportará apenas 170 mil toneladas. Recentemente diretores desse órgão estiveram no Brasil procurando dilatar o prazo de entrega de carne por não dispor de mercadorias. Além disso, com a exportação para o Brasil, o preço subiu 30% — e reduziu a competitividade no mercado externo. A Austrália, com o problema da seca, exportará a mesma quantidade. E por problemas de seca a França, Espanha e países do Mediterrâneo reduziram os abates entre julho e agosto em 25 a 29%.

Embora prefira analisar com prudência, Menezes acredita que, com a recuperação da economia, os níveis de emprego e reposição sala-

rial, o mercado interno, para a carne bovina, será aquecido. Menezes teme uma ação do governo que frustre esta expectativa: "E se o Governo resolver proibir a exportação?", pergunta. "Há uma conjuntura favorável à pecuária nacional. Porém, não me atrevo a fazer uma projeção. Vai depender de uma posição política do Governo", observa.

José Luiz Niemeyer dos Santos fez primeiro um breve comentário sobre 1985 para a pecuária de corte para justificar o seu otimismo cauteloso. "Houve dois comportamentos distintos em 1985: queda do preço real no primeiro semestre e brusca recuperação no segundo. O primeiro semestre castigou o pecuarista, que vendeu mal e foi pego de surpresa pelo súbito aumento das cotações. Muita gente ficou desconcertada. E quando ninguém acreditava na recuperação — o preço de Cz\$ 220 a arroba no final do ano passado soava como piada se alguém fizesse a previsão no primeiro semestre — veio o salto brusco". Assim, Niemeyer prefere cautela.

Ele vê razões para otimismo: queda do dólar, o fim dos abates causados pelo corte do subsídio ao leite na Europa — houve grande abate de fêmeas leiteiras e hoje o abate desses animais caiu 50% —, o que reduziu a oferta da carne na CEE entre 25 e 30%. Niemeyer cita também os problemas climáticos na

É mais gostoso se hospedar no Delphin Hotel Guarujá.



Mesmo quando se trata de congressos ou convenções.

A *Ilha do Guarujá* tem tudo para conquistar os mais sofisticados gostos: cores, sol, mar azul, badalação e "beautiful people". E ainda tem o conforto do **Delphin Hotel**

Guarujá, um dos mais descontraídos hotéis do litoral, dotado de serviço classe internacional, boutique, sala de jogos, restaurante, night club,

piscina, terraço panorâmico e bar com telefone na praia.

Junte a tudo isso, um **centro de convenções** com a mais completa e perfeita estrutura, totalmente planejado para o êxito do seu seminário, congresso ou convenção, dotado de diversos salões para reuniões, salas para secretaria, imprensa, telefones, som, tradução, projeção, áreas de exposição, etc.

Enfim, o **Delphin Hotel Guarujá** reúne o útil ao agradável em requinte, conforto e descontração para você passar fins de semana, férias ou programar o seu evento profissional.



**Delphin Hotel
Guarujá**

★★★★

Av. Miguel Estefno, 1295. CEP 11400 - Ilha do Guarujá - SP
Fone: (0132) 86-2111 - Telex: 013.1738 HDSA BR

Central de reservas: São Paulo - Telex (011) 24735 HDSA BR
Fone: (011) 259-6100



CEE, que reduziu o volume de feno desta safra, fazendo com que os bovinos saiam mais leves. O pecuarista lembrou também os problemas climáticos na Argentina e a redução dos estoques na Europa, que vinha deprimindo os preços internacionais. "Do ponto de vista internacional e da produção, tudo é favorável a continuação da alta de preços em termos reais", analisou.

Mas, após enumerar os pontos positivos que o faz acreditar num bom ano para a pecuária, Niemeyer lança uma série de indagações para justificar o medo de uma frustração de expectativas. "Os estoques reguladores serão feitos como achamos que deveriam ser feitos — aquisição na safra, enxugando o mercado, e desova na entressafra, protegendo o consumidor — atendendo a produção e o consumo? Ou serão feitas importações, fora de hora, do Uruguai e de outros países? Qual será o perfil salarial do ano de 1986? Continuará o perfil atual ou teremos pacotes que alterarão o perfil?", indaga. "Acho que vamos continuar o mesmo ciclo ascendente de preços reais iniciado em 1983. O preço vai continuar subindo, mas a velocidade da ascensão depende de variações ligadas não só ao setor de produção. Poderemos ter pacotes e crises — e não sei como vai comportar o Governo".

Para justificar o seu otimismo e crença de que 1986 será muito bom, Antonio Oliveira Pereira procura expor a conjuntura da pecuária internacional. "A Austrália que em 1979 exportou 1.080 mil toneladas e vendeu em 1983 só 650 mil, teve o seu rebanho reduzido de 33,5 milhões de cabeças para 22,5 milhões; a Argentina, que ocupava segundo lugar, diminuiu o seu plantel de 59 milhões para 52 milhões; e suas exportações declinaram de 697 mil toneladas em 1979 para 450 mil em 1983 e 250 em 1985, volume que deve ser repetido este ano; o Brasil, ao contrário, exporta cada vez mais, em 1975 exportou 118 mil t, 190 mil em 1981, 314 mil em 1982, 398 mil em 1983 e 500 mil de lá para cá. Então nossa tendência é de ocupar esse espaço", disse. Porém, para isso, ele acha imprescindível o Governo definir uma política para a

pecuária, que faça com que a produtividade cresça, aumentando a oferta de carne.

Já Sylvio Lazzarini não vê razão para temor, apesar do Governo. "O Governo terá pouco espaço para interferir na agropecuária em 1986", diz convicto. "Por essa razão, não tenho dúvidas de que os preços reais de 1986 serão superiores aos preços dos últimos 5 anos. Todos os que se basearam em correção dos preços com base na inflação de 1985 incorrerão em sério e grave erro", preveniu. "Só o crescimento vegetativo da população proporcionará aumento da demanda interna em 60 mil toneladas. Em 1985, por causa da estiagem, houve abatimento precoce nessa entressafra mesmo, e durante a safra. Tivemos a mortalidade ainda não quantificada, mas expressiva. Sentimos o aumento real da massa de salários — a trimestralidade veio para ficar e talvez venha aí o reajuste mensal", observa.

Alberto Chap Chap, ao contrário de Lazzarini, é prevenido, sem deixar o otimismo de lado. "Acho uma temeridade imaginarmos qual será a curva da pecuária em 1986. A política até agora utilizada pelo governo para o setor é conjuntural", lembrou, para justificar a sua cautela. "Todos os dados apresentados e que justificam o otimismo são importantes mas todos podem ir por água abaixo, dependendo da atitude que o Governo tomar", alertou. "Então, neste momento, é muito importante que a pecuária lute por uma política nacional para o setor, mas uma política estável. Medidas conjunturais,

que aparentemente visam beneficiar o consumidor, prejudicam a todos. Milagre não existe. É muito importante que a pecuária lute por essa política. É muito importante que se alerte o Governo e se desperte o consumidor que sempre que procurou beneficiar o consumo prejudicou o produtor. Então, é só uma política a longo prazo que trará benefício ao consumo e à produção", explica.

"A situação da nossa pecuária é cristalina: produzimos entre 2,3 a 2,4 milhões de toneladas por ano, o que representa um abate de 11 a 12 milhões de cabeças. Deveríamos consumir mensalmente 145.833 t. mensais. Porém, na safra ofertamos 25 mil t. por mês a mais. É exatamente esse volume que deveria ser jogado para estocagem para atender a falta de 58 mil t. mensais na oferta na entressafra, cujo déficit em quatro meses é de 233 mil t. O que pode acontecer a partir desses números é algum problema climático", resume.

Assim, na opinião de Chap Chap, prever o ciclo pecuário é mera suposição. "Mas devemos saber seguramente como será o ciclo pecuário. Isso só será possível no dia em que tivermos uma política nacional para a pecuária, com todas as regras estabelecidas, para que a gente possa planejar e saber exatamente o que vai produzir: dentro dessa política, terá que estar previsto não aquilo que nós encontramos hoje — a pecuária, nos dois extremos, dá prejuízo e só na recria dá lucro pequeno. Enquanto não houver rentabilidade é impossível pensar fazer al-





guma coisa", acredita. "Então toda a luta será travada no sentido de definição de uma política ampla, com todas as regras básicas para todos os segmentos pecuários, cria, recria, abate etc".

E a chave de uma política, segundo o pecuarista, está na estocagem. "A estocagem de 112 mil toneladas custa ao governo Cz\$ 1,693 bilhão para o Governo financiar, incluindo a frigorificação. Na entressafra, o valor nutritivo de alimento cai 25%. Então, o pecuarista é obrigado a vender no final da safra, antes que o animal perca peso. E isso provoca depressão no preço, nesse período. Então, acho que deveria ser feita a estocagem na safra para a época da entressafra. Porém, essas coisas são lentas e só podemos pensar nisso em 1987. Para 1986, sugerimos a estocagem de carne congelada, com uma condição: que essa carne seja vendida sem subsídio, que tenha preço real, para que a carne verde possa concorrer. Em segundo lugar, que o Governo se comprometa, sob pretexto nenhum, a usar esse estoque na safra. Nós estamos importando carne agora, para chegar em janeiro e fevereiro, em plena safra", explicou.

"Pela ausência da política para a pecuária, assim, acho difícil prever um comportamento da pecuária em 1986. Vai faltar carne, vai aumentar o consumo no exterior e que o Brasil pode ocupar esse espaço. A conjuntura é favorável. Mas volto a insistir que depende da conjuntura, das arbitrariedades, de fatos que só o Governo pode definir. Tivemos períodos em que o preço da carne no exterior era muito superior ao nosso e nós nunca conseguimos, por causa do Governo, alcançar a meta-de do preço desses produtos", queixou-se.

Política para a pecuária

Se a previsão para 1986 aponta otimismo, embora cauteloso, os debatedores da mesa redonda, promovida pela Dow Química, foram unânimes em um ponto: a pecuária precisa de uma nova política. Wedekin pediu que os debatedores colocassem três ou quatro medidas centrais que o Governo deveria adotar para incrementar essa política.

Para Flávio Menezes, a primeira medida seria a modificação da política tributária. "O nível de tributação está distorcendo o mercado de carne", explicou. O segundo ponto, é a comercialização. "A pecuária é um segmento da economia que não dá resposta a curto prazo. Assim, é preciso dar estabilidade política à comercialização, que, no meu entender, tem que ser a de mercado livre, sem intervenção do Governo em exportação e importação, apenas bloqueando as entradas de produtos de países que subsidiam as exportações, como é o caso dos membros da CEE. No mercado interno deveria correr livre a comercialização".

O terceiro ponto, na opinião de Menezes, é a dotação orçamentária para cuidados sanitários do rebanho. "Não é possível que um setor com US\$ 11 bilhões de renda não mereça uma atenção equivalente. Nós temos o tripé genética-nutrição-sanidade na pecuária. A genética e nutrição progrediram, mas estamos muito atrasados em relação à sanidade".

Por último, segundo ele, é a formação de estoques. Ele tem a receita de como constituir esse estoque. "O Governo deve estabelecer que ele é comprador no período de safra por preço x e y para traseiro e dianteiro. Pode estabelecer o preço de mercado. O Governo seria comprador a esse preço. Se cair o Governo compra. Então, força a indústria a pagar esse preço. Para renovar o estoque, o Governo faz a desova na entressafra. Estabelece que o governo colocará essa carne a partir de um patamar de preços em que as vendas da carne possa cobrir o valor e o custo da estocagem. O que não pode é persistir a preocupação gregoriana vigente no país: a de que o estoque precisa ser colocado a qualquer custo, mesmo que tenha que paralisar o abate. A desova precisa se amoldar ao mercado. Então, o estoque seria renovado no ano em que houvesse escassez. Seria uma regra de jogo estável, que daria segurança ao pecuarista investir. Então, o pecuarista tem um panorama de 3, 4 anos para programar o investimento. O resto — conquistar mercado, empacotar carne — é trabalho da Iniciativa privada".

"Para enfrentar o desafio da produção de 3 milhões de toneladas de carne em 1990, entre disponibilidade interna e exportação, só existe uma saída: deixar as leis do mercado agirem", resumiu Niemeyer. "Até agora, o Governo sempre tomou atitude que levaram à baixa de preços", queixa-se. "Quando o preço está baixo, não faz nada. Quando está em ascensão, ameaça com importações", acrescenta. "Então, o Governo deveria fazer o menos possível — não ajudar mas também não atrapalhar", diz ele. Niemeyer concorda com Menezes em todos os pontos. Acha que cuidados sanitários devem ser redobrados e também pede a redução da carga tributária.

Além de concordar que é necessária uma reforma tributária, combate às pragas e doenças e melhoria da alimentação e à definição de uma política de comercialização, Antônio Oliveira Pereira agrega mais uma medida: a classificação e tipificação da carcaça. "Esse sistema já foi oficializado pelo Ministério da Agricultura, mas nenhum frigorífico respeita. Só uma cooperativa de Bagé está pagando melhor preço para o boi melhor classificado".

Sylvio Lazzarini lembra que o sistema de livre mercado deve funcionar e proporcionar lucro. "Lucro de pecuarista não é pecado. Lucro em sistema capitalista não é heresia", diz. "Nós pecuaristas sabemos trabalhar. O que não temos é lucro para investir na melhoria da produtividade", acrescenta. Além disso, Lazzarini acha que o Brasil precisaria adotar um slogan: "Importação nunca mais". "O Brasil precisaria criar uma reserva de mercado para os produtos que temos condições de produzir", explica. E também, na exportação, buscar aliado com outros países, principalmente do Terceiro Mundo, para criar um organismo internacional, como o do café. Por outro lado, ele acha que é urgente que se faça revisão no peso da carne no índice do custo de vida. "Hoje ele é mentiroso. Se fosse verdade que o brasileiro gasta 12,7% de sua renda no consumo de carne bovina, nossa produção deveria ser de 6,6 milhões de toneladas", justifica.



Edifício ABC — Centro da Pecuária, sede definitiva da Associação. Na parte inferior, à esquerda o Auditório e à direita o edifício já existente.



Dia 19 de junho o Conselho escolhe

Joaquim Barros Alcântara Filho e Arnaldo Lima são os novos presidente e vice-presidente do Conselho Deliberativo da Associação Brasileira de Criadores (ABC). O mandato do atual Conselho encerrou-se

tos dia 30 de abril, os novos membros do Conselho reuniram-se, pela primeira vez, dia 7 de maio para a escolha do seu presidente e vice-presidente. Assim, dia 7 de maio, o Conselho elegia Joaquim Bar-

da ABC, na eleição para o Conselho, são considerados eleitos os trinta primeiros mais votados como membros efetivos e os trinta subsequentes como suplentes. Após as formalidades legais da abertu-



Dr. Octávio Mesquita Sampaio.



Gal. Diogo Branco Ribeiro.



Dr. Manoel Elpídio Pereira de Queiroz.



Dr. João de Moraes Barros.

dia 30 de abril e é renovado a cada três anos. No último dia 30 de abril, a diretoria da ABC convocou a eleição, através de editais publicados na imprensa diária e circulares enviadas aos associados, para renovação do Conselho. Elei-

ros Alcântara Filho e Arnaldo Lima, atuais presidente e vice-presidente da diretoria executiva do órgão, para ocuparem a presidência e vice-presidência do Conselho Deliberativo.

De acordo com os estatutos

ra da Assembléia, deu-se o início à votação, em escrutínio secreto. Após a contagem de votos, os trinta novos membros do Conselho tomaram posse e marcaram, para o dia 7 de maio, a primeira reunião para a escolha do presidente e vice-presidente. Nessa reunião, Joaquim Barros Alcântara Filho e Arnaldo Lima foram escolhidos por aclamação.

Dr. Ruy Calazans, que ocupava a presidência do Conselho até o dia 30 de abril, presidiu a sessão. Calazans, ao passar o cargo a Dr. Joaquim, agradeceu a expressiva vota-



Os novos presidentes do Conselho, a esquerda Dr. Arnaldo Lima, Vice-Presidente e Dr. Joaquim Barros Alcântara Filho, Presidente. A seguir Dr. Ruy Calazans, que deixou a presidência do conselho e Dr. Roberto Brotero de Barros, secretário da presidência.



A mesa que presidiu a apuração, Dr. Luiz Glycerio de Freitas e Dr. Roberto Brotero da Barros.



a nova diretoria da ABC

ção dada a ele para compor o Conselho. Segundo esclareceu, os votos recebidos foram espontâneos, já que não fez nenhum trabalho de arregimentação de votos para si. De toda forma, confessou-se sur-

historiou a sua passagem pela ABC. Disse que entrou na diretoria da ABC, na gestão do presidente Dr. José Cassiano Gomes dos Reis, há 10 anos. Depois, foi guindado à presidência para o triênio 1979/82.

sob o argumento de que o quadro diretivo da entidade precisa ser renovado. Disse que aceitou presidir o Conselho por insistência do Colégio Eleitoral. Dr. Arnaldo Lima, também agradeceu a escolha do



Dr. Henrique de Souza Dias.



Sr. Adalio José de Castilho.



Sr. Vahil Chaves.



Eckhard Alfred Reimann.

preendido pela votação, que não esperava. Lembrou, também, que, na última eleição, seu nome foi indicado para a vice-presidência do Conselho, por indicação do seu amigo Renato Costa Lima, sendo aclamado pela assembléia. E, com a desistência de José Cassiano Gomes dos Reis, teve que assumir a presidência do Conselho. Calazans agradeceu os presentes à reunião e ao deixar a presidência, sob salva de palmas, deu posse a Joaquim Barros Alcântara Filho e Arnaldo Lima.

Ao ser empossado, dr. Joaquim Barros Alcântara Filho

E foi reeleito para um novo mandato, à frente da ABC, para o triênio 1982/86. Desencorajou qualquer movimento que tentasse mantê-lo no cargo,

seu nome para ocupar a vice-presidência do Conselho.

Após a escolha do presidente e vice-presidente, o Conselho marcou, para o dia 19 de

As obras do Edifício ABC-Centro da Agropecuária, estão em pleno andamento.





Dr. Caio de Lima Corrêa

junho, a eleição que escolherá a nova diretoria executiva da ABC — presidente, vice-presidente, secretários e tesoureiros. O mandato da atual diretoria executiva, presidida por dr. Joaquim Barros Alcantara Filho, encerra-se neste mês de junho.

Essa eleição para o Conselho, realizada num clima de extrema tranquilidade e sobretudo de coesão, mostra que a ABC é uma grande família, unida por um único objetivo: o bem estar dos produtores. E a tranquilidade da eleição para renovação do Conselho e da indicação dos presidente e vice-presidente do Conselho, por aclamação, mostrou, também, a sintonia entre a diretoria, conselho e associados.



Sr. Virgílio Penna e Dr. Ruy Calazans

60 anos da ABC

Este ano, em que haverá nova eleição para compor a diretoria executiva, a ABC completa 60 anos de fundação. Com quatro lojas — duas em São Paulo, uma no Rio de Janeiro e uma em São João do Boa Vista —, a ABC conta, hoje, com aproximadamente oito mil sócios em todo o país. Nos sessenta anos de sua existên-

tência a ABC vem prestando relevantes serviços à agropecuária brasileira, mantendo, há mais de 40 anos, o Serviço de Controle Leiteiro, de vital importância no trabalho de seleção de bovinos leiteiros. Em mais de 40 anos de Serviço, o Controle Leiteiro controlou mais de 90 mil vacas de 22 diferentes raças e 200 mil lactações. Os controles leiteiros são feitos com rebanhos dos Estados de São Paulo, Minas, Rio de Janeiro, Paraná e Rio Grande do Sul.

O Departamento Comercial, com quatro lojas, também tem sido importante, por vários aspectos. Como o objetivo maior é atender os produtores e não o lucro, que é extraído apenas para a manutenção do órgão,



Dr. Eduardo Benedito Marchi, Gal. Diogo Branco Ribeiro e Dr. Armando de Moraes Barros.

as lojas da ABC tem funcionando como regulador de preços de insumos, propiciando economias aos associados. Além disso, a ABC oferece garantias de qualidades dos produtos que vende.

O Departamento Técnico, por sua vez, tem sido importante no serviço de assistência e orientação técnica aos associados. Com agrônomos, veterinários e laboratórios, esse departamento tem oferecido apoio imprescindível aos associados. Assim, o Departamento Técnico tem funcionado como um serviço de extensão rural, orientando tratamentos dos animais, formação de pastagens e manejos adequados dos animais. O Departamento Técnico, ainda, mantém o Serviço de Controle Ponderal, os testes de progênie, que já testou mais de 800 touros, o

Programa de Cruzamento Dirigido (Pró-Cruza), o Protegel, os registros genealógicos, laboratório clínico médico de pequenos e médios animais e um laboratório de sementes.

Gestão

O atual presidente, Joaquim Barros Alcantara Filho, que assumiu a ABC em 1979, entrega o órgão em boa situação. Na primeira gestão, 1979/82 e início da segunda, que se encerra este ano, a ABC passou por momentos delicados. Essa adversidade foi ocasionada não por má administração e sim por acidentes de percursos, não previstos pela ABC, e por fatores conjunturais, como recessão econômica.

O principal problema enfrentado pela atual diretoria foi ocasionado pela Construtora Adolfo Lindemberg, que, vencendo a concorrência para construir o armazém e loja da ABC no Bairro do Jaguaré, não cumpriu o contrato. Com isso, a diretoria da ABC foi pegada desprevenida e teve que assumir o prosseguimento da obra. E, para concluí-la, teve que recorrer a empréstimo bancário. Com isso, a saúde financeira da ABC, que era boa, foi comprometida, sobretudo porque, à época, o país vivia uma fase de recessão aguda. Assim, a somatória desses fatos inesperados levou a ABC a uma situação dramática, com elevada despesa financeira.

Porém, já em 1974, felizmente, a saúde foi recomposta, com total saneamento financeiro e o pagamento da dívida contraída junto ao Banco de Desenvolvimento do Estado de São Paulo (Badesp). Esse período foi extremamente dramático e exigiu grande esforço da diretoria e dos associados da ABC. No mesmo ano, a justiça condenava a Construtora Adolfo Lindemberg a resarcir os prejuízos causados à ABC pela interrupção da obra



Dr. João Antonio Camareiro.



Gal. Diogo Branco Ribeiro e seu filho Sr. Carlos Eduardo Vieira Ribeiro

no armazém e loja no Jaguaré. Embora esteja pendente de um último julgamento, o ganho da causa é certo praticamente e a ABC deverá receber a indenização da construtora.

Com o saneamento financeiro, a diretoria-executiva, comandada por Joaquim Barros Alcântara Filho, pôde dinamizar, novamente, o órgão, atacando em várias frentes. Assim, a partir de 1984, a ABC promoveu a reforma completa da loja, escritório e sede regional do Rio de Janeiro, no Bairro São Cristóvão. E, também, pôde ampliar a loja de São João da Boa Vista, hoje ocupando uma área de 1.000

metros. Ao mesmo tempo, as vendas das quatro lojas batiam sucessivos recordes de comercialização.

Além disso, a ABC pôde implementar vários serviços, como o Serviço de Controle Leiteiro, com o lançamento do Serviço de Controle Leiteiro Auxiliar, para atender a pecuária comercial, com o objetivo de melhorar o desempenho econômico na exploração leiteira. Junto ao Controle Leiteiro Auxiliar, a ABC passou a oferecer o serviço de controle de custos e de alimentação. O Departamento Técnico, também, recebeu reforço, com a contratação de mais agrônomos e veterinários.



Dr. Joaquim Barros Alcântara Filho, Sr. Luiz de Almeida Penna e Dr. Alexandre J.L. Develey.



Sr. Renato Napolitano e Sr. Luiz Porto Filho.

Por outro lado, a diretoria atual, também, lançou-se numa outra empreitada feliz e tão esperada pelos associados: a construção de sua sede definitiva em um prédio de 12 andares, ao lado da loja do Jaguaré, com mais de 15 mil metros quadrados de área construída. As obras já iniciaram. Ali, serão instalados a sede social com um amplo auditório, novas lojas, enfim um centro agropecuário, com a instalação de lojas e escritórios de empresas ligadas ao setor. Colocados à vendas, os módulos de escritório tiveram grande aceitação e foram vendidos em tempo recorde, em 45 dias estava tudo vendido e as obras estão em franco desenvolvimento.

RESULTADO DA VOTAÇÃO

N.º	VOTOS
109	Roberto Brotero de Barros
108	Manuel Elpidio Pereira de Queiroz Filho
94	Caia de Lima Corrêa
88	Ruy Calzans
86	Rubens Malta de Souza Campos Filho
85	Arnaldo Lima
84	Octavio de Mesquita Sampaio
84	José Carlos Guimarães Oliva
80	Assunção de Moraes Barros
79	Oswaldo Lara Leite Ribeiro
70	Diogo Branco Ribeiro
67	Renato Napolitano
65	Geraldo Diniz Junqueira
63	Frontino Ferreira Guimarães
62	Ricardo Barros de Almeida Telles
59	Lavil Veiga de Oliveira
59	Luiz Batista Pereira de Almeida
59	Marius Oswald Arantes Rathsan
57	Luiz Glicerio Gracie de Freitas
54	Manoel José Alcântara
54	Henrique de Souza Dias
52	Alberto Chap Chap
51	Eider Ribeiro Dantas Filho

N.º	VOTOS
50	Carlos Eduardo Vieira Ribeiro
50	Paulo Fernando da Silveira Bueno
49	Edwin Benedito Montenegro
48	Carlos do Amaral Cintra
48	José Cassiano Gomes dos Reis Filho
46	Roberto Diniz Junqueira
46	Clarice Brito Soares
46	João Antonio Camarero
42	Eckhard Alfred Reimann
40	Pedro de Paula Leite Moraes
40	Fabio Garcez Meirelles Junior
40	Carlos Alberto Julio Lohmann
39	Ferando Euler Bueno
39	Alberto Paula Leite de Moraes
38	Roberto Cano de Arruda
34	Adalberto José de Castilho
32	Rubens Franco de Mello
30	Franklin Rodrigues Siqueira
30	Lelio Toledo Piza e Almeida Filho
30	Vicente Martins Junior
30	Claudio Sobral Caiado Castro
28	Custodio Cabral de Almeida
22	Newton Ferreira da Silva
20	Radyr de Queiroz
20	Arnaldo A. Pedro Carraro

N.º	VOTOS
20	José Luiz Ballalai Cotrin
15	Oswaldo Pereira Guimarães
15	João Luiz Freitas Brito
15	Antonio Tadeu Jallad
8	José Acacio dos Santos



Um aspecto do final da sessão.

EQUINOS

SERGIO LIMA BECK

EQUINOS



RACAS
MANEJO
EQUITACAO

SERGIO LIMA

- Para quem **cria** cavalos, porque são observações de quem gosta e conhece profundamente o assunto.
- Para quem **gosta** de cavalos, porque são inúmeras histórias fartamente ilustradas que falam da vida dos eqüinos e seus feitos.
- Para quem **aprecia** uma leitura, pela maneira agradável com que o autor escreve sobre esse palpitante assunto que são os eqüinos, suas raças e equitação.
- 36 capítulos que vão desde a escolha de uma raça, a escolha de um cavalo, manejo, alimentação, até doma racional e a tradicional.

480

páginas,
com ilustrações.

Volume
encadernado.

CERTIFICADO DE COMPRA ANTECIPADA

1 exemplar do livro "EQUINOS".

Com o presente, peço remeterem um exemplar encadernado do livro "EQUINOS" de Sergio L. Beck, ao preço de Cz\$ 160,00. Para pagamento desta COMPRA, segue anexo o cheque n.º c/ o Banco e no valor acima.

A EDITORA DOS CRIADORES LTDA. Rua Venâncio Aires, 31 — CEP 05024 — SÃO PAULO - SP

A remessa do livro "EQUINOS" deve ser feita para:

Nome:

Endereço:

CEP: Cidade Estado

EDITORA DOS CRIADORES LTDA. — Rua Venâncio Aires, 31 — CEP: 05024 — São Paulo - SP
CQC 61.183.406/0001-4 — Insc.: 108.063.288

Faça logo o seu pedido de "EQUINOS" preenchendo e enviando o cupon ao lado à EDITORA DOS CRIADORES LTDA., à rua Venâncio Aires, 31, CEP 05024 S. Paulo - SP

Cz\$
160,00

A revolução dos tratores

JOSÉ GERALDO EVANGELISTA



José Geraldo Evangelista, pós graduado em Geografia pela USP e membro do Instituto Histórico e Geográfico de S. Paulo.

Ainda não faz um lustro que as notícias de "sem terras" e de "bóias-frias" eram raríssimas nos jornais e na televisão. Nestes últimos dois anos, elas foram-se avolumando, desde as fotografias de caminhões de "bóias-frias" tombados nas estradas, até as de um acampamento num trevo qualquer; de invasões de propriedades rurais, que diziam abandonadas, até as marchas ao Palácio do Governo.

Se as populações do Interior sabem bem porque isto tudo está acontecendo, as da Capital hão de perguntar: que foi que houve? donde saiu esta gente?

Na verdade, estes acampamentos à margem das rodovias, estas invasões de propriedades rurais, estas ocupações de escritórios governamentais, toda esta movimentação que enche os jornais e os noticiários da televisão, são conseqüências de uma causa principal, que chamaremos simplesmente de **REVOLUÇÃO DOS TRATORES**, a chegada do avanço tecnológico aos nossos campos, de forma mais ou menos abrupta, queimando etapas de uma evolução natural, pois se passou, quase repentinamente, de uma agricultura itinerante, que tinha como ferramentas o machado, o fogo e a enxada e ocupava grande número de braços, para uma agricultura moderna, com suas sementes selecionadas, com seus fertilizantes, defensivos e corretivos e principalmente com suas máquinas, praticada por um contingente humano reduzido.

O EXEMPLO DA ALTA MOGIANA

Para exemplificar o que está acontecendo em grande parte do Estado de São Paulo, no Oeste do Paraná e de Santa Catarina, em boa parte do Rio Grande do Sul, no Sul de Mato Grosso e em algumas regiões de Goiás e de Minas Gerais, tomemos uma região paulista, a Alta Mogiana, abrangendo dez municípios, na divisão do Censo Agropecuário do IBGE, a que juntamos mais três (Salles de Oliv-

ra, Nuporanga e Jariquera) pela sua identidade com os outros.

Esta região de solo excelente expulsou, de 1970 para 1980, 47% de seus moradores da zona rural; em alguns municípios a expulsão ainda foi maior, como nos de Miguelópolis (71%), Ipuã (56%) e Ituverava (54%). Em números absolutos, 31.943 pessoas foram desalojadas.

Analisando-se o Censo Agropecuário de 1980, comparado com o de 1970, verifica-se que uma verdadeira revolução ocorreu na região.

Apesar do aumento da área cultivada, os estabelecimentos agrícolas diminuíram de 4.948 para 4.044 (menos 18%), com evidente aumento da área média de cada um, pois subiram de 114,3 ha para 144,2 ha (26%). É a primeira imposição das máquinas, só compatíveis com grandes áreas e que foi atingir os estabelecimentos

menores, sendo engolidos 731, que tinham área inferior a 50 ha, naturalmente os de agricultores mais pobres.

Esta fome de terras fez que os estabelecimentos que tinham terras produtivas mas não as utilizavam baixassem de 558 para 129 e fez-se ainda a derrubada e utilização de mais de metade das matas existentes na região, que caíram de 44.968 ha para 19.382 ha. Em Ituverava, a área florestal diminuiu de 64%.

Por sua vez, o aumento da área cultivada por arrendatários foi de 69%, correspondendo a 13% das terras cultivadas, o que demonstra o caráter nitidamente comercial dos empreendimentos, que podiam ser administrados das cidades, tanto que 54% dos produtores deixaram de morar no campo. E, com eles, a família, já que 40% dos familiares, que trabalhavam sem remuneração, deixaram de fazê-lo.





Enquanto isto, os empregados temporários, os "bóias-frias", aumentavam de 3.316 para 8.855. Em Ituverava, os temporários cresceram de 89 para 994! As fazendas e sítios perderam o caráter de moradia familiar e os estabelecimentos que não tinham nenhum empregado, o que pressupõe que seriam trabalhadores de forma bíblica, pela família, diminuíram de 2.958 para 1.610, na década.

Todas estas transformações foram causadas pela modernização da agricultura. Os tratores aumentaram 88,5%, sendo 72% os de potência entre 50 e 100 CV e os arados de tração animal caíram de 3.645, em 1970, para 586, em 1980.

Estes novos tratores e os arados mecânicos não chegaram sozinhos mas vieram acompanhados da eletrificação rural, fazendo o consumo aumentar de quatro milhões para mais de 16 milhões de Kw, de máquinas de plantio e de colheita, do uso cada vez maior de fertilizantes, defensivos e corretivos agrícolas, da triplicação do número de caminhões, de práticas conservacionistas e da associação de agricultores a cooperativas.

O resultado prático de tantas e tão profundas mudanças foi o extraordinário aumento, não só da produção, mas também da produtividade. A Alta Mogiana foi, em 1980, a primeira produtora estadual de milho (189.613 t) a primeira produtora estadual de soja (246.697 t), a segunda produtora estadual de algodão e grande produtora estadual de cana-de-açúcar (8.ª produtora estadual de amendoim (11.ª do Estado) e de arroz (14.ª do Estado), além de muitos outros produtos, numa saudável policultura.

Em todas as culturas, o aumento da produtividade foi enorme: 2,46 t/ha, em algodão, quando a do Estado foi de 1,83 t/ha, a do milho cresceu de 2.324 kg/ha para 3.149 kg/ha e a de soja, de 1.339 kg/ha para 2.108 kg/ha. Em alguns mu-

nicipios tais índices ainda foram mais altos, indicando que a região tende a aumentá-los a cada ano.

Estes brilhantes resultados foram conseguidos, mesmo com a diminuição da relação de habitantes na zona rural e área cultivada, já que em 1970 cada morador cultivava 8,31 ha e em 1980 cada um cultivou 16,16 ha, praticamente o dobro, porque contou com os avanços da técnica.

Como os dados censitários não estão separados por produto cultivado e habitantes, é impossível estabelecer relação direta entre uns e outros, mas basta mostrar alguns exemplos expressivos para perceber como se conseguiu aumentar as colheitas, com a metade dos trabalhadores. Ituverava, município que foi o maior produtor estadual de algodão, dobrou duas vezes e meia a sua colheita e resultado melhor foi obtido com o milho, porque a produtividade passou de 2.091 kg/ha, em 1970, para 3.499 kg/ha, em 1980. Na região, a soja quintuplicou a produção, saltando de 50.832 t para 275.965 t.

É claro, pois, que esta REVOLUÇÃO DOS TRATORES é definitiva, veio para ficar e seus resultados ainda não foram totalmente atingidos, já que a área cultivada por cada trabalhador tende a aumentar.

Entretanto, como em toda revolução, muitos são os atingidos, independentemente de culpa, uma vez que a erosão turbilhonante, produzida por ela, revolve camadas profundas e desloca sedimentos secularmente estabelecidos.

Num primeiro momento, há esta sofrida multidão de expulsos das terras, que não sabe o que fazer de si e de sua família e insiste em obter terras, esquecendo-se que delas saíram pela incapacidade de adaptação aos progressos da tecnologia, para a qual não foi preparada.

A longo prazo, outras vítimas serão as pequenas cidades, que viviam para servir os habitantes das zonas rurais vizinhas.

Perdida esta clientela, as cidadezinhas entram em lenta e inexorável agonia. Na região, o município de Aramina perdeu 31% dos habitantes, Buritizal, 30%, Iguá, 8%, Nuporanga e Sales de Oliveira, 10% cada um, Miguelópolis, 26%, e Igarapava, 4%.

Todavia, a população urbana de todas elas aumentou (exceto a de Buritizal) porque os expulsos ficaram na periferia, trabalhando esporadicamente como "bóias-frias", antes de se lançar à aventura pelo território nacional.

NO ESTADO DE SÃO PAULO

Tudo o que ocorreu na Alta Mogiana repetiu-se no oeste agrário paulista, às vezes até com maior intensidade, se a modernização agrícola foi mais recente.

Na região de Araçatuba, por exemplo, os tratores aumentaram 120% e a população rural diminuiu 51%. Na de Presidente Prudente os tratores cresceram 124% e os rurícolas diminuíram 44%.

Quando a mecanização foi distribuída por um tempo maior, de 1960 a 1980, existindo, agora, somente a intensificação do uso do equipamento moderno, também a expulsão dos moradores diluiu-se no tempo e o impacto foi menor. Em 1980, na região de Jaboticabal, os tratores aumentaram 19% e a saída de moradores foi de 24%, na de Araraquara, 120% de novos tratores e 18% de moradores a menos: na de Bauru, 146% a mais de tratores e 14% a menos de pessoas da zona rural; na de Ribeirão Preto, 71% de tratores e 33% de expulsos.

Em alguns municípios, os números são ainda mais eloquentes. Em Mirandópolis, na região de Araçatuba, mais 57% de tratores e menos 66% de moradores; em Santo Anastácio, menos 52% de pessoas e mais 116% de tratores; em sua vizinha, Presidente Epitácio, menos 66% de rurícolas e mais 115% de tratores. Não é por acaso que os maiores conflitos dos "sem-terra" estão ocorrendo na Noroeste e na Alta Sorocabana.

E, se os tratores atacam as pessoas, podendo-as em fuga, atacam também as cidades pequenas. Pode-se seguir o alfabeto, para enumerar as que diminuíram de população municipal, entre 1970 e 1980: Anhumas, Aparecida d'Oeste, Auriflamma, Bismar, Caiabu, Caiuá... As vezes, porém, nem tão pequenas assim, como Anradina, Pereira Barreto, Presidente Bernardes, Santo Anastácio. Algumas perderam metade ou quase metade de seus habitantes, como Rifaina (47%), Rubinéia (50%), Paulo de Faria (29%), Florínea (50%).

Na verdade, 220 municípios paulistas (38,5%) tiveram sua população diminuída e outros 89 municípios (13,8%) aumentaram-na só até mil habitantes, o que significa que metade dos 571 municípios do Estado sofreram e estão sofrendo a Revolução dos Tratores, segundo os Censos Demográficos.

O curioso é que os moradores não percebem ou não querem perceber o novo

quadro. Foi assim, também, no Vale do Paraíba, nas últimas décadas do século XIX. O café já não rendia mais do que 20 arrobas por mil pés e no entanto continuavam as festas, os bailes, as recepções, as viagens ao Exterior, até que a Lei Áurea despencou de chofre. A seca de 1985 seria a Abolição de 1888?

E o fenômeno nem sequer é novo. Os Estados Unidos, no fim dos anos 50 e começo dos 60, viveram a mesma situação: "...o aumento do tamanho das propriedades e a população agrária em decadência vibraram sérios golpes na economia dos pequenos centros rurais, que surgiram para servir à economia rural local... O viajante que passa por um dos menores centros comerciais e vê antigas fachadas de empórios em ruínas, janelas quebradas e o mato crescendo nas calçadas, conclui que estes pequenos centros de comércio estão morrendo".

Esta realista descrição das cidadezinhas dos Estados Unidos não é uma visão pessimista de John Fraser Hart, professor de Geografia da Universidade de Minnesota ("O interior americano em mutação", in GEOGRAFIA HUMANA NOS ESTADOS UNIDOS, Fórum Editora, Rio, 1970, pág. 74), mas uma consequência da mecanização e da melhoria das estradas. O automóvel e o caminhão permitem, agora, ao agricultor "ultrapassar os pequenos centros comerciais e procurar o espectro mais amplo de bens e serviços, que estão ao alcance de suas mãos nas grandes cidades", lembra, ainda o mesmo mestre. Nem será preciso acrescentar que as despesas de combustível serão compensadas pela variedade de escolha e, com isto, de diminuição do valor das compras, além do passeio.

E por isto que, enquanto as cidades menores agonizam, as "capitais regionais" paulistas aceleram o seu ritmo de crescimento, pelo aumento dos que procuram seus hospitais, suas escolas, suas grandes distribuidoras de produtos e até suas casas noturnas, fazendo uma verdadeira sucção dos recursos regionais. Araçatuba cresceu 19,5%; Presidente Prudente, 31,4%; Bauru, 41,5%; Ribeirão Preto, 49,9% e Campinas, 76,9%. Isto para não citar a maior sugadora de todas, a região metropolitana de São Paulo.

Tudo leva a crer que estas transformações são irreversíveis. Afinal, são consequências de um processo global de avanços tecnológicos, frutos da inteligência do homem, que atingem, agora, a nossa agricultura, como antes atingiram a de outros países. E como a inteligência humana não conhece limites em sua ação sobre o meio, tende a alterá-lo cada vez mais,



com novos engenhos, com novas técnicas, com novos resultados.

É preciso, porém, que se tenha consciência disto: o Interior paulista mudou e continua mudando, pois a REVOLUÇÃO DOS TRATORES ainda não completou o seu ciclo.

Como lembra um mestre, o pior é que "o problema essencial é um problema de nível dum parte da população, que não se pode reconverter imediatamente em outras atividades, sem riscos de perturbações graves no plano social" (George, Pierre, "Responsabilidade do geógrafo face ao problema agrícola", in Geografia Ativa, Difusão Européia do Livro, São Paulo, 1968, p. 163).

No caso brasileiro, esta reconversão das populações rurais, expulsas do seu meio, é quase impossível, dado a abandono a que sempre foram relegadas e quando saem, agora, do fundo das fazendas, onde escondiam sua ignorância e seu desamparo e se transformam em notícias de jornal e televisão, a nação, perplexa, fala de reforma agrária, quando devia falar de escolas, para formar gente.

E não se deve esquecer que, só no Estado de São Paulo, 645.578 pessoas deixaram a zona rural, nesta última década. Pode-se imaginar o que houve de sofrimento neste êxodo: famílias desagregadas, mocinhas que se prostituíram, crianças

que morreram pela falta de cuidados, meninos que se iniciaram na escalada do crime e a angústia de seus pais, de mãos calçadas e obrigados a pedir esmolas!

O mais doloroso da questão é a total desinformação, para não usar apelativo mais forte, dos que tentam ajudá-los e pedem terra, exigem terra, para reassentá-los. Ora, a terra só não basta. É preciso também capital e técnica. E deste trinômio, a técnica é a de obtenção mais difícil. Entregar um pedacinho de terra, que não comporte o uso de todo o potencial das máquinas modernas, a um pretensão agricultor, analfabeto e nem sempre sadio, é condená-lo a viver em estado de miserabilidade, já que sua colheita, fruto exclusivo do trabalho braçal, será insuficiente para que possa viver com dignidade. E sua situação não se alterará muito se lhe derem máquinas, pois não saberá mantê-las e, em pouco, as terá inutilizadas.

A Revolução dos Tratores coloca, pois, a nação ante a realidade da existência de dois homens brasileiros: o sempre esquecido trabalhador rural e o habitante das cidades. O problema vai muito além da diversidade de renda, que é uma consequência; é de educação e só posto nestes termos será solucionado.

Apesar da magnitude dos números, temos de resolvê-lo. Acaso não são nossos irmãos?

Saúde tem nome

**CRED
MED**

ASSESSORIA DE VIDA E SAÚDE

AV. BRIG. FARIA LIMA, 1857 - 8ª and. CJ. 505 - FONE: 814-4822 - SÃO PAULO

Reforma agrária

José Mario Junqueira de Azevedo

A Reforma Agrária ou a melhor distribuição da propriedade rural, num país de vasta extensão territorial como o nosso, com 60% de seu território ainda inexplorado, onde existe muita terra e pouca gente, é de fácil solução. Basta adotar a filosofia de dar acesso a terra a quem queira explorá-la, racionalmente, sem tirar de quem a explora, em condições racionais. Aliás, a divisão da propriedade rural vem sendo feita normalmente, através do desenvolvimento de regiões agropecuárias, da sucessão hereditária, etc. O caboclo brasileiro costuma dizer que "a verdadeira reforma agrária se faz na cama". O Estado do Paraná é o exemplo da divisão normal da propriedade rural. Há quarenta anos atrás, as regiões do noroeste, oeste e sudoeste do Paraná estavam inteiramente inexploradas. Atualmente possuem 200.000 proprietários rurais, dos quais a metade eram antigos trabalhadores rurais que tiveram acesso à terra, predomina a pequena e média propriedade, sem que o poder público promovesse a divisão da propriedade rural dessas regiões. E o Estado do Paraná, com apenas 2% do território nacional produz 30% de grãos do país.

Admissível, entretanto, a intervenção estatal para a melhor distribuição da propriedade rural através dos meios previstos no Decreto 55.891 de 3/3/1965 (regulamento do Estatuto da Terra) que são: a) Tributação; b) Assistência e Proteção à Economia rural; c) Desapropriação; d) Colonização.

A desapropriação só deve ser efetuada em terras inexploradas, não só por bom senso, como também por força do Decreto do Presidente Sar-

ney, a respeito da Reforma Agrária. Ocorre que o Coordenador do Incra no Estado de São Paulo elaborou o plano regional, sem consultar os produtores rurais e incluiu nas áreas a serem desapropriadas, quase a totalidade das pastagens desse Estado, sob a alegação de que só excluiria a pecuária intensiva. A pecuária classifica-se: 1) intensiva ou confinada, alimentando o gado com grãos; 2) semi-extensiva, alimentando o gado bovino com gramíneas artificiais e com pastagens bem divididas, como vem sendo praticada no Estado de São Paulo e em outras unidades da Federação; 3) pecuária extensiva, alimentando o gado bovino com capim nativo e sem divisões de pastagens, como vem sendo praticada no Pantanal de Mato Grosso e na Ilha de Marajó.

A pecuária intensiva, ao contrário do que afirmam os tecnocratas do INCRA, é atividade antieconômica, não só pelo alto custo dos grãos, como também pelo consenso atual de que o gado bovino, que é herbívoro, deve ser alimentado de gramíneas, e os grãos devem ser destinados à alimentação humana.

A pecuária semi-extensiva é a mais viável, economicamente, pelas seguintes razões: a) a gramínea artificial além de alimentar o gado bovino, conserva e defende o solo quase igual às matas nativas; b) produz a carne bovina, e o leite, alimentos básicos do povo brasileiro; c) produz ainda matérias primas de dezenas de indústrias, tais como couro, sebo, osso, etc., gerando conseqüentemente, mão de obra; d) a carne bovina, os miúdos do boi e produtos industrializados provenientes do boi, como calçados, figuram em

nossa pauta de exportações; e) a pecuária semi-extensiva, não necessita de insumos importados para a sua produção, uma vez que o boi se alimenta de gramíneas, supre-se de sal produzido no Nordeste brasileiro e se locomove, não necessitando de combustível importado para transportá-lo.

Justamente essa pecuária de grande importância para a economia nacional, praticada no Estado de São Paulo, produzindo carne e subprodutos do boi a custo mais baixo que os da pecuária intensiva está sendo ameaçada de destruição pelo Coordenador do INCRA em São Paulo. Aliás ele já iniciou a destruição da pecuária no Estado de São Paulo na direção do Instituto Fundiário, incluindo na desapropriação feita pelo Governo de São Paulo, de fazendas modelos, com sistema Vóisin de pastagens, práticas de conservação do solo, enfim, infraestrutura mais moderna e assentando, nessas fazendas pessoas sem nenhum vínculo com a agropecuária. Decorridos dois anos, verificamos a destruição total da infraestrutura dessas fazendas modelos, e os assentados nada produziram.

Não sabemos se por falta de conhecimento do assunto, se por defender a tese do quanto pior é melhor, o fato é que o plano do Coordenador do INCRA em São Paulo é a destruição total da pecuária.

Cabe ao Presidente Sarney rever o plano, ouvir também os produtores rurais, excluir da desapropriação, as áreas de pastagens e executando imediatamente, os planos regionais, afim de que não se alegue atraso na sua efetivação.

LEILÃO MARCAS FAMOSAS

*O Seu Grande
Lance.*

50 animais Mangalarga Marchador de alta linhagem. 13 de junho / 20 horas / Sociedade Hípica de Belo Horizonte. Venha e escolha, entre produtos de grandes criatórios brasileiros, o seu cavalo sem fronteiras.

*Mangalarga Marchador.
Grandes linhagens reunidas
especialmente
para o Leilão Marcas Famosas.*

Abaíba,	Passa Tempo,
AJ,	Porto,
Amado,	Preguiça,
Angai,	Rebanho,
Bela Cruz,	Rima,
Cafundó,	Sama,
Cana Verde,	Santa Lúcia,
Casarão,	Santana,
Catas Altas,	Santa Terezinha,
Caxambu,	Siara,
Granito,	Standart,
HB,	Tabatinga,
Herdade,	Tambaqui.
HO,	
Jatobá,	
Lapa Vermelha,	
Mocambo,	



Apoio:

Secretaria de Agricultura
do Estado de Minas Gerais.

MINAS GERAIS
GOVERNO HÉLIO GARCIA



Associação Brasileira
dos Criadores do Cavalo
Mangalarga Marchador.

Djalma B. de Lima
Organização de Leilões.

Realização:

Luiz Antônio Barreira
Rua Espinosa, 207.
Tél. (031) 462-2156. CEP 30710.
Belo Horizonte, MG.

Proposta da Associação Brasileira de Criadores para a nova Política Nacional de Produção Leiteira

3ª Parte

A Assessoria Técnica da Associação Brasileira de Criadores concluiu um extenso e minucioso trabalho sobre a pecuária leiteira e nela formula os pontos básicos para a implantação de uma nova política para o setor. É um dos mais profundos estudos feitos sobre o setor leiteiro e dele o Governo pode extrair, com segurança, os subsídios para instituir a política para a pecuária leiteira nacional. Na parte inicial, o trabalho aborda e esclarece todos os problemas envolvendo esse setor econômico. O trabalho esmiúça cada etapa do processo — a produção, o transporte, a industrialização e a distribuição. O estudo traz abordagem técnica e econômica. Na parte final, os técnicos trazem a tona as sugestões para melhorar a produção de leite no país e aumentar a oferta desse produto indispensável à dieta alimentar do homem. Por sua importância, a Revista dos Criadores inicia, neste número, a sua publicação, que prosseguirá nas duas próximas edições. O trabalho, como contribuição da ABC, também, está sendo entregue aos Ministérios da Agricultura, da Fazenda e Planejamento.

IV — Política nacional da pecuária leiteira

Nos capítulos anteriores foi exposto com algum detalhe o consumo nacional de leite frente às necessidades e o que acontece no exterior, a situação da produção, suas possibilidades e seus problemas; como está a indústria de laticínios, suas possibilidades, suas limitações e sua grande contribuição. A seguir pasaremos a expor o que todo esse enorme segmento de população espera e anseia das autoridades brasileiras para que possa cumprir com eficiência a sua missão e arrancar o BRASH da triste posição de importador de leite a que se acha relegado.

Não é demais recordar que o país conta com talvez 300.000 produtores de leite, sendo mais; que na indústria de laticínios contamos com talvez 20.000 diretores, proprietários ou dirigentes. Se acrescentar-

mos a esses números os colaboradores e seus familiares, veremos que alguns milhões de brasileiros estão direta ou indiretamente ligados à esse setor. A eficiência do seu trabalho interessa a toda população brasileira, pois todos consomem de uma forma ou de outra, leite e ou seus derivados.

Estas são as razões porque se pleiteia uma verdadeira política nacional para a pecuária leiteira brasileira, diferente de providências tomadas desordenadamente por autoridades diversas, apoiadas ou não por pareceres de comissões setoriais. Sempre temos comissões funcionando tentando resolver um ou outro problema do leite, enquanto o fundamental fica sem solução. É indispensável que se cuide de obter e manter um fornecimento de leite regular, permanente e crescente com as necessidades, garantindo à produção uma estabilidade econômica, apesar e conivente com a inflação.

As comissões de preço que fixam os valores de comercialização do leite exis-

tem desde a guerra 19/45 e sua política sempre foi a "defesa do consumidor", isto é, a fixação de preços tão baixos quanto possível para favorecê-los. Quando os produtores se sentiam em dificuldades erguiam suas vozes e conseguiam um reajuste, tudo como aconteceu até hoje.

Com o êxodo rural e o crescimento das populações urbanas, com os antigos produtores engrossando o consumo nas cidades, há muito vem ocorrendo mudanças. Mais produtores desistem das atividades, menos se instalam em fazendas. Os investimentos no campo da produção são cada vez menores. Antes havia produção a controlar porque se vivia melhor nas zonas rurais e então produzir leite era uma maneira de fazer renda. Com os atrativos das cidades a situação está se invertendo e na marcha em que vamos logo estaremos com problemas de produção muito mais graves do que os que começamos a sentir. Com o arrojado tabelamento do leite de consumo, está havendo uma diminuição da produção que

afeta também o leite de industrialização. Com isso, já que os produtos derivados do leite são vendidos a preços livres, está havendo escassez para produzi-los e, então, a lei da oferta e da procura está contribuindo para seu encarecimento. Antes se pagava por um quilo de queijo o dobro do valor do leite utilizado para prepará-lo. E hoje? Antes havia produção para escolher, hoje nos contentamos quando encontramos algo para comprar.

O afastamento das zonas de produção, em relação aos centros que abastecem é outro problema que precisa ser considerado. Ele é indispensável quando se trata de leite para industrialização e aí os produtos prontos têm prazos maiores para serem transportados. Mas quando se trata de leite para consumo o tempo gasto em transporte conta muito na qualidade do produto. São Paulo hoje recebe para seu abastecimento leite produzido no sul de Mato Grosso e Goiás e que viaja apenas refrigerado muitas e muitas horas, mais de um dia! E isso, certamente se faz à custa da sua qualidade. Porque não se produz mais leite em regiões mais próximas do centro de consumo? Sem dúvida porque não convém, porque outras atividades mais lucrativas se desenvolvem em terras próximas relegando o leite à posição secundária.

Existem citações de que a produção anual de leite no BRASIL está ao redor de 11 bilhões de litros. Nos levantamentos feitos nos capítulos anteriores não conseguimos mais do que 8 bilhões. De qualquer maneira isso comparado com os 60 bilhões de litros produzidos nos Estados Unidos, onde a população é pouco mais do que o dobro da brasileira, mostra bem o quanto deixamos de produzir. Se desejarmos de fato aumentar a produção nacional teremos que apoiá-la e isso significa oferecer retorno para os produtores por suas aplicações, por seu trabalho. Fora isso é ilusão e não nos resta outro caminho senão a importação de leite em pó para fornecê-lo reidratado ao consumidor nacional como se fora leite fresco.

Se por outro lado decidirmos apoiar a produção, aí sim, rapidamente a produção pode ser retomada para as necessidades e logo contaremos com um crescente excedente. O que fazer então? Com os excedentes podemos marchar para os estoques, seja de leite em pó, manteiga ou queijos. Com a produção apoiada e estimulada, certamente voltaremos a produzir leite suficiente para o consumo em regiões próximas dos grandes centros, sem os inconvenientes das longas viagens como hoje acontece.

Como apoiar a produção?

Para que isso aconteça é indispensável antes de tudo que se mude os objetivos que nortearam as comissões de preço. A

(1) Veja à pág. 16 deste trabalho o texto original do primeiro Convênio de Cotas assinado no Estado de São Paulo, em 20 de junho de 1950, entre produtores e industriais.

defesa do consumidor se faz de maneira positiva quando se estimula a produção e não ao contrário como tem acontecido.

Mudanças na disposição e decisão dos produtores podem ser esperadas a partir do momento em que se eleve o preço de venda ao consumidor do leite C a um nível que realmente cubra o custo de sua produção e deixe uma margem de lucro ao redor de 30%. Com isso se elevará o nível da produção. Porém esta mudança tem que ser embutida num conjunto de medidas que realmente tragam para os produtores a segurança e solidez no negócio, indispensáveis para abrir caminho para investimentos e fixação de novos programas.

O conjunto de medidas a que nos referimos, compreende:

- oficialização do regime de cotas de fornecimento para o leite C e para o leite de uso industrial;
- equivalência do preço firmado, a ORTN, para garantir aos produtores as correções mensais obrigadas pela inflação, livrando-os de decisões periódicas, de critérios pessoais das comissões, e
- reajustes periódicos dos preços para equivalência quando ocorrerem distorções possíveis nos custos.

Regime de cotas (1)

Embora muitos não gostem, por limitações que acarretam, na verdade, do balanço de vantagens e desvantagens do regime de cotas ganha a primeira. Desde que a produção de leite se destina ao consumo em espécie, não se pode deixar de considerar os direitos dos consumidores. O mesmo volume de leite entregue na safra deve estar disponível na entressafra, sem o que desorganizamos o abastecimento. Além do mais, se desejamos e disso há necessidade, aumentar o consumo individual temos que respeitar e cultivar o hábito de beber leite de boa qualidade. Descuidando da produção na entressafra teremos de caminhar para o leite reconstituído que é um recurso para emergências ou acidentes e isso, não pode ser admitido na organização de um serviço regular.

Para a produção, a necessidade de assegurar uma boa cota no período da entressafra sempre representa um esforço a mais. Implica na formação de estoques de alimentos, seja com a cana, capineiras, silagem e até fenação, sem contar o suprimento de concentrados. Mas, desde que a cota seja respeitada, o fornecimento na safra, no momento de pastos bons, compensa os gastos da entressafra.

O regime de cotas também é benéfico quando se trata de fornecimento de leite para a indústria pois o consumo de derivados de leite é constante todo o ano e numerosos deles exigem leite fresco para seu preparo, como osiogurtos, queijo minas, muzzarella e outros. Grandes flutuações no fornecimento de leite, nos períodos de safra e entressafra perturbam considera-

velmente a rotina na indústria. A experiência de tantos anos de aplicação já mostrou que o regime de cotas é benéfico para produtores e indústria possibilitando um satisfatório convívio e progresso para ambos.

Resta no entanto que se façam estudos mais adequados nas diferentes bacias leiteiras para indicar quais os meses mais prováveis de entressafra. O trabalho original do plano de cotas em São Paulo determinou, com base na precipitação pluviométrica de uma década de anos que os meses de junho, julho, agosto e setembro eram os mais indicados para formação de cotas. Mas esses meses talvez não sejam os mais indicados em todas as regiões leiteiras do BRASIL, razão porque, se recomenda a elaboração de pesquisas para determinar os meses mais favoráveis.

Outro aspecto do regime de cotas que não tem sido cuidado é o da necessidade da existência de um órgão misto, formado por produtores, indústrias e representantes oficiais, verdadeiros Conselhos Regionais, para derimir dúvidas e fazer respeitar o regime nos casos de desentendimentos.

O credenciamento de cada produtor, seja pela cota, seja por condições de produção atendidas é outro aspecto importante que deve ser adotado.

No programa ora proposto considera-se o regime de cotas como indispensável, não só para fornecimento de leite C como o industrial. O valor do leite compreendido pela cota deve ser necessariamente mais elevado do que o de excesso. Naturalmente a urgência na formação de estoque pode determinar diferenças menores, mas elas devem existir sempre.

Equivalência do preço a ORTN

As razões da adoção desta medida dispensam explicações, pois os reajustes mensais com que convivem os produtores no momento de suas compras constituem o forte motivo para que o preço do leite seja automaticamente reajustado mensalmente, sem os apelos e a interferência de comissões. A justiça desta pretensão pode ser afirmada quando as próprias autoridades já adotam proceder reajustes mensais como é o caso da energia elétrica que os produtores pagam todo mês, dos telefones, combustíveis, etc.

Como relacionar o preço do leite a ORTN é fácil, e pode ser feito de várias maneiras. A mais simples seria dar uma equivalência em ORTN ao leite contido num latão de 30 litros, que é a medida comum ao fornecimento de leite produtor-indústria. Assim supondo-se que seja de Cr\$ 2.500 o valor do litro do leite na produção, um latão de 30 litros valerá Cr\$ 125.000; sendo o valor da ORTN em dezembro de 70.613,67, isso significa que um latão de 30 litros de leite equivale a 1,77 ORTN. Dando-se pequenos descontos para o leite "de indústria e de excesso", 10 a 20%, teremos as equivalências para esses tipos de leite.

Assim, um produtor que remeteu 6.000 l de leite de cota no decorrer do mês 60.000

($\frac{60.000}{120} = 500$) na realidade entregou

500 120 latões de leite ou 212,4 (120 x 1,77) ORTNs. A mesma conta pode ser feita com o leite de excesso e acrescentada à primeira. Conhecido o total de ORTNs fornecido basta transformá-los em cruzelros para se verificar o valor total do fornecimento.

Desse modo, com os reajustes mensais do valor das ORTNs os produtores teriam reajustados o preço de venda nesse período. Certamente para que a indústria possa cumprir esta medida, os preços de venda ao consumidor terão que ser mensalmente reajustados, o que na verdade pouco vai importar já que tudo isso acontece com todos os demais produtos que vêm para a sua mesa, do consumidor, como ovos, carne, refrigerantes, frutas, etc.

Reajustes periódicos — Desde que a equivalência com as ORTNs leva a reajustes mensais, outros reajustes maiores serão limitados. Isso poderá ocorrer se causas fortuitas vierem alterar profundamente o custo da produção. A equivalência com as ORTNs permitira que os preços do leite flutuem com a inflação.

Estoques de leite

O apoio à produção é sem dúvida o ponto de partida para que se instale no BRASIL uma verdadeira política nacional, pois abre caminho para a criação e formação de estoque, não ocasional como tem ocorrido até aqui, mas programada e com o apoio da produção.

A maior ou menor velocidade na formação de estoques vai depender dos níveis de preços que venham a ser estabelecidos. Naturalmente a produção não se conduz como uma represa onde para jorrar mais água basta abrir comportas. Não, ela funciona hoje contida, podendo rapidamente dar muito mais do que está produzindo. Em pouco tempo poderá render mais, pois os produtores sabem que melhor alimentando suas vacas e criando menos bezerros, mais leite pode ser obtido, é uma questão de valores.

No entanto, um grande aumento na produção, capaz de dobrar a atual, demandará mais tempo, porém os produtores brasileiros têm condições para isso e logo atingirão volumes satisfatórios.

Os estoques de leite podem e devem ser feitos à base de leite em pó, enacado, que é a forma mais prática de realizá-los. A indústria brasileira tem condições para destinar grandes volumes de leite e se necessário em pouco tempo poderá ser ampliada. No entanto caso necessário e até seria bem recomendado, pode-se e tocar queijo tipo parmesão e manieira congelada em blocos, tal como ocorre em outros países. Essa variação nos estoques poderia facilitar os planos assistenciais que devem acompanhar esta política.

Quais os recursos necessários para a formação de estoque? Evidentemente não

são assustadores porque já se tem praticado essa medida e sua ampliação não implica em recursos exagerados. Naturalmente para que o plano funcione se impõe a instalação de armazéns próprios do Governo e flexibilidade suficiente para que os pagamentos das compras se façam dentro dos prazos normais de trabalho, sem atrasos.

Esses estoques teriam a finalidade básica de assistência e para socorro em calamidades e não como tem acontecido, para concorrer com o abastecimento normal, forçando o abaixamento de preços.

Promoção educacional permanente

Há tempos foi desenvolvida uma campanha promocional visando aumentar o consumo de leite. Seus resultados foram bastante úteis pois hoje, passado um bom período em que cessaram essas atividades, verifica-se que aumentou o consumo médio de leite nos principais centros urbanos das zonas sudeste e sul onde se desenvolveu a campanha.

Sabe-se que os custos desse trabalho são elevados, mas os produtores e industriais movimentam recursos suficientes para desenvolver tais campanhas, mormente se for atendido o presente apelo de instalação de uma nova política para o leite.

Foi lamentável que se interrompesse o trabalho iniciado, pois, sua utilidade é permanente. Como é fácil verificar, a marcha do desenvolvimento da população é contínuo. Todos os anos tem novos contingentes de crianças que entram para as escolas e devem ser instruídas sobre o valor do leite; os que atingem novos níveis escolares podem absorver mais conhecimentos. Casamentos e formação de novas lares ocorrem diariamente, novas mães surgem também e todos esses contingentes podem e devem ser alcançados por promoções adequadas para aumentar o consumo.

A instalação de novas usinas de beneficiamento que tanto precisamos, pois elas faltam em todo BRASIL, notadamente no nordeste, precisamos de um apoio para se desenvolverem, e que só pode ser dado por trabalho educacional especializado.

Esta tarefa, que não pode e não deve ser exercida pelo Governo está a espera de produtores e industriais os quais precisam se reanimar e tomar a iniciativa novamente, caso seja alterada a atual política do leite.

Metas

Os responsáveis pelo abastecimento de leite e seus derivados no BRASIL e bem assim os produtores se encontram hoje numa posição que nem todos avaliam. Ou permanecer como chegamos até aqui, criando comissões, discutindo preços para os próximos meses ou quanto de leite em pó teremos que importar ou então assumindo o problema, arregaçando man-

gas e partindo para sua solução. Não há a menor dúvida que esse é o desejo de incontáveis brasileiros que assistem envergonhados essas importações e todos os dias se perguntam porque não se resolve esse problema, porque o BRASIL tem todas as condições para produzir o suficiente para seu consumo e até exportar?

Quando se deseja realmente desenvolver um programa de trabalho é normal marcar metas a atingir. Tudo isto que foi exposto até aqui permite concluir que produtores de leite e a indústria de laticínios pelo que já realizaram podem perfeitamente estabelecer metas a atingir desde que se assegurem os meios para tanto. O consumo médio por habitante de 73 kg de leite fluido por ano e outros 73 kg sob a forma de derivados (0,400 g por dia) não é meta impossível de ser atingida. Basta decisão e obstinação.

O quadro 12 mostra um resumo de metas que sem dúvida poderemos alcançar se a produção for apoiada, organizada e assistida; se a indústria for apoiada e incentivada e se o consumidor for instruído e respeitados seus direitos de se abastecer com produtos de boa qualidade.

A melhor qualidade do leite C pode e deve ser buscada, sem a abolição dos diferentes tipos de leite previstos na legislação. Sem dúvida ela sequer pode ser cogitada enquanto persistir a atual política de preços. Mas, desde que adotada uma política de apoio à produção, as metas podem ser adotadas, progressivamente medidas para garantir uma qualidade satisfatória para o leite C. Começando pela limitação do tempo entre a refrigeração e a pasteurização — afastando o leite de longas distâncias; abolindo a reidratação, que quando indispensável, só deve ser com conhecimento do consumidor, substituindo-se nesses casos os rótulos de "leite especial" ou "leite C", para "leite reconstituído". Exigências de tempo para o leite C no momento do transporte fazenda-campo de refrigeração é outra medida que se complementada com adoção da prova da redutase; refrigeração na fazenda e esterilização de vasilhame podem acelerar o melhoramento da qualidade deste tipo de leite.

V — Consumo subsidiado — assistência social

A experiência de muitos anos vem demonstrando que por mais severas que sejam as comissões de preços, para procurar favorecer os consumidores, sempre um contingente, cada vez maior de pessoas, deixa de consumir leite e notadamente crianças. Se o problema tem aspectos educacionais de consumo, em muitos casos, no entanto, toma um outro sentido, em uma não pequena parcela da população, que é o da falta absoluta de recursos para adquirir leite ou seus derivados.

Infelizmente e os fatos estão à vista, por mais que as comissões de preços pro-

curarem assegurar os preços do leite, o consumo médio aumenta muito lentamente ou simplesmente não aumenta.

Assim, pois, do que foi debatido nos capítulos anteriores, concluiu-se que três fatores contribuem para um baixo consumo individual:

- a) falta de recursos para adquirir leite e ou seus derivados;
- b) pouca informação sobre a importância desses alimentos para crianças, adultos e velhos;
- c) falta de um serviço regular de abastecimento face ao limitado número de usinas de beneficiamento existentes no país.

Essas causas são bastante sentidas e se no norte e nordeste elas aparecem com mais intensidade nem por isso deixam de

o Governo contasse com estoques suficientes, como não seria útil a distribuição subsidiada destes queijos à população que dificilmente poderia alcançá-los? E a manteiga talvez até fosse um luxo nas atuais condições de miséria em que nos encontramos, mas certamente seria altamente saudável fazer este alimento ocupar o seu lugar na alimentação de crianças, em grande parte hoje substituída pela margarina.

Entim, como o assunto foge à produção e industrialização do leite e derivados e entra na parte assistencial, espera-se que havendo estoques será fácil definir como atender aos que necessitam.

Os recursos aplicados em estoques podem voltar parcialmente, no caso de consumo subsidiado ou serem a fundo per-

Qual a verba a reservar para estoques? Ela vai depender de dois fatores básicos: a) existência de excesso de produção no período que se considerar e b) intimamente interligado ao item a), da política de preços adotada para os produtores.

Presentemente, isto é, em janeiro de 86, o quadro é sombrio, pois as pastagens estão seriamente prejudicadas pela seca no Estado de São Paulo e sul de Minas. Além disso pela condução do mercado até aqui, há pouco ou nenhum interesse em aumentar a produção, pois os criadores não acreditam no futuro do seu negócio.

Como se conclui, é difícil prever quanto se poderá estocar em 1986.

Distribuição dos produtos doentes ou subsidiados

Compreende-se que não será fácil cumprir com justiça e rigor esta tarefa. Os levantamentos iniciais deste trabalho, no capítulo referente ao consumo mostram com bastante evidência onde há maior carência, onde é menor o consumo de leite. No entanto, mesmo nas regiões Sudeste e Sul onde o consumo médio é maior, nas periferias das grandes cidades, notadamente São Paulo, Rio e Belo Horizonte, há muita miséria e o consumo de leite é baixíssimo ou inexistente.

Ao que tudo indica os locais centrais para onde devem convergir as atenções na tabela de distribuição das doações ou venda subsidiada, são as creches, asilos e escolas. Um grande reforço na merenda escolar pode e deve ser buscado.

A direção deste trabalho, poderia e deveria ficar centralizada num CONSELHO CENTRAL DE ADMINISTRAÇÃO, auxiliado por Conselhos Regionais ou Estaduais, apoiados por sua vez nos Conselhos Municipais. Certamente estes Conselhos deverão participar dirigentes de entidades assistenciais e religiosas.

Como se pode imaginar esta não é tarefa simples e exige a colaboração desinteressada de muitas pessoas até que as doações cheguem ao seu destino.

Resumo

Com a participação do seu corpo técnico, sentindo os graves problemas que afligem e ameaçam de quase extinção a pecuária leiteira, a ABC oferece aos poderes constituídos, aos serviços de controle de preços em particular, sugestões de como estabelecer uma verdadeira política nacional de produção do leite.

Em cinco capítulos são abordados os assuntos que englobam o abastecimento de leite e seus derivados como seja: consumo, produção, industrialização e comércio, política proposta e consumo subsidiado ou doações.

Inicialmente são feitas considerações em torno dos dados estatísticos reais fornecidos pelos órgãos fiscalizados considerando a produção e consumo de leite fluido e de derivados em 1983. Verifica-se por essa análise que a produção total de leite nesse ano foi de 7,6 bilhões de li-

QUADRO 12 — METAS QUE PODEM SER FIRMADAS SE ATENDIDAS AS SUGESTÕES PROPOSTAS

	Previsão de População do BRASIL (1)	Consumo médio de leite e derivados		Produção necessária para atender ao consumo
		Diário	Ano	
1985 —	135.564	0,169	61.685	8.362.000
1986 —	138.614	0,174	63.510	8.803.000
1987 —	141.733	0,184	67.160	9.519.000
1988 —	144.922	0,197	71.905	10.420.000
1989 —	148.182	0,214	78.110	11.575.000
1990 —	151.516	0,235	85.775	12.996.000
1991 —	154.825	0,260	94.900	14.702.000
1992 —	158.411	0,289	105.485	16.710.000
1993 —	161.976	0,322	117.530	18.376.000
1994 —	165.620	0,360	131.400	21.762.000
1995 —	169.347	0,400	146.000	24.725.000

(1) Taxa de crescimento do IBGE — 1,0225.

ser evidentes no Sudeste e Sul, onde as periferias das cidades abrigam toda sorte de problemas. Que o digam os arredores de São Paulo que abrigam mal ou bem quase 4 milhões de retirantes.

Ao se decidir agora a doação de leite para crianças filhas de pessoas que ganham até 2 salários mínimos, certamente aí se incluirão também aqueles que não tem qualquer renda. Esta medida, sem dúvida tem todo apoio da nação e será lamentável se não puder ser cumprida por falta do produto. Como, porém a fome não é momentânea e sim se renova continuamente é de se esperar que com o decorrer do tempo se organizem os serviços de distribuição e, a produção.

Ao iniciar este trabalho pensava-se apenas em recomendar um conjunto sub idado, isto é, revenda de leite C com 3,2% de gordura por preço 50 ou 80% coberto por recursos da União. O leite reconstituído apareceria onde não fosse possível contar com leite C. Poderia ser feita distribuição subsidiada ou doação de leite em pó, integral ou padronizado a 3,2%, em sacos, onde não fosse possível a entrega de leite C ou reconstituído, como por exemplo para consumo em zonas rurais, ilhas, etc..

Na sugestão de formação de estoques está também a idéia de se armazenar leite sob a forma de queijo tipo parmesão. Se

dido, principalmente nos casos de seca ou de inundações tão frequentes no BRASIL quando populações inteiras, às vezes, ficam sem alimentos por dias, semanas ou meses. Os estoques estratégicos serão úteis nessas horas.

Como a fome é uma constante nas classes pobres, o que se deseja não é a distribuição de leite ocasionalmente e sim num serviço regular, permanente. Como calcular as necessidades nacionais não é simples, e talvez seja mais difícil prover recursos para cobrir as doações ou os subsídios. A verdade é que é indiscutível a necessidade de se ocorrer a população pobre, mas não por dias mas sim por anos seguidos. Que programas foram feitos para atender à tais objetivos?

O Governo da União acaba de reservar substanciais verbas para atender à doação de leite. Sem dúvida muito trabalho e muita dedicação deverá acompanhar estas doações para que realmente cheguem diárias ou periodicamente aos que lhes é endereçada. A experiência que se tem no BRASIL de não poucar doações deste tipo não é boa, pois já houve toda sorte de desvios, interferências impedindo que os benefícios chegassem aos necessitados. As secas do nordeste já tiveram muitos exemplos e os habitantes do sul, pelo noticiário sabem que existiu uma velha indústria no norte que se chama "seca".

tros, dos quais 5,2 foram consumidos na forma de leite fluido e 2,4 como derivados do leite. Estes dados mostram que o consumo médio foi de 42,1 litros de leite fluido por ano por pessoa ou 0,115 l por dia. Sob a forma de derivados foi de 19,2 l por ano por pessoa ou 0,052 l por dia, perfazendo um total de 61,3 l por pessoa por ano ou 0,167 por pessoa por dia. A distribuição desse consumo nas diversas regiões do BRASIL mostra enormes diferenças entre o Sudeste e Sul e de outro lado o Norte, Nordeste e Centro Oeste, estas últimas com consumo irrisório. São feitas comparações com o consumo no exterior e comentadas as consequências.

Analisando os problemas da produção, afirma-se a boa situação da tecnologia brasileira possibilitando a obtenção de satisfatório volume de leite para as necessidades da população desde que sejam asseguradas condições econômicas de trabalho. Referências são feitas ao gado leiteiro utilizado, problemas de forrageamento, instalações e equipamentos, mão-de-obra. Examinando os custos de produção de leite verifica-se não haver compatibilidade entre adoção de preços para safra e entressafra e regime de cotas, pois a programação da produção leiteira tem que ser anual e não mensal. No período da safra é preciso investir para produzir na entressafra. Dos itens em que se classificam as despesas sobressaem a alimentação que consome de 30 a 58%, os juros de créditos quando existem e a mão-de-obra. Estes itens representam a maior parte do custo de produção do leite. No ano de 85, foram exatamente os preços dos alimentos e mão-de-obra os que mais subiram, sendo o dos concentrados em certos casos o dobro dos índices de inflação.

A industrialização do leite em espécie hoje se destaca como a principal atividade da indústria de laticínios. O desenvolvimento e histórico deste setor é examinado e bem assim a localização dos estabelecimentos no país, ressaltando sua grande concentração no Sudeste e Sul e sua pouca expressão nas outras regiões. É examinada a evolução do setor de derivados e bem assim os problemas de transporte do leite e os inconvenientes das longas distâncias.

As propostas de estabelecimento de uma nova política para a produção de leite tem por base mudar a filosofia das comissões de preços onde a forma mais segura de proteger o consumidor é garantindo a produção e assegurando sua continuidade.

Esse apoio pode ser feito mediante um conjunto de medidas: a) oficialização do regime de cotas, b) equivalência do preço firmado a ORTN e c) reajustes periódicos, quando houver distorções. Com e tais medidas em execução poderá pensar em futuro para a produção, em estoques de leite em pó, de queijo tipo parmesão e de manteiga. A promoção educacional permanente é ressaltada como providência indispensável ao apoio da produção e consumo, feita via produtores.

O trabalho se encerra com apoio às

doações decididas pelo Governo lembrando que além dos necessitados das regiões pobres estão também os das periferias dos grandes centros.

Valor da produção de leite e laticínios

Se considerarmos como de 10 bilhões de litros de leite a produção em 1985, para efeito de cálculo, nos valores de venda de dezembro desse ano, veremos que a produção do leite e dos laticínios atingem 26,4 trilhões assim compreendidos:

— Valor da produção 10 bilhões x Cr\$ 1.600	= 16 trilhões
— Valor do beneficiamento 70% do leite produzido, a Cr\$ 800 ..	= 5,6 trilhões
— Valor da industrialização 30% do leite produzido a Cr\$ 1.600 ..	= 4,8 trilhões
	26,4 trilhões

Conclusões

1.º) É baixo o consumo médio individual de leite no BRASIL. Visto separadamente por regiões verifica-se porém que embora aceitável no Sudeste e Sul é insignificante no Norte, Nordeste e Centro Oeste. As consequências deste baixo consumo estão evidenciadas pela alta mortalidade infantil e reduzido desenvolvimento da juventude. É indispensável aumentar esse consumo.

2.º) A produção de leite tipo C enfrenta dificuldades para prosseguir, embora disponha de condições naturais aceitáveis. A manutenção dos preços para o leite em níveis muito baixos impede e desestimula qualquer iniciativa para permanência e, muito menos, aumento na produção. Os custos de alimentação do gado leiteiro pesam consideravelmente e este item foi o que teve preços mais fortemente inflacionados em 1985.

3.º) A limitada expansão da indústria de laticínios no Norte e Nordeste pode ser apontada como uma das causas do baixo consumo de leite nessas regiões. Apesar das históricas dificuldades da região do Nordeste, pela sua densidade populacional, necessita da implantação de um programa de instalação de usinas de beneficiamento de leite acompanhado de planos de apoio e incremento da produção.

4.º) A proposta de adoção de nova política para a produção leiteira baseada no estímulo à produção, mediante elevação do nível de preço do leite e sua equivalência às ORTNs, dentro do plano de cotas, visa sem dúvida oferecer os incentivos e a autonomia de preços que os produtores necessitam.

5.º) Com base nessa política o Governo poderá estabelecer programas anuais para a formação de estoques de leite em pó, de queijo parmesão e de manteiga saindo da atual dependência de só resolver os problemas de assistência e até de abastecimento regular, mediante importações. Utilizando os reajustes periódicos poderá elevar os níveis de preços e esti-

mular a produção em programas de médio e longo prazos.

6.º) Indispensável retomar e ampliar os programas educacionais de incremento do consumo de leite e derivados com a iniciativa dos próprios produtores, desde que atendidas as sugestões ora propostas.

7.º) A ajuda às classes pobres para que recebam leite para seu sustento, seja gratuito, seja fortemente subsidiado por programas próprios é considerada indispensável. O ideal é que essa ajuda seja feita pelo menos com leite em espécie, tipo C.

preferencialmente e na sua impossibilidade com leite reconstituído, e também em pó, quando necessário. Se acrescida de porções de queijo e manteiga está completado o quadro assistencial.

8.º) Todo rigor deve ser adotado para que os recursos destinados às doações cheguem realmente aos seus destinatários.

9.º) A qualidade do leite tipo C e dos derivados do leite deve ser preservada ao máximo no interesse do consumidor e do produtor.

BIBLIOGRAFIA

- (1) Ação Programada em Alimentos de Baixo Custo para programas Municipais de Alimentação — CEPAM — São Paulo 1984.
- (2) Agricultural Statistics — 1983 — US Dep. of Agriculture.
- (3) Anuário Estatístico do BRASIL — 1984 — Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística — IBGE.
- (4) Boletim Estatístico — Serviço de Inspeção de Produto Animal em São Paulo — SERPA — SP — 1984.
- (5) Consumo de leite no BRASIL — F.A. Rogick, Revista do Instituto de Laticínios Cândido Tostes, Vol. 36, 1982 pg. 35/37.
- (6) Custo da Produção de Leite Especial, SP, fevereiro, junho, outubro 1985 FAESP, Departamento Econômico.
- (7) Custo da Produção de Leite — Fazenda Piedade — Caçapava — 1986 Eng.º sidente da ACEL — SP — 1979. Agrônomo Manoel José de Alcântara.
- (8) Pesquisa de Preços — Departamento Comercial de A.B.C.
- (9) Estimativa de Custo Operacional e Estigência Física de Fatores de Produção de Leite Tipo B e Tipo C no Município de Guaratinguetá, SP — outubro 1985 — Instituto de Economia Agrícola, Secretaria de Agricultura e Abastecimento — S. Paulo.

- (10) Infant Mortality — US Bureau of the Census. World Population — 1983. Statistical Office of the United Nations, NY — Statistical Yearbook.
- (11) Produção e Comercialização do Leite — Gen. Diogo Branco Ribeiro — Pre-
- (12) Produção e Consumo de Leite e Derivados no BRASIL — Otto Frensel — 1979

— Revista do Instituto de Laticínios Cândido Tostes — n.º 211 — Vol. 35 pg. 9/14.

- (13) Produção Higiênica do Leite — F.A. Rogick, Revista do Instituto de Laticínios Cândido Tostes — 1979 205 — Vol. 4 pg 39/40.
- (14) Programas Municipais de Alimentação — Fundação Prefeito Faria Lima — Cen-

- tro de Estudos e Pesquisas da Administração Municipal — São Paulo 1984.
- (15) Relatório de Comissão Interna da Secretaria da Agricultura, sob a Coordenação de Jurandyr de Andrade Frattini (AT/GFC/GSSAA) 05/02/82
- (16) Relatório da Comissão de Leite MF/SEAP/SUNAB, MA/SNAB e CNA — Brasília Nov. 1985.

CONVÊNIO PARA PAGAMENTO DO LEITE DE CONSUMO SOB REGIME DE QUOTAS

Os produtores de leite, industriais e cooperativas do Estado de São Paulo, abastecedores desta Capital, Santos, Campinas e cidades adjacentes convencionam o pagamento do leite pelo regime de quotas, de acordo com as cláusulas abaixo transcritas.

Das finalidades

1.º) O regime de quotas tem por finalidades:

a) possibilitar aos produtores de leite, devidamente registrados e aparelhados para o fornecimento desse produto, em espécie, às cidades, a colocação de quantidades diárias tão uniformes quanto possível, durante o ano, de acordo com as necessidades dos mercados;

b) permitir, às usinas e postos de refrigeração, o recebimento de quantidades de leite tão uniformes quanto possível para atender, de maneira eficiente e à medida das necessidades, o abastecimento dos mercados;

c) instituir normas de trabalho capazes de permitir uma divisão justa e equânime entre produtores, das quantidades de leite enviadas ao consumo;

d) premiar os que mais se esforçam para um melhor abastecimento de nossos mercados.

2.º) Denomina-se quota a quantidade de leite (em litros ou quilos) que, a cada produtor, é dado encaminhar ao mercado consumidor fornecendo às usinas e postos de refrigeração.

Da formação das cotas

3.º) Durante os meses de junho a setembro de cada ano, os produtores formarão suas quotas de produção baseados nos fornecimentos, recebendo, durante este quadrimestre, preço por quota, por todo o volume de sua produção de leite integral próprio para o consumo.

§ UNICO — Se porventura a produção, durante os meses de junho a setembro,

exceder de mais de 10% do consumo, o excedente, acima desta percentagem, será pago ao preço de industrialização feita a verificação mensalmente.

4.º) Para o estabelecimento da quota individual mensal, far-se-á a divisão do total de litros de leite entregue pelo produtor de 1.º de junho a 30 de setembro por quatro (número de meses).

§ 1.º — Findo o quadrimestre, será fixada a quota de consumo, dividindo-se toda a quantidade de leite consumida em espécie durante os meses de junho a setembro e fornecida pelos entrepostos signatários deste convênio na Capital de São Paulo, Santos, Campinas e demais cidades abastecidas pelos signatários deste convênio, passando a quota mensal média, resultante da colocação geral de todas as usinas signatárias, a ser a quota mínima que irá vigorar nos meses de outubro a maio do ano seguinte, para efeito de pagamento aos produtores como leite de quota.

§ 2.º — Nos meses de outubro a maio do ano seguinte, quando a colocação nos centros consumidores exceder a mais de 10% do total do consumo, a quota individual dos produtores, no mês em que isto se verificar, será majorada, proporcionalmente, de acordo com o aumento verificado acima de 10%.

5.º) As organizações signatárias do presente convênio garantirão, às firmas do interior, nos meses de outubro a maio, as quotas de consumo fixadas de acordo com o § 1.º do Art. 4.º.

Da continuidade do trabalho

6.º) No caso de falta nas entregas, em virtude de aparecimento de aftosa no rebanho, devidamente comprovada pela Comissão Central ou seu preposto, durante o período de formação de quotas, poderá ser excluído, para efeito do cálculo da quota, o mês em que a infecção se verificar, dividindo-se, então, o número de litros de leite entregue, nos outros três meses, por três.

7.º) Para efeito do cálculo da quota,

somente será considerado o leite que for declarado bom para o consumo em espécie pelo serviço de fiscalização sanitária ou pela direção da usina, na falta daquele, assegurado ao produtor, neste caso, o direito de controle.

Da transferência das quotas

8.º) Serão feitas as transferências de um fornecedor para os seus sucessores ou outrem segundo as normas permitidas em direito e de uso corrente.

Das remessas

9.º) Quando uma mesma organização contar com várias filiais sediadas no interior, poderá determinar o volume de leite que cada uma deverá exportar, de acordo com seus interesses, sem contudo esta orientação influir no sistema de distribuição de quotas ou excessos.

Da administração das quotas

10.º) O presente convênio será controlado por uma Comissão Central formada por dois representantes dos produtores, um das cooperativas, dois Industriais da Capital, um do interior e um representante do Departamento da Produção Animal, que será o presidente. Os representantes dos produtores serão indicados pela F.A. R.E.S.P.; os da indústria pelo Sindicato da Indústria de Laticínios e Produtos Derivados do Estado de São Paulo, os das cooperativas pela Cooperativa Central de Laticínios.

Dos preços

11.º) O volume de leite referente a quota mínima, inclusive os aumentos verificados nos termos do § 2.º do Art. 4.º,

será pago aos preços estabelecidos para o leite destinado ao consumo em espécie.

§ UNICO — Quando se tratar de usina com abastecimento de leite pasteurizado e exportação de leite refrigerado, ambos para o consumo em espécie, havendo tabelamento diferente para o leite destinado aos diferentes mercados que foram abastecidos, será calculado pela Comissão Central, o preço composto para o mês. Esse preço será estabelecido calculando-se os valores totais do leite destinado a cada mercado, somando-os e dividindo o resultado pelo número de litros de leite encaminhado ao consumo, sendo que este critério somente será aplicado nas cidades em que o preço de consumo local seja inferior ao preço fixado pela Comissão Estadual, para o leite de quota.

12.º) O leite de excesso, nos termos deste convênio, será pago a preços de industrialização.

Das disposições gerais

13.º) Os casos omissos no presente convênio serão resolvidos pela Comissão Central.

14.º) Independente de pedido das partes, a Comissão Central se reunirá mensalmente e sempre que for convocada pelo seu presidente ou por solicitação de qualquer de seus membros.

§ UNICO — As reuniões mensais serão realizadas de preferência na segunda terça-feira de cada mês.

15.º) O presente convênio terá dura-

ção indeterminada a partir de 1.º de junho de 1950, funcionando ainda de acordo com as seguintes cláusulas:

a) no período de outubro a 31 de maio de 1951, excepcionalmente, a quota dos produtores será a de produção formada nos meses de junho a setembro, inclusive, do corrente ano; b) os signatários se obrigam a pagar ou distribuir, em moeda corrente, até o 20.º dia de cada mês seguinte ao vencido, as quantias correspondentes aos preços fixados para o leite de consumo e de industrialização, pela Comissão Estadual de Preços ou órgão que a substitua e de acordo com o presente convênio; c) o não cumprimento do presente convênio por qualquer dos seus signatários desobriga, automaticamente os demais do seu cumprimento; d) o presente convênio poderá ser denunciado, por qualquer das partes, mediante aviso prévio de sessenta dias anteriores ao término de cada ano contratual. São Paulo, 20 de junho de 1950.

Pelos Produtores: F.A.R.E.S.P. — Clovis Salles Santos, Dr. Donato Mascarenhas Filho. **Pelos Industriais:** Otto Jordan S/A Fábrica de Produtos Alimentícios Vigor, Mario Garaldi — Usina Dominio, Helio Moreira Salles — Cia. Leco de Produtos Alimentícios, Silvio Faria Cotrim — Sociedade União de Laticínios Ltda. **Pelas Cooperativas:** João Pinto Antunes — Cooperativa Laticínios Loreta e Piquete Ltda. André Alekmín Filho — Cooperativa Laticínios Guaratinguetá. João M. Nunes — Cooperativa Laticínios Cachoeira Ltda. Domingos Perillo — Cooperativa de Laticínios Santa Branca. Luiz Ribeiro Porto — Cooperativa Central de Laticínios do

Estado de São Paulo. Oswaldo de Aquino Ramos — Cooperativa São José dos Campos. Olympio Azevedo — Cooperativa de Laticínios de Santa Branca. Fausto Braga Villas Bôas — Cooperativa de Laticínios de Pindamonhangaba e de Jacareí. Joaquim M. Tavares — Cooperativa de Laticínios de Taubaté. **Pelo Departamento de Produção Animal:** Dr. Fernando Leite Ferraz — Diretor Geral. Dr. Fidélis Alves Netto — Chefe da Seção de Produção e Beneficiamento do Leite no Interior.

DEFINIÇÃO DE PRODUTOR DE LEITE TIPO C

"Os recantos onde se desenvolve a produção de leite tipo C são, em geral, restos melancólicos dos escombros de uma agricultura falida, que sucumbiu em serras e vales paupérrimos, que caracterizam algumas áreas do País. São regiões onde só o gado mais rústico e primitivo obstinadamente teima em sobreviver, competindo na resistência e na teimosia com o próprio homem dali, o leiteiro, o pequeno produtor, o produtor extremamente mínimo, a escala derradeira da atividade agropastoril".

"Quem quiser ver um exemplo de miséria não precisa entrar numa favela qualquer. Basta visitar alguns sítios da pecuária leiteira paulista que não tiveram opções para outras atividades".

"Do Eng.º Agrônomo PEDRO NELSON CORRÊA GONÇALVES, "A GRANJA", dezembro, 1985".

100. EXPOSICION DE GANADERIA, AGRICULTURA E INDUSTRIA

PALERMO, BUENOS AIRES
República Argentina de 7 a 14 de agosto

A Associação Brasileira de Criadores, a exemplo dos anos anteriores está organizando entre seus associados e pecuaristas mais uma grande e seleta caravana para assistir ao bellissimo espetáculo que é a Exposição de Ganaderia de Palermo, que este ano comemora o seu centenário. Para maiores esclarecimentos dirigir-se a ABC, pelo telefone (011) 826-3022 ou a rua Jaguaribe, 634 — S. Paulo - SP.



TÊM COISAS QUE NÃO DÁ PARA ENGOLIR.

Principalmente se forem inteiras. Mas a Nogueira desenvolveu uma completa linha de máquinas agrícolas que vão desde DESINTEGRADORES, PICADORES E MOEDORES, até ENSILADEIRAS e COLHEDEIRAS DE FORRAGENS que transformam o milho, sorgo, napiê, cana etc. em alimentos picados ou triturados, proporcionando uma ração rica e homogênea.

Mas além de proporcionar uma melhora na qualidade do trato animal, as máquinas Nogueira são muito mais resistentes e racionalizam mão-de-obra, pois são facilímas de serem operadas, podendo ser acionadas por motores elétricos,

diesel, gasolina e também por tomada de força de tratores.

Portanto, quando você pensar em equipamentos para agilizar e melhorar a alimentação de bovinos, equinos, suínos, aves, pense um pouco mais e decida-se pela qualidade e experiência das MÁQUINAS AGRÍCOLAS NOGUEIRA.



Sinônimo de máquinas agrícolas.

ISMÃOS NOGUEIRA S.A. Máquinas Agrícolas e Motores.
Metriz, Rua 12 de Novembro 781 • Caixa Postal 7 • CEP 13970
• ITAPIRA, S.P. BRASIL • Tel. (019) 63-1500
Telex (019) 7380 INOG - BR

Em 1987, Butantã normalizará a distribuição de soro. Por enquanto, só para acidentados

Dentro de um ano, o Instituto Butantã começa a normalizar a distribuição de soros antipeçonhentos — contra picadas de cobras, escorpiões e aranhas. Até lá, a distribuição de soro continuará racionalizada — sendo entregue apenas para os órgãos de saúde governamentais e para uso exclusivo para atendimento de acidentados. Essa forma de distribuição encontrada pelo Instituto Butantã foi a única saída do órgão para atender os acidentados. "Nós estamos administrando a escassez e nestas condições a distribuição do soro deve ser feita apenas para o atendimento de acidentados. Não dá para fornecer a particulares, que normalmente levam o soro e guardam em casa, para prevenir possíveis picadas. Se houver o acidente, agora, a saída é procurar os órgãos governamentais de saúde e ali obter o soro", explica Vera Fischer Pires de Campos, da diretoria do Instituto do Butantã. "Essa forma de distribuição racionalizada foi a forma que encontramos para administrar essa escassez e beneficiar a população. Assim, o soro produzido é usado para tratamento e não para guardar em casa", acrescenta.

De acordo com Vera, a escassez de soro foi provocada por uma combinação de uma série de fatores. Entre eles, a saída, há pouco tempo, do mercado de soro antipeçonhentos da multinacional Sintex do Brasil, Indústria e Comércio, que deixou de produzir os imunobiológicos — soros e vacinas. Na mesma época, o Instituto Vital Brazil, do Rio de Janeiro, reduziu sensivelmente sua produção, atendendo apenas o Estado. "De repente, fomos obrigados a atender toda a demanda de soros antipeçonhentos do Brasil inteiro", relata Vera. "E aí aflorou um problema do próprio Instituto Butantã: a obsolescência do seu laboratório.

Praticamente desde sua criação, o Butantã não investiu na ampliação e nem na modernização do seu laboratório. Assim, o Butantã, que chegou a produzir 160 mil ampolas de soro, estava fabricando apenas a metade", observa. "E a produção de soro não pode ser aumentada do dia para noite".

Há um ano, o Governo de São Paulo e o Ministério da Saúde liberaram grande recurso para a reforma e reequipamento dos laboratórios do Butantã. "Estamos promovendo a reforma completa dos prédios do laboratório, da rede elétrica e da rede de vapor e também dos equipamentos", informa o chefe do setor de produção de soros, Rosalvo Guidolin. Com os recursos liberados, o Butantã está modernizando todo o setor de produção. Guidolin lembra que os investimentos estão sendo altos e atende as exigências do órgão.

Guidolin ressalva, entretanto, que o próprio Butantã teve que racionalizar os gastos e administrar bem os recursos recebidos. "Nós, por exemplo, não fizemos nenhuma nova construção, o que seria o ideal. Com os recursos, estamos fazendo a reforma e adaptação dos prédios, para receber os novos equipamentos dos laboratórios", explica. Segundo ele, o Butantã sofreu também com a inflação, que correu parte dos investimentos. "Fizemos um orçamento para a reforma e compra dos equipamentos. Porém, num quadro inflacionário, o orçamento foi corroído". De qualquer forma, Guidolin considera os investimentos satisfatórios. O técnico não condena o fato do Butantã não ter feito investimento até agora. Segundo ele, o órgão estava dimensionado para atender uma faixa de mercado — o resto seria atendimento por empresas privadas. "Então, de um órgão criado para atender uma faixa de mercado

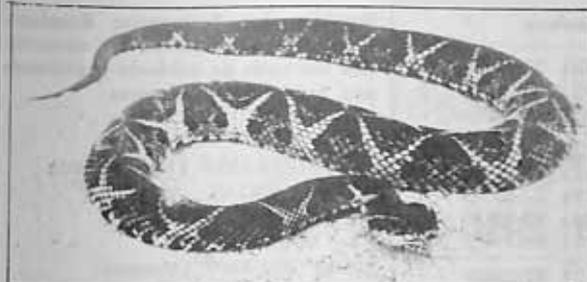
complementar, o Butantã teve que, repentinamente, cobrir todo o país, o que gerou a escassez", observa.

Os primeiros resultados dos investimentos já começam a aparecer. Este ano, a produção de soros antipeçonhentos atingirá 160 mil ampolas, o dobro do volume fabricado no ano passado. Em 1987, a produção voltará a dobrar, atingindo 320 mil ampolas e em 1988, o Instituto Butantã alcançará a capacidade máxima do laboratório, fabricando 380 mil. Segundo Vera, com essa produção e a ampliação da atividade da Fundação Ezequiel Dias, de Minas Gerais, que hoje atende apenas as necessidades do Estado e que no próximo ano passará a cobrir outras regiões e a produção do Instituto Vital Brazil, cobrindo o Rio de Janeiro, a oferta será capaz de atender as necessidades do país. "Esse volume atende apenas os soros destinados ao tratamento humano", esclarece Guidolin. "Para atender o mercado veterinário, a produção, provavelmente, teria que dobrar", esclarece. "Não sabemos o mercado de soros antipeçonhentos para uso veterinário", explica.

Não falta veneno

Com as campanhas desenvolvidas pelo Butantã, segundo Vera, a oferta de venenos para a fabricação dos soros hoje está normalizada. "Nossos serpentários estão cheios de cobras", diz Vera. Assim, segundo ela, a baixa oferta de soros não vem sendo causada por falta de venenos. "O estrangulamento da produção está mesmo no laboratório", esclarece.

De acordo com Vera, há escassez apenas de veneno de duas variedades de cobras, a da coral verdadeira e a da surucucu. Segundo ela, os dois tipos de cobras são de ocorrência rara — menos de 1% das pi-



BOTHRUPS JARARACUSSU — Jararacuçu



MICRURUS FRONTALIS — Coral Verdadeira

cadáveres são provocadas pela coral verdadeira e o número de acidentes com a surucucu é ínfimo, ocorrendo nas zonas de florestas tropicais (Amazônia e Zona da Mata). Segundo informa, 90% das picadas são provocadas pela Jararaca e 9% por cascavéis — daí a razão do grande recebimento dessas variedades. De qualquer forma, diz ela, as cobras devem continuar a ser mandadas. "Encontrando as cobras, o lavrador deve mandar", diz ela.

Segundo Vera, o Instituto Butantã precisa, também, de aranhas e escorpiões para a fabricação de soros específicos. São quatro os tipos mais comuns de aranhas que provocam acidentes: a aranha armadeira, a marron, a tarântula e a caranguejeira. Entre os escorpiões, há dois tipos: o preto e o amarelo. Esses animais podem ser enviados, em caixa própria (o Butantã fornece), gratuitamente pela Fepasa, Rede Ferroviária Federal, Correio Aéreo Nacional e Vasp, ou então pessoalmente. Em troca — tanto para as cobras, aranhas e escorpiões — o Butantã fornece, para cada dois animais, uma ampola de soro. "Porém, nem sempre a troca é efetuada imediata-

mente a entrega", esclarece. "Muitas vezes demora, até que haja soro disponível", acrescenta.

Outro motivo de preocupação do Butantã é em relação aos cavalos, necessários para a produção de soros. (Os venenos são inoculados no cavalo e depois é feito o sangramento. Esse sangue é usado para a fabricação de soros). Segundo Guidolin, o Butantã tem hoje um plantel de 600 equinos em sua Fazenda em São Roque. Parte desse plantel precisa ser renovado periodicamente e com a ampliação da produção o número de animais precisa ser aumentado. Segundo Guidolin, porém é difícil encontrar animais em boas condições de saúde e com peso mínimo de 350 quilos.

"Para comprar animais bons — tem que estar em perfeitas condições físicas e de saúde — temos que percorrer muitas vezes o Estado todo", queixa-se. Segundo Guidolin, o cavalo tem que estar em boas condições de saúde para suportar as inoculações de veneno e depois a sangria. O animal precisa, também, andar bastante, exigindo, assim, boas condições físicas e de saúde. Além de boas condições de saúde e

peso mínimo de 350 quilos, o animal não pode ser muito velho, já que, neste caso, a reação é pequena. "A idade máxima é de 10 anos", informa.

Nestes locais, os soros são encontrados

Para o atendimento de acidentes com cobras, escorpiões e aranhas, o Instituto Butantã mantém à disposição da população, soros específicos em 48 pontos estratégicos no Estado de São Paulo e também junto às Secretarias da Saúde de todos os Estados Brasileiros, que fazem sua distribuição. No Estado de São Paulo, os 48 pontos estratégicos foram distribuídos de tal forma que a distância máxima entre o acidente e o posto é de 100 km. Veja, abaixo, a relação dos postos de Saúde, no Estado de São Paulo, que atendem acidentes com picadas de cobras, escorpiões e aranhas e também os telefones das Secretarias da Saúde dos Estados, onde os soros podem ser encontrados. O Instituto Butantã esclarece que os soros só são fornecidos para o atendimento de acidentados.



CROTALLUS DURISSUS — Cascavel



BOTHRUPS ALTERNATUS — Urutu

Depart. Reg. Saúde	Centro de Saúde	Telefone
Santos F. (0132) 33-6085	Santos Itanhaém Bertioga	(0132) 32-2300 (0132) 92-2541 (0132) 57-1670
São José dos Campos F. (0123) 22-7211	São José dos Campos Taubaté Guaratinguetá Caraguatatuba Cruzeiro	(0123) 22-2012 (0122) 32-2220 (0125) 22-3540 (0124) 22-2200 (0125) 44-1417
Sorocaba F. (0152) 32-0300 H.C. Botucatu 22-0555	Sorocaba Botucatu Avaré Itapeva	(0152) 32-2833 (0149) 22-0666 (0147) 22-0226 (0155) 22-0022
Campinas F. (0192) 31-2466 Hosp. Clínicas — F. 31-1522 - R. 123	Campinas Bragança Paulista S. João da Boa Vista Piracicaba	(0192) 31-2575 (011) 433-2600 (0196) 22-2269 (0194) 22-2019
Ribeirão Preto F. (016) 625-6241 Hosp. Clínicas — F. 634-7020 - R. 190	Ribeirão Preto São Carlos Franca Araraquara	(016) 625-6241 (0162) 71-8144 (016) 722-2333 (0162) 22-2277
Bauru F. (0142) 23-1155	Bauru Jau Lins	(0142) 23-3266 (0146) 22-3166 (0145) 22-1411
S. José do Rio Preto F. (0172) 32-8257	S. José do Rio Preto Catanduva Votuporanga Jales	(0172) 32-3204 (0175) 22-5257 (0174) 22-1915 (0176) 32-1294
Araçatuba F. (0186) 23-7010	Araçatuba Andradina Penápolis Ilha Solteira Mirandópolis	(0186) 23-7010 (0187) 22-3951 (0186) 52-0122 (0187) 61-2329
Presidente Prudente F. (0182) 22-2522	Presidente Prudente Presidente Epitácio Rosana Dracena Teodoro Sampaio	(0182) 22-2402 (0182) 81-2211 — (0188) 21-3151 (0182) 82-1188
Marília F. (0144) 33-8899	Marília Tupã Ourinhos Assis	(0144) 33-1202 (0144) 42-1142 (0143) 22-4342 (0183) 22-2879
Registro F. (0138) 21-2533	Registro Pariquera-Açu Iguape Cananéia Apiá Barra do Turvo	(0138) 21-1454 (0138) 56-1300 (0138) 41-1444 (0138) 51-1419 (0155) 52-1222 —
Barretos F. (0173) 22-3425	Barretos	(0173) 22-3316

Relação das Secretarias Estaduais de Saúde que deverão ser contactadas em caso de acidente ocasionado por animais peçonhentos:

- 1 — ACRE
(068) 224-4597 (Rio Branco)
- 2 — ALAGOAS
(082) 221-6151 (Maceió)
- 3 — AMAPÁ
(096) 222-2107 (Macapá)
- 4 — AMAZONAS
(092) 237-7900 (Manaus)
- 5 — BAHIA
(071) 231-4343 (Salvador)
- 6 — CEARÁ
(085) 231-6666 (Fortaleza)
- 7 — DISTRITO FEDERAL
(061) 225-0070 - R. 2661 (Brasília)
- 8 — ESPÍRITO SANTO
(027) 225-8352 (Vitória)
- 9 — GOIÁS
(062) 249-0439 (Goiânia)
- 10 — MARANHÃO
(098) 221-2526 (S. Luís)
- 11 — MINAS GERAIS
(031) 224-4000 (B. Horizonte)
- 12 — MATO GROSSO
(065) 313-2584 (Cuiabá)
- 13 — MATO GROSSO DO SUL
(067) 382-6646 (Campo Grande)
- 14 — PARÁ
(091) 225-0933 (Belém)
- 15 — PARAÍBA
(083) 222-3222 (João Pessoa)
- 16 — PARANÁ
(041) 223-5718 (Curitiba)
- 17 — PERNAMBUCO
(081) 231-2827 (Recife)
- 18 — PIAUÍ
(086) 222-1932 (Terezina)
- 19 — RIO GRANDE DO NORTE
(084) 223-5544 (Natal)
- 20 — RIO GRANDE DO SUL
(0512) 23-6110 (Porto Alegre)
- 21 — RIO DE JANEIRO
(021) 551-7697 (Rio de Janeiro)
- 22 — RONDÔNIA
(069) 221-0843 (Porto Velho)
- 23 — RORAIMA
(095) 224-2520 (Boa Vista)
- 24 — SÃO PAULO
(011) 211-8211 (São Paulo)
- 25 — SANTA CATARINA
(0482) 33-9535 (Florianópolis)
- 26 — SERGIPE
(079) 222-0179 (Aracaju)

Obs.: Os Centros de Saúde, em sua maioria, mantêm a quantidade necessária para atendimento de um acidente no "Pronto Socorro Municipal" ou na "Santa Casa" local.

Moscas provocam perdas de produtividade na pecuária e avicultura

Elisairio E. do Couto

Elas são mais de 150 mil espécies espalhadas pelo mundo e estão presentes desde as regiões polares e grandes altitudes, até as áreas desérticas e centros urbanos. Uma característica em comum: são sempre encontradas em locais onde se acumulam materiais em decomposição, estejam eles em residências, estábulos, granjas, mercados ou feiras-livres. E proliferam rapidamente: as fêmeas — milhares delas — em seu curto ciclo de vida (40 a 50 dias) chegam a realizar seis posturas de até 120 (em algumas espécies, 200 a 300) ovos cada uma. E o pior de tudo: além dos prejuízos econômicos que trazem, as moscas são grandes disseminadoras de doenças provocadas por vírus, protozoários, bactérias e germes.

Incluída na ordem dos dípteros (onde estão também os pernilongos, os borrachudos e as mutucas), a mosca é considerada como o mais importante dos insetos. E também um dos mais prejudiciais. O dr. José Henrique Guimarães, do Museu de Zoologia da Universidade de São Paulo, lembra que os estágios larvais, em desenvolvimento nas fezes dos animais ou em outras matérias contaminadas, ingerem bactérias patogênicas, que persistem na fase da pupa, até o estágio adulto. "Nesta fase, também as pernas pilosas funcionam como veículo de microorganismos. A possibilidade de contaminação cresce ainda mais, porque no processo alimentar (baseado em matérias orgânicas encontradas) a mosca frequentemente regurgita líquido da glândula estomacal, para umedecer o alimento e ingeri-lo mais tarde".

O ciclo evolutivo das moscas, a partir do ovo até a forma adulta, dura em média de oito a vinte dias, em condições climáticas favoráveis. Do ovo eclode uma pequena larva, que se alimenta de material orgânico que estiver disponível. Ao atingir seu desenvolvimento máximo, esta larva começa a endurecer o seu tegumento externo e se transforma em pupa, da qual, alguns dias depois, eclode uma mosca jovem. A forma adulta vive em média 40 a 50 dias.

Moscas de todo tipo...

Certas espécies de moscas apresentam alta capacidade de adaptação às condições ecológicas criadas pelo homem nos processos de urbanização. Esta capacidade de adaptação, chamada de sinantropia, pode ser notada em certas moscas (mais exatamente a "*Chrysomya chloropyga*" e a "*Chrysomya albiceps*"), que chegaram ao Brasil em torno de 1975, trazidas da África por imigrantes angolanos e que estão presentes em granjas de criação de aves, suínos, feiras-livres e em "lixões" ao redor das cidades, preocupando os cientistas por sua importância epidemiológica na transmissão de doenças entéricas, poliometite e parasitas intestinais.

No entanto, a mais conhecida das moscas e a mais adaptada à convivência com o homem (e, também, a que maiores incômodos causa nas residências) é a mosca doméstica ("*Musca doméstica*"), vivendo dos detritos produzidos pelo homem. A

mosca dos estábulos ("*Stomoxys calcitrans*"), frequentemente confundida com a doméstica, é hematófaga e suga o sangue de bois, carneiros, cavalos, cães e até do homem, com uma picada irritante, debilitando e diminuindo sua produção de leite ou carne. As pequenas moscas domésticas ("*Fannia canicularis*") que assentam em fios e objetos suspensos, são acusadas de transmissoras de doenças intestinais e urinárias no homem. Já a mosca das bicheiras ("*Cochliomyia hominivorax*") escolhe as feridas dos animais para proliferar. No norte do Brasil, uma espécie hematófaga, a mosca dos chifres (ou "*Haematobia irritans*") está atacando os rebanhos em grupos de até quatro mil moscas por animal, provocando rápida perda de peso dos bovinos.

As moscas têm causado prejuízos também em granjas avícolas, quando suas larvas tornam o esterco das poedeiras muito líquido e sem valor para a comercialização. A liquefação do esterco aumenta a produção de amônia, fator de grande favorecimento no aumento das doenças respiratórias. Os vômitos e fezes das moscas obrigam a sucessivas lavagens dos ovos, com risco de quebra e diminuição da sua longevidade. As moscas também incomodam os trabalhadores, tornando seu trabalho menos produtivo e mais difícil. As principais doenças transmitidas nessas granjas são as verminoses, as doenças bacterianas e virais. A propagação de moscas nos arredores das granjas causa prejuízos à comunidade e cria a necessidade de janelas teladas e aplicação de inseticidas domésticos.



Métodos de combate

Para Vicente do Amaral, diretor da Divisão de Patologia Animal do Instituto Biológico de São Paulo, os cuidados sanitários são essenciais e muita atenção deve ser tomada com a aplicação de inseticidas, que podem provocar a resistência do inseto ao remédio, tornando-o menos eficiente. O dr. Ângelo Pires do Prado, pesquisador da Unicamp, lembra a importância da preservação dos inimigos naturais das moscas, eliminados quando da utilização indiscriminada de inseticidas: "Os predadores de ovos e de larvas de moscas e os parasitóides que atacam a pupa das

moscas, impedindo a metamorfose e aparecimento dos adultos, são responsáveis pela destruição de 98% das larvas e pupas de mosca existentes no esterco. Só 2% escapam e vão dar origem as formas adultas que recolonizarão o esterco das aves". No Instituto Biológico, a médica veterinária Thais Vaz Bruno está estudando estes efeitos e procurando formas de aumentar a utilização de inimigos naturais destes insetos no controle das pragas. "Procuramos integrar o uso de métodos químicos e naturais", resume ela.

Granjeiros, sanitaristas e fazendeiros têm se empenhado em encontrar um método adequado de controle, através de pulverizações ou de iscas inseticidas, de controle biológico, da aplicação de cal virgem ou serragem no esterco e mesmo através da remoção periódica do esterco. Os resultados obtidos são discutíveis, em razão das dificuldades de manejo, curto período de proteção oferecido e alto custo dispendido. A presença de moscas e o combate convencional com pulverizações do meio ambiente incomoda os animais, dificultando sua alimentação e descanso, com perda de peso e diminuição da produção de ovos e leite, além dos riscos de intoxicação e contaminação da ração, dos próprios animais e dos alimentos que produzem. Além do mais, já foi comprovada, no Brasil, a resistência das moscas a produtos a base de clorados, fosforados, carbamatos, piretróides etc.

A constatação dos técnicos e pesquisadores é a de que a otimização dos resultados será obtida com a uti-

lização, em conjunto, de métodos mecânicos, biológicos e químicos. O dr. Ângelo Pires do Prado chama a isto de um "programa integrado" e dá alguns conselhos básicos: "Efetuar o manejo adequado dos excrementos, dos cadáveres dos animais e, nas granjas, dos ovos quebrados; verificar o vazamento de água nos bebedouros, que favorecem o desenvolvimento de larvas de moscas domésticas, em consequência do umedecimento das fezes; e secagem das fezes (as formas larvais não se desenvolvem com umidade abaixo de 10%". A retirada total do esterco é outra forma de reduzir o problema. Isto deveria ser feito semanalmente, em granjas avícolas. O custo, a queda de produção em virtude da excitação provocada na operação de limpeza e, principalmente, o desequilíbrio biológico provocado pela eliminação dos ácaros, besouros e outros inimigos naturais das moscas impedem, na prática, esta providência.

O controle adequado das moscas em propriedades rurais deve utilizar métodos físicos, biológicos e químicos, em conjunto. Os técnicos recomendam manejar o esterco dos animais adequadamente e controlar o desenvolvimento das larvas, preservando-se os inimigos naturais; remover outros focos de criação de moscas (fossas abertas, lixeiras, materiais orgânicos em decomposição) e utilizar produtos específicos com bases químicas e modos de ação diferenciados, de forma alternada e por períodos curtos, combatendo moscas adultas e larvas, simultaneamente.

Anuncie seu produto, reprodutor ou evento na "REVISTA DOS CRIADORES"

Editora dos Criadores Ltda.

Rua Venâncio Aires, 31 — Água Branca

Importância de árvores e bosques nas pastagens

Ronaldo de Oliveira Ercornação¹
Wilson Werner Kollar²

A existência de árvores no interior das pastagens traz grandes benefícios, quer seja para o gado, quer seja para a fauna silvestre. A manutenção de um bom equilíbrio entre estas duas comunidades permite a otimização dos benefícios advindos do sistema.

Nos dias de calor mais intenso, principalmente, durante as horas mais quentes, os animais procuram reduzir os efeitos da radiação solar e altas temperaturas do ar, abrigando-se nas sombras das árvores, descansando, ruminando ou mesmo, pastando desde que haja forragem disponível nestas áreas sombreadas. Por outro lado, existe uma fauna silvestre que, em grande parte, depende quase que exclusivamente de insetos para sua alimentação. As pastagens abrigam insetos em abundância, mas para se nutrir deles os predadores necessitam de abrigo, o que não é encontrado em pastos limpos.

IMPLICAÇÕES ECOLÓGICAS

A origem do problema com a cigarrinha-das-pastagens é, hoje, perfeitamente conhecida. A remoção da vegetação nativa, em grandes áreas, para a formação de pastagens cultivadas, resulta no desequilíbrio biológico com consequente aumento populacional dessa praga. Levantamentos populacionais de outras pragas próprias da região, como lagartas e larvas de besouros que, à semelhança das cigarrinhas-das-pasta-

gens, tinham suas populações sob controle natural tem revelado que, a cada ano as infestações de tais pragas são mais severas. Isto mostra claramente o desequilíbrio ecológico resultante em um controle natural menos eficiente. Neste ponto cumpre-nos questionar: "O que deve ser feito para que haja condições favoráveis ao controle natural das pragas?" A melhor resposta a essa pergunta é "Planejar reservas naturais ao formar lavouras ou pastagens".

A manutenção de árvores distribuídas no interior das pastagens oferece ótimos benefícios, embora estes, sejam maiores para o gado do que para a fauna silvestre. Árvores isoladas não oferecem abrigo e alimento suficiente para atrair aves e insetos. Aliás, elas próprias ficam desabrigadas do sol e ventos, o que leva um grande número à morte, particularmente quando o pecuarista adota o uso do fogo na limpeza dos pastos.

Grupos de árvores distribuídas em faixas apresentam uma série de vantagens adicionais, tanto na persistência das próprias árvores quanto nos benefícios gerais para o gado e a fauna silvestre. Neste caso, entretanto, deve-se evitar o amontanhamento de resíduos da destoca, visto que estes favorecem a ocorrência de cobras. As faixas arborizadas podem ser utilizadas em curvas de nível, reduzindo-se com isso a erosão do solo, ou protegendo nascentes e

ursos d'água. Essa proteção, além de contribuir para que a água se torne mais limpa e fresca, ajude a manter o fluxo das vertentes. Além disso, a maioria das aves e outros animais preferem construir os seus ninhos próximos às aguadas.

Os insetos chamados úteis, ou seja, os inimigos naturais das diversas pragas, à semelhança de suas presas, também dependem do abrigo e alimento oferecido pelos bosques. Para aumentar o campo de atuação de todos os membros da fauna silvestre, o que é indispensável para que possa ocorrer o controle natural, a disposição dos bosques no interior das pastagens deve permitir o deslocamento dessa fauna, de um bosque ao outro, com menos perigo de ser percebida e alcançada pelos seus inimigos naturais, como gaviões, cães e mesmo o homem. As condições acima mencionadas requerem a preservação de 3 a 8% da área nativa no interior das pastagens independentemente das demais reservas florestais mantidas em outras partes da propriedade.

Existem alguns inconvenientes na manutenção de bosques nas pastagens, tais como, o aumento, principalmente, de moscas (hematófagas, transmissoras do berne ou de outras míases) e a presença de plantas tóxicas ao gado. Entretanto, esses problemas podem ser controlados por meios específicos, práticos e viáveis, o que não é possível no caso das cigarrinhas-das-pastagens, ou outros



insetos pragas. Por isso, subtraindo-se as desvantagens do total de vantagens, a manutenção dos bosques no interior das pastagens é, sem dúvida alguma, extremamente benéfica.

A preocupação com o futuro da propriedade não é só um capricho, mas uma prova de inteligência e visão administrativa. O proprietário que se propõe a lidar com lavoura, deve ter em mente que eventualmente poderá deixar a lavoura e passar à criação de gado. Nesse caso, os recursos que a natureza oferece deveriam estar preservados nos lugares mais importantes, quais sejam: no alto dos morros, nas encostas e ladeiras íngremes, nas aguadas e pindealbas, ladeando córregos e rios, em volta dos tanques e açudes, e por fim, distribuídas na forma de bosques ou faixas no interior das propriedades. Na falta de arborização nativa, esses são os locais mais importantes para serem recuperados pelo plantio de árvores. Deve-se procurar a utilização da maior diversidade possível de espécies adaptadas

à região, utilizando-se, sempre que possível, aquelas que produzam frutos comestíveis.

DESEMPENHO DO ANIMAL

A introdução cada vez mais crescente de espécies cultivadas com consequente melhoria da qualidade nutricional das pastagens, tem trazido consigo melhor desempenho animal. Entretanto, este melhor desempenho está também associado à melhoria genética dos rebanhos, quer seja por seleção, quer seja por cruzamentos, com raças européias. Isto faz com que a existência de áreas sombreadas nas pastagens seja ainda mais importante.

Mesmo para o zebu, cuja adaptação às regiões tropicais é fato aceito sem contestação, alguns fatores de clima podem levá-los a um desgaste excessivo, comprometendo o crescimento, engorda, fertilidade e produção de leite. Neste aspecto, o sombreamento exerce um importante papel na redução do estresse.

Outra condição importante refe-

re-se às quedas bruscas de temperatura, em geral acompanhadas de ventos, quando se mostra imprescindível a presença de bosques ou capoeiras no interior dos piquetes, onde o gado possa se proteger. Não raramente ocorre a morte de animais em pastagens limpas e desprotegidas, quando da ocorrência de geadas nos estados das regiões Centro-Oeste e Centro-Sul do país.

A falta de abrigos naturais dentro das pastagens também provoca, em momentos de tempestade, maior agrupamento junto às cercas, o que aumenta riscos de morte por descarga elétrica.

Em resumo, pode-se concluir que a existência de pequenos bosques ou faixas de árvores (3 - 8% da área) nas pastagens possibilita maior produtividade do sistema, uma vez que permite um bom equilíbrio biológico e constitui ótima área de proteção para os bovinos.

¹ Pesquisador Ph.D. da EMBRAPA/CNP - Gado de Corte.

² Pesquisador M.Sc. da EMBRAPA/CNP - Gado de Corte.

ICMA

REVENDEDORES
EM TODO O
BRASIL

Super colhedeira de Forragem

- Colhe e Pica qualquer tipo de capim ou forragem (Napie, Colonião, Braquiária, Aveia, Camadã, Estrela e outros).
- Dispositivo para colheita de milho para silagem (Opcional).

- Fácil operação, prática, durável, versátil e econômica.

Consulte-nos: Fone (0192) 64-1121 - ICMA - Indústria e Comércio de Máquinas Agrícolas Campinas Ltda. - Via Anhanguera, Km 114 - Sumaré - SP

Com os Tratores Agrícolas Caterpillar seu investimento rende o ano todo.

Os tratores agrícolas Caterpillar são máquinas para trabalhar o ano inteiro. Nada de ficar na garagem por falta do que fazer.

No preparo do solo para o plantio, o seu melhor aproveitamento da potência gerada pelo motor, permite tracionar implementos mais largos e pesados, atingindo maiores profundidades e, como consequência disso, facilitando o crescimento das raízes e a capacidade de retenção da água. E você sabe como isso é importante em períodos de seca...

Na entressafra você monta a lâmina e abre estradas, faz a conservação das já em uso, constrói açudes e terraços, canais de irrigação e drenagem, enfim, realiza uma série de trabalhos que você não faz com trator de pneus, por melhor que ele seja.

Para isso, a Caterpillar oferece uma ampla escolha de implementos como:

Subsoladores, Escarificadores, Arados de arrasto, Grades médias e pesadas, Grades pulverizadoras, Valetadeiras, Sulcadores-adubadores, Cultivadores, Sulcadores de discos, Plainas niveladoras, Escrepíperes,

Caçambas sem fundo, Lâminas.

Não se iluda com o porte do trator de pneus que você vê por aí. Quanto maior, maior a compactação e o consumo de combustível por hectare preparado.

O seu Revendedor Caterpillar vai lhe provar matematicamente por que um trator é o seu melhor investimento. Que rende o ano todo.



 **CATERPILLAR**

Seu investimento em valor.



O preparo do solo com arados

Eng.º Agr.º GASTÃO MORAES DA
DA SILVEIRA

A aração do solo provoca uma aeração das camadas, permitindo maior introdução de oxigênio e expulsão do gás carbônico que, numa verdadeira respiração do solo, facilita os processos químicos e biológicos de oxidação. Através dessa sequência, é criado, também, um meio mais propício à proliferação dos microorganismos úteis à planta. A decomposição da matéria orgânica incorporada ao solo, encontra ambiente adequado à sua decomposição, transformando-se em húmus de valor excepcional à fisiologia vegetal.

Desse modo, o arado é empregado para quebrar e pulverizar o solo, permitindo que o mesmo apresente as condições físicas apropriadas ao adequado desenvolvimento das plantas.

O trabalho do arado no preparo do solo para as culturas pode proporcionar os seguintes benefícios: consegue-se um ambiente profundo e de boa textura, ideal portanto para o desenvolvimento da planta em todas as suas idades; pelo enterrio da vegetação de cobertura e restos de cultura, adiciona húmus e consequentemente, mais fertilidade ao solo; destrói e evita o desenvolvimento de ervas daninhas; deixa o solo em condições de permitir livre circulação do ar; destrói insetos, seus ovos, larvas, bem como os lu-

gares de seu desenvolvimento; pela fragmentação das camadas aumenta o espaço entre as partículas do solo, o que facilita a retenção de água, ao mesmo tempo em que há um rompimento dos canais capilares, impedindo ou diminuindo a excessiva evaporação de água, proporcionando, assim, maior quantidade de umidade que será posta à disposição das plantas. O arado pode também ser usado para a cobertura de esterco e corretivos aplicados à superfície, permitindo assim que se incorporem ao terreno.

ARADOS DE DISCOS

O arado de discos é o resultado de uma transformação gradual do arado de aivecas, pois visava-se, com sua construção, obter-se maior rendimento e melhor trabalho do ponto de vista agrícola.

Algumas vantagens destas máquinas são responsáveis pela sua preferência por parte da maioria dos agricultores brasileiros: em virtude de sua constituição e funcionamento, pode ser utilizado em terrenos duros e secos, onde a aiveca não consegue arar, como por exemplo antes das primeiras chuvas. Devido à ação cortante dos discos, consegue-se um bom trabalho em terrenos onde existem restos de culturas, vegetação rasteira, adubos verdes ou em solos recém-desbravados. Seu órgão ativo, o disco, é uma ferramenta em forma de calota esférica, feita de chapa de aço, que apresenta um movimento giratório devido ao seu atrito com o solo ao longo do sulco aberto durante o deslocamento do equipamento.

Os arados de discos são mais indicados para solos muito adesivos e pegajosos, em que há dificuldade de



A aração faz um revolvimento superficial do solo



Máquinas

NOGUIMÁQUINAS

Comércio de máquinas e implementos agrícolas
R. Guaicurus, 1192 — Lapa
TEL.: (011) 65-5714



O arado de discos, de engate nos três pontos, é o mais utilizado no Brasil

deslizamento sobre a aiveca. Em solos pedregosos, ou com tocos e raízes, os discos, quando não conseguem arrancá-los ou cortá-los, "rolam" sobre eles com facilidade, sem interromper o movimento, voltando à posição de trabalho em seguida. A compactação do solo pelos discos é menor que a provocada pela soleira das aivecas.

TIPOS DE ARADOS DE DISCOS

No mercado, encontramos arados com 2, 3, 4 e 5 discos tanto de arrasto, como semimontados e de engate em três pontos. O último tipo é o mais utilizado pelos agricultores em geral, sendo portanto, o mais empregado.

O arado deve associar muitos recursos de regulagem, simplicidade de operação, facilidade de manutenção e um bom desempenho em quaisquer condições de trabalho e tipo de solo.

Com uma boa regulagem no arado de discos evita-se uma série de problemas como: maior resistência ao deslocamento do trator, esforços laterais desnecessários, e sobretudo o aumento no consumo de combustível tão caro em nossos dias.

Nestas condições, o arado de discos deve ser multiregulável e para

isso apresenta as seguintes características: suporte dos discos reguláveis, para o ajuste ideal da largura de corte, visando melhor adequação as diferentes bitolas dos tratores e tipos de solos; cubos reguláveis nos ângulos horizontais e verticais, proporcionando grande capacidade de penetração; roda-guia regulável, de ação constante, com ajuste ideal para as mais diversas condições de trabalho; barra transversal tipo ma-



O ideal é que o arado de discos seja multiregulável

NÃO ESPERE POR UMA CHANCE PROFISSIONAL: CRIE VOCÊ MESMO A SUA OPORTUNIDADE TPD/IOB

SEPARATIVO PROGRAMADO A DISTANCIA

20 maneiras de criar novas chances.

- TPDs/IOB: Chefe de Pessoal • Contabilidade e Demonstrações Financeiras • Direito Imobiliário • Custos • Administração de Imóveis
- Processo Civil • Advocacia Criminal
- Cadastro, Crédito e Cobrança
- Marketing - Gerência
- Mercado Logística • Comunicações Verbais • Processo do Trabalho
- Planejamento Empresarial
- Secretária Executiva • Chefe e Liderança
- Administração de Materiais • Auditoria • Código Penal • Vendas • Análise dos Demonstrativos Financeiros • Prática de Finanças nas Empresas

Preencha o cupom abaixo, isolando maiores informações, sem compromisso, e envie o mesmo para o caixa postal 45 323 (CEP 04092) - S. Paulo - SP.

TPDs: _____

Nome: _____

Empresa: _____

Cargo: _____

Endereço: _____

Tel. _____ CEP: _____

Cidade: _____ Estado: _____



Assistência técnica

NOGUEIRA

Comércio de máquinas e implementos agrícolas
R. Gualcurus, 1192 — Lapa
TEL.: (011) 65-5714



FAZENDA FAVACHO

PROP.: José Mario Junqueira Azevedo

Município Cruzília - Estado de Minas Gerais

Fone: (011) 37-0031



nivela, que possibilita variar a largura de corte total dos discos, em função do tipo de solo; torre que resista aos severos esforços a que o conjunto é submetido; cubos com rolamentos cônicos de alta resistência, selados e a prova de água.

Sendo acoplado no engate de três pontos, o desempenho dos arados de discos montados depende não somente do solo mas também do tipo, marca e modelo do trator com o qual irá trabalhar. O acoplamento do arado ao trator é rígido, sendo feito pelos três pontos. Assim o desempenho dos arados de discos montados depende não somente de suas características e regulagens, mas também de dados relativos ao trator como: posicionamento e tipos de lastros, tamanho dos pneus, ajuste de bitolas, condições de funcionamento do sistema hidráulico etc.

Quando em trabalho, dois são os níveis do implemento que devem ser verificados para um serviço perfeito:

o longitudinal, no sentido do comprimento, e o transversal, no sentido da largura. O nivelamento longitudinal é obtido através do terceiro braço ou terceiro ponto. Quanto mais comprido for o terceiro braço, mais baixa ficará a parte traseira do arado, verificando-se assim maior penetração. Quanto mais curto ficar o terceiro braço, ocorrerá o contrário, isto é, maior será a penetração dos discos dianteiros. Logo, para que os discos trabalhem todos à mesma profundidade, é necessário que o arado se mantenha nivelado no sentido de seu maior comprimento.

O nivelamento transversal é obtido do maior ou menor comprimento do braço direito do trator, o qual possui caixa niveladora. Os nivelamentos só são conseguidos após o tratorista realizar o primeiro sulco, pois, na segunda passada o trator já opera com as rodas direitas dentro

dele, devendo-se, então, realizar as regulagens.

A regulagem de profundidade de trabalho normalmente é controlada pelo sistema hidráulico do trator, através do qual se consegue uma profundidade de trabalho uniforme. No comando do sistema hidráulico, a alavanca de profundidade deve permanecer fixa na mesma posição, a não ser que as condições do terreno mudem muito. Em certos casos pode haver uma roda auxiliar de controle de profundidade para ajudar a manutenção adequada em condições adversas de trabalho.

Usam-se, geralmente, a primeira marcha simples ou terceira reduzida nas operações de aração, dependendo das condições do solo: declividade, penetração, umidade. A velocidade do motor varia de 1600 a 2000 rpm. A manutenção destes implementos é relativamente simples, sendo que o usuário deve seguir as instruções contidas no Manual do Operador da máquina.



Peças de
reposição
originais

NOGUIMAQUINAS

Comércio de máquinas e implementos agrícolas

R. Gualcurus, 1192 — Lapa

TEL.: (011) 65-5714

Laudo fundiário do Incra São Paulo

FABIO DE SALLES MEIRELLES

A Faesp nunca se furtou e nem poderá se omitir numa real e decisiva colaboração com o Incra ou qualquer órgão do governo que se proponha a melhor identificar a estrutura ou conjuntura dos dados fundiários e/ou produtivos do Estado de São Paulo.

Tanto isso é verdade que, no passado, sempre houve entendimento recíproco entre Incra/SP e Faesp para o sucesso do primeiro recadastramento geral, previsto em lei e disciplinado através de decreto do presidente da República, e vem participando desses programas do Incra, sendo que o último recadastramento geral — que o Estatuto da Terra prevê para realizá-lo em cinco em cinco anos — foi em 1978.

Já deveria ter ocorrido outro recadastramento geral, pois em 1982 a revisão cadastral foi parcial e dela só participou uma parte do universo cadastral; mesmo assim, a Faesp prestou total e integral colaboração, mobilizando todos os sindicatos vinculados que serviram de postos de recepção das Das/82, num trabalho de apoio aos bancos que se encarregaram, em São Paulo, da coleta dos formulários.

No ano passado, quando se começou a falar em Plano Nacional e Regional de Reforma Agrária, a Faesp e a Sociedade Rural Brasileira defenderam a tese da necessidade do Recadastramento Geral.

A Faesp foi mais além e solicitou formalmente ao Incra que ministrasse um curso de preenchimento do cadastro a todos os sindicatos filiados, com o objetivo de assim, espontaneamente, os produtores rurais filiados pudessem — com a devida orientação do seu sindicato — atualizar suas declarações de cadastro rural — tanto para efeito de lançamento dos tributos de 1986 como para o Incra conhecer a nova realidade, pelo menos dos imóveis produtivos do Estado.

Lamentavelmente o dr. José Ely da Veiga — diretor regional do Incra em São Paulo respondeu negativamente ao pedido da Faesp.

A negativa em ministrar cursos aos sindicatos para que estes pudessem orientar os proprietários rurais para atualizar es-

pontaneamente seus cadastros, sem nenhuma justificativa, teve o respaldo do então diretor de Cadastro e Tributação do Incra em Brasília — Carlos Lorena, recentemente demitido.

O novo Formulário — LAUDO FUNDIÁRIO

A Faesp ao apreciar a viabilidade de participar, com sua rede de sindicatos e técnicos da sua sede, na coleta de novos dados para preenchimento do levantamento proposto pelo diretor regional do Incra de São Paulo, entende que preliminarmente, o Incra deve responder a algumas indagações, quais sejam:

1. Qual o objetivo desse novo levantamento, que não se reveste das formalidades previstas em lei (Lei n.º 5.868/72) que cria o Sistema Nacional de Cadastro Rural e o próprio Estatuto da Terra (Art. 46), isto é, que define o cadastro como declaratório, ao contrário deste novo levantamento que pretende seja feito através de um cadastrador?

2. Seria todo o Estado de São Paulo, ou propriedades previamente selecionadas?

3. Quais os critérios de seleção dessas propriedades que receberiam a visita do cadastrador? O porquê da escolha dessas propriedades?

4. O novo formulário tem perguntas de natureza técnica que só poderiam ser respondidas por agrônomos ou agrimensores.

5. A complementação dos dados cadastrais, isto é, o cadastro técnico previsto no Estatuto da Terra, que poderia ser um levantamento não declaratório, mas feito por cadastrador, não é previsto para as Áreas Prioritárias de Reforma Agrária?

Com a nova posição e decisão do presidente da República, ao aprovar os Planos Regionais de Reforma Agrária, de não delimitar estas áreas, mas considerar todo o Estado — posição esta de grande alcance, para que não se criem ou incentivem áreas de tensão —, não tem o menor sentido, hoje, realizar um levantamento em propriedades selecionadas.

A Faesp é favorável à revisão geral ou recadastramento geral, declaratório, feito pelos proprietários, desde que definidos os objetivos, e aprovados os formulários de cadastramento por instrução especial do Incra aprovada pelo ministro da Reforma Agrária, devidamente publicada no Diário Oficial e com divulgação pela imprensa. Sem esses pressupostos, a Faesp não pode concordar com um levantamento proposto e executado apenas pela diretoria regional do Incra em São Paulo, sem respaldo da nova direção do Incra em Brasília... A Faesp concorda e colaborará, sem restrições, com um recadastramento geral, no qual todos os proprietários tenham possibilidades de fornecer ao Incra os novos dados atualizados dos seus imóveis e desde que conhecedora de como serão tratados esses dados, com prévio estudo e debate dos índices de produtividade e eficiência que serão considerados para a classificação dos imóveis rurais.

6. O que já foi feito, ou o que está sendo feito, em termos práticos pelo Incra, para identificar e promover o levantamento das Terras Públicas, cadastro este previsto na Lei n.º 5.868? A Reforma Agrária, para o governo dar o exemplo, deveria ser iniciada pelas Terras Públicas ociosas.

7. Qual a análise crítica que o Incra formulou a partir de manutenção cadastral, através das atualizações anuais propostas pelos proprietários, quanto à evolução ou não da utilização e eficiência na exploração dos imóveis rurais no Estado? Enfim, qual a avaliação crítica "real" do cadastro de imóveis rurais?

8. Pode o Incra, com segurança, formular política de Reforma Agrária, usando levantamentos diferenciados, como o Censo Agropecuário do IBGE (que trabalha com estabelecimento rural) e o Cadastro de Imóveis Rurais do próprio Incra (que considera o imóvel e não o estabelecimento)?

Parece à Faesp que essas duas entidades (Estabelecimento e Imóvel) não podem ser confundidas, e quem teve acesso ao Projeto de Plano Regional, elaborado

pela diretoria regional do Inca em São Paulo, verifica que em alguns momentos o projeto se vale do Censo do IBGE e noutros do Cadastro do Inca. Para a formulação do Plano Regional de Reforma Agrária, parece que essa questão deveria ser definitivamente equacionada, com a revisão geral do Cadastro do Inca.

A Faesp, como lídima representante dos produtores rurais do Estado de São Paulo, repetimos, não pode nem deve tentar-se de qualquer participação num processo de formulação de uma política de reforma agrária. Todavia, pela dicotomia dos discursos da Diretoria Regional do Inca em São Paulo, do ministro da Reforma Agrária e do próprio presidente da República, considera-se com o legítimo direito de indagar às autoridades da República:

a) Qual a finalidade última de que se reveste este novo levantamento — que, em síntese, é um cadastro camuflado com o nome de laudo fundiário? Até o momento nenhuma autoridade explicitou em documento formal a que objetivo se destina

mais este levantamento, nem fixou as regras de processamento do mesmo.

b) Qual a clientela a que se destina? Como foi feita essa clientela? Quais as categorias de imóveis que contemplará? Há uma classe de área já determinada para participar do levantamento?

c) Como seria a consistência desse levantamento, aplicado apenas a um número específico de imóveis com o cadastro já existente? Que efeitos tributários existiriam em função do laudo fundiário e para vigência em que exercício fiscal? Serviria ele para uma simples atualização cadastral desses imóveis, ou por trás estaria embutida a possibilidade de punição dos proprietários com cobrança complementar e em dobro, caso se constatasse pelo novo levantamento (laudo técnico) uma divergência com o que anteriormente foi declarado no formulário hoje adotado para cadastramento e atualização de dados dos imóveis rurais?

Finalmente, a Faesp não pode embarcar em mais uma "nau sem rumo", sem ter plena ciência a que se destina esse novo formulário — Laudo Fundiário — LF, que

se quer implantar a um determinado número de imóveis no Estado de São Paulo.

São inúmeros os recursos dispendidos com Cadastros Inconclusos, como é o caso do cadastro de proprietários e o cadastro de parceiros e arrendatários abandonados pelo Inca e não mais tratados regularmente.

E o cadastro de terras públicas quando será iniciado, como previsto na legislação que instituiu o Sistema Nacional de Cadastro Rural pela Lei n.º 5.868/72? E o levantamento previsto pelo artigo 7.º do Decreto 91.766/85 que aprovou o PNRA?

A concordância da Faesp é pelo Recadastramento geral, precedido do estabelecimento de critérios, normas e formulários devidamente aprovados por Instrução Especial do Inca, aprovada pelo ministro da Reforma e Desenvolvimento Agrário, lembrando, por oportuno, o "princípio de legalidade", contido no artigo 153, § 2.º da Constituição Federal "ninguém será obrigado a fazer ou deixar de fazer alguma coisa senão em virtude de lei".

O autor é presidente da Faesp.

Cartas

Sobre o artigo "Os mochos e as pelagens e o Gir Leiteiro na ABCZ", escrito por Francisco Teatini, publicado em nossa revista na edição de março/86, recebemos a carta do sr. Carlos Arthur Ortenblad, primeiro-vice-presidente da Associação Brasileira dos Criadores do Mocho Tabapuá, que não concorda com as críticas do nosso colaborador e faz a defesa da ABCZ.

Rio de Janeiro, 24 de abril de 1986
Prezado Senhor,

Em referência ao artigo de autoria do sr. Francisco Teatini, veiculado à página 64, da Revista dos Criadores de março de 86, sob o título "Os mochos e as pelagens e o Gir Leiteiro na ABCZ" temos o seguinte a comentar:

a) O fato de não ser o caráter mocho originário do zebu da Índia não tira os méritos de quem procura este tipo de seleção. Se fôssemos apenas seguir o que se fez naquele país, ainda estaríamos criando animais inteiramente desprovidos de função econômica.

b) Não sei que publicações o sr. Teatini foi buscar para basear suas afirmações, mas creio serem altamente defasadas, pois quando menciona que o caráter mocho pouca participação tem em rebanhos europeus, colide o sr. Teatini com os fatos. Tanto na Europa, Estados Unidos, Austrália, Argentina e Brasil, as variedades que mais tem aumentado numericamente são as mochas. Este fato vem se acentuando a tal ponto de ser a maioria do rebanho da raça Hereford nos Estados Unidos já com a característica mocha.

c) Não pode o sr. Teatini esperar que as variedades mochas das raças Nelore e Gir tenham ainda o mesmo desempenho que as chifrudas, já que estas existem há centenas de anos, ao passo que as variedades mochas são recentíssimas, estando a do Gir ainda com Livro Aberto para Registro Genealógico.

d) Se tomarmos uma raça mocha com apenas quatro décadas, como a Tabapuá, veremos que nos Controles de Desenvolvimento Ponderal, realizadas pelo Ministério da Agricultura e a ABCZ, com todas as raças zebuínas, e em todo o território nacional, logrou a raça Tabapuá ser a grande vencedora destas pesagens, desde que instituída em 1976.

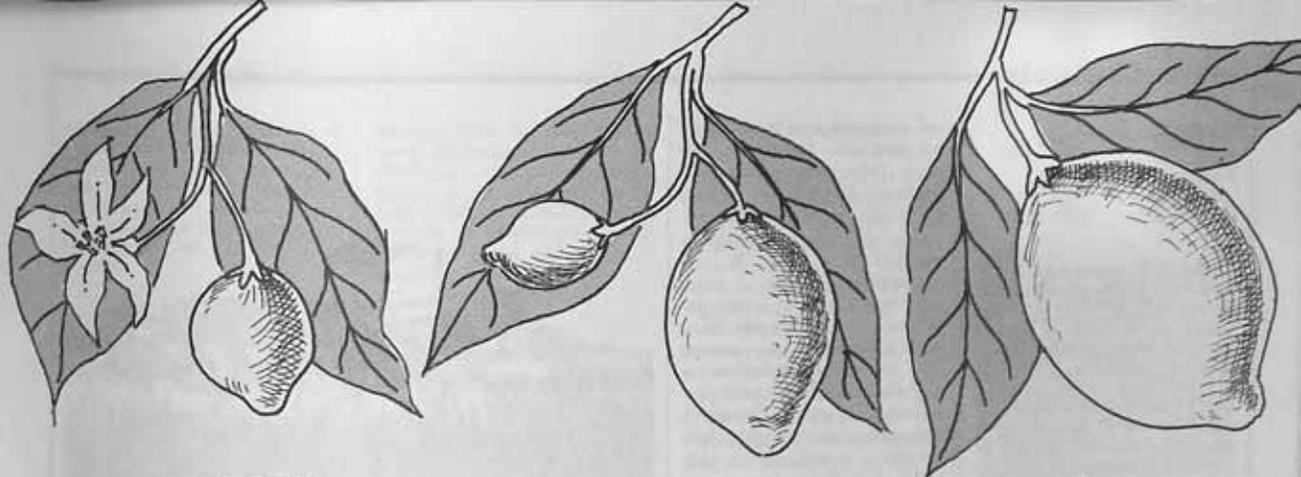
e) Ao atacar a ABCZ, perpetra o sr. Teatini, no mínimo, uma injustiça. Tenho acompanhado, há mais de 15 anos, através dos Conselhos Técnicos das Raças, o cuidado, isenção e descortínio com que tem agido a ABCZ, sempre com o intuito de aprimorar as raças zebuínas e dotá-las do mais elevado padrão genético e da melhor performance possível. Não pode ser a ABCZ imputada, e nem é seu papel, pela melhor ou pior seleção, que façam criadores particulares, cujos méritos ou deméritos são de exclusiva responsabilidade deles. Desconhece o sr. Teatini o processo pelo qual são introduzidas alterações ou adições nos padrões raciais das diversas raças zebuínas. Estas decisões são tomadas em plenário, composto basicamente de criadores das raças zebuínas. Antes da reunião plenária, estes criadores reúnem-se separadamente, em comissão de raça, e estabelecem, por votação, e em ata, suas resoluções sobre os assuntos em curso. Após isto, é que ocorre a reunião plenária, onde, mesmo havendo sido voto vencido na sua comissão de ra-

ça, pode o criador, membro do Conselho, manifestar-se como melhor lhe aprouver. Todas as resoluções são tomadas por voto direto, a descoberto, secretariadas pela ABCZ, e posteriormente referendadas pelo Ministério da Agricultura. Os membros dos Conselhos Técnicos das Raças são, como já disse, criadores das raças que representam, e oriundos das mais diversas regiões do país, formando, destearte, um quadro realmente representativo, e, sobretudo, democrático. Embora não tenha procuração da ABCZ para defendê-la, não pude deixar de manifestar-me, por julgar, com conhecimento de causa, serem injustas e descabidas as afirmações feitas pelo sr. Teatini em relação àquela entidade.

f) Por derradeiro, gostaria de sugerir que o articulista modernizasse um pouco seus conhecimentos zootécnicos, que me parecem um tanto defasados. Desnecessário até, para tal, recorrer-se a zootecnistas estrangeiros, já que os temos de alta qualidade no Brasil. Basta citar estudo do Professor João Barisson Villares, publicado há mais de dez anos, sobre as variedades e desenvolvimento da característica mocha, não apenas nas raças zebuínas, como também nas raças europeias.

g) Não sei que publicações o sr. Teatini foi buscar para basear suas afirmações, mas creio serem altamente defasadas, pois quando menciona que o caráter mocho pouca participação tem em rebanhos europeus, colide o sr. Teatini com os fatos. Tanto na Europa, Estados Unidos, Austrália, Argentina e Brasil, as variedades que mais tem aumentado numericamente são as mochas. Este fato vem se acentuando a tal ponto de ser a maioria do rebanho da raça Hereford nos Estados Unidos já com a característica mocha.

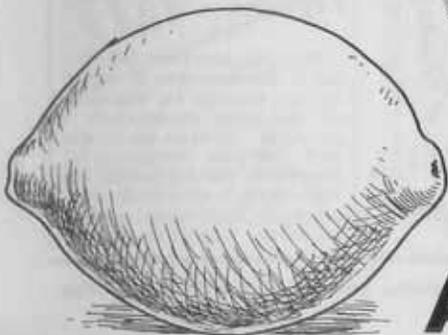
Carlos Arthur Ortenblad
Primeiro Vice-Presidente da Associação Brasileira dos Criadores do Mocho Tabapuá



**Plante seu anúncio
no Suplemento Agrícola.
Você vai colher bons
resultados.**

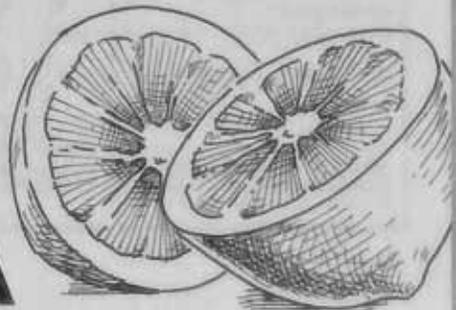
PROPRIEDADES RURAIS ATINGIDAS (*)	
Suplemento Agrícola	89.713
D. Rural	35.918
A Granja	17.943

*Fonte: Pesquisa: "O Homem do Campo" - CBB & A



Para anunciar, peça
detalhes pelos telefones
856-2555 e 856-2558
(Depto. de Publicidade).

SUPLEMENTO
AGRICOLA
O ESTADO DE S. PAULO



Ivomec para Ovinos

Depois do sucesso do lançamento do Ivomec injetável para bovinos, a MSD AGVET coloca no mercado o Ivomec injetável para ovinos. É um produto pioneiro contra parasitoides para ovinos. O medicamento controla, segundo o fabricante, simultaneamente os vermes internos, mesmo as cepas de H. contortus resistentes aos benzimidazóis e as cepas de T. Colubriformis resistentes aos levamisole, e os vermes externos, incluindo Oestrus ovis (bicho da cabeça) e as sarnas sarcóptica e psoróptica.



Mini fábrica de rações

A Máquinas Benedetti, de Espírito Santo do Pinhal, SP, colocou no mercado uma mini fábrica de rações. Segundo a fábrica, esse equipamento é lançado no momento oportuno, já que os produtores de leite, suínos e aves enfrentam sérios problemas com os custos desse insumo. Entende a empresa que, com a incorporação da máquina, o agricultor poderá produzir a sua própria ração na propriedade, baixando seu custo de produção. Além disso, poderá produzir uma ração homogênea e sem contaminação.

Valbazem, ótimas vendas

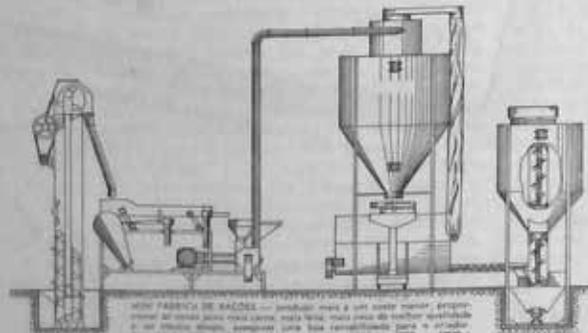
Lançado há pouco tempo, o vermífugo Valbazem 25 Cobalto, com aplicação intra-rumi-

nal, está com grande aceitação no mercado. Segundo a empresa fabricante, o Laboratório Smith Kline Saúde Animal as vendas, neste primeiro trimestre do ano, superaram as expectativas. Além de sua composição — que o torna um vermífugo de amplo espectro e o Cobalto que favorece a produção de vitamina B12 em animais anêmicos — o Valbazem foi bem aceito pelos criadores pela facilidade de aplicação intra-ruminal, facilitando o manejo. Para aplicá-lo, o criador demora, no máximo, um segundo.



Trator Massey mais antigo no Brasil tem 52 anos

É de Cachoeira do Sul o mais antigo trator Massey em



Modelo FABRICA DE RAÇÕES — produzida mais à um custo menor, propaga-se no Brasil desde, porque, para sua fabricação, para a criação. Capacidade: 200 — 300 — 400 — 500 — 600 — 800 — 1000 — 1200 galões por hora. Marca: Trilobos d'África.



O trator Massey Harris, o mais antigo em funcionamento no Brasil.

funcionamento no Brasil. Com rodas totalmente de ferro, pintura gasta, mas em perfeito funcionamento, o trator, após 52 anos de fabricação, estava, ainda, em atividade na propriedade do agricultor Lourenço Scheffel. É um Massey Harris, que será reformado pela Massey Ferguson. O agricultor recebeu, em troca, um novo modelo MF 296. A descoberta do trator Massey mais antigo e em pleno funcionamento foi feita graças ao concurso lançado pela empresa. O concurso repetiu-se em vários países, envolvendo mais de 10 mil proprietários rurais da Inglaterra à Tanzânia, da Suíça à Nova Zelândia. O trator mais antigo foi descoberto em Canadá: é um modelo fabricado em 1918, chassi original número 2. Estava em plena atividade na propriedade rural do sr. Irland Nicholson, de Ontário.

Novo equipamento reduz gastos de energia em laticínios

O Centro de Pesquisa e Ensino Instituto de Laticínios Cândido Tostes desenvolveu um misturador de água e vapor com controle automático de temperatura que permite redução no gasto de energia elétrica. O equipamento, desenvolvido pela equipe do pesquisador Braz dos Santos Neves, é composto de um misturador de água e vapor, um tanque fechado com capacidade para 25 litros, uma válvula termostática, quatro válvulas tipo globo e um termômetro. Nos testes, o equipamento apresentou consumo de vapor de 3,4 a 4,9%. No sistema convencional, de tanque aberto, o consumo é de 15 a 16,2% superiores. O pesquisador atribui essa redução de consumo à redução de perdas de vapor, ocasionada no sistema antigo.

Empresas confirmam participações na Expoflora

Diversas empresas fabricantes e distribuidoras já confirmaram espaços na exposição de máquinas, implementos e produtos agropecuários, que será realizada durante a 6.ª Expoflora, na Holambra, em Jaguariúna, a 40 km de Campinas, de 30 de agosto a 14 de setembro. Conforme os orga-

nizadores, a área destinada a exposição de máquinas, implementos e produtos agropecuários será ampliada, este ano, de 5 para 6 mil m², com espaços individuais de 50 a 200 m². Informações, tel.: (0192) 97-1911.

Yakult compra mais touros importados

Tradicional fabricante de uma linha de produtos derivados de leite e também na seleção de bovinos leiteiros, a Yakult importou, da Semex do Canadá, novo lote de touros de grande potencial genético. Entre eles, estão Roybrook

Tempo, Hill Warden, Butterview Mattador e Hanoverhill Starbuck. Os animais serão usados como doadores de sêmen e no programa de transferência de embriões na fazenda da empresa, em Bragança Paulista.

Alfasepti — creme protetor para úberes

A Divisão Agropecuária da Alfa-Laval Equipamentos Ltda., está lançando Alfasepti, um creme protetor para úberes. Este creme protege o úbere contra infecções e ajuda a cicatrização de feridas e racha-

das. A sua formulação exclusiva contém uma combinação de umectantes e condicionadores da pele para promover um úbere saudável. A camada protetora repele água e sujeira. Alfasepti que é aplicado com facilidade sendo massageado no úbere e nas tetas, também pode ser usado para manter uma boa higiene nas mãos.

Alfasepti é uma pasta cremosa que pode ser usada sem desperdício e vem em embalagem de 500 g.

Maiores informações na Divisão Agropecuária da Alfa-Laval Equipamentos Ltda. — Av. das Nações Unidas, 14.261 — São Paulo — tel.: 548-1311.



**A REVISTA
DOS CRIADORES
EXISTE PARA FALAR
TUDO SOBRE AGROPECUÁRIA**

Editora dos Criadores
Rua Venâncio Aires, 31
Fones: 263-8685 e 263-8400 — São Paulo — Brasil

Um veículo mensal que
tem a preocupação de
prestar serviço ao criador e agricultor.

REVISTA DOS CRIADORES



O Capim Transvala

(*Digitaria decumbens* Stent. cv. transvala)

Eng.º Agr.º M.S. Nelson Ignácio

H. Pupo

Nutricionista

Esta gramínea forrageira pertence à mesma espécie do capim pangola, muito conhecido e cultivado entre nós há longos anos, porém com características algo diferentes que a qualificam como um cultivar que possui qualidades bem superiores e, portanto, tem recebido maiores atenções por parte dos criadores em geral, principalmente dos equinocultores.

A espécie *D. decumbens* é originária da África do Sul, onde era muito encontrada vegetando espontaneamente nas margens do rio Pangola, e foi introduzida no Brasil nos primeiros anos da década de cinquenta, através de mudas provenientes do sul dos Estados Unidos, encontrando condições favoráveis para uma boa adaptação. Entretanto, somente em meados dos anos setenta é que o cultivar *transvala* foi introduzido no Brasil, também proveniente dos Estados Unidos, onde é cultivado desde 1964, através de mudas vindas da província de Transvaal, na África do Sul.

É uma gramínea perene, de crescimento prostrado, que emite estolões finos e compridos para todos os lados, os quais se enraízam nos nós dando origem a novas plantas e acabando por ocupar todo terreno. Cresce rapidamente durante o verão, chegando a atingir 80 cm de altura e recupera-se após o corte ou pastejo, em curto espaço de tempo. Possui alta relação folha/haste, ótima

palatabilidade, bom valor nutritivo (sobretudo protéico) e boa digestibilidade, características estas bastante superiores às do pangola. Não resiste a invernos rigorosos, ocasião em que paraliza seu crescimento e fica com as folhas crestadas. Apresenta pequena tolerância à seca e não se adapta a solos encharcados.

Apesar de não formar macegas acama com muita facilidade ao ser pastejada quando apresenta 40-50 cm de altura. Floresce e frutifica em abundância, porém suas sementes são inviáveis (estéreis), já que apresenta pequeníssima porcentagem de germinação, razão pela qual seu plantio é efetuado exclusivamente através de mudas.

Não é exigente em fertilidade do solo, apresentando produções satisfatórias mesmo nos solos fracos, porém sua produtividade em solos férteis ou adequadamente fertilizados é significativamente superior.

Para o plantio, recomenda-se a utilização de boas mudas, cujas unidades são os colmos do capim com aproximadamente 40-50 cm, retiradas através de ceifas, preferentemente após a ocorrência de chuvas, e plantadas o mais depressa possível no local desejado. O período mais indicado para o plantio está compreendido entre os meses de novembro e fevereiro, de preferência durante as chamadas "semanas criadel-

ras", nas quais fica nublado praticamente todos os dias.

Um pasto de *transvala* bem formado apresenta uma capacidade de suporte média, na estação das águas, de aproximadamente 2 a 3 animais adultos por hectare, devendo-se proceder um manejo baixo. Produz cerca de 40 a 50 toneladas de massa verde/Ha/ano ou 10 a 11 t de feno/ha/ano em 3 a 4 cortes. Em termos de matéria seca, há registros de produções de 9 t/ha/ano.

Proporciona bons piquetes para equinos e bovinos, mas pode também ser utilizado para a produção de feno, aliás, de excelente qualidade.

A análise bromatológica revelou teores de 12,43% de P.B., 36,22% de F.B., 0,80% de Ca e 0,24% de P, na base da matéria seca.

Ao contrário do pangola, o *transvala* é resistente ao vírus do enfezamento (P.S.V.), muito comum na América do Sul e que prejudica sobremaneira aquela gramínea, e também ao nematóide *Belonolaimus longicaudatus* Rau. Com relação à cigarrinha das pastagens, o *transvala* sofre menos que o pangola, já que boa parte da "espuminha" protetora das formas jovens seca com a maior penetração dos raios solares, em virtude do menor ângulo de inserção das folhas com o colmo.

I Exposição Estadual do Cavalo Mangalarga Marchador do Rio de Janeiro

SONIA DIETRICH PAES LEME

O Núcleo do Mangalarga Marchador foi fundado em 18 de julho de 1985 tendo como finalidade principal a união de todos os criadores do Estado do Rio de Janeiro. Sua diretoria é composta, na maioria, de jovens possuidores de um total dinamismo e dedicação à atividade de criação do cavalo da raça Mangalarga Marchador, capazes de pensar, lutar, agir e realizar qualquer atitude em prol da raça. Em contrapartida, esta mesma diretoria também conta com membros que possuem em sua bagagem uma experiência bastante vasta no assunto. Unindo-se estes dois lados da moeda, surgem grandes realizações como foi o 1.º Enduro de animais da raça neste Estado, a confecção de um filme sobre esta raça com vistas à exportação de animais, a organização de palestras e outros eventos. A mais recente promoção do Núcleo foi a cavalgada que promoveu a I Exposição Estadual do Cavalo Mangalarga Marchador do Rio de Janeiro. Na organização destes eventos vimos a vigor e a dedicação desses jovens na luta pelos direitos e objetivos dos criadores de cavalos da raça Mangalarga Marchador no Estado de todo o Rio de Janeiro.

A cavalgada teve um de seus objetivos voltados para a necessidade da promoção da raça e, principalmente, dos criatórios fluminenses que despoem como o segundo rebanho equino da raça no Brasil. O povo desconhece o poderio do criatório fluminense que ao Estado é dado pela pujança e qualidade da população equina do Estado do Rio de Janeiro. Um outro objetivo da cavalgada foi a de promover a I Exposição Estadual da raça na cidade do Rio de Janeiro. "Nós estávamos em dificuldade com os custos para a montagem deste evento e sem, portanto, condições de executar a divulgação da Exposição. Então a cavalgada foi a nossa saída e ainda tivemos todo o apoio do Sistema Globo de rádio, televisão e jornal", comentou Cláudio Caiado, Coordenador Geral do evento. A cavalgada realizou-se no dia 13 de abril, precedendo a exposição que aconteceu de 16 a 20 de abril do corrente ano, saindo da Lagoa Rodrigo de Freitas, percorrendo toda a orla

marítima até a Fazenda Clube Marapendi, situada na Barra da Tijuca. Participaram do evento cerca de 50 cavaleiros, onde o mais novo contava a idade de 7 anos e o mais velho, Seu Arnaldo, com 73 anos e outros criadores de puro puro o Estado, como exemplo, os irmãos Barbieri — proprietários da Fazenda Apouador, tidos como a mais bem montada e bonita propriedade do município do Rio de Janeiro —, Antonio Chabre, Júlio Muziz, Beatriz, Leonídio e outros. Na cavalgada o Núcleo-Rio obteve muito apoio da Polícia Montada e de todos os Batalhões que estiverem envolvidos no policiamento de trânsito e, efetivamente, como comentou Cláudio Caiado, muito ajudou e contribuiu para o êxito da promoção. Trechos da cavalgada foram cumpridos à passo e outros em marcha, oportunidade que os próprios participantes fizeram de apreciar a diferença de comodidade, andamento e rusticidade do cavalo Mangalarga Marchador dos cavalos da Polícia, ambos de sela e serviço, "vezes os policiais solicitaram que fossemos mais devagar, à passo, confirmando, então, a comodidade desses animais".

Toda a grandza dos criatórios de Mangalarga Marchador fluminense se encontra canalizada pela falta de um parque de exposições. Até hoje, em todo o Estado do Rio de Janeiro, estas exposições vem sendo realizadas em municípios sem infraestrutura para receber participantes, no que diz respeito ao acesso, hotelaria, restaurantes, número de cocheiros, alojamentos para os peões, etc. E como a cidade do Rio de Janeiro, capital do turismo brasileiro, também não conta com um parque de exposições, a I Exposição Estadual do Mangalarga Marchador teve de ser totalmente montada desde a instalação de energia elétrica com postamento, instalação do transformador à montagem das cocheiras (total de 200), banheiros, alojamento para os peões anexado a um refeitório e por seus organizadores, na ocasião, foi denominado de "Pousada dos Peões". E mais o sistema de esgoto, picadeiras e a construção de um povo artesanal cuja a água servida aos animais teve de ser tratada com raios ultra-violeta. Devido ao pacote

econômico do Governo as empresas que mantêm verbas para patrocínios reduziram-na em até 50% e, diante desta situação, o Núcleo-Rio arcou com todas as despesas de montagem cuja a cifra atingiu a 800 mil cruzados. Por outro lado, contou com empresas que colaboraram na montagem e execução do evento como é o caso da Disbrapel Ltda. que ofereceu as rosetas de premiação. "Batalha" esta foi a denominação da Exposição dada por um dos organizadores, Sérgio Beck, que sem ele, Dr. George Avelino, Cláudio Caiado e mais uma grande equipe, não seria possível a realização da I Exposição Estadual do Mangalarga Marchador.

Na programação estavam inseridas duas palestras com o Diretor do Serviço de Remonta do Exército Argentino, Cel. Edwin Day, uma apresentação de animais "hour appear", uma belíssima demonstração de Voltaino pelo Regimento da Polícia Montada do Rio de Janeiro (evoluções do cavaleiro sobre o cavalo em movimento) e mais um leilão de cobertura com a finalidade de gerar um capital que fosse revertido ao Núcleo para minimizar os custos do evento, assegurando a sobrevivência da entidade. Os dirigentes do Núcleo-Rio estimaram que a exposição scaria um prejuízo de 300 mil cruzados, considerando que o leilão daria um lucro de 200 mil cruzados. Para surpresa de todos, o movimento do leilão somou 645 mil cruzados, com média de negociação na casa de 33 mil cruzados. "Este sucesso não seria alcançado sem a colaboração de alguns criadores, com ênfase a Olavo Monteiro de Carvalho, que doou a barrigada de sua égua campeã Bambina de (ajona para a Núcleo-Rio". O total de lances dado pela barrigada foi de 150 mil cruzados, adquiridos pelo criador Eider Dantas. Outros criadores também doaram as coberturas para o Núcleo-Rio como é o caso do criador José Misriel com Jupit, Carlos Rodemburgo vindo da Bahia com Lider Bela Cruz, Lidemberg Viana Rodrigues com a doação de cobertura do Megneto e Lúcio Wanderlei, também vindo de Nanaque, doando as coberturas de seus principais garanhões. A maioria destes criadores não possuem fazendas neste Es-



O sr. César Luterbach recebe a placa por grandes serviços prestados à criação da raça Mangalarga Marchador no Estado do Rio de Janeiro.

tudo mas deram um apoio bastante significativo aos criadores fluminenses. "O mínimo com que podemos retribuir foi através da oferta de um título de Sócio Benemérito do Núcleo dos Criadores do Cavallo Mangalarga Marchador do Estado do Rio de Janeiro para cada um desses criadores que nos prestigiou com suas doações", disse Caiado.

No decorrer da I Exposição Estadual foram entregues algumas placas comemorativas a criadores que muito contribuíram e estão contribuindo para a atividade, como é o caso do Sr. César Luterbach, definido pelo criador George Avelino como "a história do Mangalarga Marchador em pessoa", e ao Sr. Carlos Ernany M. e Silva.

Julgamento

Uma das preocupações dos dirigentes do Núcleo-Rio bem como de todos os pecuaristas brasileiros é com o sistema de julgamento nas exposições. "Para esta exposição nós, os organizadores, tivemos tempo de apontar as falhas e os acertos e do como criticar o sistema pioneiro de julgamento adotado em São Paulo, aplicando-o aqui no Estado do Rio de Janeiro com mais confiança", informou Caiado. Sergio Lima Beck, estudioso de equinocultura, foi o mentor destas modificações, baseando-se em suas experiências anteriores com os mais diversos julgamentos de raças equinas. A modificação feita foi, em suma, que ao invés de notas foram dadas classificações, atuando com 3 juízes simultaneamente e incommunicáveis, mesmo no caso de eventuais desempates. Uma outra grande modificação, também com base no sistema de São Pau-

lo, é a aplicação do sistema comparativo. "Se não houver uma comparação entre os animais não seria necessária a realização de exposições, sendo que os juízes poderiam ir julgar os animais em suas próprias fazendas", justifica Beck. Com esta conduta nos julgamentos, atingiram uma dinâmica razoável e, igualmente a São Paulo, os resultados foram fornecidos por computador. Este sistema dos julgamentos é o mais imparcial e mais faccioso,

já que os criadores têm acesso ao pensão em que está sendo julgado o animal. Muito se comenta da preferência de mento de cada juiz de acordo com a co-determinados juízes por uma linhagem ou criatório, por este sistema todos os resultados podem ser checados e analisados. O sucesso desta inovação se confirma com o fato de se ter passado o evento sem haver nenhuma reclamação ou a insatisfação com os resultados por parte dos proprietários.

O Núcleo MM do Rio de Janeiro

A proposta da I Exposição Estadual do Mangalarga Marchador é a de institucionalizar a filosofia pela qual foi fundado o Núcleo-Rio, que procura unir toda a comunidade de criadores do Mangalarga Marchador deste Estado bem como defender os interesses dos criadores como um todo, portanto, os diretores concordam que esta Exposição simbolizou a consolidação desta intenção.

Em termos de futuro para o Núcleo-Rio, Cláudio Caiado contou à reportagem da Revista dos Criadores que esta Exposição trouxe um grande retorno à entidade com a entrada de mais de 100 sócios somando, atualmente, cerca de 260 sócios. Por esta simples mas grandiosa conquista, a entidade passou a ter um maior respaldo para defender os interesses da comunidade equina do Rio de Janeiro junto a Associação Brasileira da Raça Mangalarga Marchador que, muito pesadamente, não se fez representar por nenhum membro de diretoria neste evento. Os criadores do Estado do Rio de Janeiro sentem uma insatisfação devido, em primeiro lugar, a



Momentos da promissão dos cavalos

falta de assistência do técnico da Associação Brasileira, não pela incapacidade profissional da pessoa, mas sim pela impossibilidade de suprir as solicitações de todo o Estado. "O que se vê são criadores que estão há até 6 meses solicitando a visita do técnico para registrar animais ou registrar a criação sem serem atendidos, queixam-se. Dentro desta posição os criadores do Estado estão se engajando no Núcleo-Rio para que possam, em maior número, interceder pela criação do Mangalarga Marchador diante da Associação Brasileira.

Na realização desta Exposição os organizadores estão bastante gratos com a colaboração de todos que na ocasião uniram-se em torno de um só objetivo, sem que houvesse sequer uma pequena ruga de mal entendido e, principalmente, agradecer aquelas pessoas que não tem nada a ver com a criação de cavalos mas que sem a colaboração destes não seria possível dar continuidade ao trabalho do Núcleo-Rio. O sentido comunitário esteve vivo até na hora da chuva onde muitos transtornos seriam causados se não fosse o espírito de compreensão e ajuda entre os expositores e organizadores. Preciosos também foi a colaboração do leiteiro Djalmá e sua esposa, sendo que este chegou a interromper suas férias para prestigiar os criadores na I Exposição Estadual do Mangalarga Marchador do Rio de Janeiro.

Resultados dos Julgamentos:

FÊMEAS

Grande Campeã Potranca: Gandola da Freguiza (20.05.83) por Magnato Tabatinga x Absaiba Epópia, de Lindenberg Viana Rodrigues, Expositor Eldorado Agropecuária Ltda. **Reservada Grande Campeã:** Grandeza da Pampulha (31.12.83) por Magnato Tabatinga x Lamúria da Pampulha, de Deciliano Rodrigues de Souza. Expositor: Eldorado Agropecuária Ltda.

Grande Campeã da Raça: Beambina de Itajuana (10.10.81) por Herdade Jupitá x Cafundó Quênia. Criador: Olavo Monteiro de Carvalho. Expositor: o mesmo. **Reservada Grande Campeã da Raça:** Betípe A.J. (06.08.80) por Xerife A.J. x Upa A.J. Criador e Expositor: Olavo Monteiro de Carvalho.

MACHOS

Grande Campeão Potro: Boêmio de São Carlos (26.09.84) por Herdade Cadine e Harmonia HB. Criador e Expositor: Carlos Ricardo Camargo V. de Andrade. **Reservado Grande Campeão Potro:** Balé da Parany (13.01.84) por herdade Capricho x Bonança da Sedução. Criador e Expositor: José Arley L. Costa.

Grande Campeão Cavalos: Cafundó Urônio (14.09.80) por Herdade Jupitá x Absa-

iba Sereia. Criador e Expositor: Olavo Monteiro de Carvalho. **Reservado Grande Campeão Cavalos:** Cento e Sessenta e Quatro da Tosana (04.12.78) por Herdade Prateado x Providência Selva. Criador: Tosana Agropecuária Ltda. Expositor: Hélio Soares Campos.

CONCURSO DE MARCHA

MACHOS

Brasil de Goulart (03.09.79) por Tabatinga Predileto x Visita RB. Criador: Rogério G. Cunha. Expositor: Joice Ezeida Cortês.

FÊMEA

Angústia da Gironda (22.02.74) por Trevo da Gironda x Sorain da Gironda. Criador: Júlio Avelino de Oliveira. Expositor: Eduardo A. Cruz.

PROVAS FUNCIONAIS

Grande Campeão: Farol do Algodoeiro (06.02.81) por Colômbina da Boa Esperança x Agressivo do Rebanho. Criador: José Carlos V. Barbosa. Expositor: Biarte W. Pink. **Reservado Campeão:** Herbálio do Galo Vermelho (20.05.78) por Ericelra Flibelci x Falado do GV. Criador e Expositor: George e F. L. Avelino.

XV EXPOINEL: oito dias de grandes campeonatos e negócios

Um marco significativo para o Norte do Estado do Rio de Janeiro foi a realização da XV EXPOINEL, juntamente com a I Exposição Internacional de Equinos do Estado do Rio de Janeiro, cuja a organização ficou a cargo da Associação dos Criadores de Nelore do Brasil, da Associação dos Criadores do Estado do Rio de Janeiro - ACERJ - e da Fundação Rural de Campos. O evento realizou-se na cidade de Campos, Norte Fluminense, dos dias 29 de março a 6 de abril do corrente ano.

Na solenidade de abertura, estiveram presentes, além dos presidentes das entidades envolvidas no evento, o secretário de Agricultura e Abastecimento do Estado do Rio de Janeiro, Aloysio Gama que, ao falar, frisou a importância de priorizar a agricultura, relatando os resultados obtidos através do Plano de Emergência, propiciando o aumento da produção de arroz em 20% e do feijão em 50%. Outras palavras que merecem destaque são as do Presidente da Associação de Criadores de Nelore do Brasil, José Mário Junqueira, que noticiou a importância da criação do Gado Nelore para a economia brasileira e as do Presidente da ACERJ, Dr. Gueber Morcins, de ser esta Exposição uma grande mostra da credibilidade dada aos pecuaristas brasileiros.

Mais de 30 mil pessoas estiveram pre-

sentes no Parque de Exposições de Campos para participar não só das atividades que envolvem a pecuária em si, mas também para apreciar as diversas atrações que foram programadas para os 8 dias da Exposição. Uma prova que aconteceu pela primeira vez no Estado do Rio de Janeiro foi a Prova Cavalos x Motorcicleta, que definindo, não é um confronto do animal com a máquina, mas sim um teste de habilidade entre o cavalo e o piloto.

Participaram da XV EXPOINEL os equídeos das raças Árabe, Appaloosa, Mangalarga, Mangalarga Marchador, Nordestino, Pêra, Pônei, Piquira, PSI, Quarto de Milha e a raça Campolina. Finalizada a I Exposição Nacional da Raça Campolina apresentando animais selecionados e de inestimável valor para a classe. Nesta oportunidade, Francisco de Paula D'Aboim Inglês, Presidente do Clube do Campolina do Estado do Rio de Janeiro, aproveitou para registrar que a realização desta mostra na XV EXPOINEL serviu para expor aos criadores de Nelore o verdadeiro Campolina brasileiro.

Os juizes que julgaram os equídeos foram os seguintes: Antenor Paiva, João Pessoa de Souza, José Eugênio Dutra, Roberto Abramo e José Nivaldo Barboas. Do julgamento dos bovinos participaram Romulo Kardek e Pylades Tibary. E, durante o período desta Exposição, foram pro-

gramados quatro leilões, onde o volume das negociações surpreendeu aos pecuaristas, sendo vendidos 51 animais, cabendo a William Koury, de Garça, São Paulo, a compra do animal de maior alto valor — 42 mil cruzados —, vendido por Afrégio Lopes Xavier. O total dos negócios chegou a 621 mil cruzados.

Para o setor de comércio e Indústria, o coordenador, Conrad Verplanck Dykeman, disse que a mostra veio trazer para a Fundação Rural de Campos a possibilidade do reconhecimento "in loco" do potencial de seu Parque de Exposições.

A seguir os resultados dos julgamentos obtidos pelas diversas raças:

RAÇA NELORE

Machos: Grande Campeão: IDN M1 DO SABIA, de Alberto Labarne Valle Mendes. Res. Campeão: RAPOSO DA CONELÂNDIA, de Antonio Flurlivaldo Carneiro Lima. MELHOR CARACTERIZAÇÃO RACIAL: IDN M1 DO SABIA, de Alberto Labarne Valle Mendes.

Fêmeas: Grande Campeã: GENTILEZA DO SABIA, de Alberto Labarne Valle Mendes. Res. Campeã: PAVUNA DE GARÇA, de Jayrat Nogueira Miranda. MELHOR CARACTERIZAÇÃO RACIAL: GENTILEZA DO SABIA, de Alberto Labarne Valle Mendes. PROGENIE

DE PAI: FALON MJ DO SABIA com JAMA, JESTER, JALLAD e JAVA-RAMA MJ DO SABIA, de Alberto Laborne Valle Mendes. **PROGENIE DE MÃE:** EBOA DA PEDRA com VOLTAIRE e APOGEU "FC", de Aprígio Lopes Xavier. **MELHOR NOVILHO PRECOCE:** JAMA MJ DO SABIA, de Alberto Laborne Valle Mendes.

NELORE VARIEDADE MOCHA

Machos: Grande Campeão, FIAT, de Ovídio Miranda Brito Agropastoril Ltda. **Res. Grande Campeão,** JOGRAL, de Angelo Calmon de Sá. **MELHOR CARACTERIZAÇÃO RACIAL,** FIAT, de Ovídio Miranda Brito Agropastoril Ltda.

Fêmeas: Grande Campeã, COXILHA, de Ovídio Miranda Brito Agropastoril Ltda. **Res. Grande Campeã,** SALGA, de Angelo Calmon de Sá. **MELHOR CARACTERIZAÇÃO RACIAL, COXILHA,** de Ovídio Miranda Brito Agropastoril Ltda. **PROGENIE DE PAI,** MATÃO com SÍMBOLO, MAXIXE, NIARKOS e MARECHAL, de Ovídio Miranda Brito Agropastoril Ltda. **PROGENIE DE MÃE:** NAIÁ com GARRAFA e IGREJA DA ESCADINHA, de Jayme Maciel Fernandes.

RAÇA MANGALARGA MARCHADOR

Machos: Grande Campeão, DUZENTOS E TREZE DA TOSANA, da Tosana Agropecuária S/A. **Reservado Grande Campeão:** CAFUNDO XAVANTE, de José Américo da Silveira Rangel.

Fêmeas: Grande Campeã: BARTIRA DO PORTO AZUL, de Pedro Gabriel

Balbi de Queiroz. **Reservada Grande Campeã:** DIOR DO PORTO AZUL, de Newton Sturzeneker. **PROGENIE DE MÃE:** ARIANA DO PORTO AZUL com GALERA e FAROL DO PORTO AZUL. **PROGENIE DE PAI:** MAGNETO TABATINGA com IMBU DA SARATOGA, GRANDEZA DA PAMPULHA e GANDULA DA PREGUIÇA.

CONCURSO DE MARCHA — Machos — Grande Campeão: NIQUEL JG, da Agropecuária Chapada Grande Ltda. **Reservado Grande Campeão:** BRASIL DE GOULART, de Joacy Encida Cortes.

Fêmeas: Grande Campeã: BARTIRA DO PORTO AZUL, de Pedro Gabriel Balbi de Queiroz. **Reservada Grande Campeã:** INGRATA DO KM 47, de Luis Ricardo Boynard de Faria.

RAÇA QUARTO DE MILHA

Machos — Grande Campeão: POCO RESONABLE, de José Jarbas Laudissi. **Reservado Grande Campeão:** COLE'S AND SOUL, de Antonio Carlos Cotrim de Souza.

Fêmeas — Grande Campeã: HASA DO CO'S AFFAIR, de Carloman Maia de Oliveira. **Reservada Grande Campeã:** ELITE PAT HC, de Antonio Carlos Cotrim de Souza.

RAÇA CAMPOLINA

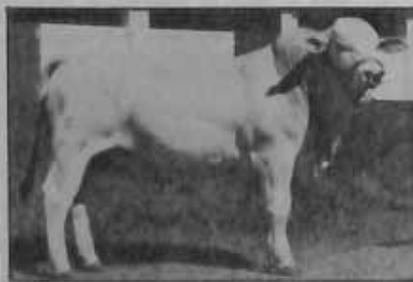
Machos — Grande Campeão Junior: LAGO DE SANS SOUCI, da Sociedade Agropecuária Ltda. **Reservado Grande Campeão Junior:** FALCÃO DOS MENINOS, de Luis Carlos de Barros Viana. **Grande Campeão Sênior:** NEVOEIRO DE

PASSA TEMPO, de Severino Veloso Carvalho Neto. **Reservado Grande Campeão Sênior:** FEITICEIRO DE SANTA RITA, de Francisco de Paula Inglês.

Fêmeas — Grande Campeã Junior: JAMBALÁ DO CHAPARRAL, da Sociedade Agropecuária Ltda. **Reservada Grande Campeã Junior:** GONDOLA DE CASSOROTIBA, de Francisco Lorenzo Costa. **Grande Campeã Sênior:** BACANA DO INGLÊS, de Francisco de Paula Inglês. **Reservada Grande Campeã Sênior:** PANTERA DAS ARABIAS, de Aloísio Barbosa Viana.

CONCURSO DE MARCHA — Fêmeas adultas — Campeã: HARMONIA MF, de Mery Fernandes. **Machos Jovens — Campeão:** BRUTUS DE SÃO PEDRO, de Jorge Marback Simões de Freitas. **Machos adultos — Campeão:** BADALADO DO CHAPARRAL, de Joacy Encida Cortes. (No concurso de marcha, não houve classificação em Fêmeas jovens). **PROGENIE DE PAI:** RECRUTA DE PASSA TEMPO com FALCÃO, GARDA, FEITICEIRA DOS MENINOS, de Luis Carlos de Barros Viana. **PROGENIE DE MÃE:** LEGENDA DA PORTEIRINHA com FALCÃO e GAROA DOS MENINOS, de Luis Carlos de Barros Viana.

Um dos pecuaristas mais premiados da XV EXPOINHA foi o criador da Raça Nelore, variedade Mocho, Ovídio Carlos de Brito, que possui rebanhos em três Estados brasileiros: São Paulo, Mato Grosso e Rondônia. Segundo ele, o desenvolvimento ponderal, fertilidade, habilidade materna, longevidade, aliados à adaptação nos diferentes meios ambientais, são as principais características seletivas para os rebanhos de Nelore Mocho.



TOURINHO 3/4 MARCHIGIANA - NELORE ZAIRO DE ITAPEVA REG. A7636 - NASC. EM 14.12.83

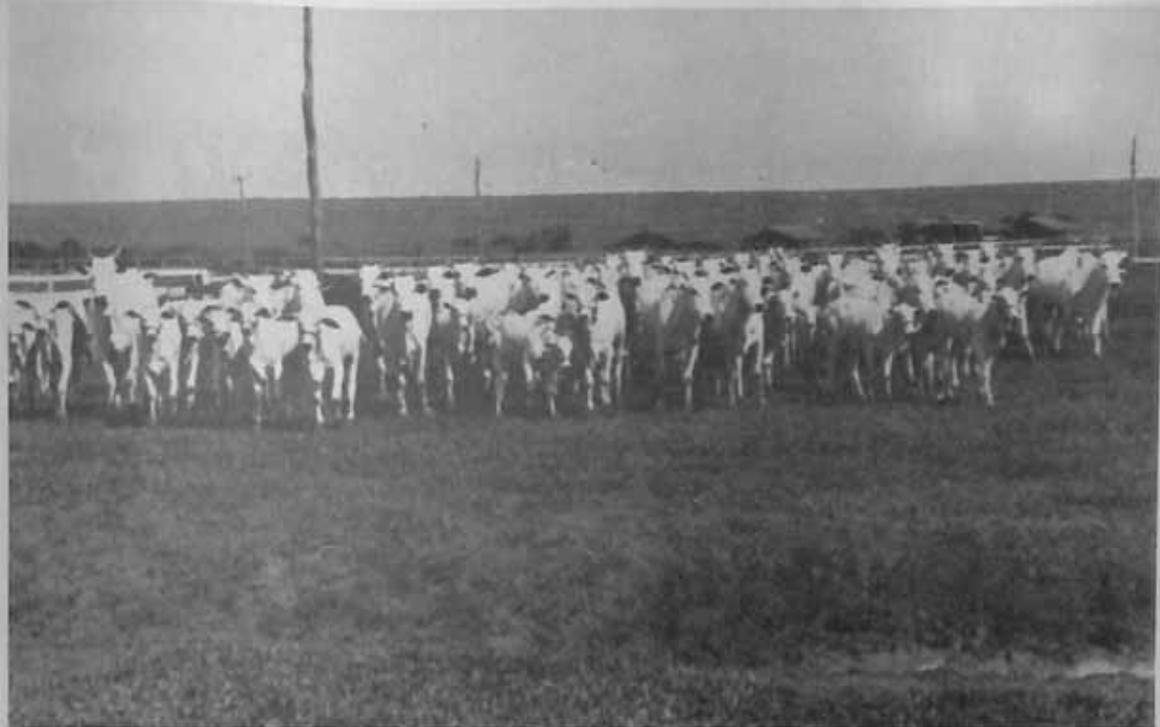
DESENVOLV. PONDERAL

IDADE DIAE	AO NASCER	205	365	550	730
PESO KG	38	365	828	724	901
GANHO DIÁRIO KG/DIA	—	1,663	1,352	1,282	1,187

MAIS CARNE EM MENOS TEMPO MARCHIGIANA - NELORE FAZENDA CERRADO DE CIMA ISRAEL SVERNER

ITAPEVA - SP - km 266 da Rodovia SP 258 ENTRE CAPÃO BONITO E ITAPEVA **SELEÇÃO E VENDA DE REPRODUTORES MARCHIGIANA PO E CRUZADOS 7/8 E 3/4**

INFORMAÇÕES:
EM S. PAULO: (011) 548 0083
TELEX 011.22388
EM ITAPEVA: (011) PEDIR TAQUARI VAI RAM. 24
À NOITE (0155) 221425



Vacas com bezerros submetidas a desenvolvimento penderal.

○ Nelorista do Mês Zillo, um novo destaque na seleção da raça Nelore

Embora tenha iniciado a seleção recentemente, a Cia. Agrícola Luiz Zillo e Sobrinhos, Lençóis Paulista, São Paulo, já se destaca na criação da raça Nelore. O trabalho de seleção iniciou-se em 1970 e de lá para cá, a Cia. Agrícola incorporou, ao seu plantel, o que havia de

melhor na raça Nelore, inclusive alguns reprodutores de destaque no meio criatório. Com isto conseguiu agilizar o trabalho de seleção e formar um fino plantel de Nelore, cuja marca se destaca, hoje, nas exposições e leilões de pecuária.



Lotes de Vacas recém paridas.

ZILLO – um destaque crescente na pecuária nacional

Em Uberaba-MG, pouco antes do começo de março, os criadores e comerciantes de Zebu, que costumam se reunir na esquina do "enjeitei" (local muito conhecido na cidade, onde os criadores fazem ponto para discutir negócios) o assunto é um só: a Exposição Nacional do Gado Zebu, em maio.

Dois tradicionais comerciantes de Nelore discutem sobre a qualidade do gado e a quantidade de leilões que serão realizados durante a mostra zebuina de Uberaba. O "papo" gira em torno dos leilões e do gado VR, São Francisco e Noite dos Campeões. Logo porém, alguém que chega cita a qualidade e peso do gado do Zillo, um criador até certo ponto novo, e que este ano participará pela primeira vez em um leilão de Uberaba, o Marca Taça. Um criador no meio da roda se mostra surpreso, no entanto a sua volta, a quase totalidade dos presentes endossa as palavras de quem citou tal criatô-

rio. Em verdade, se nos últimos anos alguns criatórios de Nelore têm se despontado, um deles, sem dúvida é o da Cia. Agrícola Luiz Zillo e Sobrinhos, de Lençóis Paulista.

Na roda, ninguém desconhece que, recentemente, a Cia. Agrícola Luiz Zillo e Sobrinhos, comprou um excelente garrote, Chengar da Zebulândia, do criatório de Torres Homem Rodrigues da Cunha, para dar caracterização ainda melhor aquele gado, que hoje é um dos mais pesados do país. Desta forma, utilizando aquele tourão Marca Taça, o Varedo, e mais os outros touros que eles têm, logo o gado do Zillo vai estar disputando as pontas com os criadores de elite de Nelore no Brasil.

Esta conversa ouvida no caldeirão efervescente do Zebu em Uberaba, dá bem conta da projeção adquirida pelo criatório da Cia. Agrícola Luiz Zillo e Sobrinhos nos últimos anos.

UM TRABALHO FEITO COM PLANEJAMENTO

Heydimilson Barreto, médico veterinário e gerente da Faz. Santo Antonio do Rio Claro, começou a trabalhar com o plantel Nelore da Cia. Agrícola Luiz Zillo e Sobrinhos, por volta de 1970. De lá para cá, os resultados afloraram de forma extraordinária. De mera desconhecida no campo da pecuária seletiva da no campo da pecuária seletiva Zebuina, a Cia. Agrícola Luiz Zillo e Sobrinhos passou a ser hoje um dos destaques da pecuária nacional.

Trabalhando atualmente com 600 vacas registradas PO e 30 registradas POI, a fazenda dispõe de quatro touros PO: Hedu — Edulo — Obal e Cravelho e cinco POI: Varedo — Vallik — Vijay — Chevar e Chengar, todos eles comprovados e de excelentes aptidões reprodutivas. Além destes reprodutores a fazenda utiliza-se na inseminação artificial de outros raçadores nacionais, tais



Lotes de Vacas em inseminação artificial.



Vista parcial das cocheiras e selas armazenadoras.

como: Chumak, Dumu, Pakkar, Tabadã, Okati, Gangayah e Gim de Garça.

O Touro Varedo POI da Indiana é tido como o Nelore mais pesado do Brasil, tendo atingido a marca de 1.240 kg, e apresenta uma carga genética das melhores, transmitindo peso e caracterização a seus filhos. É o touro mais utilizado no plantel da Cia., além de ter o seu sêmen

comercializado através da Agropecuária Lagoa da Serra.

Com base em todo este trabalho de seleção e apuro racial, a Cia. Agrícola Luiz Zillo e Sobrinhos tem recebido convites para participar das principais mostras pecuárias do país e inscrever seus produtos nos mais destacados leilões de Nelore.

Para este ano, o calendário de leilões da Cia. Agrícola Luiz Zillo e So-

brinhos apresenta participações no leilão Marca Taça, Lagoa da Serra, Nelore Mater, União das Marcas, Nelore da Praça e Nelore Dumu.

A FAZENDA SANTO ANTONIO DO RIO CLARO

A Fazenda Santo Antonio do Rio Claro, onde a Cia. Agrícola Luiz Zillo e Sobrinhos faz a seleção de seus produtos Nelore, se localiza no município paulista de Lençóis Paulista.

Numa área de mil alqueires, a Fazenda se apresenta toda formada, contando com vários tipos de gramíneas, destacando-se as braquiárias decumbens e humidícola, além dos capins pangola, colômbio e braquiário.

Conta também com uma área de capim Rhodes e Alfafa que se destinam a produção de feno e uma área cultivada de 300 hectares de milho que se destinam a produção de milho em grãos para ração e abastecimento de silos com capacidade de armazenamento para 2.500 toneladas de silagem.



Lote de Vacas prenhes.

O Nelorista do Mês

Toda esta produção se destina a cerca de 4.000 animais que se instalam na fazenda, desde produtos Nelore até notáveis Quartos de Milha da mais apurada seleção.

Os 64 funcionários da fazenda trabalham dentro dos mais rigorosos padrões de segurança e apresentam excelente produtividade.

PLANTEL QUARTO DE MILHA

O plantel Quarto de Milha da Faz. Santo Antonio do Rio Claro é considerado pelos conhecedores da raça como um dos mais importantes do Brasil.

No todo o plantel QM da Zillo é composto por 80 animais Puros e 30 mestiços.

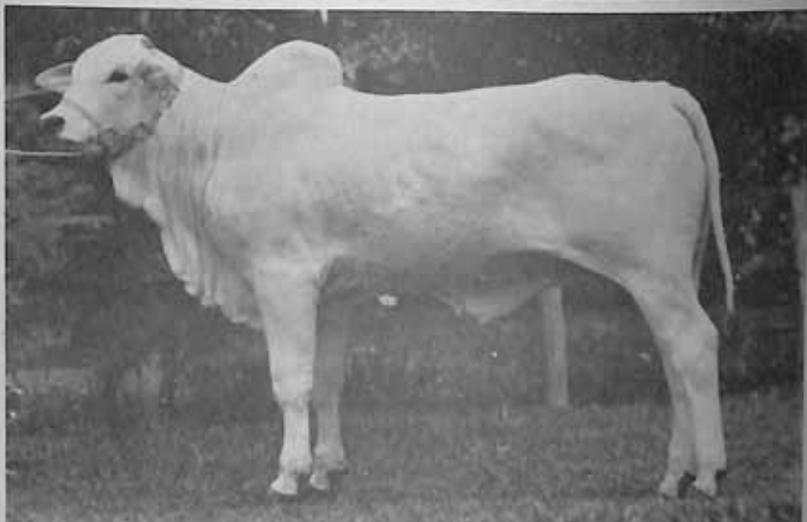
Produtos deste plantel tem conseguido ótimos resultados nos campeonatos de hipismo rural promovidos pela ABQM.

Dentre eles podemos destacar:

— Till Malibu: campeão brasileiro de rédeas e vice-campeão brasileiro do Potro do Futuro em 1985.

— Second Bar 42: Reservado de Grande Campeão Trabalho nos campeonatos brasileiros de 1984 e 1985.

— Second Leo — Campeão Nacio-



Chengar P.O.I. da Zebulândia, futuro padreador do Plantel Nelore.

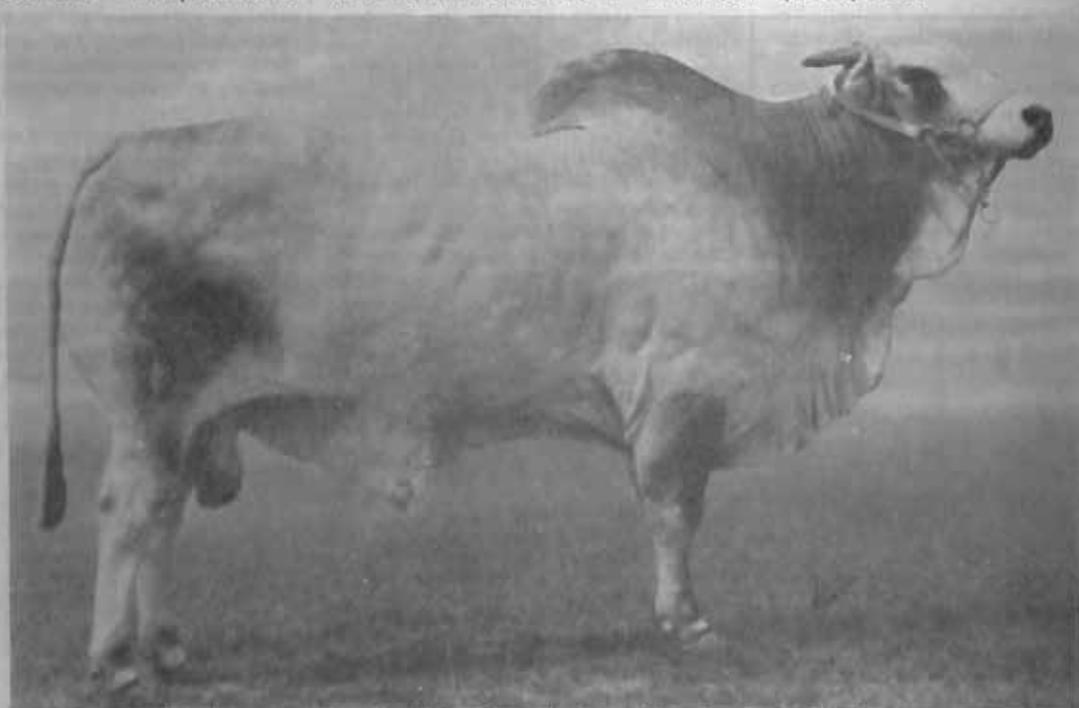
nal da Prova de 3 tambores infantil em 1983.

Já iniciando treinamentos, novos potros, como Lassibar, Dom Pedrito, Panamá, Vandal, etc. futuros craques no hipismo rural.

A Cia. Agrícola Luiz Zillo e Sobrinhos promoveu este ano juntamente com a Imaven o seu 1.º Leilão de

Quarto de Milha. Este leilão se realizou em Uberaba, no mês de maio, tendo sido um verdadeiro sucesso.

Por todas estas razões, a Cia. Agrícola Luiz Zillo e Sobrinhos se destaca hoje como um criatório de alto conceito na pecuária nacional, merecendo de nossa revista este destaque especial.



Vareto — reprodutor principal do Plantel da fazenda Santo Antonio do Rio Claro.

FAZENDA BRUMADO



GOOTHI III POI DO BRUMADO

Reg. E 6398 - Nascida em 07.07.55.
Aos 21 anos de idade, esta reprodutora
extraordinária traz ao pé uma filha de
KURUPATHY.

Matriz símbolo da Fazenda Brumado,
estabelece em sua RAÇA, PESO e
FERTILIDADE, todo o programa que
temos desenvolvido nestes 51 anos de
criação.

A ela - GOOTHI III POI DO BRUMADO
que nos deu 10 filhos ao longo de sua vida, dedica-
remos nossa homenagem de criador.

RUBICO CARVALHO

FAZENDA BRUMADO

Rua 18, n.º 335 - CEP 14780 Barretos - SP - Tel.: (0173) 22-2366

Estes animais estarão presentes no 11.º Leilão do Brumado:

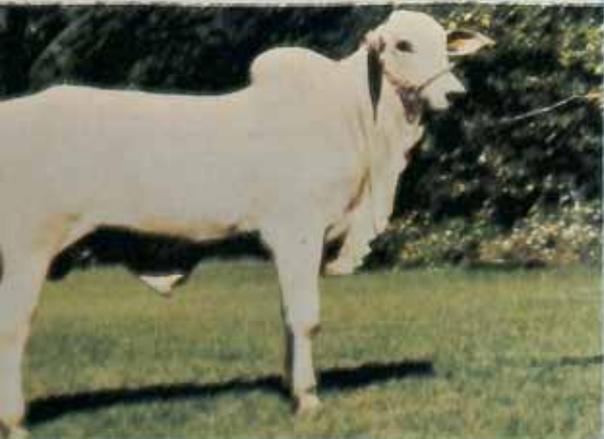


DELIPE POI DO BRUMADO - Contr. 1206
Nasc. 09.09.84 - Filho de **Anandhi*** e **Bansari II POI do Brumado**. Garrote enorme, de grande altura e de cobertura de carne excelente.



PRATAP POI DO BRUMADO - Contr. 1225
Nasc. 13.10.84 - Filho de **Nagory POI do Brumado** e **Ankaratra POI do Brumado**. Garrote de cabeça vincada, com goteira pronunciada e saída de chifre para trás. Comprimento excepcional e pelagem firme.

PANDHIÁ POI DO BRUMADO - Contr. 1230
Nasc. 21.10.84 - Filho de **Nagory POI do Brumado** e **Jhala II POI do Brumado**. Nobreza e elegância nos pontos altos deste garrote, que estará no 11.º Leilão do Brumado.



NEPAL POI DO BRUMADO - Contr. 1219
Nasc. 05.10.84 - Filho de **Ganjivary POI do Brumado** e **Mahawelli POI do Brumado**. Bem revestido de carne e de anca perfeita. Saúde invejável.



RUBICO CARVALHO

HÁ 50 ANOS CRIANDO O NELORE DO FUTURO

11.º LEILÃO DO BRUMADO - 5 Julho - Sábado 10h Fazenda Boa Vista - Barretos SP.



FAZENDA BRUMADO

Rua 18, n.º 335 - CEP 14780 Barretos - SP - Tel.: (0173) 22-2366

Estes animais estarão presentes no 11.º Leilão do Brumado.



HAMIDHA POI DO BRUMADO - Contr. 1238
Nasc. 03.11.84 - Filha de **Calcutá do Brumado**
e **Harusha II POI do Brumado**. Fêmea bem
conformada e de grande desenvolvimento.



MANAKAYA II POI DO BRUMADO - Contr. 12
Nasc. 08.10.84 - Filha de **Himalaya do Brumado**
e **Manakaya POI do Brumado**. Expressão e
vivacidade. Raça e conformação.

BAWANI V POI DO BRUMADO - Contr. 1175
Nasc. 19.07.84 - Filha de **Ganjivary POI do**
Brumado e **Bawani do Brumado**, e irmã materna
do grande **Tapti POI do Brumado**, raçador chefe do
plantel do Sr. Werner Jost.



SHAKIRA V POI DO BRUMADO - Contr. 121
Nasc. 16.09.84 - Filha de **Ganjivary POI do**
Brumado e **Shakira POI do Brumado**.
Comprimento impressionante e caracterização
racial perfeita.



RUBICO CARVALHO

HÃ 50 ANOS CRIANDO O NELORE DO FUTURO

11.º LEILÃO DO BRUMADO - 5 Julho - Sábado 10h Fazenda Boa Vista - Barretos SP.



3º Leilão União das Marcas



22 SETEMBRO-86-19 h

Água Branca - SP

70 MACHOS E FÊMEAS PO e POI

FAZENDA INDIANA LTDA.

CIA. AGRÍCOLA LUIZ ZILLO E SOBRINHOS

FAZENDA MORRO VERMELHO LTDA.

NEWTON CAMARGO ARAÚJO

12 PAGAMENTOS SEM JUROS

Ocaucu

AGRÍCOLA E COMERCIAL S.A.

FAZENDA SANTA FILOMENA
Fones: (011) 288 e 298 (Ocaucu)
Prop.: Dr. Roberto Calmon de Barros Barreto
Resp. Técnico: Eng.º Agr.º José Wilson Baião
Fones: 83-1431 e 83-1728
Cx. Postal 36 - CEP: 13690
DESCALVADO — SP



DISTANTE -

Reg. D3851

Nasc. 30-8-83.

Pai: ANKAI A.S.K.T.A.

**Lote de machos
filhos de Ankai**



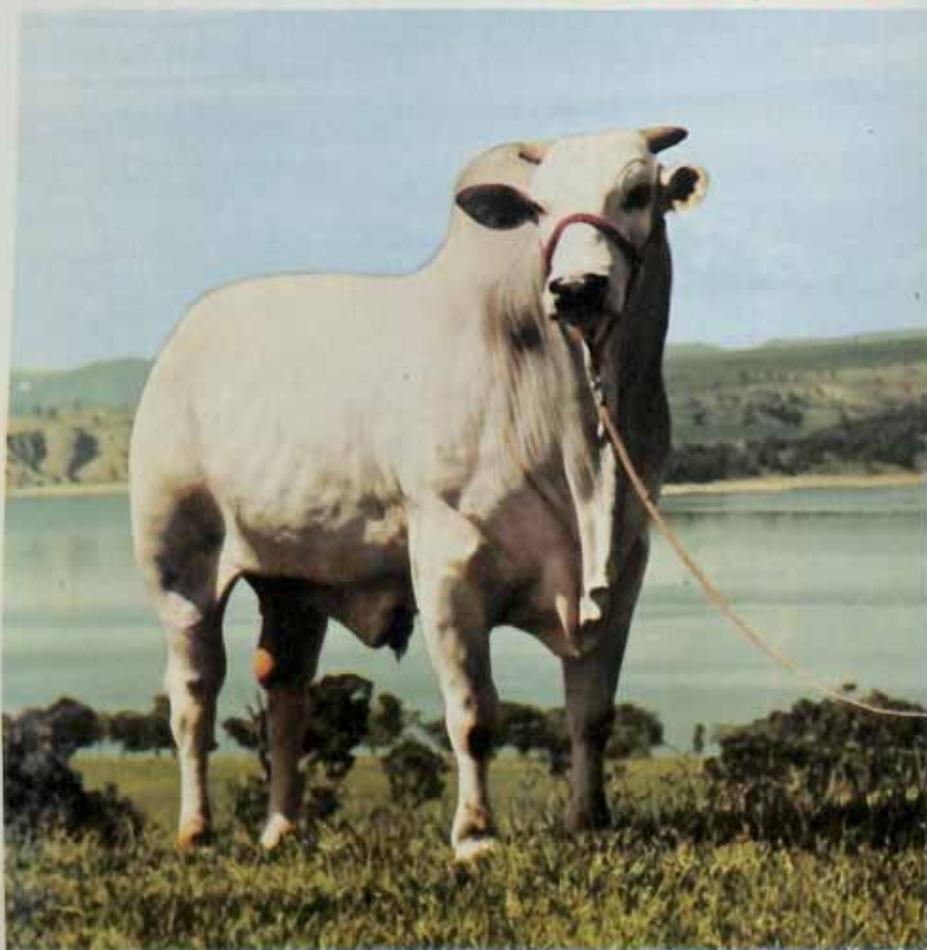
**VENDA PERMANENTE DE TOURINHOS DE
QUALIDADE PRONTOS PARA SERVIR**

Produtos P.O. e P.O.I.

FREEDON M.J. DO SABIÁ

RECORDE NACIONAL DE MACHOS PO E POI
NO II LEILÃO NOITE DOS CAMPEÕES - UBERABA - 86

Valor: Cz\$ 770.000,00



COMPRADOR:

Empreendimentos e Participações Agropecuária S/A

FAZENDA DO SABIÁ

CAPITÓLIO: Rodovia MG 59, km 267

Tel.: (035) 561-1687

BELO HORIZONTE: Av. João Pinheiro, 146 - Tel.: (031) 201-4545

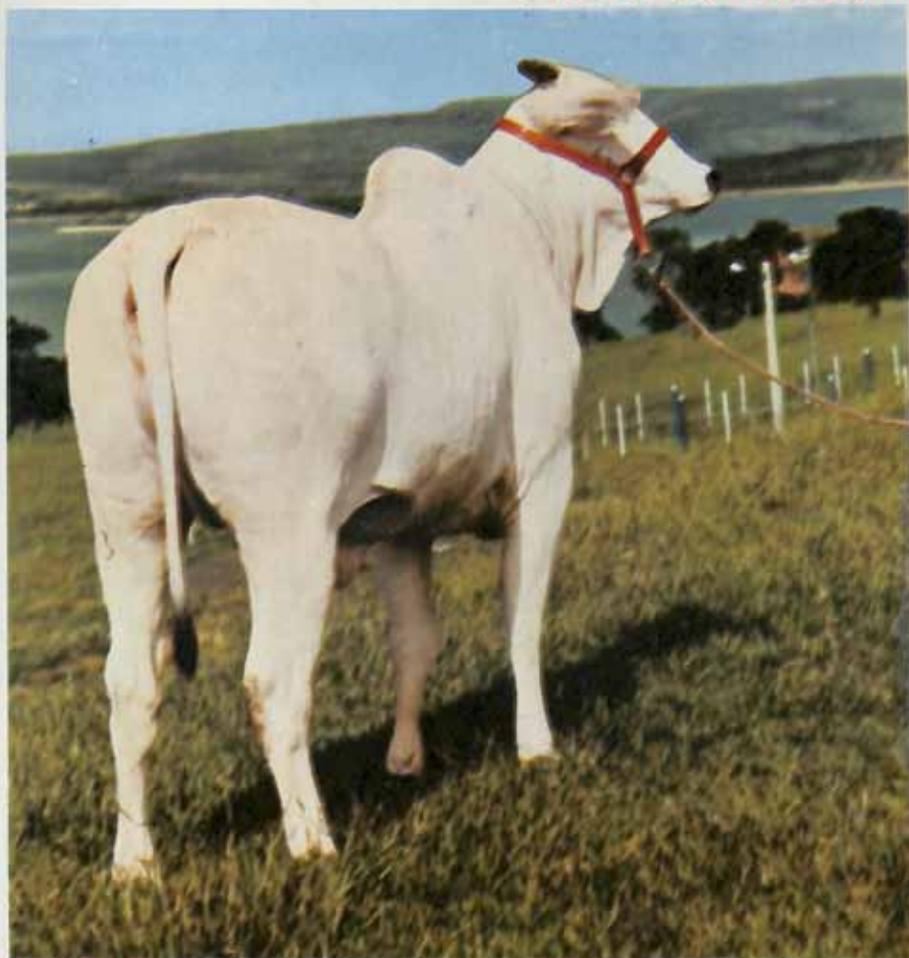


IZARRA M.J. DO SABIÁ

NO II LEILÃO NOITE DOS CAMPEÕES - UBERABA - 86

RECORDE NACIONAL DE FÊMEAS PO

Valor: Cz\$ 616.000,00



COMPRADOR:

Fazenda Córrego dos Macacos



FAZENDA DO SABIÁ

CAPITÓLIO: Rodovia MG 59, km 267

Tel.: (035) 561-1687

BELO HORIZONTE: Av. João Pinheiro, 146 - Tel.: (031) 201-4545

16.º LEILÃO VR

Movimento geral do leilão:

Cz\$ 16.456.000,00

Média geral: Cz\$ 150.972,00

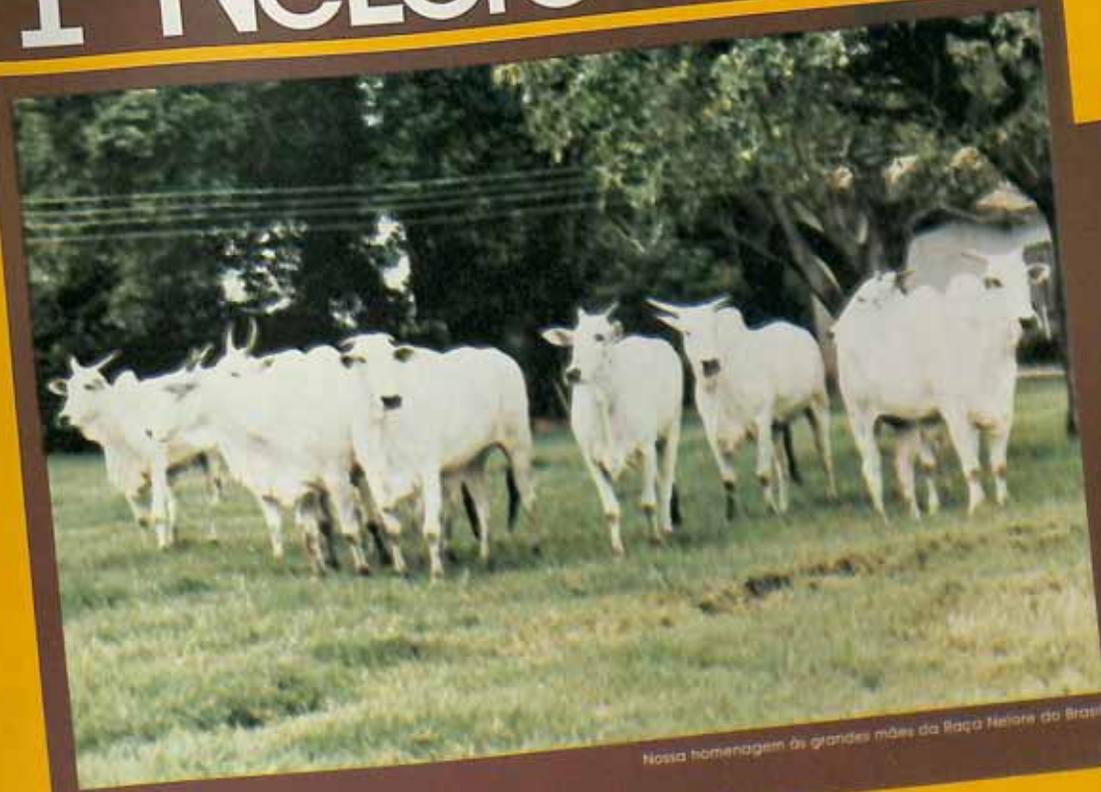
Média macho POI - Cz\$ 117.320,00 - 4.433.000,00

Média fêmea POI - Cz\$ 257.400,00 - 5.148.000,00

Média macho PO - Cz\$ 84.051,00 - 3.278.000,00

Média fêmea PO - Cz\$ 89.925,00 - 3.597.000,00

I Nelore Mater



Nossa homenagem às grandes mães da Raça Nelore do Brasil

Nasceram bem. Produzirão melhor.

Finalmente!
Elas estão juntas num só leilão.
Apartadas nos melhores plantéis da raça,
após cumprir os requisitos de qualidade
exigidos, elas estão reunidas no I Nelore
Mater.
Bem nascidas, seus produtos serão ainda
melhores.
Comprando boa procedência você vai
lucrar na produção.

50 Fêmeas selecionadas

Participantes:

Alberto Laborne Vale Mendes
Achilles Scatena Simione
Adir do Carmo Leonel
Cia. Agrícola Luiz Zillo e Sobrinhos
Carpa - Cia. Agropecuária Rio Pardo
José Luiz Niemeyer dos Santos
José Carlos Prata Cunha
Luiz Vieira de C. Mesquita e Irmãos
Torres Homem Rodrigues da Cunha
William Koury



Clube Paineiras Morumby
Av. Dr. Alberto Penteado, 350
São Paulo - SP

28/julho/86 - 20h

5 pagamentos sem juros



TÉCNICO EM MINERALIZAÇÃO

"SUPLEMENTO DA ELITE DO REBANHO NACIONAL"

São Paulo - (011) 815.5311
Pres. Prudente - (0182) 33.4267
Patrocínio Paulista - (016) 745.1411

Informações: (011) 543.3300

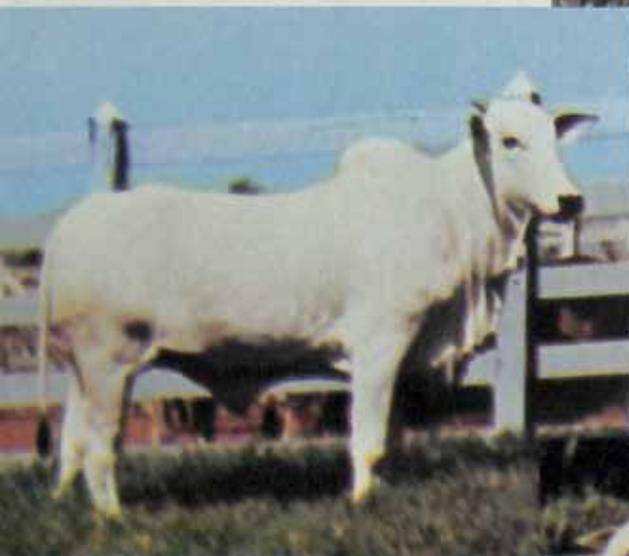
Djalma B. de Lima
Distribuidor de Leilões

NÃO PERCA ESSES

**ELES ESTARÃO
NO 11.º LEILÃO
DO BRUMADO.**



MUSI POI da Boa Vista, Reg. n.º BR 862, nascida em 02/10/82 por Imarath da Zebulândia e Mantara, é uma das 25 fêmeas POI que a Agropecuária Boa Vista levará ao 11.º Leilão do Brumado.



PATNA II POI da Boa Vista, contr. 226, nascida em 30/04/84, por Himalaya do Brumado e Patna POI da Boa Vista, participará do 11.º Leilão do Brumado, dia 5 de julho em Barretos.

Agropecuária Boa Vista oferecerá, entre outros, estes animais selecionados do seu plantel, no 11.º Leilão do Brumado - dia 5 de julho, às 10h, na Fazenda Boa Vista em Barretos - SP.

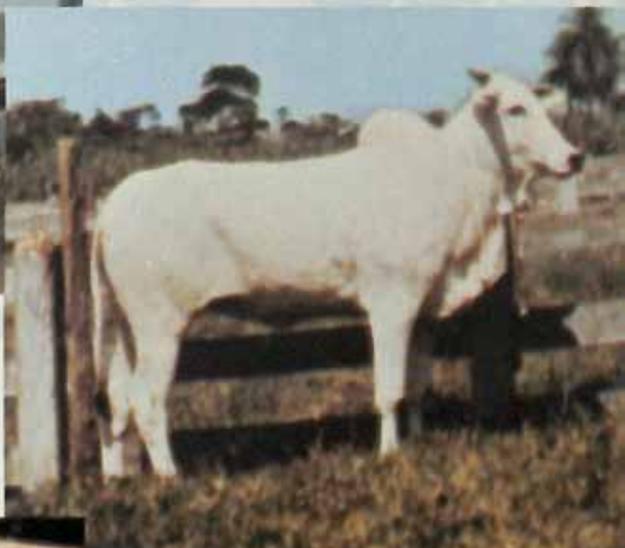


KAMLA POI da Boa Vista, Reg. BL 1423, nascida em 24/11/80, é uma filha de Taj I em Bellary POI da Boa Vista. Estará em Leilão dia 5 de julho, na Fazenda Boa Vista em Barretos.

ANIMAIS DE VISTA!



POONA POI da Boa Vista, Reg. BL 3947, nascida em 14/07/81, pelo extraordinário raçador Taj I em Chagrak POI da Boa Vista. Estará em leilão dia 5 de julho em Barretos.



HONÃ II POI da Boa Vista, contr. 139, nascida em 07/01/84, por Ufangi da Indiana e Honã da Santa Cecília, faz parte do lote de fêmeas POI que estarão no 11.º Leilão do Brumado.



PATTI POI da Boa Vista, Reg. BL 1418, nascida em 06/05/81, por Mustak da Zebulândia em Kumara, é outra das 20 fêmeas POI que a Agropecuária Boa Vista levará ao 11.º Leilão do Brumado.



LEILÃO DO BRUMADO

5 de Julho - Barretos - SP.

AGROPECUÁRIA BOA VISTA

Rua 18, nº 335 - Edifício Terra Boa 1º andar - CEP 14780 - Barretos - SP



FAZENDA SÃO JOÃO

ORESTES PRATA TIBERY JUNIOR

ESCRITÓRIO: Rua João Gonçalves de Oliveira, 820 - CP 33 - Telefone: (062) 521-2200
TRÊS LAGOAS — CEP 79600 — MATO GROSSO DO SUL



PAKAR

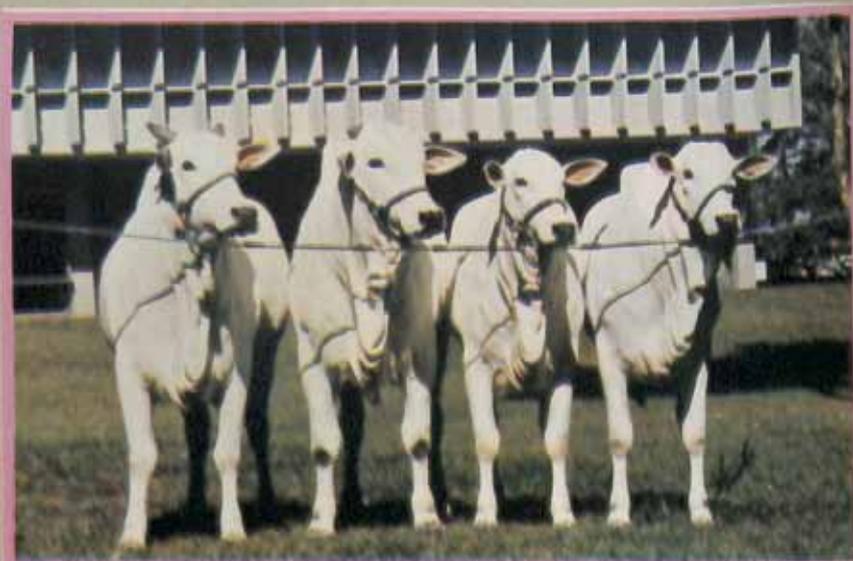
confirma mais uma vez, através dos inúmeros campeonatos obtidos por seus filhos na Exposição Nacional de Uberaba 86, ser o grande raçador da atualidade

PAKAR { KARVADI
TAJ
GODAVARI
GOLIAS

Conjunto de filhas de PAKAR POI OT

Campeão Progenie de Pai na Exposição Nacional de Uberaba 86 — Da esquerda para a direita: Xamata OT — Andira POI OT — Acústica OT — Apathy POI OT.

Fazenda São João
Maior número de pontos Uberaba 86



5 DE JULHO 86: 11.º LEILÃO DO BRUMADO — BARRETOS — SP
DEZEMBRO — 2.º LEILÃO 5 ESTRELAS — SÃO PAULO — SP



FAZENDA SÃO JOÃO

ORESTES PRATA TIBERY JUNIOR

ESCRITÓRIO: Rua João Gonçalves de Oliveira, 820 - CP 33 - Telefone: (062) 521-2200
TRÊS LAGOAS — CEP 79600 — MATO GROSSO DO SUL



ANDIRÃ PO OT

20 meses — 663 kg

CAMPEÃO JUNIOR MENOR

NACIONAL UBERABA 86

RESERVA DA FAZENDA SÃO JOÃO — NETO DE INDIRA.

A vaca mais famosa de Nenê Costa
FOI A GRANDE SENSACION NA 52.^a
EXPOSIÇÃO NACIONAL DE
ZEBU — UBERABA 86



XAMATA OT

50 meses — 832 kg

**GRANDE CAMPEÃ NACIONAL
UBERABA 86**

Filha de Pakar com vaca filha de Lakree



ZUNI POI OT

37 meses — 660 kg

**RESERVADA CAMPEÃ VACA JOVEM
UBERABA 86**

Filha de Pakar com vaca filha de Lakree

5 DE JULHO 86: 11.º LEILÃO DO BRUMADO — BARRETOS — SP
DEZEMBRO — 2.º LEILÃO 5 ESTRELAS — SÃO PAULO — SP

FAZENDA SÃO JOÃO

ORESTES PRATA TIBERY JUNIOR

ESCRITÓRIO: Rua João Gonçalves de Oliveira, 820 - CP 33 - Telefone: (062) 521-2200
TRÊS LAGOAS — CEP 79600 — MATO GROSSO DO SUL



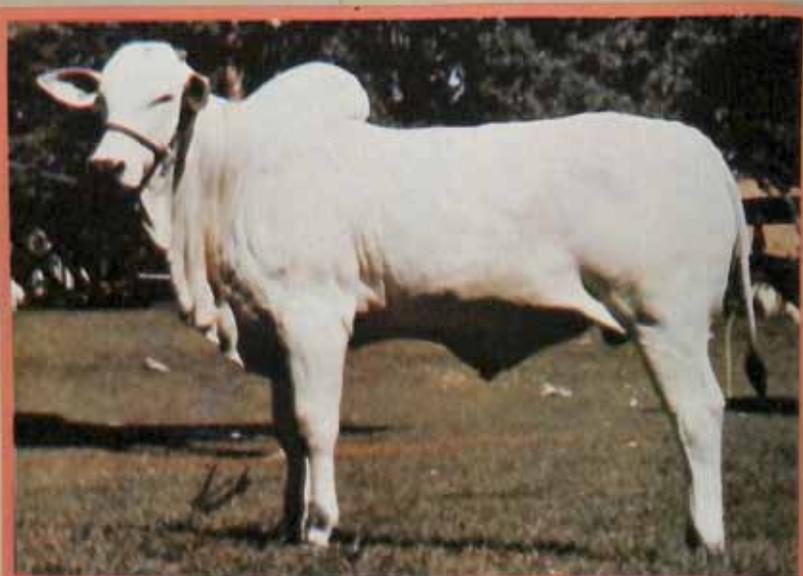
Zero OT

29 meses — 851 kg

RESERVADO CAMPEÃO
JUNIOR MAIOR NA
NACIONAL DE UBERABA 86

ESTE EXEMPLAR ESTARÁ
NO 11.º LEILÃO DO BRUMADO

DIA 5 DE JULHO EM
BARRETOS — SP



AKAR POI OT

17 meses — 546 kg

MAIS UM DOS ANIMAIS DA
FAZENDA SÃO JOÃO
PREMIADO EM UBERABA 86

ESTE EXEMPLAR ESTARÁ NO
2.º LEILÃO 5 ESTRELAS EM
DEZEMBRO NO PALACE
EM SÃO PAULO

5 DE JULHO 86: 11.º LEILÃO DO BRUMADO — BARRETOS — SP
DEZEMBRO — 2.º LEILÃO 5 ESTRELAS — SÃO PAULO — SP

RECORDE NACIONAL
DE
FÊMEA POI
D. CHECURUPADUA II
DA
3 COXILHAS — BM 205 - POI

vendida ao criador Roberto Calmon de Barros Barreto



MÉDIA DA EXIMPORA NO II LEILÃO - NOITE DOS CAMPEÕES - UBERABA 1986
C=5 246.000,00

EXIMPORA
AGROPECUÁRIA LTDA.



MARCA DO PO



FAZENDA 3 COXILHAS

End. p/ corresp.: Rua 12 de Outubro, 450
Cx. Postal 252 — Fone: 431-2221
431-2241 — 431-2261 — 431-2261
CEP: 79900 — Ponta Porã — MS

MARCA DO POI





FAZENDA PRIMAVERA

PITANGUEIRAS

Município de Rolândia - PR

PROP.: MANOEL GARCIA ESPINOZA

GERENTE: MIGUEL PROCÓPIO FILHO

Fones: (0432) 57-1148 — 57-1130
PITANGUEIRAS — PR

MELÃO DA PRIMAVERA

MARAJÁ 53
Reg. R. 1648

Taj Mahal

Maraty - imp.

ONAMISTA
DA ZEB.
3597 - AN 387

Jammu da Zeb.

Exa da SC

GRANDE CAMPEÃO EM LONDRINA 1985 e 1986
GRANDE CAMPEÃO EM MARINGÁ — 1985 e 1986
GRANDE CAMPEÃO EM CASCAVEL 1985
GRANDE CAMPEÃO EM CAMPO MOURÃO 1985
ALTURA DO CUPIM — 1,97 m — comprimento: 2,60 m — Peso total: 1.187 kg



MELÃO II

da Primavera - 2154

Pai: MELÃO

Mãe: Dedi SR. AG 3011

Peso ao nascer: 44 kg

Peso atual: 210 kg

Data de nasc. 28-11-85

Ganho de peso diário: 1,360 kg



**Venda permanente
de reprodutores P.O.**

Sêmen de Melão da Primavera
brevemente à venda

ME

RAMATY

da Primavera

Pai: MELÃO

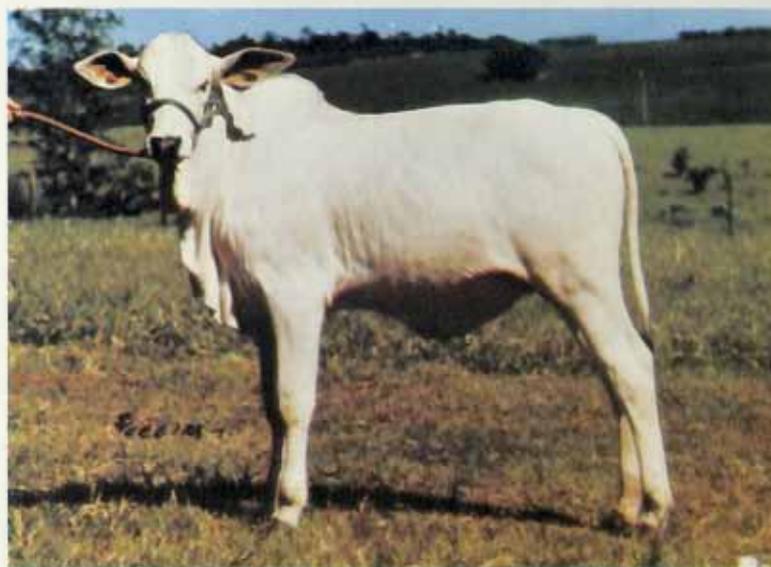
Mãe: Espanha AR 1972

Peso ao nascer: 38 kg

Peso atual 170 kg

Ganho de peso diário 1,110 kg

Data de nasc.: 4-12-85



J.P.R. OPOSTO - GRANDE CAMPEÃO

Peso 1.180 kg



EX 92 AOS 3 ANOS — 2 VEZES MEDALHA DE OURO SÃO PAULO
FEMÉRO — DE CADA 10 CRIAS 8 SÃO FÊMEAS
CAMPEONATOS — EXPANDE 82 — RESERVADO — EXPANDE 83 - 84 SP — CAMPEÃO EXPO-LEITE 84 SP
— BARRETOS 83 — SÃO JOÃO DA BOA VISTA - 83 e 84 UBERLÂNDIA 83 e GUAXUPÉ 83

PRORRIETÁRIO **J. Nacin Cury - FAZENDA SÃO MARTINHO**

Sêmen à venda na



**Central de Inseminação
Artificial**

Representante no Brasil de
SEMEX CANADA

J.P.R. OPOSTO
Nasc. 12/7/80

J.P.R. Hodiernis
HBB/A-15.718

J.P.R. Inviolata
HBB/B-41.591

Paclamar Astronaut
HBB/A-8.679

Romandine Countess Becky
HBB/B-33.156

J.P.R. Feitor
HBB/A-14.609

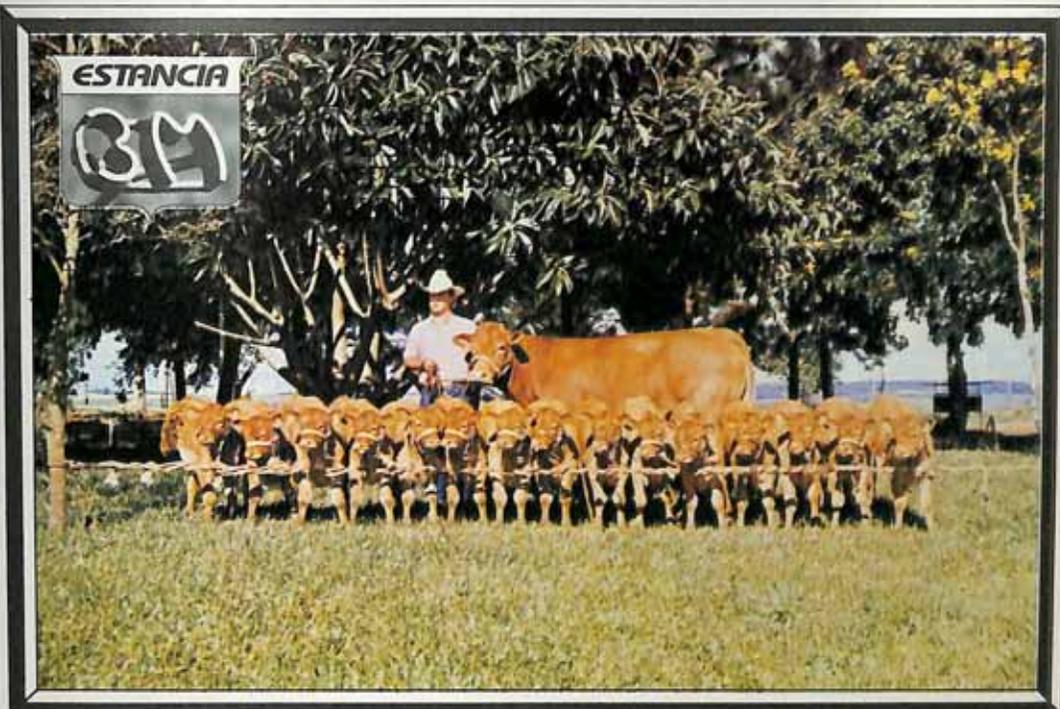
Glenafion Hagan Toy
HBB/B-28.172

Central

Estrada Bragança-Amparo, km 7 - C, Postal 162
Bairro Mãe dos Homens — Bragança Paulista - SP
Fone: (011) 423-1806

Escritório

CEP 01311 - Av. Paulista, 807 - 1.º andar - DDD 011
Fone: 288-6311 — São Paulo
Telex: (011) 22564 YAKU



Primeira transferência de embriões da raça Limousine feita no Brasil, mostrando um resultado surpreendente. 15 embriões transferidos, 15 bezerros nascidos.

Está nascendo no Paraná, mais precisamente na Estância 3M, de Marilândia do Sul, no Norte do Estado, o que vai ser, dentro em breve, o maior rebanho Limousin puro do mundo. O projeto é de Serafim Meneghel, um nome que já é destaque, entre outros setores, no agro-industrial brasileiro (ele é o diretor-presidente da Usina de Açúcar e Alcool Bandeirantes), na criação de cavalos Quarto de Milha e agora investe firme em um programa de seleção da raça francesa e no confinamento de bovinos para corte, em larga escala.

Dirigido pessoalmente por Luiz Meneghel Neto, que responde pelos interesses da família na área pecuária, o objetivo é formar um plantel mínimo de 400 matrizes puras, de alta qualificação genética, com vistas à obtenção de touros, sêmen e novilhas, para atender as necessidades do próprio grupo (tem fazendas de criação para corte no Paraná, Mato Grosso do Sul e Santa Catarina) e para venda a terceiros.

A escolha do Limousin não aconteceu por acaso. "A raça tem

tudo para oferecer uma contribuição valiosa à pecuária brasileira de corte — diz, convicto, Luiz Meneghel Neto — e a experiência já recolhida em cerca de dez anos de trabalho silencioso na 3M e no Mato Grosso do Sul permite garantir que a raça é capaz de atender a expectativa mais exigente dos criadores". O Limousin chegou aos Meneghel após a verificação, na prática, de suas qualidades para cruzamentos industriais que forneçam bovinos com rápido ganho de peso, para abate precoce, e mostrem eficiência tanto nas condições normais de engorda a campo, quanto em confinamento. Os negócios da família na pecuária envolvem ambos os segmentos, e os Meneghel têm convicção de que o caminho já está bem traçado, com o respaldo dos anos trabalhados. Agora, é expandir-se. E rapidamente.

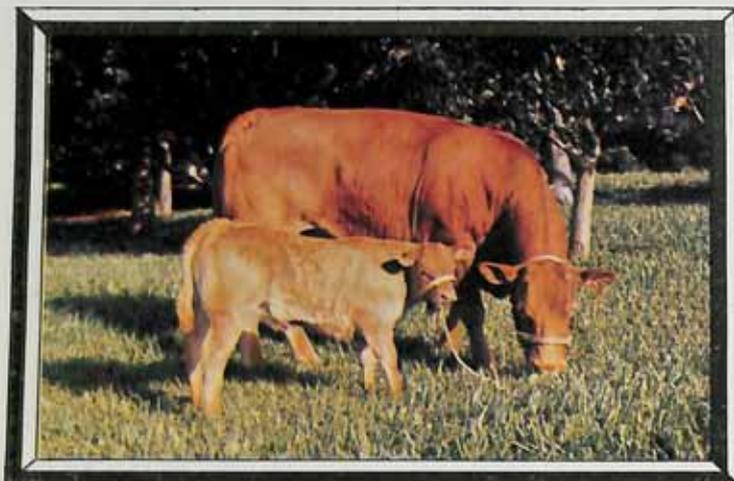
Transferência apressa

O ganho de tempo está sendo obtido graças à técnica de transferência de embriões, num trabalho orientado pelo veterinário Dr. Wilson Osli Sanchez Lucas em conjun-

to com os Drs. Jorge Nicolau Neto e Johannes Wolperis. Wilson, que assessorava a 3M e lhe dá assistência veterinária permanente, também vê qualidades até aqui não aproveitadas do Limousin no País e acredita que os Meneghel estão no rumo certo. Ele acompanha de perto o trabalho iniciado na 3M há dez anos, quando chegou à propriedade o primeiro e reduzido lote de animais da raça.

O programa de TE conta, por enquanto, com apenas seis fêmeas puras de origem, importadas, como doadoras. Elas foram selecionadas de um lote de 20 matrizes, escolhidas por critérios rigorosos, para "merecerem" — como acentua Luiz — o sêmen de duas raridades dentro do Limousin, os Touros Endormi e Favori, considerados dos melhores do mundo e já desaparecidos. No ano que vem, a expectativa é que o número de matrizes-base já chegue à casa de 20, mantendo-se os mesmos e apertados requisitos para seleção.

O objetivo final da 3M é estabelecer o plantel de Limousin em torno de 400 fêmeas próprias — o que



Vaca Limousine com seu bezerro de apenas 60 dias evidenciando grande precocidade.

Ihe garantirá a posição de maior rebanho puro do mundo na raça. Na França, país de origem do Limousin, o normal é a propriedade de 40 a 50 cabeças por produtor, e até aqui o maior plantel Limousin, mantido nos EUA, soma algo de 2.500 cabeças, incluindo-se, porém, nesse número, também os produtos de cruzamentos, pois o empreendimento visa, tal como a 3M, a obtenção de animais para corte.

Já provado

A viabilidade do Limousin para

formação de rebanhos cruzados já está mais do que demonstrada, enfatiza Luiz Meneghel Neto. Há 12 anos, a Estância 3M vem desenvolvendo um programa de engorda confinada de animais cruzados, e não tem mais dúvidas de que o Limousin acrescenta muito aos zebuínos, que, nas condições do Norte do Paraná, se ressentem da ação dos ventos e da baixa temperatura no inverno. Por isso, após testes com outras raças, optou-se em definitivo pelo Limousin, que integra, juntamente com o Nelore e o Guzerá, o plano de cruzamento indus-

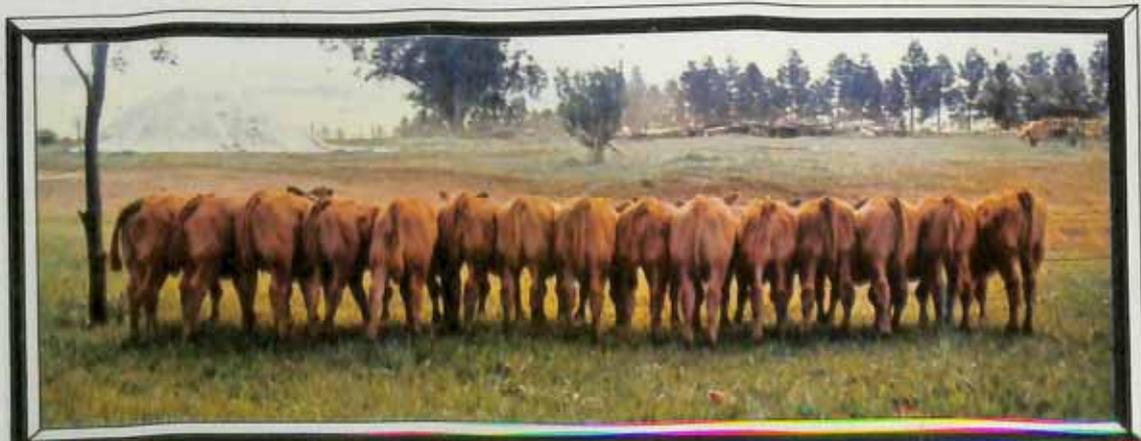
trial tipo *tree cross*, com acasalamentos alternados. Com isso, mantém-se o vigor híbrido na descendência, sem perda das vantagens trazidas pela heterose, porque não se busca fixar nenhuma das raças em particular, com predominância.

O grupo também dispõe de um excelente plantel puro da raça Nelore, igualmente com base em transferência de embriões. Assim o trabalho é conduzido para que vacas Nelore sejam cobertas pelo Limousin, com as fêmeas resultantes recebendo cobertura de touros Guzerá. A seqüência do programa prevê a utilização do Nelore, como padreador, e, nas crias obtidas, novamente o Limousin, reiniciando-se o ciclo.

As observações e controles numéricos realizados pela 3M ao longo destes dez anos de emprego do Limousin revelam nítida vantagem para os animais meio-sangue, que superam em 20% pelo menos, o rendimento em carcaça da raça zebuína pura, em absoluta igualdade de condi-



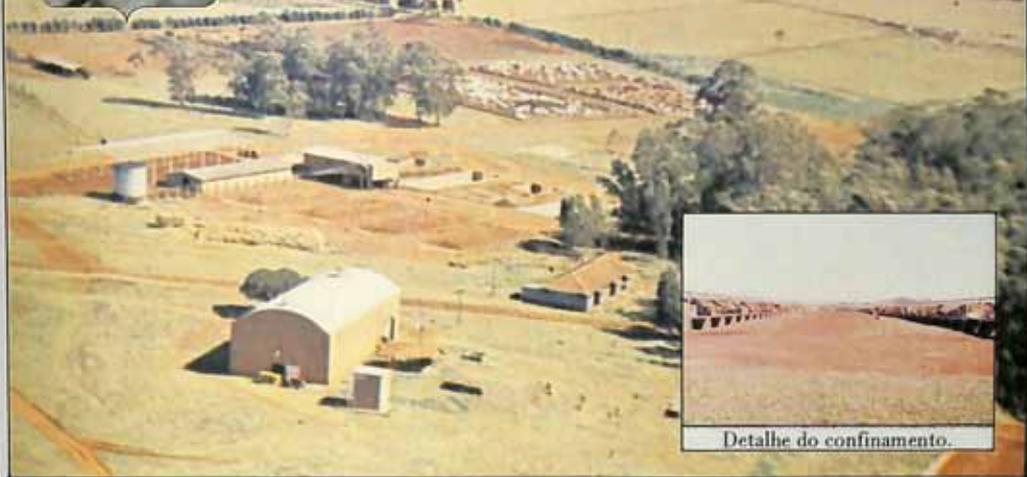
Magnífica conformação frigorífica em bezerros de apenas 60 dias.



15 bezerros Limousins, resultado de transferência de embriões, mostrando excelente tipo frigorífico e muita uniformidade.

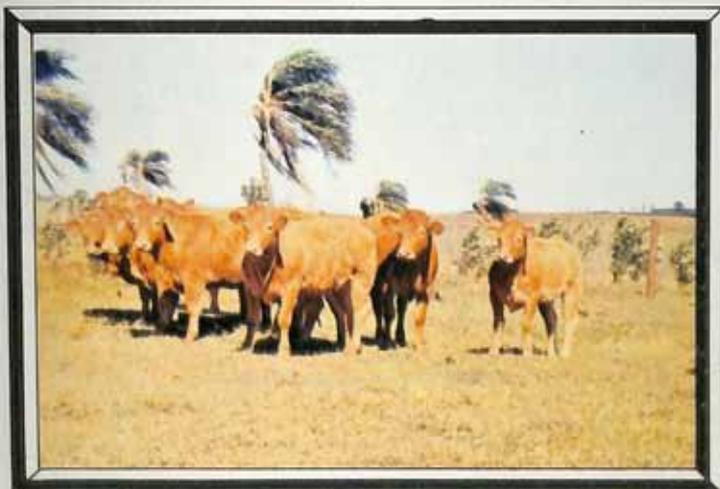
ESTANCIA

3M



Detalhe do confinamento.

Vista aérea da Estancia 3M vendo-se ao fundo as instalações para confinamento de 1.500 cabeças.



Lote de novilhas puras da raça Limousine.

ções. Animais preparados na fazenda, frutos da cruzada inicial, mantidos em regime exclusivo de campo, assim como na propriedade de Mato Grosso do Sul, foram enviados para abate aos 3 anos, com peso médio de 20 arrobas. No frigorífico, o rendimento médio de carne limpa para os meio-sangue foi de 58% e houve animal que deu a excepcional marca de 63%. Nas novilhas de descarte, também mantidas em engorda, os resultados alcançados sempre foram superiores aos oferecidos pelo Nelore puro.

Luiz Meneghel Neto credita os índices alcançados às características do Limousin, "uma raça melhoradora por excelência - como acentua - e que, pura, mostra animais com excelente desenvolvimento. Os bezerros chegam à desmama natural, aos oito meses, com a média de 430kg, atingindo 700kg aos 18 meses. Animais adultos pesam normalmente de 1.000 a 1.500kg".

A indicação da raça francesa para cruzamentos tem, ainda, sua justificativa - como destaca Wilson



Bezerro com 12 meses.

QUALIDADES DA CARNE

Textura fina de carne que mesmo nova, já é marmorizada, compacta e precocemente acabada, são as principais características da carne Limousine.

É o bovino precoce Limousine que dá a maior porcentagem de carne saborosa para assar. O rendimento em carne desses animais é o máximo.

$$\frac{\text{PESO DA CARÇAÇA}}{\text{PESO VIVO}} = 63 \text{ a } 71 \text{ por cento}$$

$$\frac{\text{PESO DA CARNE}}{\text{PESO DA CARÇAÇA}} = 80 \text{ a } 83 \text{ por cento}$$

— na habilidade materna do Limousin, que cria bem, sem problemas de parição, geralmente notados em raças europeias de porte, quando utilizadas aqui. Ganhador de peso e rústico, suportando bem as condições de campo, o Limousin tem, ademais, uma vantagem que deve ser sempre considerada — segundo o especialista. “A pelagem é clara e curta, a pele é preta, o que faz com que os animais não sofram maiores problemas com a insolação e ectoparasitas, inconvenientes muito comum em raças importadas”.

Mesmo os animais puros têm mostrado um comportamento digno de registro — enfatiza também Wilson —, revelando que, nas fazendas do grupo, em Mato Grosso do Sul, os touros permanecem normalmente com a vacada, no campo, sem qualquer problema. E a manutenção de um núcleo de Limousin, concentrado no Rio Grande do Norte, onde as condições são ainda mais severas, é a prova definitiva, segundo ele, da resistência da raça e de sua capacidade.

Na prática

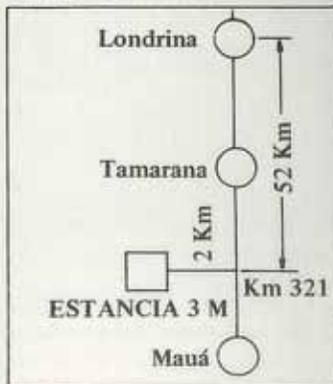
Para Luiz Meneghel Neto, é fácil comprovar porque toda essa confiança no Limousin. Bastará ir até a Estância 3M, onde se está desenvol-

vendo a engorda confinada dos produtos dos cruzamentos. As instalações da propriedade permitem a formação de 1.500 cabeças por lote, e os currais estão sempre lotados.

Atualmente, a 3M está empenhada em transformar-se no centro de formação e irradiação da raça no País. Por isso, as lavouras existentes (milho e soja) apenas existem em função dos interesses da pecuária. E as áreas de pastagens (Estrela Porto Rico, Pangola etc.) fornecem farto material para fenação, enquanto, no inverno, são a aveia e o centeio que garantem a vacada e as novilhas em pastejo, com fenação das sobras. Tudo isso porque se quer ganhar tempo e espaço: a transferência de embriões começa a multiplicar rapidamente o número de exemplares puros, haverá mais novilhas para confinar a cada entrada e será preciso estar preparado para atender à procura que o Limousin da 3M deve ter, no País, em futuro próximo, em animais ou sêmen. “Porque — como insiste Luiz Meneghel Neto — o criador que não se preocupar doravante com ganhos de produtividade no rendimento de carcaça só tem a perder na competição que se estabelecerá na pecuária de corte brasileira. E o melhor do francês Limousin está aí para fazer sua parte”.



Carcaça de Limousine.



ESTANCIA 3 M
 Serafim Meneghel
 Rod. Celso Garcia Cid, Km. 321
 Fone: (0434) 64-1288 Caixa Postal 31
 CEP 86825
 Mun.: Marilandia do Sul — PR



Fazenda São João

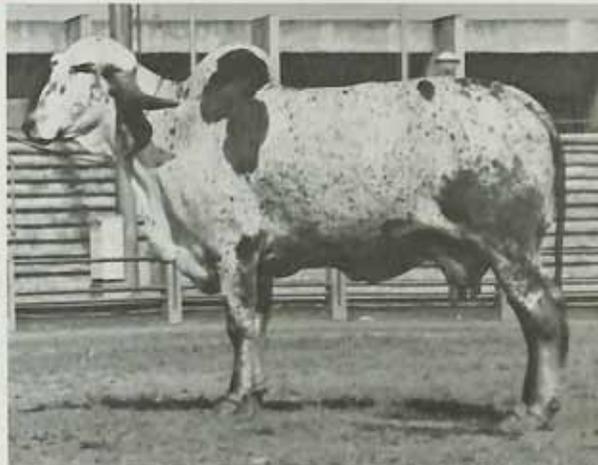
Município de Itatinga - SP

Dr. Ené Sab & Filhos

Fone: (0149) 54-1180



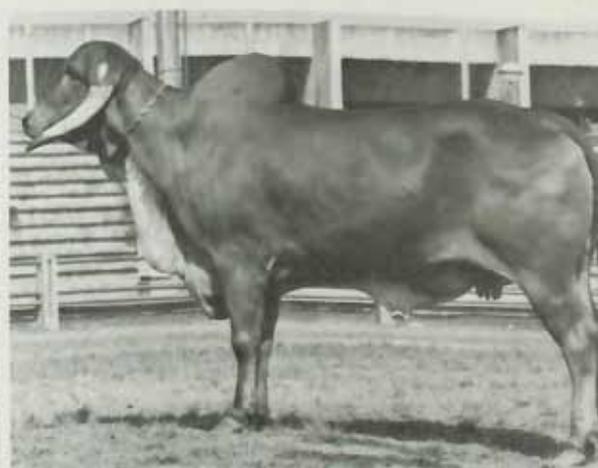
O VETERANO FESTIVAL aos 11 anos
mostrando seus descendentes.



BIBI — Grande Campeã Nacional em
Uberaba — 5 anos, 725 kg.



BETULA — 5 anos, 715 kg, Bi Grande Campeã
em São Paulo e Ourinhos.



BERTA — 5 anos, 630 kg.
Campeã em várias exposições.

Venda permanente de reprodutores da raça Gir



FAZENDA AMERICANA

JOGADO

Colosso

Funcionária



SEMPRE A VENDA
LAGOA DA BARRA

Prop. ZEID SAB

End. p/ correio

Rua Rodrigues da

Rosa, 1018, 2º andar

13080-000, Ribeirão Preto



IRENE

Autêntico
Lua Cheia IV

ALBÂNIA II

Fantástico
Albânia (Autêntico)



CABOINHA II

Tufão
(Autêntico)
Caboinha

Representante de vendas do Vale do Paraíba

José Leme Figueiredo

Sítio da Saudade
Lorena — Tel.: 0125 - 52-1484

COIOTE

= 5.^a GERAÇÃO

Combinação das melhores linhagens
leiteiras da Fazenda Brasília

COIOTE
R 2571
21 meses
500 kg



NOME	PROGENITORAS	
	MAIOR PRODUÇÃO	PROD. VITALÍCIA
NATIVA	5.350 kg de leite	16.391 kg de leite
LEITEIRA	6.336 kg de leite	30.250 kg de leite
HAMADÃ	5.534 kg de leite	36.430 kg de leite
CALIBROSA	4.375 kg de leite	20.068 kg de leite
DELICADA	3.860 kg de leite	32.895 kg de leite
PRATINHA	6.128 kg de leite	33.145 kg de leite
ALEGRIA	5.128 kg de leite	18.469 kg de leite

GIR LEITEIRO É A SOLUÇÃO

Fazenda Brasília

RUBENS RESENDE PERES

Pça. José Peres n.º 10 - CEP 35360 - Fones: (033) 352-1527/352-1315 - S. Pedro dos Ferros - MG
Esc.: Av. Uruguai, 228 - 4.º andar - CEP 30310 - Fone: (031) 225-1299 - Telex (031) 3203

BELO HORIZONTE - MG



7 de julho de 1986 (segunda-feira) - 19h
Parque da Água Branca - São Paulo - SP

**60 PRODUTOS (HPB E HVB)
 DA MELHOR QUALIDADE,
 DAS MARCAS:**

JPR - Joaquim Peixoto Rocha
GNM - Geraldino Natal Madureira
SÍTIO 33 - Benedito José Soares
de M. Pati
SJT - Luiz Horácio U. C. de Mello

**O tipo e o leite dos melhores PO
 e PC, previamente selecionados,
 em 6 pagamentos sem acréscimo.**



JPR LETÍCIA - Prod. 7-1 3x 365d 11.560 347g 3,00%, LM
 Lactação em curso - 60 dias - média diária de 40kg
 Produção vitalícia acima de 32.000kg
 Símbolo de Tipo e Leite

Informações: (011) 543.3300

Djalma B. de Lima
 organização de leilões





FAREWELL HARRY

(imp.)

Pai: Sugar Rondo Agha
332350

Mãe: Farewell Bess Agha
52967

FAZENDA MATINHA

PROP.: RUY JACINTO

Mun.: QUIRINÓPOLIS - GO

End. p/ correspondência:

Rua 3A n.º 171 —

Tel.: (062) 224-1504

GOIÂNIA - GO

Seleção de Nelore e Cavalos Quarto de Milha

RIO INDIO

Marchador

Pai: Candomblé

Mãe: Carapuça



Lote de éguas

PEPPY LEO BUBBLY VLF



PRODUTOS MISTIÇOS
E
COBERTURAS À VENDA

	MUSIC BAR	GAT BAR KING
PEPPY CHESTNUT		WIFTY CODY
		NEL SON BISH
	BUS'N POCOCK	NINE'S POCOCK
		THREE BARS
CHAMPAGNE BUBBLY	BARLETT	DWIGHT'S LEONA
		KING DUSCE
	DUKE SON	ROYAL BOBBY SON

FAZENDA REGINA

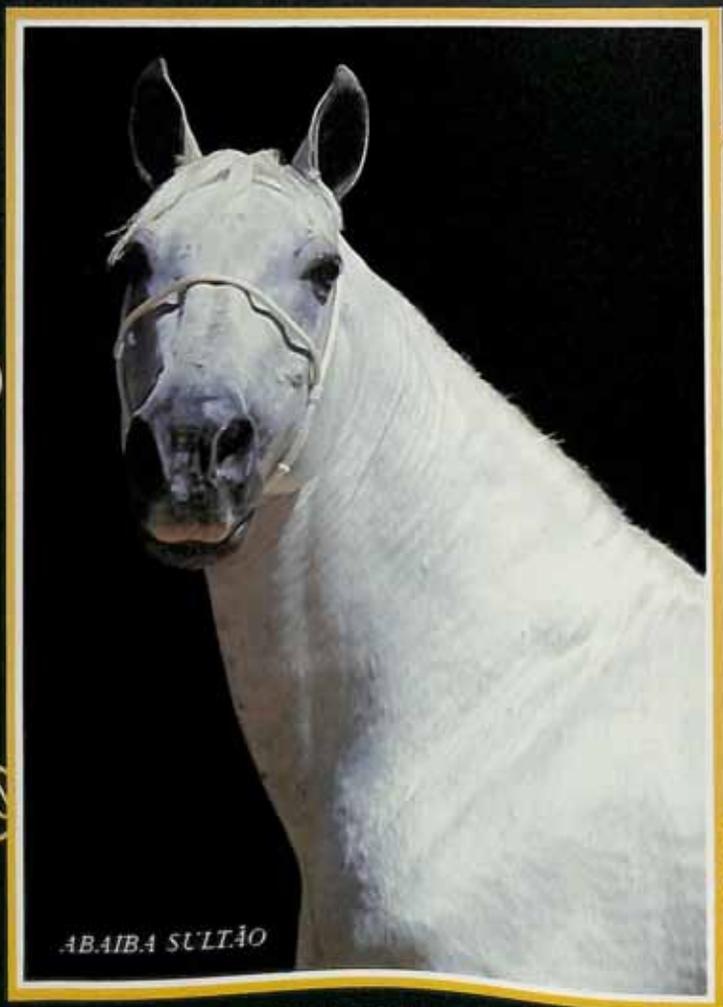
Município de Itatinga - S.P. - Fone: (0149) 54.1480

SYLVIO WAGH ABDALLA

Esc. Av. Paulista, 2073 - Edifício NORSA II



RAÇA



ABAIBA SULTÃO

Qualidade é o objetivo e o resultado natural do nosso trabalho. Cruzamentos bem planejados e condições perfeitas de tratamento garantem esta qualidade.

Na Fazenda São José uma equipe especializada dedica-se à conservação e formação de pastagens, manutenção de instalações e manejo. Desta maneira, quando nasce um produto SAMF ele já estava, há muito tempo, recebendo todos os cuidados para ser mais um excelente representante da sua raça.

ABAIBA SULTÃO

Providência Itu
Abaiba Nobreza

- Campeão Nacional de Progênie de Pai Bauru - 82
- Pai de 2 Campeões Nacionais e da Recordista de Preço no II Leilão Top-Mangalarga Marchador - Maksoud Plaza.

Fazenda São José
Estrada São José dos Campos - Campos do Jordão, km 113,5

Escritório em São José dos Campos
Rua Euclides Miragaia, 394 - 6º and., - S/609-610
Ed. Vip Center

Tels.: (0123) 22-9865 - 22-8640

SAMF
ESTRUTURA E ANDAMENTO
MANGALARGA MARCHADOR

RANCHOMEYER

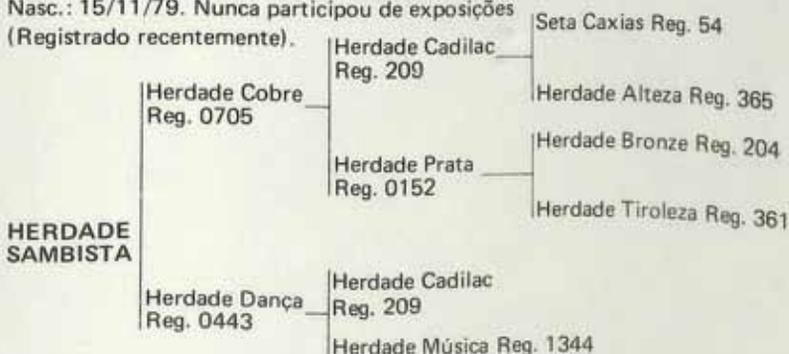
BR 116 — Km 114 — Nova Friburgo - RJ — Pro.: Willy Frederico Meyer
End. Comercial: Rua da Gamboa, 307 a 321 — Fones: (021) 263-0240 - 263-0496
Rio de Janeiro - RJ



O MELHOR PEDIGREE DO BRASIL

HERDADE SAMBISTA

Nasc.: 15/11/79. Nunca participou de exposições
(Registrado recentemente).



PRODUTOS E COBERTURA À VENDA

FAZENDA DA HERDADE

ESPÓLIO JOSÉ DE ANDRADE REIS

Res.: Rua Rei Alberto, 121
36100 — Juiz de Fora - MG
Fone: (032) 211-1785

Fazenda da Herdade
Simão Pereira - MG
Fone: 15

Herdade

Herdade Bolero

Nasc. 01.11.79

Herdade Cobre

{ Herdade Cadillac
Herdade Prata

Herdade Música

{ Herdade Ouro Preto
Herdade Tirolesa

Mangalarga



Alô Amigos

Esprei dois meses para comentar com vocês, caros irmãos brasileiros, o motivo, o fato, o bendito, o dadivoso cruzado, que agora sim, digo com certeza, veio para ficar, chegou para nos salvar graças a Deus. Talvez o temor, a incerteza de dar **certo ou não** fizessem com que me mantivesse assim calado, na "espreita" como comumente pronuncia o nosso homem comum.

Gente, vivíamos, eu pelo menos, um horroroso e interminável pesadelo. Não poderíamos prever o dia seguinte e muito menos sequer orçamentar bom futuro que evidentemente estaria ligado à sobrevivência de minha própria família. Um monstro terrível sempre a nos ameaçar com suas garras e dentes. Um sufoco bárbaro.

Estávamos à beira de um enorme precipício sem um arbusto sequer para nossa proteção, cada vez que a queda fatal mais se aproximava. Estávamos por um fio aguardando sempre, porém, a ilusão de um milagre que uma "varinha mágica de condão" viesse nos tocar para que o nosso sonhado salvamento se tornasse realidade. Uma esperança eterna que se adiava, e dia a dia consumava-se.

Brilhou uma luz, aconteceu. Chegou a grande felicidade, a nossa carta de alforria. Passamos a respirar mais e melhor, sem o "auxílio" daqueles infectos "oxigênios" "envenenados" dantes.

Esta é uma secção de cavalos, sim, mas propriamente de cavalos Mangalarga, que foi e continuará sendo uma das mais fortes razões para que aqui chegássemos mesmo cheios de feridas, suportando as sufocadoras pressões da vida anterior.

Nada tenho a ver com política. Não quero, nem devo. Tenho, isto sim, o direito em dizer muito obrigado àqueles que zelam pelo povo. E eu, como vocês, fazemos parte desse "ex" sofrido conglomerado popular.

Deus lhe pague, Presidente! Ele está conosco, está com o senhor, Senhor Presidente da Nova República Federativa do Brasil, Dr. José Sarney.

Nossa gratidão, nossos respeitos

Laercio C. Noronha e Família

Mangalarga...ndo brasa

• Quando estou escrevendo esta coluna do mês, deverá estar se realizando no Parque da Água Funda, a maior Exposição de Cavalos Mangalarga que ocorre anualmente.

• Disse a maior sem o menor receio de errar, pois neste certame se inscreveram os maiores criadores da raça e consequentemente os melhores plantéis estarão presentes.

• Foi feita uma "eleição" (voto secreto) para a escolha dos senhores juizes que deveriam (estão sendo) ser três e que são os Drs.: Eduardo B. Marchi, Atilio D'Angieri Netto e Carlos do Amaral Cintra (os mais votados).

• Três grandes nomes, conhecidos profundos da raça Mangalarga, aptos a desempenharem brilhantemente suas funções nesta mostra de invulgar envergadura.

• Na próxima edição darei alguns detalhes do sensacional encontro dos nossos magistrais e principais "craques criadores" que se fizeram presentes àquela tão aguardada competição.



Abel Pinho Maia Sobrinho

• Tive notícias de que o potro Zagueiro A.J. dos Irmãos Maia, Abel e José está em fase extraordinária, lindo de morrer.

• Certa ocasião José Oswaldo Junqueira disse-me e autorizou a publicação de que Zagueiro era o mais lindo que até então tinha visto.

• Muito bons como de costume aliás, os Leilões de Olineto Marques de Paulo (Páface) com a média espetacular de 414 mil por cabeça e o do amigo de todo mundo o gran-

de criador e selecionador Badih Aidar realizado no Parque da Água Branca em nossa Capital, na noite fria de 28 de abril. Não tenho dados mais efetivos sobre o remate mas estive lá (claro!) e sei, afirmo e carimbo que foi mais uma vitória mais um gigantesco sucesso (que se renova a cada ano) da famosa marca Nata, um criatório que nos orgulha a todos que participamos do dia a dia do que acontece com o melhor cavalo do mundo.



Antonio Ricardo Porto Ruette

• Fui a Barretos, estive com grande alegria, com os amigos criadores Antonio Ricardo Porto Ruette e Prudêncio R. Porto. Ambos muitíssimo animados com a boa forma dos produtos do Haras Santo Antonio, em Viradouro, SP.

• Publicamente digo obrigado, muitíssimo obrigado aos meus queridos amigos de Colina e Barretos, José Cantídio Junqueira de Almeida, Antenor Junqueira Franco Netto e seu filho Silvío, ao Joaquim Servulo Meirelles da Rocha (Colina, Fazenda Consulta) ao Zé Junqueira Arruda e outros que dedicaram a mim, ao Dr. Eduardo Marchi e ao ótimo criador William G. Mira todas as atenções possíveis, isto sem contar o saboroso carneiro que devoramos na Fazenda do Dr. Ruy Antonini que tem, diga-se, uma excelente tropa.

• Gente, o Estevão da Mangueira, reprodutor de quem sou admirador intransigente está em forma de dar água na boca de quem gosta de ver coisa boa, bonita. Estive lá, vi, comprovei, carimbo. E sem dúvida, um dos melhores da raça.

• José Ely de Miranda, o Zito (do Santos e da Seleção) adquiriu cinco fêmeas do plantel de Carlos Oswaldo Rosa Lima que como todos sabem é o feliz proprietário de Estevão da Mangueira e dono da marca famosa que é CORLY.

• Grupo de ótimos criadores está projetando notável leilão para o início de setembro. Eis alguns deles e vejam se o sucesso está interligado ou não: Celio Ashcar, Divino Alves, José Pedro Gonçalves (Carrera 98!), Fernando Santos, Geraldo S. Castro, são os seus integrantes. Preparem pois os cruzados pois muita coisa boa e muito prazo acima de tudo, deverão ser oferecidos.



Divino Alves

• Afonso Vitulle vai liquidar seu magnífico plantel tendo a frente o seu maravilhoso CASTELO O.B.. Suas matrizes em número pouco acima de 20 (vinte) são algo que merecem a maior atenção de todos, pois trata-se de verdadeiras "jóias", como atestou Dr. Eduardo B. Marchi.

• Outro grupo, com os brilhantes selecionadores, Nelson F. Spielmann, Celso Silveira Mello (Haras Copi), José Homem de Mello, Chico de Lucia, Roberto P. Kujawski e outros que neste momento fogem-me à memória, estarão também oferecendo produtos que as marcas dos proprietários acima recomendam. Todas de grande realce, todos de fama merecida. Este Remate está inicialmente marcado para outubro.

• E o Leilão Estrelas do Mangalarga, do Toscani, Jaffer e Matta será no mesmo local,



Indiana

FARPA B.P
20/11/82

ASTERIX B.P.

MIRA B.P.

FAZENDA
PULLMAN

MANOEL CORREA DE SOUZA NETO - TEL.: (011) 247-505

Mangalarga...ndo brasa



FULIÃO A.J., um dos maiores raçadores do País — Fazenda Retalho — Orllândia.

no sensacionalíssimo MACK-SOUD, São Paulo, 15 de agosto. Mais uma vez o velho e sábio refrão presente: "Em time que já está ganhando não se mexe"...

• Aviso aos navegantes ou melhor aos mangalarguistas em geral. O nosso futuro grande presidente Dr. Clodoaldo Antonangelo (Tatinho) já tem telefone em sua fazenda. Anote: (016) 41-2244.

• As vezes penso, sonho, medito e sempre que isso acontece sinto falta, muita falta de vocês meus amigos queridos. Escrevam-me, telefonem-me, dêem-me notícias mesmo que sejam sem a intenção de torná-las públicas.

• Dr. Heraclito, D. Lucia, Eduardo, Otávio, Cássia, os filhinhos. Estou com muita saudades de todos vocês, Família Motta Luiz. Logo, logo, quando menos esperarem estarei na tradicional Retalho vendendo essa extraordinária tropa e convivendo com estes meus

amigos do coração. Tenham certeza.

• Um potro lindo, sensacional? Falcão da Copi (por Maestro do JEK e Negra J.O.) que era do Celsinho e do Pedro Luiz e que o Zito, o craque, adquiriu.

• Acredito, vai ter o mesmo brilho, a mesma fama do jogador do S. Paulo e da Seleção, o seu xará Paulo Roberto Falcão, o Rei de Roma.

• O que eu mais gostei (dentre outras coisas bonitas, bem feitas) numa revista nova sobre Mangalarga foi a Capa da mesma que estampou em grande forma, a beleza, a raça, de um futuro Campeão que é Paris N.S. (Luxo do JEK e Foguinha R.N.) do criador (muito bom) esportista e executivo de alta cúpula que é sem favor nenhum, Nelson Franco Spielmann.

• Resolvemos adiar, eu e o Chico Sciacca a feita do próximo Anuário dos Criadores, que se dará todavia no

segundo semestre do ano. Contamos com vocês.

• Nosso Mangalargan...do Brasa entretanto continua, cada vez tentando se impor mais e mais. Contamos com os senhores criadores também, para que esta humilde trincheira do cavalo Mangalarga não esmoreça e sim "pelo contrário" melhore sempre.

• Ariel C. Gaiolli que recentemente foi distinguido, com enorme justiça, diga-se, como o Criador que melhor despontou para o sucesso no ano findo de 85, título este outorgado pelo Ministério da Agricultura.

• Fico sempre contente com o fato pois sou amigo (graças a Deus) incondicional do ARIELZINHO e tenho certeza que todos do meio apreciam-no e muito.

• Felipe está saindo, Tatinho está entrando. Duas forças incontestáveis. Melhor para nós que temos uma porcentagem quase que total de homens desse porte.

Um dos mais futuros Haras do País
apresenta duas excelentes poldras de sua seleção



HERDEIRA DA SERRA — nasc. 20/2/84 — por Garimpo do JEK e Aleluia da Serra



CIGANA DAS TRÊS BARRAS — nasc. 12/10/82, por Durango e Ninfa



HARAS MILAMARI
O.J.

Oswaldo Juliano

LARAS - SP

Município: Laranjal Paulista
Tel.: (0152) 83-1714 - Ramal: 22

SÃO PAULO:

R. Siqueira Bueno, 924 - CEP 03172
Tel.: 264-0233 - Telex: (011) 22697
Belenzinho - S. Paulo

Mangalarga...ndo brasa

- Em Barretos, muita gente, muitos amigos. Dentre estes, Dr. Geraldo Diniz Junqueira e seus filhos Flavio e Kiko.

- José Eduardo Kuntgen vendeu a tropa, o Haras, tudo, tudo. Agora soube, está residindo no Guarujá, porém com muitas saudades do meio. Eu, cá comigo acredito que sim.

- Luiz Aparecido de Andrade (Tucumã M.J.) está ansioso, aguardando os primeiros filhos de seu famoso garanhão com as matrizes assombrosas que comprou do meu muito amigo Olympio Milani.

- José Oswaldo Junqueira, textual: "A tropa da Fazenda Pullman do amigo Manoel Corrêa de Souza Netto surpreendeu-me. Está um colosso! Quando a vi, não me cansei de analisá-la. Acredito, ela merece uma nota bem alta."

- Marco Antonio Malzone e Marcelo Malzoni estão embalados. Com a tropa, com a raça, com tudo. Estive com ambos e senti isso. Como é bom ver os amigos felizes, não?



Olavo Barbosa

- Olavo Barbosa um tanto distante da gente. O que há amigo? Apareça, chegue junto. Tem gente e bastante, doída para ver sua nova safra, que me contaram é soberba. São os filhos do Folião e do Alicerce. É verdade? Veja querido Olavo, cavalo não fala — portanto você terá que se incumbir desta função.

- Quem desejar ver, "Babar", ante um cavalo extraordinariamente lindo um reprodutor fantástico, dou a recei-

ta: Suba em seu carro, pegue a Anhanguera passe por Campinas, Americana, Limeira, Piracicaba. Tome o rumo de Águas de S. Pedro, desvie-se para Charqueada. Dois quilômetros antes está o Haras Santa Julia do criador Nelson Luciano Rivabem. Neste Haras o seu Rei: OPIO I.N. (Cocar J.O. e Tulipa R.P.). Um dos melhores da Raça. Vá lá e contaste. Vale a pena.

- Celso de Barros, o Celso querido de Pirajui deu uma debastada na tropa. Tatinho é novo dono de Lenda (Elmo), Alfa (Reinado) e Cristalina (Paladino).

- Por falar em Pirajui vou logo lá. E que recebi um convite amável do amigo José Carlos Ortega Jerônimo, um criador novo com muita pinta de veterano vencedor. Dizem que sua tropa está "bichrada". Acredito, pois o bom gosto do Ortega já é conhecido. O seu plantel de Holandês Vermelho e Branco, um dos melhores do País, é o seu melhor cartão de visitas, portanto...



MARCHA TROTADA



- Pelo telefone falei com o Dr. Paulo Eduardo Piccin, o nável criador, dono da famosa Gaya. O moço continua entusiasmado. Muito mesmo.

- Os balanços estão novamente em falta comigo. "Cadê" as notícias, caro Falcão?



Gileno Amado Brandão, Dr.

- E você, Gileno, Fred, Tedesco? Olhem que o pessoal do Maranhão, liderança alegre e objetiva de Nelson Frota pode passar à frente.

- Tomem nota de um potro que tem futuro certo, de Campeão: RENAN (Turbante J.O. x Yena) o proprietário? O.K. Olympio Garcia Neto, Mococa, SP, ex dono de Estádio J.O.

- A Exposição de São João, minha terra querida será mais uma vez, como de hábito, um êxito colossal. Julho é o seu mês.

- Pena, pena mesmo, não estarei presente desta feita. Vou viajar com a família, descansar um bocadinho, comemorando a nova fase da vida, o nascimento do cruzado.

- Roberto Prado Kujawski logo, logo estará inaugurando seu Haras Jamaica em Tatuf, SP. Não conheço, mas dizem tratar-se de algo maravilhoso, faraônico, etc...

- Kujawski merece. Ele é bom, simpático, ótimo amigo e idem criador. Robertão, todo mundo gosta de você acredite.

- Estou com saudades e sentindo muita falta do gran-

de amigo que é e sempre foi, o Dr. Romeu Corsini Jr., Haras Pixoxó (lindo!) São Carlos, SP.

- Onde está você, Romeu? Se demorar um pouco mais, telefone para saber, ou melhor, vou lá!

- Qual o "galã" que receberá maior número de namoradas?

- Turbante, Maestro, Charmoso, Puitã, Fugalaça, Invasor, Tucumã?

- Dia 30 de junho — nossos olhos deverão obedecer discriminações totalmente adversas. Numa vista, lágrimas. É o Dr. Felipe que estará deixando a nossa presidência. Na outra, brilho, alegria. Tatinho estará assumindo o poder. Que Deus os guie, cada qual em sua nova caminhada e Viva o Mangalarga, o melhor cavalo do Mundo, graças a homens (muitos) como os acima citados.

L. N.

Mangalarga...ndo brasa



ESMALTE JOP — Campeão Potro — VI Exposição Nacional Mangalarga (1984)

A FALA DO CRIADOR



Dr. Gilberto B. Figueiredo

Lençóis Paulista - SP

Através de uma visita à fazenda de José de Oliveira Prado, no ano de 1978, adquirimos algumas matrizes, inician-

do uma criação que contou com todo apoio daquele que seria nosso incentivador e orientador técnico no conhecimento da raça Mangalarga.

Em 1982, em uma de nossas habituais estadas na fazenda Santa Fé, conseguimos sensibilizar o amigo Prado para que nos cedesse um potro pelo qual nos havíamos encantado. Era ESMALTE JOP, que em abril de 1983, levado à exposição de Lençóis Paulista e julgado pelo Dr. Attilio D'Angieri sagrou-se campeão potro.

A grande alegria, no entanto, ocorreu na VI Exposição Nacional do Cavalo Mangalarga, em 1986, quando o juiz internacional, Cel. Edwin Day,

o premiou campeão potro, classificando-o, em considerações dadas ao jornal da Associação, como uma opção na raça, devido ao seu tipo leve.

Hoje, já cavalo, e tendo alguns produtos nascidos, de sua primeira geração, podemos dizer que ESMALTE JOP tem um futuro promissor também como garanhão.

Quanto à nossa criação, alojada na fazenda Santa Fé, temos muito ainda que desenvolver, até conseguirmos animais de portes semelhantes à Orquestra AJ, mãe do excepcional Destile JOP, Gabriela R.S., Maravilha JEK, Leticia JEK, que dignificam a raça Mangalarga.

Mangalarga...ndo brasa

ESTAMOS ORGULHOSOS!



Jovem brasileiro, Dr. Roberto Martins Franco Junior brilha na Inglaterra e Estados Unidos

Do meu querido amigo Roberto Martins Franco, de Sales Oliveira, recebi com enorme satisfação delicada carta que prazerosamente passo a transcrever.

Fazenda Lageado, 26 de abril de 1986

Prezado amigo Noronha

Lendo sua seção na Revista dos Criadores deste mês e atendendo seu pedido para que dêssemos notícias e fizêsemos contatos com você para novos fatos tivemos a idéia de contar-lhe a quanto levou o entusiasmo de um menino criado em fazenda e apaixonado pelo Mangalarga.

Ainda criança, Roberto Jr. convenceu, a mim seu pai, comprar-lhe 4 éguas no berço do Mangalarga — Fazenda Invernada, Orlândia.

A criação foi aumentando e se aprimorando com o uso dos ótimos reprodutores da região e o menino que montava bem, cresceu e se tornou veterinário, tendo durante todo seu curso se voltado para a equideocultura.

Formou-se em julho de 85 e foi o 1.º aluno de sua turma e imediatamente prestou exame para residência no Jockey

Club de São Paulo. Permaneceu lá até setembro de 84 quando a conselho dos veterinários de lá, partiu em outubro para a Inglaterra — Universidade de Bristol. Lá, já tendo conhecimento que New-Market é a cidade que vive em função do cavalo para lá rumou e, após estes, conseguiu passar a ser assistente do Dr. Rossdale que é a pessoa mundialmente famosa em reprodução equina.

Finda a estação de monta em outubro de 85, veio para os Estados Unidos com recomendação do próprio Dr. Rossdale. Ficou lá esses 6 meses como residente orientador onde adquiriu também muita experiência, principalmente em cirurgia em casos de cólicas, etc.

A pedido do Dr. Walter Recker, ficou mais alguns dias por lá para recepcionar e orientar o neto do Sr. José

Oswaldo Junqueira, o João, na Universidade da Flórida.

Dia 4/5, porém, ele retorna e agora para enfrentar o trabalho como criador e como profissional adquiriu aparelhagens na Inglaterra e nos Estados Unidos e em breve deverá estar apto ao serviço.

Aí está um resumo da história do rapaz de 24 anos que retorna a sua pátria com muito entusiasmo e esperança de poder aplicar aqui tudo que aprendeu lá fora.

Esperamos poder contar em futuro próximo com sua visita para conhecer nosso trabalho e poder comprovar o que foi relatado nesta carta. Nosso grande abraço a você desejando que o Mangalarga...do brasa vá sempre crescendo e nos trazendo as boas notícias sobre cavalos e seus criadores.

Atenciosamente

Roberto Martins Franco

TÉCNICO VIAJANDO

Boa viagem, feliz regresso! Desde meados de abril encontra-se nos Estados Unidos em viagem de estudos, observações e possíveis compras de materiais técnicos especializados sobre equinos, o Dr. João do nosso querido amigo Sr. José Oswaldo Junqueira que dispensa maiores comentários pois todos o conhecem de sobejo. E, sem dúvida, figura excepcional da equinocultura nacional.

Dr. João (que empresta seus conhecimentos) e dá assistên-

cia à famosa tropa J.O. de seu afamado avô, estava, quando dirigia estas linhas sendo acompanhado nas suas andanças pelos "States" pelo Dr. Asbury, especialista em Reprodução Equina na Universidade da Flórida — USA. De lá Joãozinho deverá seguir para a Inglaterra onde também tem muito que ver, aprender, para depois nos ensinar.

A volta do Dr. João Junqueira Fleury está sendo aguardada com saudades e ansiedade por todos nós.



Dr. João Junqueira Fleury

IX FACILPA DE LENÇÓIS PAULISTA



Durante a IX Facilpa de Lençóis Paulista, muita gente para lá se mandou certos de assistirem, como de fato aconteceu, um dos maiores certames de cavalos Mangalarga do Estado.

O julgamento do sensacional evento esteve a cargo do Dr. Eduardo B. Marchi, que como sempre saiu-se airoso.

José Oswaldo Junqueira também esteve presente à mostra e durante a sua realização

foi homenageado com um gostoso lanche na residência do conhecido criador, Caio Duarte que juntamente com José Antonio Nelli Duarte possuem o Haras Duarte, naquele município.

O flagrante atesta o grande criador, José Oswaldo, Caio, Antonio, o conhecido Marcelo e os dois certamente bons criadores de amanhã, filhos dos sócios do brilhante Haras Duarte.

SUMARIO

FERTILIDADE EM BOVINOS: RAZÕES BÁSICAS PARA EVITAR INSEMINAÇÕES TARDIAS

Ovulação, gametas e embriões

CRESCIMENTO E REPRODUÇÃO EM GADO NELORE

COMO EVITAR OS DANOS CAUSADOS PELOS ROEDORES

Danos econômicos — História e comportamento da vida dos roedores — Habilidades físicas — Pré-controle das populações de roedores — Controle de roedores nos galinheiros — Controle químico — Raticidas "agudos" (dose única) — Raticidas "crônicos" (doses múltiplas) — Notas da redação.

CRIAÇÃO DE CROCODILOS

Esta é a "pecuária" do futuro para os trópicos? Criação de crocodilos — Animais de criação — Couro ou peles de crocodilo — Vantagens econômicas — Limitações — Conservação — Inseminação artificial de crocodilos — Nota da redação.

NOTAS ZOOTÉCNICAS

Ingestão de água de leitões desmamados — Absorção de gamaglobulinas colostrais por bezerras de raça de corte — Como preparar as vacas para o parto.

Fertilidade em bovinos: Razões básicas para evitar inseminações tardias

Ovulação, gametas e embriões

A escolha do momento da inseminação artificial (IA) em animais pecuários é considerada amplamente como crítica e a influência do momento da monta ou serviço sobre a taxa de concepção em bovinos é bem conhecida, desde o trabalho clássico de Trimberger (1948).

Estudos subsequentes têm servido principalmente para endossar trabalhos anteriores (p. ex. Casida, 1950; Salisbury & Van Demark, 1961; Deas, 1970; Foote, 1979). Em particular, está agora determinado que a inseminação postergada tem maior probabilidade de influir deletariamente na fertilidade do que a introdução prematura da suspensão de espermatozoides, mas, as razões desta situação parece não terem sido largamente aceitas. Esta última observação é baseada em muitas

discussões com veterinários e técnicos agrícolas.

Os parágrafos seguintes foram escritos portanto com a esperança de clarear o entendimento dos processos fundamentais que podem motivar o que se acha envolvido na prática da IA, a fim de evitar alguns dos contratempos.

Isto é especialmente importante com o advento de processos de "fazer você mesmo a IA" e do uso cada vez maior dela em países em desenvolvimento.

Tendo em consideração, primeiramente, a matéria do momento relativo ao advento da ovulação, a inseminação feita muito cedo (ou seja, prematuramente) coloca os espermatozoides em risco de envelhecerem no trato genital feminino, ao passo que a inseminação muito tarde compromete o óvulo liberado. Mas mesmo que a IA utilize números significativamente menores de espermatozoides do que aqueles encontrados na maioria dos ejaculados de touro, a população de células masculinas

introduzidas na cervix uterina é ainda calculada em milhões. Isto está em completo contraste com a ausência de um só óvulo.

No que concerne somente a números, pode-se, portanto, esperar que o gameta feminino sofre maior risco em situação de envelhecimento. Acrescenta-se a esta observação o fato de que o material a inseminar contém espermatozoides em diferentes fases de maturidade (Dziuk, 1970; Bedford, 1970; Chang & Hunter, 1975) e esta verdadeira heterogeneidade assegura o "tamponamento" ou "amortecimento" contra a influência da inseminação prematura. Sob tais condições, a progressiva maturação dos espermatozoides sub-amadurecidos, pode levar a que as células ativamente capacitadas se achem presentes no momento da ovulação. Em termos de tempo antes da ovulação, uma tolerância de 18-24 horas pode existir com o material normal a inseminar de um touro provelo (ver Laing, 1945; Trimmerger 1948) conquanto um intervalo menor possa ser mais realista com sêmen congelado e degelado (vale dizer, 12-18 horas).

No que tange ao óvulo, a situação difere enormemente. Na maioria dos mamíferos até agora examinados, o óvulo não fertilizado tem uma duração de vida notavelmente breve após a ovulação, raramente ultrapassando 8-10 horas antes de terem início as alterações degenerativas (Bladau & Young, 1959; Bladau & Jordan, 1941; Chang, 1952; Braden, 1959; Austin, 1961). Ao contrário do espermatozoide, que é composto predominantemente de uma massa estável de cromatina ou somente citoplasma vestigial, o óvulo é uma esfera relativamente grande de citoplasma com aproximadamente 140 μ m de diâmetro, contendo uma variedade de organelas. O problema inerente ao envelhecimento pós-ovulatório dos óvulos no oviduto reside principalmente na falta de estabilidade das organelas nucleares e citoplasmáticas; dois exemplos principais são:

Primeiramente, os elementos nucleares no óvulo recentemente ovulado consistem em um arranjo dos cromossomos na metáfase do segundo fuso meiótico; eles esperam a ativação pelo espermatozoide fertilizante. Na ausência dessa ativação e após somente pequeno número de horas, os microtúbulos do fuso meiótico começam a ficar desorganizados, com os pares de microtúbulos saindo lateralmente do aparelho do fuso para se perderem no vitellus (Szollosi, 1975). A perda real de cromossomos da placa da metáfase é um processo concomitante (Fig. 1). Assim, mesmo que o óvulo seja subsequentemente penetrado por um espermatozoide, não pode ocorrer uma fertilização normal e a formação de um zigoto com o complemento diploide correto de cromossomos. A morte embrionária precoce é a seqüela mais freqüente.

Em segundo lugar, as organelas ligadas ao mecanismo de defesa contra a fecundação por mais de um espermatozoide — também chamado bloqueio à poliesperma — consiste de grande número de di-

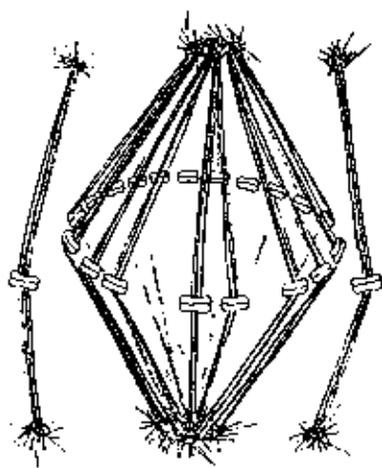


Fig. 1. Início da desintegração do segundo fuso meiótico associada com o envelhecimento do óvulo, após a ovulação. Os dois cromossomos da metáfase e seus microtúbulos escapam lateralmente do aparelho do fuso [Cortesia do Dr. O. Szollosi].

minutas vesículas distribuídas ao redor da superfície do óvulo, bem por baixo da membrana do plasma (Austin, 1956; Szollosi, 1962, 1967; Fléchon, 1970). Cada vesícula mede < 1 μ m de diâmetro e é erradamente citada como um grânulo cortical (Fig. 2); de fato, é o conteúdo que tem natureza granular, consistindo de material enzimático electro-denso (Szollosi, 1962; Barros & Yanagimachi, 1971;

Gwatkin, 1977). No momento da ativação pelo espermatozoide fertilizante, a vesícula se funde com a membrana que reveste o plasma para liberar seu conteúdo no espaço perivitellino (Fig. 2). Este passo produz uma alteração na zona pelúcida (ou excepcionalmente a membrana vitelina, como no óvulo de coelha) realizando o bloqueio à poliesperma. Outros espermatozoides que atingiram o óvulo podem atacar a zona pelúcida e entrar com a sua porção mais externa, mas não podem penetrar completamente sua substância no citoplasma do óvulo e, daí, prejudicar seu complemento genético. No que toca à presente discussão, o ponto essencial acerca dos grânulos corticais é que eles migram das regiões de Golgi dentro do óvulo para tomarem sua posição por baixo da membrana do plasma pouco antes da ovulação (Szollosi, 1967). Ali eles permanecem por pequeno número de horas até, com o envelhecimento pós-ovulatório, iniciarem a inchar e se perderem na superfície mais profunda do óvulo dentro do cortex. Nessa condição dispersa, a liberação do conteúdo de grânulos corticais no espaço perivitellino não pode seguir a ativação do óvulo e assim o bloqueio à poliesperma não é instigado e o óvulo permanece com o risco de uma fertilização múltipla.

Uma característica adicional da situação pós-ovulatório é que a regulação do número de espermatozoides que passam do útero para o lugar da fertilização, na região média do oviduto, é consideravelmente menos efetiva. Isto ocorre porque a musculatura do istmo do oviduto é mais relaxada, o edema da mucosa é reduzido e essas alterações, em conjunto, levam a um lúmen maior e menor restrição do movimento do material particularmente peque-

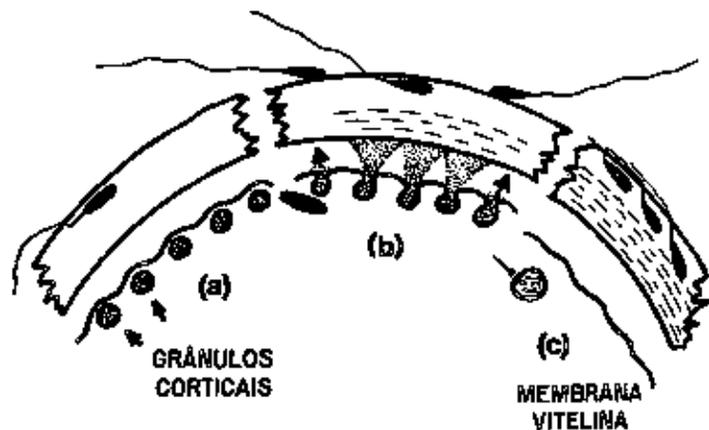


Fig. 2. Formação do bloqueio à poliesperma na zona pelúcida do óvulo de mamífero.

(a) Espermatozoide fertilizante penetrou na zona, mas os grânulos corticais ficaram intactos, bem sob a membrana vitelina (plasma). (b) O espermatozoide fertilizante entrou agora no citoplasma do óvulo, provocando uma ativação dos grânulos corticais. Seus conteúdos são liberados mediante um processo de fusão da membrana e se produzem alterações químicas na porção interna da zona pelúcida — o bloqueio à poliesperma.

no (Hunter, 1977). Portanto, em contraste com a noção geral de um transporte pouco satisfatório do espermatozóide com a inseminação adiada, pode ocorrer, frequentemente, o oposto, quando a barreira oposta pela cerviz uterina é vencida pela palheta inseminadora. Conseqüentemente, o risco de fertilização poli-espermiica é ainda mais aumentado, desde que as possibilidades de um óvulo envelhecido sejam confrontadas simultaneamente por dois ou mais espermatozóides competentes.

Consideradas em conjunto, as alterações degenerativas do óvulo e as modificações pós-ovulatórias na condição do trato genital, o resultado geral da inseminação tardia poderá ser uma reduzida incidência de fertilização normal e uma incidência aumentada de morte embrionária. O decréscimo do potencial de fertilidade pode ser expresso em termos de valores decrescentes das taxas de não-retorno durante os primeiros três meses. A questão crucial reside em que latitude ele existe? Conquanto a duração da vida viável de 8-10 horas após a ovulação seja mencionada acima para os óvulos de mamíferos em geral, ainda não temos uma estimativa segura para a vida viável do óvulo de vaca, situação essa que contrasta com os valores disponíveis para animais de laboratório e, da mesma forma, para o porco doméstico (Hunter, 1967). As estimativas amplamente diferentes de três estudos com óvulos de vaca são de 8-12 horas (Laing, 1945; Casida, 1950) e 20-24 horas (Thibault, 1967). No último caso, contudo, os valores provavelmente se referem ao pe-

riodo máximo durante o qual a penetração do espermatozóide na membrana do óvulo pôde ser encontrado, mais do que ao intervalo mais breve durante o qual seria possível a fertilização normal. Não obstante, estudos mais precisos são evidentemente necessários, nos quais o momento da ovulação seja acuradamente determinado ou pré-determinado e no qual preparações coradas de óvulos sejam examinadas mediante microscopia de contraste-fase, dentro de 2-3 dias da ovulação. Esta forma de microscopia evitará incertezas associadas com o simples exame da clivagem do óvulo, uma condição que pode revelar a fragmentação espontânea do citoplasma e não a divisão progressiva do embrião.

O recente método experimental de programação do ciclo estral em grupos de novilhas, mediante tratamento com progesterona, com o propósito de antecipar o subsequente retorno espontâneo do cio cerca de três semanas após, em conjunção com exames visuais da permanência em cio a cada 3-4 horas, poderá capacitar a determinação do momento de ovulação com um grau de relativa exatidão. Conforme foi averiguado pela inspeção dos ovários em laparotomias, a ovulação ocorreu corretamente entre 28-31 horas após o início do cio manifestado (Hunter & Wilmut, 1984). Estes valores concordam justamente com antigos estimativos do momento de ovulação nos bovinos (p. ex. Marion e cols., 1951; Swanson & Hafes, 1971; Christensen e cols., 1975). Usando este método experimental, espera-se agora examinar diferentes aspectos da fertiliza-

ção, após inseminação intra-uterina dentro do cornu adjunto ao ovário com folículo pré-ovulatório (Hunter, 1984). Um entendimento do momento em que se verifica o transporte dos espermatozóides no trato feminino é naturalmente necessário quando se estudam os aspectos cronológicos da fertilização e já têm sido relatadas menções sob condições definidas, realizadas neste laboratório (Hunter & Wilmut, 1983; 1984; Wilmut & Hunter, 1984).

Como comentário final é necessário enfatizar que este ensaio foca o problema do envelhecimento dos óvulos de vaca após a ovulação, sob condições de I.A. Na situação biológica, na qual as vacas podem ter período de cio parado de 12-20 horas, mas se tornam refratárias ao macho 10-12 horas antes da ovulação (ver Hammond, 1927; Laing, 1945) é extremamente improvável que o envelhecimento do óvulo pós-ovulatório possa ser uma seqüela da cobertura espontânea em animais anatomicamente normais e livres de doenças; os espermatozóides viáveis já deverão ter entrado nos ovidutos no momento da ovulação (Hunter & Wilmut, 1983; Wilmut & Hunter, 1984) e o processo de capacitação terá ocorrido (Hunter & Wilmut, 1984).

— Hunter, R. H. F. — Fertility in cattle: Basic reasons why late insemination must be avoided. *Am. Breed. Abstr.* 53 (2): 83-7, 1985.

Nota da R.: O Dr. R. H. F. Hunter, grande especialista britânico no assunto, pertence à Escola de Agricultura da Universidade de Edinburgh, Edinburgh, Escócia, R.U.

Crescimento e reprodução em gado Nelore

Este trabalho, que tem por sub-título "Visão do criador e pesquisador", contém dois capítulos, cada qual referente aos respectivos pontos de vista e são prefeccionados pelo zootecnista norte-americano Don D. Hargrove, que o considera de grande valia para os criadores brasileiros interessados em melhorar a composição

genética e o manejo de seus rebanhos e para os pesquisadores empençados na análise e interpretação de dados concernentes ao gado de corte, bem como para os extensionistas que cuidam de aprender de que forma os dados da pesquisa podem ser usados para melhorar o manejo do rebanho.

Na visão do criador (Dr. Arnaldo Zancaner) é feito um histórico dos dados, a discussão dos resultados do trabalho (que é tese de pós-graduação em Zootecnia do pesquisador) e um comentário sobre as recomendações da tese sobre a estação de monta, a seleção para peso vivo, o programa de descarte, a melhoria das condições ambientais e os estudos futuros.

Na visão do pesquisador é apresentada a íntegra da tese denominada "Crescimento e reprodução de um rebanho Nelore no Brasil: parâmetros genéticos e efeitos de fatores ambientais" que foi orientada pelo citado Dr. Don D. Hargrove e contou com o apoio do Dr. Marvin Koger (ambos conhecidos zootecnistas norte-americanos) para a obtenção do título de Doutorando pela Universidade de Flórida, Gainesville, FL, E.U.A.

Os objetivos do trabalho foram:

1. Determinar os efeitos de fatores genéticos e ambientais sobre os pesos ao nascimento, à desmama e aos 12, 18 e 24 meses de idade, obtendo estimativas dos parâmetros genéticos dessas características.
2. Determinar os efeitos de fatores genéticos e ambientais sobre a idade à primeira cria e o intervalo entre partos, estimando seus parâmetros genéticos;
3. Estimar as correlações genéticas, fenotípicas e ambientais das características de crescimento entre si, bem como entre as características de crescimento e de desempenho reprodutivo.

Os dados utilizados foram coletados entre 1962 e 1976 do rebanho Nelore puro (PO) da Fazenda Bonsucesso de propriedade do Dr. Arnaldo Zancaner, localizada no município de Guararapes, noroeste do

Estado de São Paulo. Esta região apresenta uma estação chuvosa e uma estação seca bem diferenciadas, com a seca ocorrendo à época mais fria do ano (abril a setembro). A precipitação anual média é de 1100 mm, com apenas 150 mm desse total na seca.

As médias das temperaturas máximas e mínimas são, aproximadamente, 16°C e 30°C. Foi utilizado o sistema de monta natural, dividindo-se o rebanho em lotes reprodutor permanentes com um touro cada um e o restante todo o ano. As vacas duzadas no rebanho de cria aos 24 meses de idade.

A fim de aumentar o tamanho do rebanho, a maioria das fêmeas foi mantida na seleção aplicada, foi muito pequena. A

seleção dos touros foi baseada principalmente no peso aos 24 meses de idade. Todos os animais foram mantidos permanentemente em piquetes de capim-colônião (*Panicum maximum*). Foi oferecida uma mistura mineral à vontade, mas nenhum outro suplemento alimentar foi dado aos animais.

Os dados coletados foram: número do bezerro; data de nascimento; reprodutor (pai); sexo; vaca (mãe); idade da vaca; peso ao nascimento do bezerro e pesos do 1.º ao 24.º mês de idade.

Os bezerros eram pesados até 24 horas após seu nascimento e no dia 14 dos meses subsequentes, até atingirem 24 meses de idade.

Para que se pudesse trabalhar com pesos em idade constante para todos os animais foi calculado, através de interpolação entre pesos adjacentes, o peso de cada bezerro, ao final de cada 30, 42 dias (número médio de dias por mês ou 36,5 + 12). Estes pesos foram calculados e incluídos em cartões perfurados.

Quando os pesos das vacas (ao nascimento, desmama e aos 12, 18 e 24 meses) estavam disponíveis, foram incluídos nos cartões de suas pesagens. Também foram perfurados nos cartões os seguintes dados: ordem de parição; intervalo entre partos (período entre a data de nascimento de um bezerro e o do nascimento do bezerro seguinte, da mesma vaca); mês do ano de nascimento da vaca; pai da vaca; mês da parição anterior e sexo do bezerro anterior.

Os dados foram analisados pelo método dos quadrados mínimos para números desiguais nas sub-classes (Harvey, 1960, 1972). Analisaram-se as características de crescimento e desempenho reprodutivo.

Depois de apresentar muitos detalhes sobre os dados colhidos, o A trata dos modelos estatísticos utilizados para cada

tópico estudado e apresenta Resultados e Discussão que abrangem cerca de 34 pp de texto, inclusive 8 tabelas referentes ao tratamento estatístico dos dados (análise da variância; estimativas de herdabilidade; correlações genéticas; correlações genéticas, fenotípicas e ambientais) além de 11 figuras sobre o material analisado e termina com as seguintes recomendações:

"Com base nos dados estudados, as seguintes práticas de manejo podem ser recomendadas aos criadores de gado de corte do Brasil Central Pecuário, bem como de outras regiões tropicais:

Estação de monta — Os dados estudados mostram que existe um período do ano mais vantajoso para a parição. Deverá ser estabelecida uma estação de monta de 90 dias, iniciando em 1.º de outubro, de forma que a parição venha a ocorrer de agosto a outubro.

Seleção para o crescimento — A maior ênfase da seleção deverá ser dada à reprodução. A seleção para peso deve ser baseada nos pesos aos 18 ou 24 meses de idade, mantendo-se os animais em condições ambientais semelhantes àquelas nas quais serão criadas suas progênes.

Programa de descarte — Devem ser descartados os touros cujas progênes classifiquem-se abaixo da média do rebanho. O mesmo deve ser feito com as vacas que apresentam a idade à primeira cria e/ou intervalos entre partos acima da média.

Melhora das condições ambientais — O ambiente, principalmente a nutrição, deve ser melhorado, de forma a maximizar a produção. Deve-se obter dados sobre a exequibilidade de se atingir essa maximização através da melhora de pastagens, da alimentação, etc.

Estudos futuros — Existe a necessidade de se obterem mais dados a fim de se determinar a relação entre tamanho (peso) e reprodução e de se avaliarem os efeitos

ambientais sobre o crescimento dos bovinos de corte nos trópicos."

Comentário do criador, Dr. Arnaldo Zancaner sobre as recomendações da tese.

As recomendações do pesquisador, Dr. Arthur da Silva Mariane consistem no seguinte:

"Estação de monta: é uma tecnologia imprescindível para um controle do rebanho. Muitos criadores têm medo de queda de fertilidade quando se implanta uma estação de monta de quatro meses. Pessoalmente, uso estação de monta de três meses sem ter notado nenhum efeito deletério. Quando as vacas eram cobertas durante todo o ano, usávamos 40 vacas por touro. Hoje usamos essa mesma relação touro:vaca com estação de monta de três meses, sem nenhum decréscimo na parição. Isso nos lotes de gado registrado, portanto em lotes com apenas um touro. Na criação extensiva da Fazenda Santo Angelo, no município de Jateí, em Mato Grosso do Sul, perto de Naviraí, usamos uma média de 17 vacas por touro em lotes de 500 vacas. O resultado tem sido o mesmo: prenhez em volta de 80% com um certo problema que são as vacas de primeira cria com 36 meses de idade. As vacas de cinco anos em diante atingem, em alguns anos, até 90% de produção, dependendo de como correu o ano anterior. Como diz Hargrove, a categoria dentro do rebanho que necessita de maior cuidado e melhor pasto é a das vacas de primeira cria, com 3 anos de idade. A segunda categoria, que requer mais cuidado, é a das fêmeas de 1 a 2 anos, que serão entouradas pela primeira vez e, depois, o resto, incluindo-se neste resto os bois de engorda que geralmente são os aquinhoados com os melhores pastos numa fazenda de cria, recria e engorda.

Seleção para peso: selecionar as novilhas mais pesadas aos 12 ou 18 meses, fi-

A garantia do produto está no nome: MANGUINHOS.

O LABORATÓRIO MANGUINHOS tem 60 anos de tradição, qualidade e eficácia, com excelentes produtos no combate às doenças infecciosas, parasitárias e carências nutritivas.

E agora, para maior tranquilidade dos criadores, O LABORATÓRIO MANGUINHOS lança três novos produtos.

- A VACINA CONTRA GANGRENA GASOSA (exclusiva)
- O TETRAMISOL MANGUINHOS
- O ADE MANGUINHOS (Vitamina plépoça de secas)



Produtos Veterinários Manguinhos
Rua Francisco Manuel, 91
Rio de Janeiro
Telex: (021) 284-6533 e 284-6298



• O ADE MANGUINHOS, para melhorar a fertilidade das vacas, engorda e melhora a produção leiteira.

• O TETRAMISOL MANGUINHOS, um vermífugo indicado no tratamento das zoonoses pneumogastrointestinais das espécies bovinas, ovinas, caprinas e suínas.

• A VACINA CONTRA GANGRENA GASOSA específica, deve ser utilizada em primos de leite de lotes de grande importância, prevenindo a mortalidade por consequência de fermentação, castração e infecção após dos Heiferões, podendo mais Heiferões para o seguinte gesta depois. ÚNICA NO BRASIL.

lhas de vacas férteis. Serem filhas de vacas férteis é muito importante. Como podemos ver na Tabela 7 do trabalho a correlação genotípica entre os pesos aos 18 e 24 meses e a fertilidade é negativa e de valor de médio para baixo. Na Tabela, as correlações aparecem como positivas, isto é, 0,37 para a genotípica, 0,06 para a fenotípica e 0,10 para a ambiental. Mas essas correlações foram calculadas pelo pesquisador entre pesos e intervalo entre partos e isso significa que, quanto maior for o valor para o intervalo entre partos, menor é a fecundidade. No entanto, essa correlação negativa não deve impedir uma seleção para peso, contanto que se mantenha sempre em foco a fertilidade das vacas.

Programa de descarte: a recomendação do pesquisador foi antecipada por mim no parágrafo anterior no que se refere a vacas. O problema é que em lotes de vacas com mais de um touro é impossível saber quem é o pai de quem. E de ótimo alvitre fazerem-se exames para avaliar a qualidade e a quantidade do sêmen dos touros que serão usados na estação de monta. Mas se algum acidente acontecer com algum touro no exame com baixo nível reprodutivo não é o caso de se desesperar porque em lotes de mais de um

touro haverá uma seleção natural que fará com que os touros de baixa fertilidade deixem poucas crias e com o que os genes responsáveis por uma alta fertilidade aumentem na estrutura gênica do rebanho. Basta ter a informação sobre as vacas para eliminar as que têm fertilidade baixa ou duvidosa.

Melhora das condições ambientais: isso significa alto padrão de sanidade e alimentação. Poder-se-ia dizer que isso é auto-evidente, mas em ciência não existem afirmativas acacias que o bom pesquisador quer comprovar até o óbvio. Somente depois de provado o óbvio torna-se realmente óbvio.

Estudos futuros: é bom ter-se em mente que o trabalho do pesquisador foi feito, todo ele, analisando dados oriundos do plantel de gado Nelore puro de uma só fazenda, em um município no oeste do

Estado de São Paulo, com terras de fertilidade média e alta. É necessário fazerem-se trabalhos semelhantes em outras fazendas, outras regiões e também outras raças zebuínas.

— **Mariante, Arthur da Silva & Zancker, A.** — Crescimento e Reprodução em Gado Nelore — visão do criador e do pesquisador. Folheto de 152 pp. Editora dos Criadores Ltda., 1985, São Paulo, SP. **Notas da A.:** 1. Segundo o prefaciante do trabalho, Prof. Don D. Hargrove, a tese em apreço foi selecionada como a melhor do Departamento de Zootecnia da Universidade de Flórida em 1985 e por isso ele se considera orgulhoso pelo fato de ter sido o orientador dos trabalhos.

2. Para melhor entendimento do assunto ventilado no item "Seleção para peso" dos comentários feitos pelo criador, aqui vai a reprodução da referida:

Tabela 7. Correlações genéticas, fenotípicas e ambientais entre pesos da vaca e intervalo entre partos

Correlação	Nascimento		Desmama		Peso da vaca					
					12 meses	18 meses	24 meses			
Genética	0,77	- 0,31	0,81	- 0,30	0,60	- 0,37	0,37	- 0,37	0,37	- 0,37
Fenotípica	0,01		0,06		0,07		0,03		0,06	
Ambiental	0,40		- 1,50		0,53		0,27		0,10	

Como evitar os danos causados por roedores

— Ratos e camundongos são vistos comumente nas criações de animais e seus arredores. Eles causam perdas econômicas diretas e são capazes de transmitir doenças. A desinfecção apropriada e um controle acurado podem permitir aos fazendeiros e criadores a liberação desses animais daninhos.

Com a única exceção do homem, os mamíferos mais bem sucedidos e abundantes sobre a face da terra são os ratos e camundongos. Em outras palavras, a terra é agora habitada por mais ratos do que pessoas. Eles alcançam 17 000 milhões de indivíduos em todo o mundo, o que é bem mais do que quatro deles para cada homem, mulher e criança.

Historicamente, os ratos e camundongos são sabidamente responsáveis por doenças de mortes humanas e também pela extensão de danos que eles causam às colheitas.

Estima-se que um quinto dos alimentos plantados a cada ano no mundo e 4% do arroz e outros grãos armazenados são destruídos pelos ratos e camundongos. Também, em anos passados, um quarto dos incêndios de origem desconhecida nos E.U.A. foram provavelmente provocados por danos dos roedores às fiações elétricas. Melhores práticas e materiais de construção têm provavelmente reduzido tais incêndios, presentemente.

Devemos confessar que os roedores não são unicamente os responsáveis por esses

danos, pois eles jamais seriam bem sucedidos sem nosso auxílio ou desleixo. Devemos nos lembrar que os roedores são oportunistas e facilmente tiram partido dos abusos do homem contra o ambiente. Durante anos o homem considerou os roedores como pequenas pestes do lar até que fosse primeira e claramente mostrado o papel deles na propagação da praga. O homem assim compreendeu que os roedores se encontravam entre seus piores inimigos e começou a dar maior atenção a seu controle.

Há três importantes espécies de roedores de distribuição mundial:

- o rato da Noruega ou pardo (*Rattus norvegicus* Berk)
- o rato Preto ou de telhado (*Rattus rattus* L)
- o rato caseiro (*Mus musculus* L)

Este artigo trata principalmente do rato Preto que é mais abundante nos galinheiros da Turquia.

Danos econômicos

Os galinheiros estão entre as áreas mais atraentes para os roedores, proporcionan-

do-lhes condições ótimas, tanto de alimentação como para abrigo. O problema do roedor é um dos de maior importância para o avicultor, causando perdas econômicas e reduzindo sua receita. Esses danos são devidos a vários fatores; através dos prejuízos físicos aos nossos meios de produção e equipamentos; através das perdas de alimentos, menor produção e transmissão de doenças.

Os danos causados por ratos e camundongos às estruturas, materiais e equipamentos decorrem de sua corrosão. Eles roem facilmente os meios de insulação e ali constroem seus ninhos. Tudo isso causa grandes perdas econômicas em termos de custo, reparos e substituição.

Outra área de sérios danos potenciais na qual os ratos não somente roem como fazem buracos são as cortinas enroladas. Em nossas granjas avícolas é muito comum ver-se esse tipo de ninho no verão e mesmo durante o dia entre as cortinas enroladas, antes de se empreenderem medidas de controle.

Um dano importante nas operações avícolas que se traduz por prejuízos finan-

ceiros é devido ao desvio de alimentos destinados às aves. Os ratos comem cerca de 10% de seu peso vivo por dia; em outras palavras, um rato pode consumir de 10 a 20 kg de alimentos por ano. Além disso eles usualmente contaminam mais alimentos com urina, fezes e pêlos. No espaço de um ano um só rato pode produzir cerca de 25 000 grânulos de excrementos. Os roedores também causam perdas econômicas reduzindo a produção da avicultura. Quando abundantes e há escassez de alimentos, eles podem atacar pintos e mesmo frangos.

A presença de ratos nos galinheiros também causa estresse nas aves, o que pode resultar em menor produção e diminuição da qualidade de ovos. O estresse em poedeiras pode causar manchas de sangue que aparecem nos ovos.

A natureza dos danos não é frequentemente compreendida porque eles ocorrem em bases diárias mínimas. Os ratos são importantes portadores de doenças e esta é a razão pela qual as doutrinas e costumes religiosos não têm permitido que esses animais sejam comidos pelo povo.

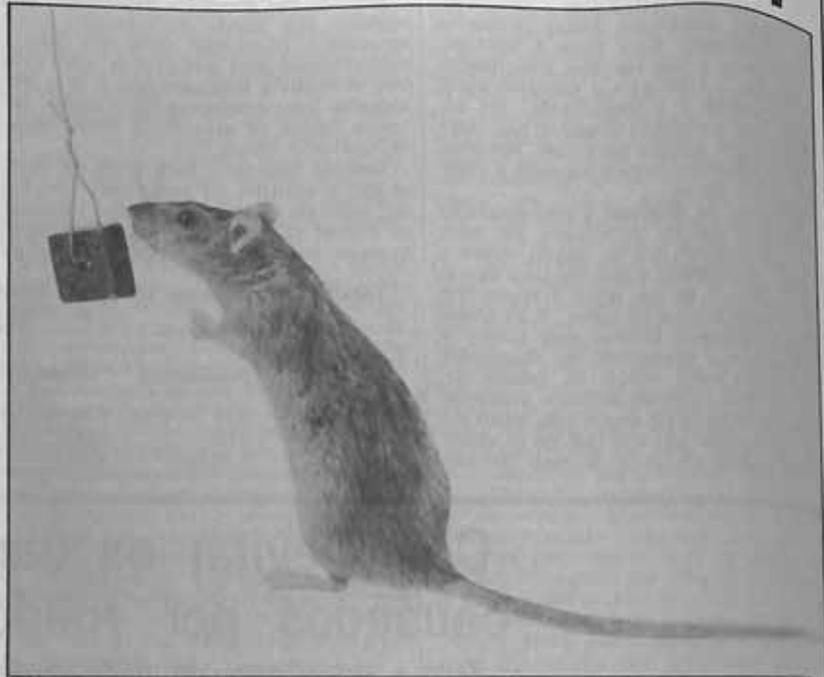
Os ratos e camundongos são responsáveis pela disseminação de numerosas doenças das aves, seja diretamente, pela contaminação de seus alimentos com urina, fezes e pêlos, seja indiretamente, por meio de ácaros e pulgas que os parasitam. Uma das doenças mais importantes veiculadas pelos ratos é o tifo aviário (*Salmonella gallinarum*). Ratos e outros roedores são frequentemente encontrados como portadores de germes paratífóides intestinais, especialmente a *Salmonella tifimurium* e a *Salmonella enteritidis*. Quando esta última é encontrada em um galinheiro é letal a suspensão de que esses roedores sejam a fonte da infecção. As salmonelas podem persistir nas fezes dos ratos por um período de 148 dias. Devemos ter em mente que os ratos e camundongos são frequentemente portadores desses organismos e suas dejeções podem contaminar facilmente os suplementos alimentares. Os ratos também se tornam infectados com a *Pasteurella multocida* quando expostos a pintos com a cólera aviária, de sorte que eles, por sua vez, podem infectar pintos suscetíveis a essa doença.

É difícil obter informações acuradas sobre as perdas de alimentos e danos ocasionados às instalações pelos ratos e camundongos e os custos envolvidos em seu controle. As estimativas são, por vezes, aquém dos cálculos dos peritos. Em uma pesquisa efetuada em uma de nossas fazendas (Turquia) com capacidade para 150 000 produtores encontraram-se os seguintes resultados:

- Perdas anuais de alimentos, cerca de 500 toneladas.
- Ovos destruídos por roedores, mais de 20 000 por ano.
- Danos físicos às instalações, materiais e equipamentos:
 - a. mais de 10% dos danos nas partes moles do sistema de distribuição de água;
 - b. danos em 25% dos materiais de insulação dos tetos por período;
 - c. mais de 20% de danos em um período de criação pela construção de ninhos

KLERAT®

AGORA TAMBÉM EM BLOCO PARAFINADO.



Os ratos nunca mais vão ter uma segunda chance.

Klerat que já existia em forma de isca granulada, é um raticida anticoagulante de dose única. Mata os ratos com apenas uma ingestão de 2 a 3 g. Esta é a grande vantagem de Klerat em relação aos outros anticoagulantes, que necessitam que os ratos os comam durante 3 a 5 dias para atingirem a dose letal. Testado com êxito em inúmeros países. Klerat Bloco é o anticoagulante mais vendido nos EUA e chega agora ao Brasil em forma de blocos parafinados para ser usado nas áreas úmidas.

ELIMINA OS RATOS COM UMA ÚNICA DOSE.

Veja as vantagens de Klerat Bloco:

- Cada bloco de Klerat de apenas 20 g faz o mesmo efeito de 80 a 100 g de qualquer outro raticida anticoagulante.
- Klerat economiza tempo e isca.
- Klerat Bloco é resistente à chuva, umidade e água em geral.
- Klerat Bloco representa menos riscos para os animais domésticos e para o homem, pois pode ser aplicado em locais onde somente os ratos atingem.
- Klerat Bloco é fácil de armazenar e não mofa e nem deteriora com facilidade.
- Klerat Bloco é o mais indicado para redes de esgoto, porque dura mais que os raticidas em forma de pó ou granulado, que não resistem a estas condições.
- Klerat Bloco é muito eficaz e econômico.
- Klerat Bloco é um produto perfeito para as condições tropicais do Brasil.



ICI Brasil S.A.

Rua Verbo Divino, 1356
CEP 04719 - São Paulo - SP
Tel.: (011) 525-2322



e conseqüentes furos nas cortinas enroladas.

Outros danos, tais como a roedura das instalações elétricas, causando paralisações, não foram computadas.

História e comportamento da vida dos roedores

O método de compreender os tipos de comportamento dos roedores tem um papel muito importante em relação a seu controle. Isto precisa ser bem entendido para explorar satisfatoriamente as práticas de controle.

Os ratos e camundongos recém-nascidos são indefesos em vários sentidos. Seus olhos e ouvidos não se acham abertos; eles não têm pêlos em seus membros e são pequeninos ou mal desenvolvidos. Abrem seus olhos com cerca de 12 a 14 dias de idade. A rata ou camundonga alimenta suas ninhadas até elas terem 4 a 5 semanas de idade. Por outro lado as crias começam a ingerir alimentos sólidos na terceira semana. Os ratos jovens iniciam um período de treinamento com sua mãe. Uma das habilidades mais notáveis dos ratos e camundongos é a de evitar coisas ou objetos estranhos e mesmo a alimentação não comum. Este hábito contribui grandemente para a capacidade de sobrevivência do roedor. Um rato quando come uma isca contendo uma só dose de veneno e ingere somente o bastante para torná-lo indisposto, adoentado, pode associar esse fato com a ingestão da droga e, assim, não comê-lo mais, de qualquer modo e do mesmo veneno, por um longo período, quiçá, por vários meses. Outros ratos em sua vizinhança podem apresentar comportamento semelhante. Ratos e camundongos usualmente comem à noite. Mas sua atividade noturna pode ser interrompida quando o indivíduo se torna faminto ou há condições de super-população ou aglomeração. E nessas circunstâncias que eles também podem ser vistos à luz do dia e não só à noite.

Ratos e camundongos também exibem um aprimorado sentido olfativo e movem continuamente suas cabeças farejando ativamente. Seus olhos são especializados



Fig. 1. A má conservação dos silos e a não remoção de alimentos caídos no solo e estragados permitem que os roedores prosperem nessas circunstâncias.

para a visão à noite. Eles têm grande sensibilidade à luz, mas sua acuidade visual é pobre. Aparentemente são cegos para as cores. Ao serem testados, eles responderam ao brilho, mas não à cor. Isto pode ser importante ao se prepararem venenos e outros meios para seu controle. Ratos e camundongos são relativamente insensíveis à luz vermelha. Se estivermos interessados em observar suas atividades, pode-se fazer isso em um quarto escuro, usando uma luz de coloração vermelha.

Mencionamos estes detalhes porque, uma vez conhecidas as coisas que os ratos e camundongos podem detectar, podemos, então, obviamente, considerá-las para destruí-los. O sentido do paladar nos ratos é altamente desenvolvido. Na prática este fato é muito importante ao se prepararem iscas tóxicas. Quantidades extremamente diminutas de uma substância podem ser reveladas por esses animais. Portanto, devemos ter cuidado, ao usar venenos, pois

de outra forma a isca pode ser refugada e haver problemas de dosagem sub-letal. Eles também apresentam um sentido de audição muito bom e de tal agudeza que lhes permite agir no escuro. Os sons barulhentos fazem com que eles escapem rapidamente. O sentido em questão também é importante para sua sobrevivência porquanto eles operam principalmente no escuro. Suas bráscas (bigodes) são órgãos tácteis usados, por exemplo, para avaliar o tamanho da toca. Ratos e camundongos também podem memorizar as cercanias e achar buracos no escuro.

Habilidades físicas

O controle dos ratos é difícil, não somente devido à sua rápida multiplicação, como, também, por seus hábitos e habilidades. Eles são fisicamente muito ágeis e suficientemente pequenos para entrar em qualquer lugar, mesmo quando este é normalmente reduzido e julgado inacessível



Fig. 2. As iscas devem ser colocadas em caixas de madeira, especialmente feitas, colocadas em lugares onde os ratos procuram frequentar.

APARELHO ULTRASSÔNICO PARA ELIMINAÇÃO DE RATOS

"EX RATTER"



Trata-se de uma moderna técnica para eliminação de roedores, empregada com muito sucesso na Europa, EUA e Japão agora no Brasil com moderna tecnologia japonesa.

Disponíveis em três modelos para proteção de áreas de 150 / 700 e 1400 m².

BRASTEC COMERCIAL CIENTÍFICA LTDA.
Rua Major Sertório, 88 - CJ 802
01222 — SÃO PAULO - SP
Tels.: 231-2513 — 257-9523



Fig. 3. Um dos maus hábitos dos ratos é comer ovos.

a eles. Podem saltar verticalmente da altura de 1 metro em uma superfície plana; podem cair de 15 metros sem serem mortos ou serem seriamente lesados. Nadam cerca de 800 metros e mergulham água. Ratos e camundongos tendem a roer qualquer material de consistência mais mole que o esmalte de seus dentes o isso inclui muita madeira de construção, revestimentos de chumbo ou alumínio e tijolos secos ao sol.

Pré-controle das populações de roedores

Antes que o controle dos ratos possa ser eficaz temos de estimar o número deles presentes em um galinheiro (ou outro local) e não há um método fixo e seguro para estimar esse número.

Um método é baseado em observações visuais. Ratos e camundongos são usualmente notívagos e portanto as observações de ratos durante o dia podem indicar geralmente uma população elevada no local. Fezes frescas, sinais de roedura e três ou mais ratos vistos à noite, indicam, tudo isso, uma grande população.

O método mais exato para determinar o número de ratos é a colocação de iscas em quantidades previamente medidas de um cereal não tóxico moído, em diferentes lugares e calcular a quantidade de alimentos comidos durante cada noite. Mas

isso requer 3-4 dias antes de que os ratos aceitem os alimentos. Após notarmos que a quantidade comida foi estabilizada dividimos, então por 15. Isto poderá proporcionar uma estimativa grosseira da população mínima presente. Este método é bom desde que estejamos seguros de que não há outros alimentos disponíveis no galinheiro ou outro local.

Ademais, quando lidamos com roedores, é de grande importância estarmos cientes de seus movimentos. Assim, ao planejar um programa de controle de roedores, é importante conhecer seu território a fim de obter os resultados máximos. As falhas encontradas no referido controle podem ser atribuídas a iscas colocadas fora do território. Os territórios dos roedores domésticos têm tamanhos diferentes, dependendo do alimento, água, lugares próprios para esconderijo e, também, da quantidade de roedores presentes.

Para um controle eficiente de ratos, quando se aplicam iscas, estas devem ser localizadas dentro de seus territórios. Neste caso devemos evitar enganos quanto a estimativa de roedores presentes e também para poupar trabalho.

Controle de roedores em galinheiros

O controle ambiental é obtido tornando o habitat ao redor do galinheiro menos

As Medidas Econômicas do Leite.

A Westfalia Separator tomou todas as medidas para você entrar no mundo do leite muito bem acompanhado. São os sistemas Balde ao Pé e Westmóvel. Que garantem rapidez na descida do leite, maior produtividade e higiene. Além de protegerem a saúde do animal, porque o processo é feito sem contato manual.

Ordenhadeiras Westfalia Separator. As medidas mais econômicas do leite.



**WESTFALIA
SEPARATOR**

PABX (0192) 42-1555 - Telex 019-1078
Caixa Postal 975 - CEP 13001 - Campinas - SP

**Promoção: entrada
+ 5 x sem juros**

favorável aos roedores. O controle da vegetação nas cercanias dos galinheiros é essencial. A remoção de ervas daninhas altas e de montes de lixo ou refugos produz a destruição de muitos abrigos de roedores. Uma vez alterado o ambiente, os efeitos da predação e competição são intensificados. Ratos e camundongos competem vivamente pelo alimento e abrigos remanescentes. E em decorrência disso a população decresce.

As infestações de roedores nos galinheiros resultam da negligência às responsabilidades básicas da limpeza das instalações.

A desinfecção é o princípio mais importante no controle dos ratos e camundongos. Isto inclui uma boa armazenagem dos alimentos e a apropriada coleta do lixo e das aves mortas, dentro e ao redor dos galinheiros. O ambiente, quanto mais limpo, propicia mais chances de redução da infestação. A forma ideal de controle dos roedores é construir galinheiros à prova de ratos, tornando seu acesso impossível. Os buracos e frestas evidentes devem ser obturados. Todas as aberturas dos encanamentos de água, fiação elétrica e condutos de alimentos das operações automatizadas devem ser bem fechadas para prevenir o acesso de roedores.

Ao planejar alterações nos galinheiros devemos levar em consideração os esconderijos dos ratos e, assim, temos primeiramente que controlar os roedores, antes de efetuar as modificações necessárias. Ainda outros problemas sérios podem ser encontrados. Em pesquisa feita em um de nos

soz galinheiros que abrigava 2 100 galinhas e 210 galos com 75 semanas de idade, 110 galinhas foram feridas pelos ratos durante 2 dias. Quando as galinhas foram examinadas suas cloacas estavam corroidas e em alguns casos os intestinos expostos. Também foi observado um decréscimo da produção de ovos durante 4 dias. Ao examinar a causa, descobrimos que o criador havia fechado uma das portas antes aberta e que era adjacente ao compartimento que armazenava sacos de ração. À noite, quando as luzes eram apagadas, os ratos usualmente vinham para o compartimento de ração; porém, com a modificação feita no galinheiro, embora eles atingissem os alimentos, houve privação alimentar e assim eles começaram a atacar as galinhas.

Outra modalidade de controle de ratos e camundongos em galinheiros visa à minimização de seus danos, pois quando há grandes populações desses roedores os danos causados podem ser de muitas maneiras. Um prejuízo muito importante é causado pela roedura das instalações elétricas e de água, feitas de matéria plástica. Conseqüentemente ocorrem inundações e interrupções elétricas ou mecânicas e, por vezes, incêndios nos galinheiros.

O uso de repelentes químicos para evitar a corrosão é praticável e em alguns casos efetivo. Em trabalho feito em nossa empresa (Yu-pi Poultry Co) foi verificado que o tratamento de peças do sistema hidráulico com uma mistura de creolina e óleo lubrificante (1/4) resultou em alta taxa de proteção. Esta mistura não é inflamável sob temperatura ambiente dentro dos galinheiros e não foi observado efeito corrosivo sobre os materiais em que foi aplicado. Para proteção contínua das instalações são necessários tratamentos periódicos. O custo relativamente baixo, a simplicidade do preparo e aplicação tornam o uso desta mistura aconselhável quando o problema da corrosão é observado também em cabos elétricos, ou quando não se dispõe de produtos especialmente manufaturados.

Controle químico

O uso de agentes químicos a fim de destruir ratos e camundongos é um método de controle prático e largamente disseminado. Em muitos casos a eficiência é determinada, primariamente pelas taxas de aceitabilidade das iscas. As falhas encontradas no trabalho de controle de roedores estão relacionadas mormente com as iscas impropriamente selecionadas ou formuladas. Nos galinheiros, onde outros alimentos são abundantes, uma boa seleção das iscas é muito importante. Por esta razão é útil verificar o tipo de isca a ser escolhido antes de aplicar um raticida. Em nossa granja foi efetuada uma série de experimentos com o fim de relevar as preferências de iscas entre alguns cereais dos ratos de telhados. Em conclusão, os grãos inteiros eram preferidos aos compostos em pó ou moídos.

Há dois tipos gerais de raticidas usados em galinheiros. Os chamados "agudos", que matam os roedores com uma



Fig. 4. Os roedores são responsáveis pela transmissão de várias doenças graves ao homem e aos animais pecuários.

só refeição e os "crônicos" que requerem pequenas refeições múltiplas, durante certo número de dias.

Raticidas "agudos" (dose única)

Este grupo de venenos atua rapidamente e usualmente matam os roedores após uma só refeição. É geralmente mais seguro e mais eficiente usar raticidas de doses múltiplas. Mas em certas situações, quando se acha presente uma elevada população de ratos e as iscas não podem permanecer frescas e aceitáveis devido à umidade excessiva, requerem-se venenos de ação rápida, "aguda".

O mesmo raticida "agudo" não deve ser usado mais do que duas vezes por ano, preferivelmente só uma vez. Os roedores começam a sentir-se mal antes de comer quantidades letais desses venenos e assim ficam desconfiados com a droga ou a isca e deixam de ingerir novamente o alimento envenenado. Com o intuito de melhorar a eficiência do controle, a colocação das iscas não envenenadas por 4 ou 5 noites pode vencer qualquer aversão natural às novas substâncias alimentares e os ratos aprendem a comer em qualquer lugar. Isto é chamado "pré uso da isca". Toda pré-isca não comida será retirada antes de que as iscas tóxicas sejam colo-

cadadas no local. As vezes a demora de um dia poderá anular a avidex do rato por determinada isca. É importante usar a mesma espécie de alimento no "pré uso da isca" em uma dose única de veneno.

Raticidas "crônicos" (doses múltiplas)

Um dos problemas encontrados no controle dos ratos é que os venenos "agudos" são rapidamente reconhecidos como perigosos e desde então evitados pelos roedores. Por esta razão são preferidos os raticidas de doses múltiplas; eles são anticoagulantes, que interferem na capacidade de coagulação do sangue do rato e requerem refeições múltiplas durante certo número de dias, a fim de produzir morte por hemorragia interna.

Isto é porque eles são considerados relativamente seguros para o homem e outros animais não visados no controle. Os ratos gostam do sabor dos anticoagulantes e também deixam de perceber que lhes são perigosos. Seus efeitos são gradativos e não notados por outros ratos porque, após a digestão das substâncias, o rato parece morrer de velhice e não de envenenamento. Assim, não há informação para outros ratos da vizinhança e ausência de risco deles evitarem deliberadamente a isca.

As estruturas químicas destes raticidas anticoagulantes subordinam-se a dois grupos. Os hidroxycoumarinas (p. ex. Warfarina, coumatetralyl) e as indandiones (p. ex. chlophacinone). Em trabalho feito em nossa granja, três anticoagulantes, isca de grão com Warfarina 0,025%, o coumatetralyl a 0,0375% pronto para uso em isca (50% do trigo moído grosseiramente, 44,5% em trigo moído finamente, 5% em farinha de trigo, com 0,1% de ácido diidroacético) e isca de grão com chlorophacinone a 0,005%, foram aplicadas separadamente em 4 galinheiros com 6 abrigos. Uma unidade foi mantida como testemunha. Caixas de madeira (300 x 200 x 150 mm) com iscas e com dois orifícios (50 x 50 mm) foram colocadas em cada abrigo. Todos os três citados anticoagulantes provaram propiciar um controle satisfatório contra os ratos de telhado. O efeito do controle foi estimado entre 98-99%, em comparação à unidade testemunha.

— Hazan, A. — Avoid damage by rodents. *Poultry, Int. mag. poultry*. Holanda. 2 (1): 50-3, 1985.

Notas da R.: 1. O Dr. A. Hazan é Diretor do Departamento de Pesquisa e Desenvolvimento da Yu-pi Poultry Company, Izmir, Turquia. Ele é autor de uma conferência feita sobre o assunto no 2.º Simpósio Hubbard Europeu de 24-29 de

junho de 1985 em Apeldoorn, Holanda. A situação descrita pode diferir um tanto de um país para outro.

2. Segundo o dicionarista Silveira Bueno, rato está em função do adjetivo transcrito em italiano *ratto*, forma consistente com outro adjetivo da mesma língua *ratto* do latim *raptus*, veloz, rápido e também roubo, qualidades que definem o pequeno roedor.

3. Alguns autores preferem dizer que nos murideos, família da sub ordem dos Miomorfos, há duas espécies cosmopolitas: uma o rato verdadeiro ou rato cinzento (*Rattus rattus*) e outra o rato preto ou rato-de-esgoto (*Rattus norvegicus*), maior que o anterior e de cauda menor. Já o camundongo caseiro, (*Mus musculus*) também da mesma família, está espalhado por todo o mundo. O rato negro procria várias vezes por ano e cada vez, após gestação de 18 a 20 dias tem de 4 a 10 filhotes. Em certas regiões do Brasil existe o rato-de-taquara que se multiplicando extraordinariamente constitui praga temporária e é controlado por inimigos naturais como os furões, corujas e aves de rapina em geral.

4. O trabalho aqui traduzido foi elaborado principalmente para a avicultura. Entretanto, ratos e camundongos são inevitavelmente uma praga que afeta o homem e os animais domésticos sob várias moda-

lidades, mormente a transmissão de graves doenças. Uma delas muito relacionada com esses roedores é a leptospirose, grave moléstia infecciosa, caracterizada por um complexo de icterícia, petéquias hemorrágicas em vários órgãos e perturbações renais. Primariamente a leptospirose é uma doença de roedores de várias espécies domésticas e silvestres e, secundariamente, do homem. Ela foi identificada em várias espécies pecuárias (bovinos, suínos e eqüinos) e nos cães causa a "febre de Stuttgart". A incidência da leptospirose (mormente por *L. icterohaemorrhagiae*) em ratos (*R. norvegicus*) tem sido identificada em todo o mundo. No Brasil, estudos efetuados a partir de 1917, no Rio de Janeiro, São Paulo, Salvador, Belém e Belo Horizonte, revelaram várias taxas de indivíduos infectados (variável de 9,3 a 58,6%). A penetração do germe no homem e outros animais se dá através da pele e mucosas. Algumas leptospirosas atravessam a pele mesmo íntegra.

Outra moléstia transmitida ao homem, através das pulgas dos ratos, que causou enormes mortandades no passado, é a peste bubônica.

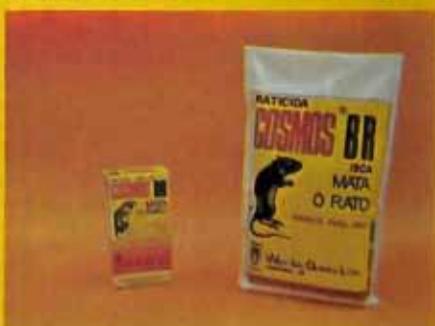
Quanto aos danos econômicos causados às diferentes instalações, rações, produtos armazenados, etc., este trabalho mostra bem quantos prejuízos causam esses pequenos roedores.

DESRATIZAÇÃO PROGRAMADA: o método mais eficiente com menor custo



Atém ao contaminar alimentos, o rato come 1/3 de seu peso diariamente. É o maior ladrão de seus lucros.

O rato transmite
peste bubônica
hidrofobia
pneumonia
leptospirose
salmonelose, etc.



COSMOS BR

MATA O RATO

FÓRMULA FRANCESA, ÚNICA NO BRASIL

UM PRODUTO



WALFI - Indústria Química Ltda

Rua Dr. Carlos de Campos, 646
Tels.: (0192) 8-2885 - 2-1394 - 13.100 - Campinas - SP

DISTRIBUIDORES EM TODO O BRASIL

Criação de crocodilos

Esta é a "pecuária" do futuro para os trópicos úmidos?

Sentado no helicóptero o guarda florestal observa detidamente as margens dos pântanos em busca de uns ninhos muito especiais — montes de vegetação de pouco mais de um metro de diâmetro. Quando encontra um, avisa pelo rádio os tripulantes de um aerobote que rapidamente chegam ao ninho, abrem-no e recolhem até 35 ovos, duas vezes maiores que os de galinha.

Depois de um mês na incubadora, saíram desses ovos pequenos jacarés para os criadores da Flórida, E.U.A. Essa "colheita" de ovos de crocodilos é parte de um ensaio do Instituto de Ciências Alimentares e Agrícolas da Flórida (IFAS) para aumentar a produtividade em uma das atividades "pecuárias" mais novas e peculiares desse estado norte-americano. A colheita de ovos é importantíssima para a indústria porque os crocodilos se multiplicam muito mal em cativeiro. As fêmeas são animais territoriais e somente se reproduzem adequadamente quando dispõem de grande áreas abertas.

O couro de jacaré ou crocodilo é o mais apreciado e caro. Desde a Segunda Guerra Mundial a demanda de sapatos, malas de mão, correias, carteiras, cintos e outros artefatos de couro de crocodilo é muito superior à oferta. Mesmo os artigos bem pequenos custam centenas de dólares. Por exemplo, uma bolsa de senhora, feita de couro de crocodilo pode ter um preço de até 4 000 dólares. Um simples par de sapatos para homem custa de 500 a 900 dólares e uma carteira para notas de 150 a 250 dólares.

Nos mercados mais desenvolvidos, como o dos E.U.A. a carne de jacaré tem grande aceitação e é considerada uma iguaria. Assim, por exemplo, os irmãos Brooks que criam 4 000 jacarés em sua granja de Christmas, Flórida, obtêm 150 a 200 dólares por couro e vendem a carne desses répteis a razão de 17,5 a 22 dólares por kg, obtendo de 150 a 200 dólares adicionais por carcaça.

A caça indiscriminada desses répteis está acabando com os indivíduos adultos e tem afetado as populações porque sua distribuição por idades é tal como uma pirâmide: um número reduzido de adultos reprodutores domina grande número de animais jovens imaturos e a um número ainda maior de crias recém-saídas da casca, a maioria das quais não sobrevive até a idade madura.

Criação de crocodilos

Os crocodilos ou jacarés, adultos, não têm outro inimigo senão o homem e com um pouco de cuidado e proteção uns tantos adultos podem produzir uma progênie numerosa cada ano. A chave está em conservar as populações e proteger os animais maduros e seu meio ambiente.



Fig. 1. Hora da distribuição da ração em uma granja de criação de crocodilos perto de Christmas, Flórida, EUA, onde são criados 4 000 animais de diversas idades (Foto: Future Farmer).

O melhor exemplo é o do jacaré americano, chamado também lagarto (*Aligator mississippiensis*) cujo futuro há 10 anos era muito duvidoso. Hoje, graças às leis de proteção das populações, aumentaram ao ponto de que os estados dos E.U.A. levantaram a proibição da caça e cada ano

são comercializados de 10 000 a 20 000 couros de caimãs (jacarés) americanos.

Há outros exemplos frutíferos de projetos e programas de criação de crocodilos em Papua, Nova Guiné, Índia, Tailândia, Austrália, Zâmbia, Zimbábue, África do Sul e Quênia. O êxito técnico deles faz



Fig. 2. O veterinário injeta em um jacaré um tranquilizante, antes do experimento de inseminação artificial.

esperar que com medidas apropriadas de proteção e investigação, os crocodilos e jacarés podem transformar-se em um recurso florescente para os países tropicais.

Por outro lado, a criação comercial propicia incentivos para a preservação do frágil ecossistema em que vivem estes saúrios e poderá reduzir a drenagem indiscriminada de pântanos e de terras inundadas que cobrem grande parte dos trópicos.

Em regiões distantes, os agricultores têm poucas alternativas de renda. Mesmo quando há abundância de peixes, os problemas de transportes e comercialização são enormes; por isso a criação de croco-

dilos poderá ser um recurso comercializável muito adequado.

Animais de criação

Os crocodilos bem alimentados crescem rapidamente. Em condições ideais podem medir 1 metro em um ano de vida e 1,5 m nos dois anos. Normalmente, os couros são tirados no terceiro ano, quando os animais têm 2 metros de comprimento. Nessa ocasião seu valor pode ser aumentado de 5 para 200 dólares.

Embora tenham fama de possuir um apetite voraz, a investigação desmentiu essa suposição. Na realidade seus requisitos de alimentação são modestos. Quando saem da casca, sua taxa de conversão de alimento é de 50%; vale dizer que aumentam 1 kg de peso por cada 2 kg de alimento que consomem. Aos dois anos de idade, a referida taxa diminui e durante o terceiro ano é de 25-30%, o que é ainda mais elevado do que a de qualquer animal pecuário.

Pouco se conhece em referência às doenças que afetam os répteis, mas, como animais de criação, os jacarés têm uma grande vantagem: produzem anticorpos facilmente e sofrem poucos problemas de infecção externa. Isto reduz a necessidade de atendimento veterinário, aspecto muito importante em lugares remotos. Não obstante, as doenças bacterianas internas, como a salmonelose, podem destruir um programa de criação por reduzir as taxas de crescimento, a qualidade dos couros ou, diretamente, eliminando os animais.

Couros ou peles de crocodilos

A parte mais valiosa do animal é a pele do ventre, cujo valor é determinado pelo tamanho da peça, pelo porte pequeno de suas escamas e condições gerais; cicatrizes, cortes orifícios e podridões que podem reduzir drasticamente o valor.

Os mercados internacionais utilizam

qualquer couro de crocodilo ou jacaré de 0,3 a 6,0 m de comprimento, sendo mais solicitados os de maior tamanho como os de 1,5 a 2,0 m de comprimento. Estes têm uma largura no ventre de aproximadamente 25 a 50 cm. Os couros mais compridos, como os de 3 a 4 m são adequados unicamente para malas e maletas de mão porque suas escamas são grandes. Em troca, os couros menores servem tanto para fazer sapatos, carteiras e porta-notas, como para artigos maiores.

No mercado internacional, os couros mais procurados são os do crocodilo de água salgada (*Crocodylus porosus*). Proporcionalmente estes têm as escamas menores no ventre, não têm depósitos de cálcio sob a pele (osteodermas) e nas partes laterais do corpo as escamas são pequenas e uniformes. Seguem-lhes em importância e valor os couros do crocodilo Morelet (*Crocodylus moreletti* Morelet), o caimã americano, o crocodilo siamês (*Crocodylus siamensis*) e o crocodilo do Nilo (*Crocodylus niloticus*).

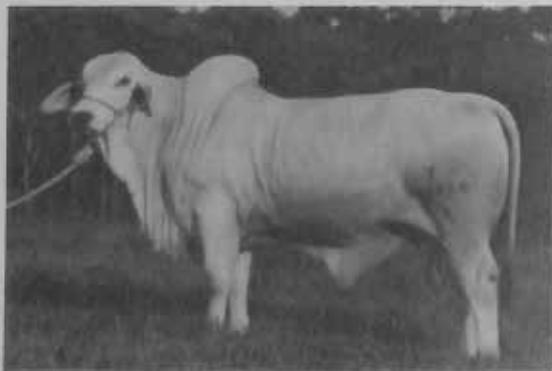
Vantagens econômicas

A criação de crocodilos parece especialmente adequada para comunidades rurais distantes das terras tropicais baixas. Amíúde, nesses lugares, a terra não permite a agricultura convencional e as oportunidades de empreender outras atividades lucrativas são poucas ou inexistentes.

A criação destes répteis tem muitas vantagens sobre a caça de crocodilos selvagens. Assim, por exemplo, pode:

- Permitir ao governo controlar a indústria. Os caçadores são bem difíceis de fiscalizar visto que atuam em áreas distantes, por vezes despercebidas e atravessando fronteiras nacionais. (N. da R.: caso do Brasil com o Paraguai e a Bolívia).

RUSTICIDADE, FERTILIDADE E GRANDE GANHO DE PESO. TABAPUÁ, A RAÇA FEITA PARA O BRASIL



Ciclone de Tabapuá T-K 5820
734 kg aos 24 meses

TABAPUÁ

Se você quer peso, você quer TABAPUÁ, a raça feita para o Brasil: rusticidade, fertilidade e precocidade. Venho à origem do TABAPUÁ: Fazenda Água Milagrosa, Tabapuá, Estado de São Paulo.

Dr. ALBERTO ORTENBLAD

Fazenda Água Milagrosa
C. Postal 23
15.880 - Tabapuá - SP
Tels.: (0175) 62-1117 e
62-1487

Filial em M5: Granja Ipanema
Rodovia Campo
Grande - Cuiabá, a
40 km de Campo Grande
Tel.: (067) 624-6138

Escritório no Rio:

Rua da Assembléia, 92, 10.º and. — Rio de Janeiro, RJ
Tels.: (021) 242-0297 e 222-1818



Fig. 3. O veterinário ministra uma injeção de hormônio à uma fêmea para melhorar sua fertilidade, depois da inseminação artificial.



Fig. 4. Um investigador da Universidade da Flórida usa um dispositivo ultrassônico para medir o tamanho dos folículos (gema dos ovos) o que dá uma indicação da fertilidade do crocodilo.

- Proporcionar uma colheita regular de um número específico de animais de um tamanho selecionado.
- Produzir couros ou peles uniformes de alta qualidade, muito mais apreciados no mercado internacional que os provenientes de caçadores furtivos que são de qualidade e tamanho diverso.
- Reduzir o desperdício de couros por manejo e curtimento inadequados, como sucede com 25% dos couros originados de áreas distantes.
- Informar e educar o público acerca da ecologia do animal e sua importância no meio ambiente e a economia local.

Em algumas granjas, os lucros pela venda de couros, carne e subprodutos de crocodilo podem ser complementados com o turismo (venda de bilhetes de entrada e curiosidades) assim como pela venda de ovos e animais jovens para outras granjas. Uma receita adicional para o governo podem ser as autorizações de exportação.

As observações preliminares parecem indicar que, contrariamente à crença popular, os crocodilos são benéficos para a pesca comercial. Estes animais são eles importantes nos ecossistemas de rios e lagos e freqüentemente são os habitantes maiores dos pântanos. Seu movimento inibe o desenvolvimento de plantas aquáticas nos cursos d'água (aguapés) e em regiões com estações secas prolongadas, algumas espécies conservam charcos que são benéficos para seres aquáticos pequenos que de outra forma não sobreviveriam. Nos estuários e lagos, os crocodilos enriquecem com suas fezes o teor nutritivo da água para peixes e outros invertebrados.

Onde os crocodilos têm sido eliminados

houve uma redução da pesca para consumo humano. Assim, no Brasil, Quênia e Índia, a mingua da pesca ocorreu paralelamente à menor população de crocodilos.

Limitações

A criação de crocodilos não se destina a quem visa ganhos rápidos. Estabelecer uma indústria nacional pode requerer 10 anos e inversões consideráveis. Não obstante, é vital que seja bem organizada, pois uma exploração a nível de comunidade não pode ser rentável se não houver quem compre, classifique, embale e despache os produtos com a documentação necessária.

A seleção de um local adequado para a criação de jacarés é muito importante para o aspecto econômico da operação. As granjas requerem um fornecimento confiável de carne e pescado para alimentar os crocodilos e têm mais êxito quando estão localizadas perto de uma fonte de alimento confiável e econômica. Algumas aproveitam os resíduos de matadouros de aves e bovinos; outras usam o pescado que acompanha a pesca de camarões. Quando não há uma fonte barata de proteína animal, a granja deve produzir seu próprio alimento, geralmente em base no pequeno peixe tilápia ou deve obtê-lo da fauna silvestre local, o que em ambos os casos pode ser muito dispendioso.

As granjas de crocodilos também necessitam de um fornecimento constante de água limpa para os tanques e lugares próprios onde se criam os crocodilinhos. Se o fluxo de água das fontes existentes não podem ser aproveitados por gravidade, é

preciso bombear a água desde os poços ou lagos próximos o que também pode ser muito caro.

Conservação

A escassez mundial de couro de crocodilo é mais aguda a cada ano e passará muito tempo antes que a produção das granjas ou criadouros possa reduzir o impacto da caça indiscriminada sobre as populações silvestres. Por isto, a criação comercial de crocodilos deve ser só uma parte do programa geral de conservação da espécie, que inclui a proteção total de algumas populações em parques e refúgios nacionais. Além disso, a conservação de pântanos naturais é componente importante da planificação econômica geral. Se esses pântanos desaparecerem serão afetadas muitas outras espécies além dos crocodilos.

Inseminação artificial de crocodilos

No Zoológico Gatorland, perto de Kissimmee, Flórida, 23 crocodilos fêmeas não se acasalaram este ano, mas graças a um ensaio de inseminação artificial poderão por ovos.

"A reprodução natural dos jacarés em cativeiro é difícil e dispendiosa" diz o veterinário Paul Cardellhac da Universidade da Flórida. Os animais requerem muito alimento e muito espaço, inclusive nas melhores condições e as fêmeas cativeiras produzem ovos com um índice de fertilidade não superior a 30%.

Usando a IA espera-se aumentar a fertilidade dos ovos para 80%, eliminando os grandes requisitos de espaço. As fêmeas inseminadas são colocadas em "currais" de 3 x 6 m.

A IA de crocodilos ainda é estritamente experimental e o fator mais crítico é o momento de efetua-la. Mediante o tratamento hormonal, os investigadores esperam fazer com que um grande número de animais produzam crias ao mesmo tempo.

A fertilidade das fêmeas inseminadas é medida mediante a passagem de um dispositivo ultrassônico por sobre o ventre do animal tranquilizado, para medir o tamanho dos folículos que basicamente são as gemas de ovos. Quando os folículos têm 3 cm de diâmetro, pode-se esperar que o animal analisado se reproduza na estação correspondente.

— National Research Council (Instituto de Ciências Alimentares e Agrícolas da Universidade da Flórida) — Cria de crocodilos. *Agric. Américas*, E.U.A., nov. 1985: 6-9.

Nota da R.: Este é o segundo trabalho sobre criação de crocodilos publicado pela RRZ. O primeiro, mais completo, foi inserido no n.º 21, julho de 1983, com o título "Exploração de crocodilos em Papua-Nova Guiné, onde o leitor interessado encontrará a seguinte matéria:

Notas da Redação da RRZ sobre o grave problema da matança indiscriminada e criminosa dos jacarés no Pantanal de Ma-

to Grosso; informações sobre as palavras crocodilo, jacaré e caimán e alguns tipos de jacarés existentes no Brasil; biologia do crocodilo; política governamental da Papua-Nova Guiné sobre a exploração dos crocodilos; criação desses répteis em cativeiro; técnicas melhoradas de criação e

cuidados com os crocodilos novos; coleta de ovos e sua incubação; criação em cativeiro; sacrifício, esfolamento e preparo das peles (com um desenho mostrando os cortes na face dorsal para esfolamento e retirada da pele destinada à comercialização). O artigo foi elaborado por M.

Bolton, Diretor do Projeto PNUD/FAO, em Port Moresby, Papua-Nova Guiné, com a colaboração de dois colegas. O interesse então despertado foi grande, inclusive por uma empresa estatal brasileira, com vistas à exploração desses animais no Pantanal Matogrossense.

Notas Zootécnicas

Ingestão de água de leitões desmamados

A ingestão de água por leitões desmamados está intimamente ligada à ingestão de alimentos. Segundo Brooks, P. H. e cols., pesquisadores ingleses (*Vet. Rec.* 115: 513-5, 1984), quando 102 leitões Large White x Landrace, desmamados com 3 semanas de idade foram colocados em pocilgas que tinham de 6 a 10 indivíduos cada e alimentados com uma dieta protéica de 24% com 13% de umidade durante 4 semanas, o consumo de água foi baixo no 1.º dia, mas, após quatro dias, aumentou linearmente em proporção com o aumento da ingestão de alimento. A pocilga foi mantida iluminada 24 horas/dia, mas os suínos consumiram mais água durante o período diurno, devido, aparentemente, às atividades dos tratadores que os mantinham despertos. Com duas dietas semelhantes, a ingestão de água aumentou de 0,71-0,74 l/dia na 1.ª semana para 2,15-2,58 l na 4.ª semana, com a ingestão de alimentos aumentando de 164 e 187 g para 762 e 704 g, respectivamente. A ingestão alimentar diminuiu comumente durante a doença, ao passo que a de água freqüentemente aumentou, o que fez com que ela fosse tida como um meio apropriado para ministrar medicamentos, mais do que nos alimentos. A ingestão diária de água (em litros) pôde ser estimada mediante a equação: $0,149 + 3,053 \times$ ingestão de alimentos em kg/dia.

Absorção de gamaglobulinas colostrais por bezerras de raça de corte

A nutrição da mãe influi passivamente nas gamaglobulinas adquiridas pelos bezerras. Assim, Petri e cols. (*Can. Vet. J.* 25: 273-9, 1984) relatam que o volume médio do colostro produzido na primeira ordenha por 14 vacas de raça de corte com 2,5 anos foi de 2990 ± 2100 ml, com 315 ± 212 g de gamaglobulinas colostrais no soro. As vacas alimentadas com palha e feno de bromus-alfafa tenderam a produzir menos colostro do que as que receberam dieta composta de palha e silagem de bromus-alfafa. O volume

médio de colostro produzido na 1.ª e 2.ª partições foi significativamente inferior àquele de vacas mais idosas. As vacas Hereford x Simental produziram mais colostro do que as Hereford x A. Angus. No sangue de 40 bezerras de uma fazenda, as gamaglobulinas colostrais adquiridas apresentaram em média $29,9 \pm 10,1$ SZT unidades contra $19,2 \pm 7,5$ observados em 42 bezerras de uma segunda fazenda na qual eles receberam aparentemente menos colostro devido à nutrição inferior de suas mães.

Como preparar as vacas para o parto

Segundo o Dr. Roger Meads, de Hortonville, Wisconsin (*Hoard's Dairyman* 130 (7): 429, 1985) a maior mudança no manejo de uma vaca leiteira provém, talvez, do reconhecimento da importância dada ao período seco.

A lactação seguinte tem início no dia em que a vaca seca. Há 1 1/2 a 2 meses para o preparo da vaca para a nova lactação. Após a parição já é muito tarde para se corrigirem as discrepâncias ocorridas no fígado, útero, sistema mamário e trato digestivo da vaca. Todos os aparelhos precisam estar trabalhando ordenadamente antes do parto. Querendo-se que a vaca dê cria de modo a produzir segundo seu real potencial genético, aqui vão algumas regras a serem obedecidas no manejo das vacas:

1. Assegure-se de que a vaca, ao ficar seca, tem gordura suficiente em seu corpo, tonus e condições desejadas no dia em que deve parir. Caso ela esteja muito magra ou muito gorda ou lhe falta aquilo que os granjeiros chamam de "apogeu", deve receber alimentos extras, duas a três semanas antes da secagem. Este é o momento mais adequado para propiciar boas condições físicas à vaca. Os alimentos extras também podem causar um aumento da produção de leite nas últimas semanas da ordenha.

2. Conceda-se à vaca um período de 50 a 55 dias secos. Um período seco de 42 dias talvez seja melhor para uma produção elevada e mais do que isso não será necessário; mas menos do que 42 dias é prejudicial à produção. Um período seco

de 50 a 55 dias é a recomendação devida à parição da vaca mais cedo.

3. Secar todas as vacas independentemente delas se acharem em determinado período da gestação, quando elas produzem 4,3 kg de leite ou menos por dia.

4. Tratar todos os quatro quartos marnários com um método aprovado para a vaca seca; o produto a ser usado deve ser especialmente formulado para vacas secas. A administração em cada quarto marnário é considerada a terapia preventiva. As duas semanas iniciais do período seco correspondem ao tempo de alta infecção. Muitas infecções novas ocorrem ali pois esse momento é altamente suscetível. Tratar todas as vacas e todos os quatro quartos de cada uma.

5. Aparar os cascos da vaca seca. Se a aparagem for feita cuidadosamente, ela terá tempo suficiente para sarar antes de parir. Este é o momento ideal para a aparagem, pois mantém os pés em bom estado e evita os problemas podais decorrentes. Não deve ser feita perto da parição.

6. Vigie-se e observe-se a vaca seca diariamente. Se ela não mantém o peso desejado, coloque-a fora do lote de vacas secas e submeta-a à uma ração adequada para não perder nem ganhar peso.

7. Force-se a mineração de minerais especialmente indicados para a vaca seca, na ração diária de grãos.

8. Assegure-se de que a vaca fica fora dos abrigos e faça exercício, caminhando cerca de 8 a 12 horas diariamente. Se isso não for possível faça-se pelo menos com que a vaca passeie em círculos.

9. Duas semanas antes da data aprazada para a parição inicia-se um bom preparo para o parto. Querendo-se que a vaca produza leite de acordo com seu potencial, deve-se fazer tudo quanto ao seguinte:

a. Injetar vitaminas reforçadas com selênio no momento da secagem ou duas semanas antes da parição.

b. Tosar os pêlos do úbere.

c. Lavar, escovar e limpar bem as tetas. Duas semanas antes do parto as tetas ainda não se acham inchadas nem sensíveis ao toque como no momento do parto. É mais fácil limpar e remover a sujeira e detritos que ali se acumulam.

A Bovitec tem o trio perfeito para a identificação:

**Tradição.
Qualidade.
Opção.**

Identificação correta significa:
matéria-prima de resistência comprovada;
visualização perfeita; aplicação rápida
e eficaz.

Sob esse critério a Bovitec vem manufacturando
seus brincos há mais de **15 anos** e
contribuindo assim para o
desenvolvimento
da pecuária.

Um produto verdadeiro
não tem substituto.



Bovitag III médio



Bovitag III grande



Bovitag III pequeno



Bovitag III especial
2 faces



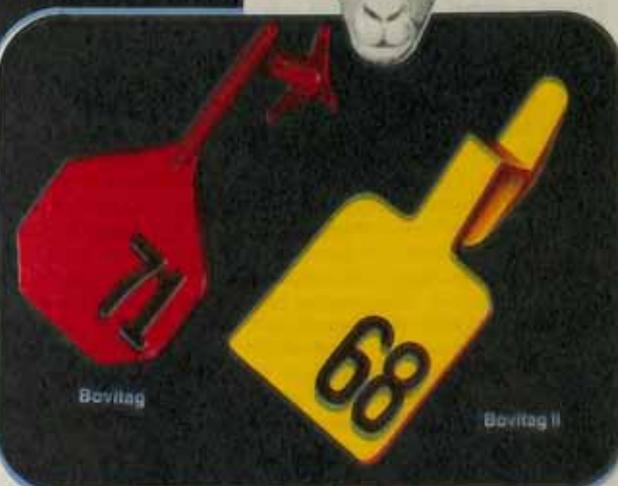
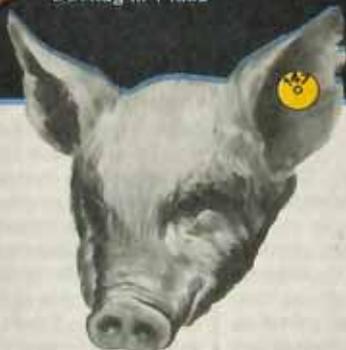
Bovitag III 1 face



Bovitag III 1 face



Bovitag III 1 face



Bovitag

Bovitag II



BOVITEC®

Produtos Agropecuários Ltda.

Rua Duarte de Azevedo, 449 - fone 267-6477 (PABX)
Telex (011) 33069 - BOVI-BR - São Paulo - SP

A desgraça da importação do leite em pó

Francisco Teatini

COMO RACIOCINAM OS EXPORTADORES

— "Nós temos este Leite em Pó velho e é preferível vender para os brasileiros pela metade do preço, do que utilizá-lo como ração... — e vão em frente — Se nós vendermos para o Brasil, levamos diversas vantagens: em primeiro lugar, estaremos empobrecendo as bacias leiteiras (dos brasileiros) e depois de vencidos, poderemos exportar leite em pó pelo preço que quisermos, ou trocar com vantagem pelo café, pela soja, ou outro produto que somos obrigados a comprar — e arrematam o raciocínio —: "Depois deles comprarem uma, duas, três vezes, comprarão sempre e nós nos livraremos anualmente, dos estoques mais velhos de um bom modo".

COMO RACIOCINA O CONSUMIDOR

O consumidor não raciocina, ele fala: "O leite está caro, não pode subir de preço. É um absurdo um litro de leite custar para nós Cz\$ 2,80. Deveria custar Cz\$ 1,00 só... E por aí a fora vai..." O consumidor ignora totalmente os problemas.

COMO PENSAM OS POLÍTICOS

— Eu sei que pagar ao produtor Cz\$ 1,70/litro de leite é um crime e que o prejuízo dele é grande, e prova disso, é que a população do Brasil aumenta e a produção de leite diminui dia a dia. Se o leite tivesse um preço razoável, haveria aumento de produção. A importação de leite em pó é um crime de lesa-pátria. Mas os políticos procedem assim: "Eu não vou falar nada, porque não posso ficar contra o consumidor (os políticos são muito inteligentes... Assim pensam eles!). Na verdade, qualquer político sabe que nos Estados Unidos, existem, normalmente, mais de 400 projetos tramitando pelo Senado e Câmara Federal, defendendo os interesses dos produtores

americanos, contra importações e aqui em Minas, eles têm vergonha de defender o produtor mineiro (o problema é mineiro).

COMO AGEM OS PRESIDENTES DAS COOPERATIVAS DE LEITE

Geralmente eles passam um telegrama ao Ministro da Agricultura nos seguintes termos: A Cooperativa de tal lugar... com mais de 2400 cooperados, vem solicitar de V.Exa. providências necessárias para se elevar o preço do leite para o mínimo de Cz\$ 2,50/litro... Ou então, passam uns três ou quatro telegramas assim: "Os abaixo-assinados... Em Assembléia Geral da Cooperativa... Ou então, os cooperados reunidos hoje, vem protestar contra a importação... etc" (e vai por aí a fora) e fica nisso. Só isso.

O Dilson Dutra — presidente da OCEMG — propõe modificações e quer aumento. Aloísio Tavares Maciel e mais dois ou três, esbravejam, mudam a planilha e atualizam os preços do leite e provam a defasagem, reclamam, choram, declaram o que o produtor pode fornecer leite... Ao Brasil todo. Só querem preços justos.

O Antônio Ernesto — Presidente da FAEMIG — é o muro das lamentações dos produtores de leite. Ele reclama, estrebucha, xinga... Prova, faz folhetos... Vai a Brasília, vai para os jornais...

COMO O PRODUTOR DE LEITE MINEIRO AGE

Ele não age, ele pensa: "Seja o que Deus quiser e vai se defendendo, seja diminuindo a produção de leite, dispensando empregados, vendendo para corte vacas boas de leite na 3.ª ou 4.ª lactação, cortando os concentrados, não dando sal mineral, não batendo os pastos e muitas vezes, abandonando, ou mesmo vendendo a fazenda ou parte dela, para incautos da cidade que vão logo

produzir leite... Prá depois abandonar.

A REALIDADE DOS FATOS

Trabalho com leite e posso afirmar: Os produtores de leite podem e têm condições de produzir, em um ano, muito mais leite que o Brasil consome. É uma imaturidade dos governantes a importação do leite em pó. O produtor mineiro é apaixonado e é obrigado a produzir leite.

Se o governo ainda pensa em Reforma Agrária e em assentar um milhão de famílias, pode ir tirando o cavalinho da chuva e mudar os seus planos para um milhão e trezentos mil, porque umas 300 mil famílias estão nesta hora se mudando para as cidades. Consequentemente, as atividades leiteiras estão sendo desativadas e enterradas pela Nova República e que os dirigentes saibam que, quem está sendo altamente prejudicado, são os pequenos produtores e seus assalariados.

O CASO DO TIGRE

Conta-se que certa vez um caçador do Sul de Minas trouxe um tigre novinho para o Brasil e foi criando ele dentro de casa, com leite, pão, feijão e sempre sem carne.

O tigre estava mansinho. Um certo dia o caçador estava mexendo com "num sei o que" e cortou o dedo e caíram duas gotas de sangue no chão e o tigre lambeu... Daí por diante, o tigre passou a estranhá-lo, transformou-se completamente... Não teve jeito, teve que ser enjaulado, pois bem, o tigre é o Governo e o sangue é a importação do leite em pó e vocês produtores de leite... ou reagem e prendem o tigre agora, ou podem abandonar a atividade.

Antônio Ernesto, Dilson, Aloísio Tavares e mais dois ou três, não vão resolver... Vocês, produtores, têm que reagir, reunir, convocar os governantes, os políticos, e explicar a situação e lutar, lutar pela sua classe, e pelas suas atividades.

Alguns princípios na pecuária

Um boi gordo (16 a 18 arrobas) tem o mesmo valor de 3 bezerras desmamadas (8 a 12 meses) e três bezerras desmamadas têm o mesmo valor de quatro bezerras fêmeas na mesma idade. São regras ou normas empíricas, que são medidas em 10 anos de atenção na atividade... Não podem ser classificadas assim em 1 ou 2 anos.

Quando 3 bezerras começam a valer muito mais que um boi gordo, o comprador deve parar de comprar, porque isto significa que existe algum desequilíbrio provocado pelas mudanças de mercado. Quando 3 bezerras estão valendo menos que um boi gordo, o criador deve esperar porque o equilíbrio tende a voltar.

Na pecuária existem determinados fatores que pela repetição e pelas análises, se transformam em normas que normalmente são seguidas e quando o fazendeiro sai delas, é porque tem qualquer coisa errada. Infelizmente a inflação, os erros da política econômica adotada, vem interferindo e avacalhando com as normas. As normas funcionavam nas décadas de 60 e 70... mas agora já estão ultrapassadas.

Existem 3 atividades na pecuária de corte:

- Engorda (ou invernista)
- Cria
- Recria

A atividade de invernista é analisada assim: Em 10 anos o invernista tem 8 anos de lucro, empata 1 e perde outro.

Quem cria, em cada 10 anos ganha 7, empata 1 e perde 2, ou vice-versa, isto é, empata 2 e perde 1.

E o criador? O criador em cada 10 anos ganha 5 e empata ou perde 5... às vezes ganha 6 e empata ou perde 4 ou vice-versa.

Das três atividades tradicionalmente, a melhor é a do invernista... Se bem que agora a atividade melhor é a do criador.

Aí você diz: "Então todo mundo vai passar a engordar!"

— Não! O mau invernista, transforma às vezes esses 8 anos em 7 e um bom criador que ganha em 5 anos, às vezes transforma e ganha em mais ou menos 7 anos.

Deve-se levar em consideração o jeito do fazendeiro. O invernista é mais ousado, tem mais coragem, é mais atento ao mercado e tem mais capacidade de comercialização. O criador é mais "catireiro". Por isto,

eles ganham mais e jogam mais. Não é fácil entender isto.

Às vezes um invernista vende um boi por Cr\$ 3 milhões e compra um garrote por Cr\$ 2,5 milhões.

A invernagem exige também um clima apropriado e terra boa. Um invernista que engorda boi em Montevidéu, Itabira, Divinópolis, Paracatu e Corinto, não tem condições de concorrer com o clima e as boas pastagens, boas terras como de Janaúba, Jaíba, Capitão Enéas, etc... Pode até engordar, mas a engorda demora 2 anos a mais.

No clima apropriado e nas terras boas com ótimas pastagens, quem for mais "atirado" deve engordar.

A verdade também, é que, quem tem jeito pra ser criador, ou gosta de criar, que seja criador.

Se os homens do governo entendessem e deixassem a gente melhorar esta atividade de criar, nós poderíamos desenvolver muito mais o meio rural e o Brasil. Infelizmente, a inflação e os desgovernos estão liquidando com estas normas...

Ah! Se os homens do Governo conhecessem profundamente estes fatos corriqueiros do dia a dia do meio rural...!!!

Como o Joaquim amansa boi de carro

No Gado Manso em 85, foram amansados 10 bois. Houve desistência somente de um. O nosso amansador chama-se Joaquim que dispõe de um menino para o auxiliar.

As parselhas são formadas com bois de 2 a 2,5 anos. Ele não pega boi novinho e nem erado demais para amansar, pois, o boi novinho, amansa... mas dá muito serviço, e o erado demais, trabalha pouco tempo e para achar parselha é mais difícil.

Na amansação, o Joaquim manda atrelar um boi manso com um boi bravo e está sempre fazendo um rodízio com os bois de sua amansação... Sempre uma junta num dia e outra junta noutro dia. O boi bravo cansa muito mais que o manso. Assim parece... Mas é necessário mais atenção, porque um boi novo pode machucar um boi velho, porque sendo ele mais novo, ele não se importa e vai de qualquer maneira... Pode até se machucar, mas é difícil por

causa da diferença de peso e de força.

Pois bem — diz o Joaquim — com duas ou três semanas o dito boi bravo em vez de trabalhar na guia, já trabalha no cabeçário. Com três semanas de cabeçário, já é boi de carvoeiro, com trinta dias no cabeçário, já é guia.

Com três dias de serviço, já se sabe se o boi presta ou não, aquele que não presta amua logo. O boi amuou a gente sabe que ele vai dar

muito trabalho e então larga de vez antes de judiar com ele.

Como no Gado Manso não tem carroção com roda de pau, então o Joaquim usa no carroção de roda de pneu uma corrente de tal maneira que trava os bons. Ele amarra uma corrente no pau que sai arrastando no carroção e os bois não conseguem correr com o carroção e livra de se quebrar ou mesmo machucar o carreiro. É necessário chamar atenção para este perigo.

A época melhor para iniciar a amansação, é no início das águas, porque na amansação o boi é muito

judiado e nas águas é tempo de engordar.

Isto tudo é prático, mas para que o boi de carro seja declarado manso, gasta-se de 80 a 90 dias, de modo que, o bom para que ele fique bem manso, é preciso que ele trabalhe mais 30 dias direto e reto.

O boi quando está manso, você pode ficar entre dois atrelados, que eles nem balançam a canga, para se conseguir isto, demora-se muito... Mas lhe dá toda segurança.

O boi nelore não amansa, ele acostuma com o carreiro. Dentro do zebu, segundo os carreiros velhos, os

melhores são os Girão e o Indubrasil, mas... Os cruzados de europeus, são melhores. Assim afirma o Nilson — carreiro há mais de 17 anos — e que trabalha conosco estes anos todos, no Norte de Minas, onde temos uns 70 a 80 bois de carro trabalhando.

Todas as propriedades, deveriam ter pelo menos duas juntas para transporte de poste de cerca, enchimento de silo, cana para forragem, aração de terras, gradagem, transporte de adubo e muitas outras atividades... O trator é caríssimo e exige tanta coisa e complica tanto, que até desanima.

EXPLORAÇÃO LEITEIRA

A MELHOR E MAIS ÚTIL PUBLICAÇÃO QUE OS NOSSOS ESPECIALISTAS PRODUZIRAM PARA O PRODUTOR DE LEITE

PUBLICAÇÃO PATROCINADA PELA ANPES
ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PROGRAMAÇÃO ECONÔMICA E SOCIAL

3.ª EDIÇÃO REVISTA



- CAPÍTULO 1 — INTRODUÇÃO
- CAPÍTULO 2 — MELHORES PASTOS, CHAVE PARA A PRODUÇÃO MAIS ECONÔMICA DE CARNE E LEITE
- CAPÍTULO 3 — ALGUNS FATORES QUE AFETAM A PRODUÇÃO DE CULTURAS FORRAGEIRAS
- CAPÍTULO 4 — AS FORRAGEIRAS: GRAMÍNEAS E LEGUMINOSAS
- CAPÍTULO 5 — ESTABELECIMENTO E MANUTENÇÃO DE PASTAGENS
- CAPÍTULO 6 — A MÁQUINA ANIMAL
- CAPÍTULO 7 — SUPLEMENTAÇÃO DAS PASTAGENS
- CAPÍTULO 8 — A ROTAÇÃO PASTAGEM-CULTURA
- CAPÍTULO 9 — CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pedidos à EDITORA DOS CRIADORES LTDA.
Rua Venâncio Aires, 31 — CEP 05024 — São Paulo - SP
ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE CRIADORES
Rua Jaguaribe, 634 — São Paulo

Deu muito certo, continue, Presidente

Gugé Ferraz

Assim como não há bem que sempre dure, não há mal que nunca se acabe — é a velha verdade.

Afinal demos o passo decisivo para eliminar a inflação que apodreça nosso sistema econômico.

Aconteceu o que parecia impossível em nossas administrações: uma medida certa, inteligente, corajosa e adequada às necessidades brasileiras. Porque deu certo, o povo, empolgado, posta-se ao lado do Governo para fazê-la cumprir.

A ação do Decreto-lei n.º 2.283 não pode ser interrompida, nem sabotada, sob pena de estar traindo a Pátria quem lhe impuzer quaisquer óbices. Mas, por si só, evidentemente, ele não nos transformará em efetiva potência. Entretanto, sem ele, impossível seria a implantação do que lhe deve seguir como complemento indispensável à conquista do futuro que almejamos.

A economia é a viga mestra ou espinha dorsal de qualquer organização, especialmente para os Estados Soberanos. Tropeçou a economia e todos os demais setores se ressentem; degringolou-se ela, e tudo mais vai abaixo.

Começamos, portanto, por onde se deveria começar. Agora resta-nos formular a escala subsequente das prioridades a serem promovidas. Aplicando-se um raciocínio lógico a estas prioridades, vamos encontrar como primeiro mutirão cívico a reclamar a ação de todos, moralisar a administração do País.

Depois da desordem econômica o pior mal que vem secularmente assolando o Brasil é o descalabro administrativo, gerado pela corrupção

endêmica, que campeia virulenta e criminosamente impune, desde as mais baixas até às mais altas esferas onde a coisa pública deveria constituir-se objeto do zelo daqueles que a manipulam. E, infelizmente, são poucas as excessões de honrados Catões na execução das tarefas administrativas, com a vergonhosa agravante de vedar-se à justiça qualquer ação contra os delinquentes. Não raro constatamos, para maior desonra nossa, a inversão cívica de premiar-se com honrarias maiores os que mais ousadamente se locupletam com os recursos públicos. E o mal cresce com o correr dos anos.

Onde estão e porque existem os milhares de componentes dos Tribunais de Contas e órgãos congêneres, regamente pagos para fiscalizar a lisura na aplicação destes recursos?

Também esta monstruosidade reclama um solene basta, que já atinge o grau de exigência nacional.

O Governo deve convocar um outro Dilson Funaro, para impor ao complexo Administrativo, da singela repartição ao arrogante ministério; e do poderoso Estado ao humilde Município, o regresso à trilha da honestidade, em atendimento aos anseios do povo por decência também na vida pública.

Esta nova ação saneadora deve visar a corrupção, que, além de má-ligna por natureza, é caldo de cultura para todas as doenças políticas que ou nos têm impedido o exercício pleno da democracia, ou, pior ainda, ameaçam guilhotinar de vez os princípios democráticos como

fundamento de nossas instituições políticas.

Força moral no grau da que aí está operando, permitirá ao executor da nova tarefa desde o puxão de orelha no vereadorzinho relapso do interior, ao forte safanão nos "colarinhos brancos", portadores de mau caráter, que infestam as mais altas camadas da pirâmide administrativa.

Medida desta ordem, que reduza pelo menos em cinquenta por cento a roubalheira nos cofres públicos, dará ao Governo (como efetivamente deve ele fazer) condições de eliminar a tributação sobre todos os gêneros alimentícios de primeira necessidade e também conceder irrestrita e total anistia fiscal a todo e qualquer contribuinte irregular, tanto perante a União, o Estado ou o Município; que, ainda assim, terão os cofres públicos um saldo positivo correspondente, no mínimo, ao dobro do que deixar de arrecadar. Se a não tributação de alimentos e a anistia atingirem o ponto 100 de determinada escala, os cinquenta por cento evitados no furto equivalerão ao nível 200 da mesma escala.

Para melhor justificar a sugestão, raciocinemos sobre qual o delito mais grave: Fugir o contribuinte ao fisco — injusto às vezes — ou ser, o tributo arrecadado, dolorosamente usurpado pelos que deveriam ser seus zelosos guardiães? A conclusão é óbvia. No entanto a constante em nossa sistemática é a impiedosa perseguição (multas, processos, prisões, correção monetária e o diabo a quatro) para quem tenta escapar do fisco, e passar a mão pela cabeça

do improbo e infiel administrador (ladrão!) do erário público. Nunca, em nossa história, alguém foi devidamente penalizado por locupletar-se dos bens públicos; sendo incontáveis, entretanto, os casos de atribuírem-se "respeitáveis" comendas, como se foram verdadeiros pais da Pátria, a peculatórios rapaces, só porque saem de funções públicas — para onde entram sem eira nem beira — espirrando dinheiro roubado por todos os poros e com gordas contas no sígilo hipócrita dos bancos suíços.

Exigir pontualidade do contribuinte, sim; mas depois de moralizada a aplicação do produto arrecadado. Ladrão jamais terá direito de reclamar honestidade dos que passariam a ser suas vítimas.

Não será ótimo que também se lance um programa para mudar esse triste quadro, Senhor Presidente? Garantimos-lhe que o povo, hoje tão seu pela aprovação que vem dando

às suas últimas diretrizes, subscreve esta sugestão, comprometendo-se a dar apoio idêntico ao que ora fortalece as medidas econômicas.

Nada deve quebrar a decisão de não conceder aumento, a nível de consumidor, a qualquer produto. Temos, entretanto a certeza de que vão surgir sérios problemas no setor produtivo de alimentos básicos, em virtude de terem sido pegos de surpresa, com preços altamente defasados, muitos destes produtos. A solução destes problemas, porém, deverá ser encontrada — o que é bastante fácil — no extremo oposto ao do consumidor; isto é, na produção.

Além da citada isenção tributária e da ampla anistia fiscal, deve o Governo adotar, sob a égide do bom senso, o financiamento a juros zero e prazos longos para os produtores de alimentos indispensáveis e cujos custos estejam acima dos preços tabelados ou congelados. O leite e a

farinha de mandioca, por exemplo, têm preço no varejo que não cobre sequer metade dos seus custos.

Uma análise judiciosa no setor permite o estabelecimento de uma lista dos produtos carentes dos favores creditícios lembrados, a fim de dar equilíbrio à oferta sem sacrificar o produtor.

Nada disto prejudicará o orçamento da República, desde que eliminada seja metade dos desvios irregulares dos recursos arrecadados.

Não somos nenhum Pierre Poujade; mas também jamais aceitaríamos o injusto arbítrio de entidades cuja improbidade é notória no uso do tributo que arrancam ao contribuinte.

O cumprimento do dever é uma exigência da Justiça para todos, em um Estado democrático. A esta exigência, portanto, não só os contribuintes para o fisco estão sujeitos; mas também aqueles a quem o Estado confia a guarda do seu erário.

CRESCIMENTO E REPRODUÇÃO EM GADO NELORE



VISÃO DO CRIADOR E DO PESQUISADOR

ARTHUR DA SILVA MARIANTE
ARNALDO ZANCANER

Esta publicação deverá ser de grande valia para os criadores interessados em melhorar a composição genética e o manejo de seus rebanhos; para os pesquisadores interessados na análise e interpretação de dados de gado de corte, bem como para os extensionistas interessados em aprender de que forma os dados de pesquisa podem ser usados para melhorar o manejo do rebanho.

Pedidos à:

EDITORA DOS CRIADORES LTDA.
Rua Venâncio Aires, 31 — CEP 05024
São Paulo - SP

Criadores de Cavalos da Bahia têm nova diretoria

Foi eleita a nova diretoria da Associação Baiana dos Criadores de Cavalos (ABCC) para o biênio 1986/87. É composta por Candido Alberto Gonçalves Braga (presidente), Ernani Nelson Antunes Guimarães (vice-presidente), Celso Ribeiro de Sousa Dantas (1.º secretário), Sylberto Pacheco de Miranda (2.º secretário), Manuel Eduardo Pedreira Torres (1.º tesoureiro), Edgard de Sena Walter (2.º tesoureiro), Carlos Vicente Bahiana Marques (Superintendente Técnico).

Entre as metas da nova administração estão a de consolidar o prestígio da ABCC conquistada na gestão anterior; ampliar sua atuação, fazendo a interiorização da entidade, cadastramento de todos os criadores e plantéis do Estado, publicação de um anuário do Cavalos da Bahia, fundação dos núcleos dos criadores das várias raças de equídeos, obter junto ao governo a conclusão do 2.º pavilhão de equídeos do parque de exposições de Salvador, realização de leilões com animais pré-selecionados.

Pesquisador retorna à Austrália

Edward Mark Huton, geneticista australiano conhecido por suas pesquisas no campo de adaptação de forrageiras em solos ácidos, retornou à Austrália, após três anos de trabalho no Centro de Pesquisa Agropecuária dos Cerrados (CPAC/Embrapa). Ex-chefe da Divisão de Pastagens e Culturas Tropicais, órgão de pesquisas do governo australiano, tem sete trabalhos de pesquisas publicados no Brasil e cinco em preparação. Huton é considerado o pai da leguminosa Siratro e também pela difusão da leucena, esta de grande adaptação em solos ácidos. Uma das grandes exportadoras de carne no mercado internacional, a Austrália, para atingir o estágio atual de desenvolvimento de sua pecuária de corte, deu grande ênfase a alimentação dos bovinos e foi o país que procurou levar plantas nativas do Brasil e lá fazer o plantio e seleção. Em vez de importar de países de clima temperado os caprins

e forragens, preferiu buscar as sementes nos países de clima tropical e selecioná-las. Huton retorna ao Brasil no próximo ano.

Nova diretoria dos criadores de Crioula

Foi eleita dia 31 de março e tomou posse a nova diretoria do núcleo Emílio Mattos dos Criadores de Cavalos da raça Cricula, em São Paulo. Ela é constituída por Antônio Carlos Pinheiro Machado (presidente), Luiz Augusto Alcântara Machado (vice-presidente), Pedro Victor De Lamare (diretor-secretário), José Roberto Brant de Carvalho (diretor tesoureiro), Angelo Lívio Zapparollí Júnior (diretor de eventos e exposições), Claudio Rubens Constantino (diretor social) e Sylvio Ataliba de Toledo Pizza e Almeida (diretor-adjunto).

Nova diretoria da Federação da Agricultura da Bahia

Estes são os integrantes da nova diretoria da Federação da Agricultura do Estado da Bahia, eleita recentemente: Carlos Raymundo Baiardi (presidente), João Martins da Silva Júnior (1.º vice-presidente), Nivaldo Fernandes de Oliveira (2.º vice-presidente), Fernando Figueiredo Pimenta (diretor-secretário), Paulo Roberto Batista Villa (2.º diretor-secretário), Waldir Lapa Barreto da Silva (diretor tesoureiro) e 2.º diretores tesoureiros — José Vilva Ribeiro, Irio Athanazio dos Santos, Gil Marques Porto, Wanderley Rocha Rosário, Juvêncio Ancillon Alencar Gondim e Marcus Vinícius de B. Wanderley. Suplentes: Francisco de Paula Magnavita, Evandro Mota Araújo, Adriano Ribeiro de Andrade, Olímpio Balduino da C. Virgens, Walter Lima de Carvalho, Angelo Victor de Oliveira Filho, Hugo de Souza Santana, Gustercindo de Deus, Junot Martins Gonçalves, Marcelo Gedeon e Edmundo de Marcelo Borges. Conselho Fiscal: Augusto Medrado Vaz Santos, José de Quadros Filho, Moisés Barbosa Moura, José de Souza Almeida, Moisés Marques Simões e Parizio de Deus Gomes. Delegados à CNA: José Pinheiro Cunha, Clodomir Xavier de Oliveira, Welden de Souza Se-

tenta e Sinézio de Deus Gomes.

Em repouso

Dr. Frontini Ferreira Guimarães, primeiro secretário da ABC, ao voltar de sua fazenda em Piracicaia, foi vítima de um acidente de automóvel com fratura em uma das pernas. Após sua hospitalização e cuidados médicos foi para sua residência onde está em repouso e não vê a hora de voltar ao convívio de seus amigos diretores e associados da ABC. De nossa parte aqui vai

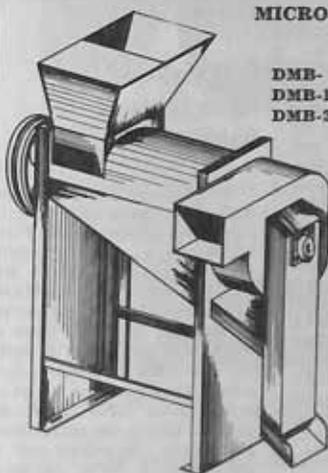
um abraço ao Dr. Frontini e votos de um rápido restabelecimento.



A GRANDE OPÇÃO PARA O PEQUENO PRODUTOR

MICRO DEBULHADORES DE MILHO

- DMB-50 (6 SACOS - 1,0 HP)
- DMB-100 (15 SACOS - 2,0 HP)
- DMB-200 (25 SACOS - 3,0 HP)



DESPALHA, DEBULHA, LIMPA E ENSACA NUMA SÓ OPERAÇÃO

Totalmente metálico, construído com chapa e perfil de aço, formam um conjunto compacto, robusto e de grande durabilidade, atingindo plenamente as necessidades de produção do pequeno e médio produtor.

Os modelos DMB-100/200 podem ser acionados p/ tratores

A MAIS COMPLETA LINHA DE MÁQUINAS E EQUIPAMENTOS PARA PROCESSAMENTO, MOVIMENTAÇÃO E ARMAZENAGEM DE RAÇÕES

- Trituradores (moinho)
- Misturadores de Rações
- Conjunto para Rações
- Micro Fábricas de Rações
- Roscas Transportadoras
- Carretas Ensiladeiras
- Debulhadores de Milho
- Desintegradores
- Picadeiras
- Ensiladeiras

MAQUINAS
BENEDETTI
ESPIRITO SANTO DO PINHAL - SP

PÇA. VICENTE FREITAS GUIMARAES, 36 - CEP 13890
FONE: (0196) 51-1677 - ESP. SANTO DO PINHAL - S. P.

Revendedores Autorizados em todo o Território Nacional

Bahia mostra cavalos

De 6 a 13 de junho, a Associação Bahiana de Criadores de Cavalos e Associação Brasileira dos Criadores do Cavalos Pônei realizam, em Salvador, a IV Semana Bahiana de Equídeos e I Semana Nacional do Cavalos Pônei. Participam 600 animais. Na primeira quinzena de agosto, a ABCC e o núcleo Bahiano de Criadores de Mangalarga Marchador realizou o I Leilão de Nível do Mangalarga Marchador.

800 animais na Exposição Nacional do Marchador

Já estão adiantados os preparativos para a realização da V Exposição Nacional dos Criadores do Cavalos Mangalarga Marchador, que será realizada no Parque Bolívar de Andrade, em Belo Horizonte, de 3 a 10 de agosto. Do programa, estão previstos desfiles dos animais premiados, julgamento de exemplares, provas funcionais, campeonatos de marcha, leilão de leite e atrações diversas. Devem participar 800 animais, na avaliação da Associação dos Criadores. O leilão de Elite colocará à venda no máximo 50 animais.

Controle biológico do mandarová da mandioca

Uma das piores pragas da mandioca, que exigem consumo anual de três milhões de litros de defensivos e gastos de Cz\$ 350 milhões com a compra e aplicação desses produtos, o mandarová já pode ser exterminado com o uso de inseticida caseiro: a Empresa de Pesquisa Agropecuária de Santa Catarina (Empasc/Embrapa) desenvolveu um inseticida, fabricado a partir da maceração da própria praga morta. Os pesquisadores da Empasc conseguiram isolar o Baculovirus erinyis, um inimigo natural do mandarová e que

está presente na própria folha da mandioca. Porém, sua presença nas folhas é ínfima, insuficiente para vencer o ataque. Mas, pulverizando o vírus sobre a plantação, o inimigo da mandioca se multiplica. Ao devorar a folha da mandioca, já pulverizada com o suco do próprio mandarová, a praga é contaminada, morrendo em seguida.

O mais vantajoso é que o suco pode ser preparado pelo próprio agricultor. Basta coletar o mandarová morto no mandiocal e macerá-lo. Após a maceração, adicionar um pouco de água e coar a calda num pano bem limpo. Depois, é só adicionar mais água e pulverizar a lavoura. Para cada litro do suco, adicionar 200 litros de água, solução suficiente para 1 ha de mandioca. O controle é de 100%, segundo a Empasc.

Prognóstico Agrícola da Safra 85/86

O Instituto de Economia Agrícola da Secretaria da Agricultura do Estado de São Paulo distribuiu o Prognóstico Agrícola da Safra 85/86 da região Centro-Sul. A publicação saiu com atraso em razão da seca que se abateu sobre a agricultura que exigiu a revisão dos dados da previsão das safras. O prognóstico faz uma avaliação da Safra 85/86, já com os efeitos da seca sobre a produção. De acordo com a publicação, a Safra Agrícola do Centro-Sul será menor este ano — porém ressalva que essa queda é motivada pelo plantio retardado da lavoura, o que implica em queda de produtividade.

Congresso de Medicina Veterinária

De 14 a 18 de julho, será realizado, em Cuiabá, MT, o XX Congresso Brasileiro de Medicina Veterinária. O evento é promovido pela Sociedade Mato-Grossense de Medicina Veterinária, com apoio da Sociedade Brasileira de Medicina Veterinária e Conselho Regional de Medicina Veterinária. Constam do programa temas

como ciências básicas, zootecnia, ecologia animal, patologia, clínica médica, reprodução animal, medicina preventiva e saúde animal, patologia cirúrgica, inspeção e tecnologia de produtos de origem animal, animais silvestres, ensino, mercado de trabalho, legislação, assuntos profissionais, psicologia, sociologia e comunicação na medicina veterinária. Informações, tel.: (065) 321-3321 ou à rua Antônio João, 200, sala 301, Cuiabá, MT.

Ciclo de debates sobre mecanização agrícola

Será realizado, em Jundiá, na Divisão de Engenharia Agrícola do Instituto Agrônomo de Campinas (IAC), o III Ciclo de Estudos sobre Mecanização Agrícola. O evento será realizado de 4 a 6 de junho próximo. O tema básico será "Tecnologia Intermediária e a Mecanização da Agricultura". Simultaneamente ao evento, será realizada a Exposição de Máquinas Agrícolas. Informações, telefone (011) 434-0155 e 434-0291, Jundiá.

Mandioca e soja tostada na ração

O uso da mandioca em substituição parcial ao milho e outras rações energéticas pode reduzir em cerca de 12% os custos na alimentação de suínos, segundo pesquisa concluída pelo Instituto Agrônomo do Paraná (IAPAR). É uma economia substancial, já que a alimentação representa, hoje, 80% dos custos de produção desses animais. Conforme o IAPAR, a mandioca pode substituir de forma parcial ou total os grãos de cereais. Testes realizados pelo Instituto comprovaram que a adição de 33% de mandioca na ração reduziu em 12% os custos de alimentação de suínos, sem perdas de eficiência. Para as fases de crescimento e terminação, a inclusão de 100% de mandioca no lugar dos grãos

não prejudicou significativamente em termos de consumo, conversão alimentar e ganho de peso diário.

Dentro do projeto de se encontrar meios alternativos para o barateamento dos custos de produção de suínos, o IAPAR, também, vem testando com sucesso o uso de soja tostada. E a tostagem da soja pode ser feita na própria propriedade com um equipamento fabricado no Brasil ou com o uso de um forno caseiro de pão ou em tachos de metal sobre fogo. A soja é uma excelente fonte de proteína na alimentação de suínos, porém não pode ser dada crua: neste estado, apresenta uma substância antimetabólica que pode influir negativamente no desempenho biológico dos animais. Na tostagem, essa substância é destruída.

Herbicida biológico contra amendoim bravo

Uma das mais severas ervas daninhas das lavouras — o amendoim bravo — que hoje infesta mais de 200 mil hectares no Brasil, exigindo gastos anuais de Cz\$ 44 milhões em herbicidas químicos — já pode ser combatido sem uso químico: a Embrapa desenvolveu um herbicida biológico, usando o fungo *helminthosporium*, um inimigo da planta. Ao contrário do herbicida químico, o biológico tem a vantagem de agir permanentemente e ser seletivo, agindo somente contra o amendoim bravo. De acordo com o pesquisador do Centro Nacional de Pesquisa da Soja da Embrapa, José Tadashi Yorinori, a vantagem do inseticida biológico é exatamente a economia que proporciona: "Apenas uma aplicação de fungo é suficiente para acabar com o amendoim bravo. Depois da aplicação, o fungo se multiplica na lavoura e combate outras plantas que nascem", explica.

Para aplicar o inseticida biológico, basta pulverizar de 200 a 350 g do produto por hectare quando a planta daninha estiver com 10 a 20 cm. É a aplicação, para garantir a eficiência, deve ser feita no fim da tarde, um pouco antes do pôr do sol e nos dias nublados. E o CNPSoja já está dis-

tribuído o herbicida biológico para os agricultores.

Curso sobre planejamento e administração na empresa rural

A Fundação de Estudos Agrários Luiz de Queiroz (Fealq) promove, no segundo semestre, o curso "Planejamento e Administração na Empresa Agropecuária". Data e horário serão definidos pelos próprios candidatos ao curso. O curso terá duração de 16 semanas, com uma aula semanal. Constam do programa os seguintes tópicos: Perspectivas da Agropecuária; Situação Competitiva da Empresa Agropecuária Frente ao Mercado Interno e Externo; Organização e Planejamento da Empresa Agropecuária; Recursos Físicos da Empresa — Solo (uso programado), Recursos Físicos da Empresa — Máquinas e Equipamentos, Recursos Humanos e a Empresa Agropecuária, Acompanhamento e Avaliação dos Resultados da Empresa; Fertilizantes, Defensivos e a Preservação dos Recursos Naturais; Pecuária de Corte e Leite — Perspectivas e Tendência das Explorações; Administração Financeira e Crédito; Planejamento da Empresa Agrícola — Estratégias de Redução de Riscos, Comercialização da Produção e Mercados Futuros, Painéis sobre: Biotecnologia na Agropecuária, Informática na Agropecuária, Microdestilarias de Alcool — Viabilidade Técnica e Econômica e Tributação na Agricultura. Informações: tel.: (0194) 22-3491/6600, Piracicaba, SP.

Milho consorciado com leguminosa produz mais

Os pesquisadores da Empresa Catarinense de Pesquisa Agropecuária encerraram experimento de plantio de milho consorciado com leguminosa e comprovaram que esse sistema proporciona maior ganho de produtividade, sem gastos adicionais com fertilizantes.

Durante dois anos, a Empasc testou quatro sistemas de plantio — cultivo convencional de milho sem mucuna, convencional com mucuna, direto com mucuna e cultivo mínimo de milho. No sistema convencional do milho com a mucuna — incorporada antes do plantio — a produção foi 20 sacas em média superior à cultura solteira. No sistema de cultivo mínimo e semeadura direta de milho com mucuna, a produção foi 15 sacas superior. O uso da adubação verde, além de maior produção, evitou, também, erosão e o surgimento de ervas daninhas.

Adubação Verde tem financiamento

O Conselho Monetário Nacional aprovou resolução que prevê financiamento de custeio para o plantio de adubo verde. Os recursos destinados ao custeio são de Cz\$ 237,00 o hectare — segundo o Centro Nacional de Pesquisa de Trigo da Embrapa, suficiente para cobrir as despesas com o preparo do solo, as sementes e o plantio. Segundo os pesquisadores, o emprego de adubo verde tem uma série de vantagens: além de fertilizar o solo com nitrogênio, recupera suas características físicas, químicas e biológicas. De acordo com a Embrapa, podem ser usados quatro espécies de leguminosas como adubo verde, tremoço, ervilhaca, serradela e chicarro que, além de possibilitarem uma boa cobertura do solo, evitando a erosão, impede o surgimento de ervas daninhas, abafando-as. Conforme os pesquisadores, após as leguminosas, plantadas no inverno, o agricultor deve semear uma gramínea — milho ou arroz — evitando-se a soja ou outra leguminosa.

Manejo de plantas daninhas

O Centro de Pesquisa Agropecuária dos Cerrados vem desenvolvendo experimentos de controle de ervas daninhas.

Segundo os pesquisadores, as ervas daninhas precisam ser controladas, já que competem com as culturas em nutrientes, água, luz e gás carbônico. Os pesquisadores farão experimentos com quatro métodos de controle: mecânicos, culturais, biológicos e químicos. O controle mecânico é mediante o uso de ferramenta, como enxada ou cultivadores. Os métodos culturais prevêm o uso da rotação de culturas, manejo adequado do solo, o

uso de fertilizantes apropriados, a correção do solo, época certa de plantio e espaçamentos adequados, que possibilitam o crescimento rápido da planta. O método biológico prevê o emprego de insetos, vírus, animais e outras plantas. Já os métodos químicos prevêm o emprego de herbicidas. Conforme os pesquisadores, o controle mais eficiente é pelo método integrado — ou seja o uso casado de dois métodos.

PASTO SECO + PREMIPHOS URÉIA = BOI GORDO



PREMIPHOS Uréia é um produto que foi desenvolvido para o período da seca. Contém todos os elementos indispensáveis e coadjuvantes, para que nos períodos críticos do ano, quando as pastagens já estão secas e com menor valor nutritivo seu rebanho mantenha o equilíbrio nutricional obtendo sua manutenção e ganho de peso.

(Na entre-safra a grande opção para estocagem do boi em pé)

São Paulo
Rua Hungria, 664 — cj. 51 — 5.º andar
CEP: 01455 — Fone: (011) 815-5311

Patrocínio Paulista — SP
Praça Dr. Altino Arantes, 1431
CEP: 14.410 — Fone: (016) 745-1411

Presidente Prudente — SP
Av. Brasil, 1607 — CEP: 19.100
Fones: (0182) 33-4653 - 22-3077

Campo Grande — MS
Rua Bahia, 1741
CEP: 79.100 — Fone: (067) 382-8866



Técnica em Nutrição Mineral

Mangalarga Predileto em Colina

Dia 10 de julho, às 20 horas, será realizado o 1.º Leilão Mangalarga Predileto, simultaneamente à Festa do Cavalinho de Colina, SP (6 a 13 de julho). Serão vendidos — em 12 parcelas sem juros — descendentes do famoso garanhão Predileto: são dois garanhões, 30 éguas e 6 jumentos.

Mangalarga Marchador em Nanuque

Dia 28 de junho, às 20 horas, em Nanuque, MG, será realizado o 1.º Leilão Ouro do Vale do Mucuri. Serão vendidos 40 animais da raça Mangalarga Marchador, selecionados dos melhores plantéis da região.

Exposição Internacional em Assuncion

Será realizada, de 12 a 20 de julho, no Parque Mariano

Roque Alonso, em Assuncion, Paraguai, a 6.ª Exposição Internacional de Pecuária, Agricultura e Indústria e Comércio de Máquinas. É o maior evento agropecuário do Paraguai e este ano contará com expositores, tanto de bovinos como de maquinários, brasileiros.

2º Nelore da Estância, em outubro

Dia 18 de outubro, no Hotel Estância Barra Bonita, em Barra Bonita, SP, será realizado o 2.º Nelore da Estância. Serão vendidos 70 produtos machos e fêmeas PO e POI dos criadores Achilles Scatena Simione, Cia. Agropecuária Rio Pardo, Roberto Calmon de Barros Barreto, Torres Homem da Cunha e Filhos e Werner F. Jost.

5º leilão JB em Lins

Dia 17 de julho, em Lins, SP, na Fazenda São Mariano,

será realizado o 5.º Leilão JB. Serão vendidos 40 equinos Mangalarga, 200 bovinos HVB, PB, PC e cruzados e 40 machos cruzados para abate.

Holandês PB, em São Paulo

Dia 19 de junho, o criador Luiz de Moraes Barros, de Santa Maria da Posse, SP, realizará, no Parque da Água Branca, em São Paulo, às 19 horas, o Leilão da Posse, com vendas de 45 animais da raça Holandesa PB importados e nacionais.

Mangalarga 88, em São Paulo

Dia 23 de junho, na Palace, em São Paulo, SP, será realizado o leilão de liquidação de plantel Mangalarga da marca 88, do criador José Ribeiro Mendonça, da Fazenda São Geraldo. O plantel é de uma criação de 18 anos.

Nelore, em Três Lagoas

Dia 12 de julho, às 13 horas, em Três Lagoas, MS, será realizado o Leilão de Redução de Plantel Nelore, em cinco pagamentos. Serão vendidos 100 fêmeas Nelore PO e 10 reprodutores de elite do criador Cláudio Fernando Garcia de Souza.

Nelore Mater em São Paulo

Dia 28 de julho, será realizado, no Clube Paineiras do Morumbi, em São Paulo, o 1.º Leilão Nelore Mater. Serão vendidas 50 fêmeas selecionadas dos plantéis dos criadores Alberto Laborne Vale Mendes, Achilles Scatena Simioni, Adir do Carmo Leonel, Cia, Agrícola Luiz Zillo e Sobrinhos, Cia. Agropecuária Rio Pardo, José Luiz Niemeyer dos Santos, José Carlos Prata Cunha, Luiz Vieira de Carvalho Mesquita e Irmãos, Torres Homem Rodrigues da Cunha e Willian Kcury.

Leite - Raça - 30 anos de seleção



Filhos de Rancheiro da Cal

Fazenda Calciolândia - Arcos - MG - Fone: (037) 351-1267

Fazenda Serrinha - Betim MG - Fone: (031) 335-6100

RANCHEIRO DA CAL

CONHAQUE VIRBAY

As primeiras 17 filhas, em primeira cria produziram a média de 2.741 kg/lactação.

BELA VISTA II

4.318 kg na 3.ª lactação. Irmãs, filhas e sobrinhas com lactações superiores a 3.000 kg.

K.S. VIRBAY: GRANDE RAÇADOR

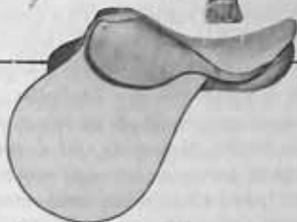
— Teve 15 filhas no rebanho em 1.ª lactação, com produção média de 2.567 kg.

JARDA — Produziu 4.000 kg/lactação. Mais de 30 irmãs com lactação superior a 2.000 kg.

BOMBAIM ROXONA — Filho de BOMBAIM o melhor touro leiteiro do Brasil e ROXONA Recordista Mundial em 1964. Produziu numa lactação 5.400 kg. Vaca padrão de úbere e tetas.

BELA VISTA — Recordista Mundial em 1965 com 5.035 kg e 5,78% de gordura. Vaca padrão de úbere e tetas.

EQUIPE SEUS ANIMAIS NA ABC: PASSEIO, ESPORTE E TRABALHO.



BMAS

Selas para salto, adestramento e polo • Cabeçadas completas, cabrestos, cilhas e barrigueiras • Botas para concursos hípicas e trabalho • Mantas e rebenques • Selas mexicanas, australianas e arreios • Esporas com ou sem rosetas • Freios e bridões em metal ou aço cromado • Laços • Chapéus • Cera para engraxar arreamentos • Fivelas tipo americano, para cintos.

Solicite nosso catálogo.

Atendemos também pelo Reembolso Postal.





QUARTO DE MILHA

"O cavalo mais versátil do mundo".

Associação Brasileira de Criadores de Cavalo Quarto de Milha

NOTÍCIAS
ABQM

POTRO DO FUTURO SERÁ EM RIBEIRÃO PRETO

Bastante expectativa envolve o Grande Prêmio Potro do Futuro ABQM 86 que será realizado na cidade de Ribeirão Preto, durante a conhecida FEA-PAM, de 7 a 13 de julho. Diferentemente dos anos anteriores, desta vez o evento foi congregado em uma só cidade e, devido as vantagens que oferece ao criador, Ribeirão Preto foi escolhida.

A programação já está definida e será esta:

Potro do Futuro Trabalho - geração 1982

Potro do Futuro Corrida - geração 1983

Potro do Futuro Conformação - geração 1984

Oferecendo um colorido especial à grande festa do Quarto de Milha, haverá também cursos e palestras, convenção das diretorias regionais, leilões oficiais e festividades sociais de confraternização dos associados da ABQM.

CONFORMAÇÃO EM LONDRINA

Com apoio da ABQM, realizou-se em Londrina, de 4 a 13 de abril durante a XXVI Exposição Agropecuária e Industrial e XIX Exposição de Âmbito Nacional, o julgamento de Conformação do cavalo Quarto de Milha.

Despontaram como campeões os seguintes animais: fêmeas, Grande Campeã, Shady Double Bars, de Douglas Ferro, Reservada, Baby Jet HJS, de Jacinto Ferreira Sá; machos, Grande Campeão, Heza Impressive VR, de Helio Saldanha O. Filho, Reservado, Mr Chick RR, de Renato Xavier Simões.

O melhor expositor foi Douglas Ferro, de Londrina.

ETAPAS DO NACIONAL EM OURINHOS E CAMPOS

As cidades de Ourinhos (SP) e Campos (RJ) sediarão, respectivamente, a terceira e quarta etapas do IX Campeonato Nacional ABQM de Conformação e Trabalho, que este ano está sendo realizado em oito etapas. Nos dias 29, 30, 31 de maio e 01 de junho ocorrerão as provas da terceira, enquanto que em 13, 14 e 15 de junho, no município carioca, as da quarta etapa.

Serão ainda realizadas quatro etapas nas cidades de araçatuba, Uberlândia, Presidente Prudente e Bauri.

O IX Campeonato vem correspondendo plenamente às expectativas da ABQM, promotora e organizadora do evento: sucesso absoluto em termos de público e número de participantes.

no próximo, às 16 horas, no Parque da Água Branca, em São Paulo, o Leilão Special do Cavalo Quarto de Milha.

Serão vendidos potros e potras PO e cruzados com pedigree de conformação, trabalho ou corrida da geração 84, além de éguas PO em reprodução, prenhas ou com potro ao pé. Informações (011) 872-1722 ou 864-0800.

Assessoria de Imprensa:

SEBASTIÃO SANTOS JR.

MIKE MOWERY DARÁ CURSO DE APARTAÇÃO E JULGAMENTO.

O conhecido Mike Mowery ministrará dois cursos durante a Exposição de Goiânia, de 7 a 15 junho: *apartação e julgamento. O norte americano, campeão mundial na modalidade apartação, passará um pouco de sua técnica aos cavaleiros brasileiros.*

Os preços serão os seguintes: *apartação (42 OTNs), julgamento (12 OTNs). Informações (011) 864-0800.*

LEILÕES, ETAPAS DO CAMPEONATO, ETC...

JUNHO

07/08 - Ribeirão Preto - Eliminatórias ABQM Potro do futuro
13/14/15 - Campos (RJ) - IV Etapa do Campeonato Nacional
14 e 15 - São Paulo (Parque Água Branca) - Leilão Especial QM

JULHO

05/06 - Araçatuba - V Etapa Campeonato Nacional
10/11/12/13 - Ribeirão Preto - Grande Prêmio Potro do Futuro
26/27 - Ribeirão Preto - G.P. Pres. Luiz A. Vechi

AGOSTO

09/10 - Ribeirão Preto - G.P. Pres. Gianni Franco Samaja
16 - São Paulo - Leilão de Velocistas QM
23/24 - Ribeirão Preto - G.P. Brasil - 1ª Prova Triplíce Coroa
28/29/30/31 - Uberlândia - VI Etapa do Campeonato Nacional
01 a 10 - Ribeirão Preto - Conformação Oficial 85
27 a 07/09 - Esteio - Conformação Oficial 85

LEILÃO SPECIAL DO CAVALO QUARTO DE MILHA

A grande versatilidade do cavalo Quarto de Milha está propiciando uma grande expansão da raça. Em 1985, devido ao sucesso do Leilão Top, o mercado firmou-se para potros de sobreano. Assim, devido à constatação deste mercado promissor, a ABQM promoverá, no dia 14 de ju-



6ª pesquisa de progênie (2ª série ...Filhos de Gigante J.O.)

TURBANTE J.O. - Produção de 1978/1979

ARTUR PAGLIUSI GONZAGA
Criador em Getulina - S.P.

I — Preâmbulo:

Em continuação às pesquisas sobre a produção de Turbante JO, já publicadas aquelas relativas aos anos de produção de 1974/1975 e 1976/1977, abordaremos agora as produções dos anos de 1978/1979.

II — Filhos de Turbante — 1978

1 — Czar do Rancho, registro 3739, nascido em 12/8/78, alazão, 1,59 m de cernelha, classificação muito boa, filho de Boemia, registro 6297.

2 — Turbo MJ, registro 4283, nascido em 19/8/78, alazão, 1,57 m de cernelha, classificação boa, filho de Argila JO, registro 5022, irmão próprio de Bauxita, Ardísia e Ogum.

3 — Corisco do Rancho, registro 4110, nascido em 8/10/78, alazão, 1,50 m de cernelha, classificação boa, filho de Imperatriz, registro 6872.

4 — Capricho do Rancho, registro 3791, nascido em 21/10/78, alazão, 1,53 m de cernelha, classificação boa, filho de Amambaia, registro 5363.

5 — Gemini / 3 Estrelas, registro 4233, nascido em 25/11/78, alazão, 1,56 m de cernelha, classificação boa, filho de Beta 3 Estrelas, registro 7587.

6 — CAPUZ DE AVARÉ, registro 4037, nascido em 12/12/78, alazão salpicado, 1,57 m de cernelha, classificação boa, filho de Faxina JO, registro 5131, propriedade de Maurílio Junqueira de Carvalho, Campeão Cavalista em Lins e em Tupã, em 1982, irmão próprio de Faxineira JO, Cris JO e Noz Moscada JO.

III — Filhos de Turbante — 1979

1 — Caboclo do Rancho, registro 3817, nascido em 3/1/79, alazão, classificação boa, 1,52 m de cernelha, filho de Altiva, registro 5474.

2 — Tucumã MJ, registro 4591, nascido em 8/1/79, alazão salpicado, 1,57 m de cernelha, classificação boa, filho de Cumparsita JO, registro 7120.

3 — Embalo do Rio das Pedras, registro 4197, nascido em 11/1/79, 1,54 m de cernelha, classificação muito boa, filho de História de Ibirá, registro 6423.

4 — Timbre JO, registro 4467, nascido em 5/8/79, alazão, 1,53 m de cernelha, classificação boa, filho de Sonora JO, registro 7041.

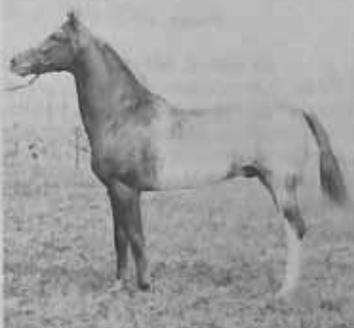
5 — Belo JO, registro 4166, nascido em 21/9/79, tordilho, 1,57 m de cernelha, classificação muito boa, filho de Gazela JO, registro 6105, com vários campeonatos, mas, infelizmente, morreu precocemente.

6 — Híppus / 3 Estrelas, registro 4412, nascido em 23/10/79, alazão, 1,58 m de cernelha, classificação muito boa, filho de Czarda, registro 6844.

7 — ESTEIO DA UVA, registro 4472, nascido em 10/12/79, alazão, 1,62 m de cernelha, classificação muito boa, filho de Doris Day de N.H., registro 7375, propriedade dos Irmãos D'Angieri.

8 — Requite PL, registro 4443, nascido em 13/12/79, alazão tostado, 1,56 e 1/2 m de cernelha, classificação boa, filho de Faisca da Nata.

9 — Crepúsculo JO, registro 4594, nascido em 20/12/79, castanho, 1,58 m de cernelha, classificação



Capuz de Avaré

boa, filho de Penumbra JO, registro 5573.

IV — Filhas de Turbante — 1978

1 — Groselha AG, registro 11.071, nascida em 2/1/78, alazã, 1,54 m de cernelha, classificação boa, filha de Brasa AG, registro 8205.

2 — Esperança Samambaia, registro 11.564, nascida em 15/1/78, zaina, 1,46 m de cernelha, classificação boa, filha de Paqueta, registro 6009.

3 — Colorida RP, registro 12.414, nascida em 24/8/78, alazã interpolada, 1,56 m de cernelha, classificação regular, filha de Esperança, registro 5786.

4 — Q'Boa JO, registro 12.012, nascida em 23/9/78, alazã, 1,54 m de cernelha, classificação muito boa, filha de Baioneta, registro 7044, irmã própria de Kibom JO e de Figurino JO.

5 — Jaqueline JO, registro 12.013, nascida em 26/9/78, alazã, 1,62 e 1/2 m de cernelha, classificação boa, filha de Carolina JO, registro 7042.



Branca JO

6 — **Matutina do Jek**, registro 11.744, nascida em 3/10/78, alazã, 1,57 m de cernelha, classificação muito boa, filha de **Aurora**, registro 6541, irmã própria de **Lolita do Jek**, propriedade de **José Oswaldo Junqueira**.

7 — **BRANCA JO**, registro 11.574, nascida em 4/10/78, tordilha, 1,63 m de cernelha, classificação muito boa, filha de **Gazela JO**, registro 6105, irmã própria de **Adonis JO**, **Sabre JO**, **Belo JO** e **Coroa JO**, Campeã Potra Nacional em 1981 e Campeã Égua Nacional em 1982.

8 — **Garça NS**, registro 11.913, nascida em 14/10/78, tordilha, 1,51 m de cernelha, classificação boa, filha de **Jurycaba PJ**, registro 8147.

9 — **Ruiva JO**, registro 10.877, nascida em 27/10/78, alazã, 1,50 m de cernelha, classificação boa, filha de **Trigueira II JO**, registro 9108.

10 — **Cilada do Rancho**, registro 11.532, nascida em 7/11/78, alazã, 1,51 m de cernelha, classificação muito boa, filha de **Querida**, registro 5686.

11 — **Covardia do Rancho**, registro 11.533, nascida em 10/11/78, alazã, 1,58 m de cernelha, classificação muito boa, filha de **Sonata**, registro 5117.

12 — **Tâmara JO**, registro 12.829, nascida em 18/11/78, alazã salpicada, 1,54 m de cernelha, classificação boa, filha de **Jaçanã JO**, registro 6035.

13 — **Bruma JO**, registro 13.282, nascida em 6/12/78, preta, 1,52 m de cernelha, classificação muito boa, filha de **Penumbra JO**, registro 5573,

irmã própria de **Parâmetro JO** e de **Crepúsculo JO**.

14 — **Cirandinha JO**, registro 11.879, nascida em 12/12/78, 1,57 m de cernelha, classificação muito boa, filha de **Ciranda JO**, registro 7756, irmã própria de **BALÉ JO** e de **BALADA JO**.

15 — **Cristal RMJ**, registro 13.208, nascida em 25/12/78, alazã, 1,53 m de cernelha, classificação boa, filha de **Esperança CR**, registro 11.187.

V — Filhas de Turbante — 1979

1 — **Jandaia Corli**, registro 11.844, nascida em 21/1/79, tordilha, 1,49 m de cernelha, classificação muito boa, filha de **Gaivota Corli**, registro 7986.

2 — **Barauna Catuetê**, registro 11.794, nascida em 26/2/79, alazã, 1,55 m de cernelha, classificação boa, filha de **Normalista da Nata**, registro 6646.

3 — **Hully MJ**, registro 12.218, nascida em 8/3/79, alazã tostada, 1,53 m de cernelha, classificação muito boa, filha de **Hulha CR**, registro 7758.

4 — **Dindima OJC**, registro 12.723, nascida em 15/8/79, alazã tostada e salpicada, 1,53 m de cernelha, classificação boa, filha de **Viagem JO**, registro 6836.

5 — **Granada RS**, registro 12.693, nascida em 8/9/79, alazã, 1,57 m de cernelha, classificação muito boa, filha de **Poltrona da Nata**, registro 6930.



GRETCHEN JO

6 — **Luanda MJ**, registro 13.581, nascida em 14/9/79, alazã tostada, 1,53 m de cernelha, classificação boa, filha de **Lisboa AJ**, registro 7760.

7 — **Férias JO**, registro 13.878, nascida em 30/9/79, alazã, 1,47 m de cernelha, classificação regular, filha de **Moratória JO**, registro 6247, irmã própria de **Tréguia JO** e de **Armistício JO**.

8 — **Bartira da Santa Maria**, registro 12.778, nascida em 22/10/79, alazã, 1,60 m de cernelha, classificação muito boa, filha de **Frica**, registro 7329, irmã própria de **Fada da SM** e de **Joacáia**.

9 — **Libra da Mangueira**, registro 13.220, nascida em 24/10/79, alazã, 1,57 m de cernelha, classificação muito boa, filha de **Carolina**, registro 6969.



Balada JO

10 — **Gretchen JO**, registro 13.167, nascida em 27/10/79, alazã, 1,58 m de cernelha, classificação muito boa, filha de **Carolina JO**, registro 7042, irmã própria de **Jaqueline JO** e de **Cinderela JO**, Reservada Campeã Potra em **Ourinhos** em 1981, Campeã em **Bauru** em 1982, e **Araçatuba**, **São João da Boa Vista**, **Presidente Prudente** e **Marília** em 1981, Campeã em **Bauru** em 1982, e **Campeã Nacional Potra** em **Bauru** e em **São Paulo** em 1982, propriedade do **Haras Barreto**.

11 — **Lolita do Jek**, registro 12.786, nascida em 28/10/79, alazã tostada, 1,54 m de cernelha, classifi-



selaria
SÃO JOSÉ
são paulo

Qualidade
e
Tradição

Av. Santo Amaro, 655 -
Fones: 543-5859 - 61-8234
CEP 04505 - SÃO PAULO



Turmalina da Boa Vista

de Trigueira II JO, registro 9108, irmã própria de Ruiva JO e de Trigueira JO.

16 — **BALADA JO**, registro 13.287, nascida em 2/12/79, alazã, 1,57 m de cernelha, classificação ótima, filha de Ciranda JO, registro 7756, irmã própria de Balé JO e de Cirandinha JO, Reservada Campeã Potra em São João da Boa Vista em 1981, Campeã Potra em Ourinhos e em São Paulo em 1981.

17 — **Ginga RS**, registro 13.154, nascida em 17/12/79, castanha, 1,57 m de cernelha, classificação boa, filha de Piracáia da Nata, registro 6931.

18 — **TIARA JO**, registro 12.416, nascida em 22/12/79, alazã tostada, 1,52 m de cernelha, classificação muito boa, filha de **Roseta JO**, registro 5777, Campeã Potra em Guaxupé e em São José do Rio Pardo em 1981, propriedade de **José Oswaldo Junqueira**.

19 — **Avelã do Rancho Branco**, registro 12.692, nascida em 29/12/79, 1,55 e 1/2 m de cernelha, classificação boa, filha de **Serpentina FS**, registro 6291.

20 — **Iemanjá HB**, registro 13.572, nascida em 30/12/79, alazã, 1,52 m de cernelha, classificação regular, filha de **Britânia HB**, registro 7385, irmã própria de **Juriti HB**.

VI — Análise

Os filhos-machos de Turbante de 1978/1979, apresentaram a altura de cernelha média de 1,56 m, com 33,3% de classificação muito boa e

66,7% de classificação boa, destacando-se nas pistas e na reprodução Capuz de Avaré e Esteio da Uva, registrando-se que outro excepcional animal morreu precocemente, que era Belo JO.

As filhas-fêmeas de Turbante de 1978/1979, apresentaram a altura média de cernelha de 1,55 m, com 2,86% de classificação ótima (Balada JO), 48,57%-muito boa, 37,14%-boa e 11,43%-regular, não se podendo deixar de destacar as Grandes Campeãs Branca JO, Gretchen JO, Turmalina da Boa Vista, Balada JO e Tiara JO.

VII — Conclusão

Com os trabalhos publicados, sobre as produções de Turbante, dos anos 1974/1975, 1976/1977 e 1978/1979, encerramos nossos estudos sobre o Grande Reprodutor do Ano, desde que o prêmio foi instituído, que é Turbante JO, que vem sempre produzindo novos e sensacionais Campeões nas Pistas e principalmente na Reprodução, tais como Pagode JO, Sabre JO, Desfile JOP e Parâmetro JO, animais esses, dentre muitos outros, que assegurarão o futuro aperfeiçoado do nosso Cavalo Mangalarga, o Melhor Cavalo de Selaria Brasileiro.

E só paramos de escrever sobre Turbante porque, graças a Deus, para a Raça Mangalarga, ele está vivo e forte, enquanto que o último dos sete destacados filhos de Gigante JO, Cocar JO, já morreu, pretendendo nós, depois das progênes de Urucum JO, Estádio JO, Turbante JO, Folião JO, Curió JO, Turbante JO, chegarmos a levar a público a progênie de Cocar JO e, depois, englobarmos todas, em resumo, para melhor apreciação dos aficionados do nosso Mangalarga.



Tiara JO

cação muito boa, filha de Aurora, registro 6541, irmã própria de Matutina do Jek.

12 — **Bambina do Ache**, registro 12.768, nascida em 9/11/79, tordilha, 1,49 m de cernelha, classificação regular, filha de **Futrica SP2**, registro 7763.

13 — **TURMALINA DA BOA VISTA**, registro 12.717, nascida em 11/11/79, alazã salpicada, 1,54 m de cernelha, classificação muito boa, filha de **Habanera**, registro 5825, Reservada Campeã Potra em Barretos em 1982, Campeã Potra em Araçatuba e em Ribeirão Preto em 1982, propriedade de **Roberto Diniz Junqueira**.

14 — **Nóz Noscada de Avaré**, registro 12.776, nascida em 15/11/79, alazã, 1,50 m de cernelha, classificação muito boa, filha de **Faxina**, registro 5131, irmã própria de **Faxineira JO**, **Cris JO** e de **Capuz de Avaré**.

15 — **Mulata JO**, registro 13.166, nascida em 1/12/79, alazã, 1,54 m de cernelha, classificação boa, filha



Sorgo forrageiro, excelente opção de alimentos para os bovinos

A estiagem que castigou a agricultura brasileira na safra 85/86 provocou pesadas perdas a todos os segmentos do setor: os produtores de grãos experimentaram uma perda total de 9 milhões de toneladas, enquanto os criadores de gado de leite e de corte, que trabalham em regime de extensão, sofreram pesados prejuízos, em decorrência das péssimas condições das pastagens. Mas a seca não representou apenas prejuízos para os produtores. Ela também demonstrou a necessidade do produtor planejar melhor sua atividade e trabalhar com produtos que evitem ou minimizem os riscos de ocorrência de condições climáticas desfavoráveis.

Um produto que apresentou um bom desempenho e resistiu bem à última estiagem foi o sorgo forrageiro, excelente opção para criadores de gado de corte ou de leite. Exatamente por esta razão, sua alta resistência à seca, sua cultura vem conquistando, ano a ano, novas áreas brasileiras tradicionalmente ocupadas por outras produções.

Para o pecuarista, a resistência à seca é apenas uma das vantagens que o sorgo forrageiro oferece. O produto proporciona uma silagem de alta qualidade, rica em energia, vitaminas e de baixo custo de produção e mais ainda quando bem conduzida, a cultura do sorgo forrageiro permite até três cortes e produção superior a 100 toneladas por hectare.

No entanto, os técnicos lembram que somente o emprego de híbridos de qualidade comprovada asseguram altos níveis de produtividade. Eles apontam ainda outros pontos positivos da cultura que podem ser explorados com sucesso pelos pecuaristas. Os híbridos são uniformes e adaptados à mecanização, resistentes a doenças, produzem duas vezes mais massa verde que o milho, e podem ser ensilados em qualquer condição de tempo.

Para o Centro-Sul, o período de plantio recomendado é o final do mês de novembro, entre os dias 15 e 30. Desta forma, o primeiro corte poderá ser realizado cerca de três meses após a sementeira, o que significa que a ensilagem poderá ser feita em fevereiro/março, possibilitando ao criador fornecer um alimento de qualidade justamente no período da seca. Desta forma, o sorgo forrageiro pode ser plantado em janeiro/fevereiro, com pequena queda de produtividade.

A exemplo do que acontece com as demais culturas comerciais, uma análise do solo é obrigatória para o produtor que persegue altas produtividades. Isto porque o sorgo forrageiro tolera alguma acidez, mas se desenvolve melhor quando o pH do solo for superior a 6,0. A adubação, naturalmente, vai depender das recomendações da análise de solo, mas de uma forma geral, ela pode ser a mesma indicada para a cultura do milho.

Para se obter uma boa produção de forragem, pode-se realizar uma adubação à base de 300 kg/ha, na formulação 4 — 14 — 8, e em terras de menor fertilidade deve-se usar nitrogênio em cobertura, na proporção de 40-60 kg/ha — 200/300 kg de sulfato de amônio, parcelado em duas aplicações semelhantes: a primeira, 25 dias após o plantio e a segunda 45 dias após, sendo que o solo deve ser preparado com cuidado. Normalmente, uma aração e duas gradagens são suficientes, mas a opinião do agrônomo é importante, principalmente no caso de solos com problemas de drenagem, muito compactados, ou terrenos de consistência muito arenosa.

Plante corretamente para produzir mais

Antes de iniciar o plantio, verifique a regulagem da plantadeira. Este é um cuidado que não toma muito tempo e que apresenta ótimos

resultados em termos de produção. A máquina deve ser regulada de acordo com o número de sementes que se deseja plantar por metro linear, de acordo com a germinação apontada em laboratório, descontando-se 10%. Assim, se o poder de germinação for de 90%, deve-se considerar apenas 80%. Portanto, para se conseguir o **stand** recomendado de 12 a 14 plantas por metro, é preciso semear de 15 a 18 sementes por metro linear, no espaçamento de 80 a 90 cm entre as linhas. Assim, o **stand** final será de 130 mil/plantas/ha.

A profundidade do plantio é outro cuidado importante. As sementes devem ser plantadas entre 3/5 cm de profundidade. Já com relação aos tratos culturais, os cuidados são poucos, pois os sorgos forrageiros híbridos são mais resistentes a doenças como a ferrugem, antracnose, mosaico da cana-de-açúcar e mildio do sorgo, que atacam o cereal. O produtor deverá também prestar atenção ao controle das ervas daninhas, que podem ser eliminadas em dois cultivos: aos 20 e aos 40 dias.

Bem conduzida, a cultura permite três cortes, com produção de até 100 toneladas/hectare. O primeiro corte deve ser feito quando os grãos estiverem pastosos, quase duros, por colheitadeiras picadeiras convencionais. Nesse período, o percentual de matéria seca deve estar em torno de 30%, ponto correto para a silagem. O segundo corte deve ser feito aos 40/50 dias do primeiro, e a rebrota pode ser usada como pasto direto, desde que a cultura apresente cerca de um metro de altura, para evitar risco de toxicidade ou, ainda, como forragem picada. Finalmente, o sorgo permite ainda um terceiro corte ou o seu aproveitamento para pastejo, observando-se sempre a altura de um metro, para evitar o citado risco de intoxicação do gado.

Este artigo foi publicado no "O Gertrudista".



Qual a influência do número de ordenhas diárias na produção de leite?

WALTER C. BATTISTON

A produção leiteira da vaca pode ser afetada por diversos fatores, tais como a alimentação, manejo, saúde, idade etc., muitos deles bastante estudados e conhecidos. Mas, entre as causas que podem influir no volume e na qualidade do leite, existe o número de ordenhas diárias que sofre o animal, fator esse que pouco se tem escrito entre nós. Em outros países, porém, foram feitas observações sobre o assunto, desde as de BARTLETT, S (1929) e COPERLAND, S (1934) na Inglaterra e nos EUA com conclusões interessantes.

As pesquisas a nível brasileiro mais recentes que conhecemos são as da equipe chefiada por FUAD NAUFEL, realizadas em 1979/80 com 30 vacas da Raça Holandesa Preta e Branca, em Pindamonhangaba, SP. Alguns dados obtidos, porém, não "batem" com certos estudos estrangeiros, que por sua vez diferem de autor para autor. Essas pequenas diferenças correm por conta dos seguintes itens: diferença de regime alimentar, duração do período de observação, condições físicas e "carga genética" herdada dos animais.

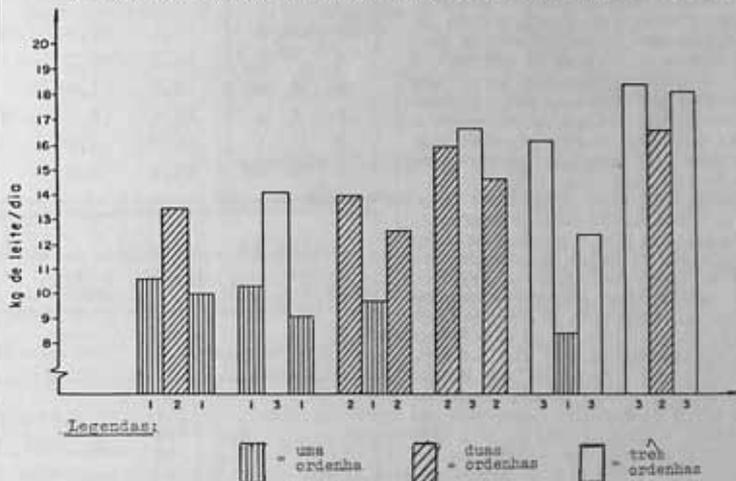
De maneira geral, afirma-se que ao se "passar" de duas para três ordenhas diárias, haverá aumento na produção na seguinte proporção: 20% nas novilhas de 2 anos de idade, 17% nas vacas de 3 anos e 15% nas fêmeas com 4 ou mais anos. Essas variações poderão ser melhor notadas nas vacas com bom estado físico e nas que estão no início da lactação.

Nos trabalhos executados no Vale do Paraíba, as vacas tinham idade entre 5 e 9 anos (3.ª a 5.ª cria), reunidas em 6 grupos conforme as datas de parição previstas. Todas as fêmeas foram "recolhidas" 30 dias antes da data provável do parto, em piquetes-maternidades, recebendo ração composta de silagem de milho ou capim à vontade duas vezes ao dia e mais 4 kg de concentrado, este feito na base de 50% de fubá de milho, 35% de farinha de soja e 15% de farelo de trigo, mistura essa dada na proporção de um quilo para cada dois e meio litros de leite (corrigido para 4,0% de gordura) produzido. O sal mineralizado e a água estavam sempre à disposição.

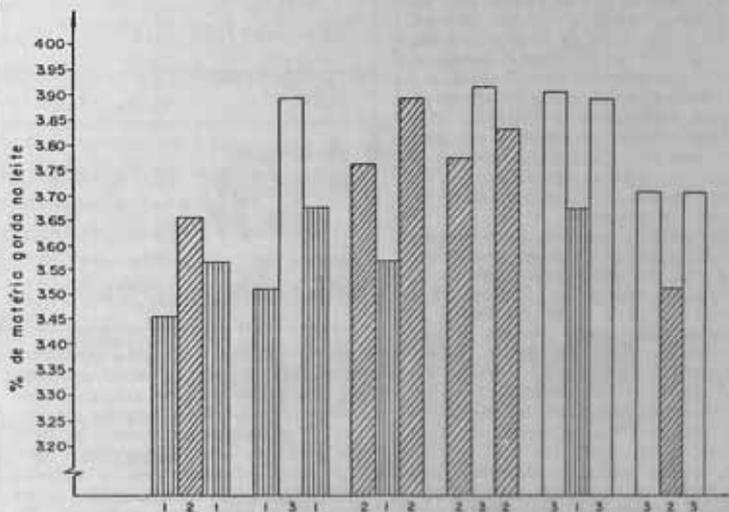
Depois do parto, o regime de estabulação era: a partir das 5,00 até às 15,00 horas permaneciam no estábulo, recebendo o "verde" e o concentrado, até completarem 30 dias de lactação; depois, a estabulação era das 5,00 às 22,00 horas, quando eram soltas no pasto até às 5,00 horas do dia seguinte.

Para a escolha dos períodos de estabulação, as fêmeas eram "sorteadas" para formarem os 6 blocos, com os quais se faziam os testes de uma, duas, ou três ordenhas. Os exames do leite, para determinar a gordura, quantidade, composição

VARIAÇÃO NA PRODUÇÃO DE LEITE EM FUNÇÃO DO NÚMERO DE ORDENHAS DIÁRIAS



Adaptado do "Boletim da Indústria Animal" Nº 37 (1) -21-31- 1960



PERCENTAGEM DE GORDURA NO LEITE - VARIAÇÃO EM FUNÇÃO DO NÚMERO DE ORDENHAS DIÁRIAS, SEQUÊNCIA "BOLETIM DA INDÚSTRIA ANIMAL" 37 (1)-21-31 - 1960

química etc., eram feitos uma vez por semana e analisados estatisticamente.

Em resumo, as médias diárias foram: uma ordenha 10,3 kg de leite e 3,5% de gordura; para duas ordenhas, 13,7 kg e 3,74% respectivamente e para três ordenhas, 15,5 kg e 3,86% respectivamente. Fazendo-se a transposição de uma para

duas ordenhas, de duas para três e de uma para três "tiradas", as produções variavam muito, como se pode ver no Quadro 1.

Nela pode-se facilmente notar que as produções de leite e de gordura (percentagem) aumentaram quando se passou de uma para duas ordenhas, de duas para



Bovinocultura

três e de uma para três "tiradas" diárias. Ao contrário, quando se reduziu o número de ordenhas, as produções baixaram, quase que nas mesmas proporções.

A fisiologia e disposições anatômicas das glândulas mamárias podem explicar por que essas variações acontecem. Como a secreção isto é, a produção do leite, é feita continuamente, e eliminada nas "tiradas"; quando esse líquido não sai (intervalo entre as ordenhas) e se acumula nos alvéolos e nos ductos (canais) coletores de leite, haverá aumento da pressão interna no conjunto de glândulas, o que irá reduzir a velocidade de secreção e também da eliminação desse produto. Na ocasião em que essa pressão atingir o valor de 35 mm de mercúrio (que pode ser medida por aparelhos especiais) a secreção pára.

Obviamente, sendo aumentado o número de ordenhas, com redução portanto do intervalo entre elas, a pressão interna diminuirá e não irá influir na produção.

Trabalhando com vacas da Raça Jersey, pesquisadores estrangeiros demonstraram que chega até a 27,7% o aumento na produção quando se altera o regime de ordenhas de uma para duas retiradas. Outros estudos, realizados nos Estados americanos de Ohio e Illinois, concluíram que se for aumentada de duas para três ordenhas, a lactação seria de 15 a 17% maior. Entretanto, nos trabalhos de Pindamonhangaba, SP, com as mesmas modificações de regime, só foi conseguido o acréscimo de 7,1%. Essas pequenas diferenças poderão ser explicadas pelo fato do grupo brasileiro trabalhar com vacas de média de 16 kg de produção diária, enquanto que nos outros países, os animais produziam de 22 a 27 kg/dia.

Percebe-se, assim, que a influência da pressão intramamária se manifesta mais nas fêmeas mais produtivas, o que quer dizer que pouco adiantará aumentar o número de ordenhas em se tratando de vacas "ruins de leite"; será perda de dinheiro e de trabalho.

Em relação à gordura, as observações são diferentes, pois sabe-se que o teor desse elemento aumenta com aumento do número de "tiradas"; a explicação é a seguinte: como a maior frequência de ordenhas causa menor intervalo de tempo entre elas e maior proporção de leite nos alvéolos (leite residual) no líquido final (no balde). É justamente esse leite residual o mais "rico" em gordura, o que fará, consequentemente, ser mais "gordo" o leite final.

No que se refere aos chamados "sólidos totais", isto é, os sais minerais, etc., a modificação do regime de ordenhas pouca influência terá.

As conclusões mais importantes que se podem tirar desses trabalhos, especialmente os conduzidos pelo Dr. Fuad Naudel, são as seguintes:

- 1 — É recomendável "passar-se" de duas para três ordenhas diárias, nas vacas "boas de leite"; para as "ruins de leite" é melhor ficar em uma só "tirada";
- 2 — A terceira ordenha poderá ser providenciada desde que haja recompensa econômica, tendo em vista a quantidade

QUADRO I - VARIAÇÕES NA PRODUÇÃO DIÁRIA RELACIONADAS COM O NÚMERO DE ORDENHAS

Nº DE ORDENHAS	PRODUÇÃO DIÁRIA					
	LEITE-KG			GORDURA-%		
1 para 2	10,1	12,8	+ 27,7%	3,51	3,78	+ 7,7%
2 " 3	16,1	17,2	+ 7,1%	3,64	3,81	+ 4,7%
1 " 3	9,2	13,4	+ 4,6%	3,59	3,90	+ 8,6%
3 " 2	17,4	15,2	- 12,6%	3,81	3,67	- 3,7%
2 " 1	13,7	9,7	- 28,8%	3,72	3,56	- 4,4%
3 " 1	15,1	8,7	- 42,6%	3,90	3,68	- 5,7

QUADRO II - PRODUÇÃO E CONSUMO DE LEITE NO EST. S. PAULO S.I.F. - M.A. - 1984 - LITROS

Tipos de leite	Produção-P	Consumo-C	C/P %
A	3.634.151	3.634.151	100,0
B	285.145.596	230.638.467	80,9
C	976.719.928		
C-2,0%		57.632.370	5,9
C-3,2%		919.087.558	85,7
Reconstituído		19.407.462	100,0
TOTAL	1.355.149.251	1.230.400.008	90,8

Notas: Escapam do controle do S.I.F. cerca de 124.700.000 l de leite cru; calculando-se em 25 milhões a população do Estado, o consumo diário por habitante será de 134,8 gramas de leite "in natura" e industrializado (mais de 586 milhões de litros/ano)

de animais no leite, o aumento que forçosamente ocorrerá com a nova ordenha, preço da mão-de-obra a ser acrescida, gastos de energia e com a limpeza etc.;

3 — O acréscimo que haverá na produção nacional, especialmente nos Estados de maior recuo, com os mesmos animais, propiciando ao consumidor maior quantidade de leite e seus derivados. Segundo os dados do IBGE e outras fontes oficiais, o Estado de São Paulo possui cerca de 95 mil produtores de leite, que colocam no mercado cerca de 5 milhões de litros diários, enquanto que no Brasil o total de leite, dos tipos "A", "B" e "C", foi de 5.456.714.000 litros no ano de 1983. Toda essa produção está distribuída da seguinte maneira: 78% dos produtores dão menos de 100 litros diários (correspondem a 25% do total); 17% desses "fazendeiros" produzem de 100 a 300 litros

diários, o que significa 35% do final produzido, enquanto que os restantes 50% da produção cabem nos estábulos com mais de 300 litros e somam 5% dos estabelecimentos. Sabe-se, também, que a grande maioria produz o tipo "C", quase sempre com o regime de uma só "tirada", talvez 15 a 20% dos demais proprietários elaborem leite do tipo B e estejam no programa de duas ou três ordenhas.

Calculando-se que haverá ao redor de 27% do aumento de produção, como já foi demonstrado, quando o regime passa de uma para duas retiradas por dia, poder-se-á ter idéia do acréscimo que haverá na produção geral, especialmente nos Estados mais adiantados na pecuária leiteira, sem que a quantidade de animais fosse muito aumentada, embora houvesse pouco mais de trabalho e alguma despesa extra, mas não muito grande.

Provas funcionais do Mangalarga Marchador

Realizou-se, de 14 a 16 de março, em Caxambu, MG, a segunda Etapa do II Campeonato Brasileiro de Provas Funcionais do Cavallo Mangalarga Marchador. O Campeonato foi realizado no Parque de Exposições da cidade e os animais submetem-se as provas de cross, maneabilidades e 6 balizas. Participaram 41 conjuntos: 36 sêniores, 2 juniores e 3 veteranos. Os cinco primeiros colocados foram: 1.º Vicente A. Neto, Equipe Anhanguera, com o cavalo Donabela Etanol, que somou 292 pontos; em segundo ficou Arnaldo Boitrel Reis, com o cavalo Galã das Esmeraldas, com 279 pontos; em terceiro, Vicente A. Neto, Equipe Anhanguera, montando Caxias do Jatiobá, com 277 pontos; em quarto, Rodrigo M. Caril, Equipe Anhanguera, montando Sonho BR, com 269 pontos e em quinto, ficou Danilo Bottrel Reis, montando Gaharito da P. da Tábua, com 267 pontos. O Segundo Campeonato prosseguiu nos dias 9 e 20 de abril, em Ribeirão Preto. Ao todo, o II Campeonato teve 5 etapas.

Embrapa preserva o gado pé duro

A Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa) iniciou um trabalho de preservação do gado pé duro — um patrimônio genético formado a partir de tipo raça bovina originada dos animais trazidos pelos colonizadores portugueses, provavelmente com maior influência da raça mirandesa. O pé duro é um animal de grande rusticidade, dócil e sobretudo forte — usado antigamente como animal de trabalho. Em vias de extinção, substituído por outras raças e por cruzamentos absorventes, o gado pé duro deve ser preservado, segundo entende a Embrapa, para o futuro. Assim a Embrapa, por intermédio de sua unidade de Execução de Pesquisa Agropecuária Estadual de Teresina, fundou um núcleo de preservação

em São João do Piauí: o rebanho foi colocado na Fazenda Experimental Octávio Domingues, em plena região semi-árida. Inicialmente, o núcleo procurará ampliar o rebanho e depois avaliar o desempenho dos animais. Quanto o estabelecimento estiver com a capacidade de suporte esgotada, leiloará os animais para os criadores e outras instituições de pesquisas.

Mandioca no pão

Os participantes do IV Congresso Nacional da Mandioca, realizado de 28 de abril a 2 de maio, em Camboriú, SC, elaboraram um documento ao Governo, sugerindo a adição da farinha da mandioca para a fabricação de pães como forma de a União diminuir os gastos com o subsídio ao trigo e os altos custos financeiros na importação desse cereal. Conforme a Sociedade Brasileira da Mandioca, patrocinadora do Congresso juntamente com a Embrapa e Embrater, com uma política de incentivo à produção de mandioca seriam beneficiados milhares de pequenos agricultores em todo o país, bem como as agroindústrias do setor, que enfrentam problemas de comercialização e falta de matéria prima. Segundo dados da Sociedade, a produção de mandioca caiu de 30 milhões em 1972 para 21,3 em 1984. A entidade lembra que até o início da década de 70 a farinha de mandioca era adicionada à farinha de trigo — porém, por causa do subsídio, esse produto perdeu competitividade.

Encontro discutiu pastagens e forragens

Realizado no dia 20 de março, em Nova Odessa, nas dependências do Instituto de Zootecnia, o Encontro Sobre Pastagens e Conservação de Forragens contou com a presença de 50 pecuaristas. O encontro apresentou as seguintes palestras: "Manejo de Pastagens em regiões tropicais úmidas" (Pedro Luis Guardia Abramides, do Instituto de

Zootecnia), "Adubação com manejo de pastagens consorciadas" (Joaquim Carlos Werner, do Instituto de Zootecnia), "O Gado Tropical leiteiro como produtor de leite no Brasil Central", (Fernando de Lima Pires, do Instituto de Zootecnia) e "Conservação de Forragens" (Walter Marques Pereira, da Cati). Informações podem ser solicitadas ao Instituto de Zootecnia, r. Heitor Penteado, 56, C.P. 60, CEP 13.640, Nova Odessa, tel.: (0194) 66-1409.

Exposição mostra boi de 400 anos

Durante a 48.ª Exposição de Campo Grande, MS, o Centro Nacional de Pesquisa de Gado de Corte da Embrapa, realizado de 12 a 21 de abril, apresentou um painel de 15 metros de comprimento com fotografias, mostrando o boi primitivo — trazido ao Brasil há 400 anos — e os bovinos melhorados do século XX. O painel, em ordem cronológica, mostrou as fases mais importantes da pecuária de corte no Brasil, desde a chegada do gado europeu no século XVI até o gado de hoje. O painel mostrou, também, o gado pantaneiro, em vias de extinção.

Pecuária de Corte discutida em Rio Preto

Com a presença de mais de 100 técnicos, estudantes e pe-



cuaristas, o Encontro Sobre Pecuária de Corte, realizado na Estação Experimental de São José do Rio Preto do Instituto de Zootecnia, foi um sucesso. O encontro focalizou um tema que despertou grande interesse: a alimentação de bovinos. Nesse encontro, o agrônomo da Divisão de Nutrição Animal e Pastagens do IZ, Valdeinei Tadeu Paulino, apresentou os resultados de estudos com seis gramíneas e seis leguminosas na região de Rio Preto e seus efeitos sobre os aumentos de produção. Já o agrônomo Guilherme Fernando Alleoni mostrou as conclusões de trabalhos com a cana-de-açúcar e seus subprodutos na alimentação de bovinos. O zootecnista José Luiz Viana Coutinho Filho falou sobre o manejo de fêmeas Santa Gertrudes em pastagens de gramíneas exclusivas ou consorciadas, detalhando o seu comportamento e os incrementos de fertilidade observados.



Curso sobre fabricação de queijo

De 16 a 18 de maio, o Centro de Ensino e Pesquisa do Instituto de Laticínios Cândido Tostes, de Juiz de Fora, MG, promoveu Curso Sobre Fabricação de Queijos. Aos 40 alunos, foram oferecidos aulas sobre técnicas semi-industriais de fabricação de queijos Minas frescal, Mussarela, Prato, Rocta e queijo condimentado. O Instituto Cândido Tostes, um dos mais importantes centros de pesquisas sobre indústrias de laticínios, oferece cursos regulares sobre manipulação de leite e derivados.

Resultado do Controle Ponderal no período de 1975/84

O Centro Nacional de Pesquisa de Gado de Corte (CNPGC/Embrapa) e a Associação Brasileira de Criadores de Zebu divulgaram, num livreto, os resultados do Controle de Desenvolvimento Ponderal da raça Nelore, realizado, em todo o país, de 1975 a 1984. Foram submetidos, neste período, ao controle ponderal 140 mil animais da raça Nelore padrão e sua variedade mocha — fêmeas e machos — cujos pesos foram ajustados para as idades de 205 dias, 365 dias e 550 dias, pertencentes a 612 criadores espalhados por 21 Estados Brasileiros. O livreto pode ser obtido junto ao CNPGC, Caixa Postal 154, CEP 79.100, Campo Grande, MS.

Exposição Agropecuária na Inglaterra

De 30 de junho a 3 de julho, será realizado, em Londres, Inglaterra, um dos mais importantes eventos da agropecuária do mundo — o "The Royal International Agricultural Show", com mostras da mais moderna maquinaria, equipamentos agrícolas e as mais recentes tecnologias desenvolvidas pelos centros de pesquisas inglesas. Além de uma vasta seleção de gado de raça, a mostra apresentará uso de reguladores de

crescimento das plantas, novas espécies de gramíneas e plantas.

Plano de pesquisa para pequenas propriedades

O Centro de Pesquisa para Pequena Propriedade da Empresa Catarinense de Pesquisa Agropecuária (Empasc) lançou o "Plano Integrado de Pesquisa em Sistemas Diversificados de Produção em Pequenas Propriedades", que abrangerá 54 municípios do Centro-Oeste Catarinense, representando 30,41% da área agrícola do Estado e responsável por 64% da área cultivada com lavouras. De acordo com o coordenador do Plano, o agrônomo Osvaldo Carlos Rockembach, o programa fará análise sistêmica de todas as atividades produtivas desses estabelecimentos. Segundo ele, o enfoque não será apenas econômico. "O objetivo é desenvolver um trabalho de pesquisa bio-econômico adequado à realidade do pequeno produtor rural, promovendo sua fixação no campo e melhorando sua qualidade de vida, buscando meios de promover o aumento da produção e produtividade agrícola para obter alimentos abundantes e de baixo custo", explicou.

Feira de biotecnologia em Belo Horizonte

Será realizada, de 14 a 19 de setembro, em Belo Horizonte, a 1.ª Feira e Exposição em Biotecnologia no Brasil — Biotécnica 86. Durante a mostra, serão apresentados os benefícios da biotecnologia a todas as atividades econômicas do país — da agricultura à indústria. Participam empresas de biotecnologia, de instrumentos e serviços, empresas públicas, universidades e órgãos governamentais, que mostrarão as inovações nesse campo de pesquisa e novos programas de trabalho. A mostra terá de 45 a 50 estandes, onde o setor público e privado poderá expor os produtos, instrumentos e serviços ligados à biotecnologia. Haverá, ainda, painéis, seminários e palestras sobre política para o setor e as pers-

pectivas econômicas, comerciais e de pesquisas para a biotecnologia. Participam, como patrocinadoras do evento, a Empresa de Pesquisa Agropecuária de Minas Gerais, Instituto de Desenvolvimento Industrial, Banco de Desenvolvimento de Minas Gerais, Centro Tecnológico de Minas Gerais e Universidade Federal de Minas Gerais.

Paraguai faz transferência de embriões

O Paraguai já está usando a transferência de embriões no melhoramento de sua pecuária bovina; os primeiros exemplares, frutos dessa tecnologia, foram registrados pelo Serviço de Registro Genealógico da Associação Rural do Paraguai. Os animais pertencem à Cabaña Ganadera Piripicu, de Limpio. O trabalho de transferência de embriões é feito pelo veterinário Juan Domingo Rehnfeldt, chefe-técnico da Associação e Dario Baungarten, diretor da Comissão de Registro Genealógico da Associação. O trabalho vem sendo feito com assistência técnica japonesa, que coopera com a Faculdade de Ciências Agrárias do Paraguai.

Encontro de Equideocultores em São Paulo

Foi realizado, de 17 a 19 de março, no Centro de Convenções Reboças (av. Reboças, 600), o IV Encontro Nacional de Equideocultura, promovido pela Sociedade Brasileira de Hipologia. O Encontro reuniu criadores, médicos veterinários, agrônomos, zootecnistas e todos que tinham atividades relacionadas com a produção e utilização dos equídeos. A programação, incluiu importantes temas apresentados por especialistas brasileiros e estrangeiros. Participaram Edgard A. Ott (EUA), que falou sobre "Alimentação de Equinos" e "Problemas Associados a Alimentação do Cavalo — Manejo Prático da Alimentação"; Edgard Leoni Caielli (Brasil) — Pastagens para Equinos —, Ignacio L. Leon (Argentina) —

"Pediatria Equina"; Hans Merkt (Alemanha) — "Exame Andrológico e Problemas de Cobertura no Garanhão"; Wolfgang Jochle (EUA) — "Lactose e liberação de gonadotrofinas através de Prostaglandinas e Anilogs — Indicações Clínicas e Biotécnicas". Os mesmos técnicos apresentaram temas sobre reprodução equina no último dia do encontro: Wolfgang Jochle (Usa) "Terapêuticos e Usos Abusivos de Progesterona e Progestágenos em Equos", Ignacio L. Leon (Manejo Reprodutivo de Haras), Hans Merkt, "Problemas Ligados à Gestão das Eguas" e "Inseminação Artificial".

Nova lei sobre agrotóxico para São Paulo

Entrou em vigor, no dia 19 de abril, a nova lei — n.º 5.032/86 — que regula a distribuição e comercialização de produtos agrotóxicos no Estado de São Paulo. Essa lei substitui a de n.º 4.002/84, que regulava sobre esse assunto. Em relação à lei antiga, a nova traz duas novidades: a fiscalização sobre a comercialização de agrotóxico será exercida pela Secretaria da Agricultura e não mais pelas Secretarias do Meio Ambiente e da Saúde e fixa, em 90 dias, o prazo para o executivo regulamentar a nova lei, de autoria do deputado Walter Lazzarini.

Política agropecuária deve ser incorporada à Constituição

"O pacote econômico só terá sucesso se vinculada a uma nova política agropecuária", alertou Salvador Firac, Vice-Presidente da FIESP e Presidente do Sindicato Nacional de Rações Balanceadas ao divulgar empresários, políticos e presidentes de Sindicatos e Associações ligados à agropecuária e agropecuária a participarem do lançamento da campanha pela duplicação da renda agrícola e pastoril nacional, no próximo dia 23, no salão nobre da FIESP, às 16 h.

O objetivo desse encontro será o de dividir os maiores problemas do setor em temas

básicos. Esses temas serão discutidos num debate aberto a todos os interessados, em plenário, durante a I Feagro 86, que acontecerá de 4 a 13 de julho no Anhembi.

O resultado das discussões

será um relatório onde estarão traçadas as diretrizes básicas de uma nova política agropecuária, que será entregue em mãos ao presidente José Sarney na solenidade de encerramento da I Feira Nacional

de Equipamentos e Técnicas Agroindustriais, Feagro.

Segundo Firace, "a agricultura não pode ficar atrelada à vontade deste ou daquele governo. Nos últimos cinquenta anos, as regras do jogo têm

sido alteradas constantemente. Uma linha de conduta básica na agropecuária deveria ser incorporada à Constituição a fim de ser alterada, o que daria um 'atestado de seguro' ao homem da terra".

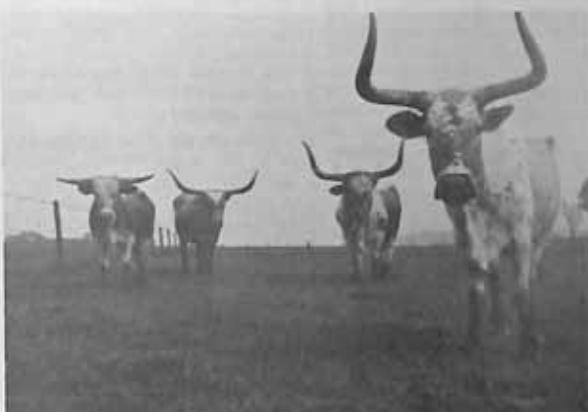
O gado do passado

Paulo Ramos Derengoski

Um dos maiores patrimônios genéticos mundiais, em matéria de raças antigas (em via de desaparecimento) encontra-se em Santa Catarina, nos Campos de Lages. Trata-se do primitivo gado Crioulo, ou Franqueiro, descendente direto dos primeiros bovinos trazidos por portugueses há mais de 300 anos.

Até 100 anos atrás, o gado Crioulo era a única riqueza de quase todos os campos nativos do País, quando era mais explorado o couro e o sebo. Cruzamentos posteriores com raças importadas quase o fizeram desaparecer.

Submetido a um severo regime de seleção natural, o Franqueiro no passado tornou-



temperatura, desde os calorões do verão às geadas do inverno. É um grande caminhador, de cascos duros, não temendo pedras nem pantanais.

beças selecionadas da primitiva raça, em campos pobres, onde predomina o capim-caniña e cuja lotação por hectare é baixa.

Este trabalho solitário e nacionalista deveria ser visitado por técnicos, jornalistas e pecuaristas de todo o mundo. Paulo Ramos Derengoski.

Peso ideal para a primeira cobertura de novilhas

James Garrett Herbert *

O custo do desenvolvimento de uma novilha é, normalmente, um dos mais altos dentro da operação pecuária, pois estes animais somente pagam seus custos quando produzem o primeiro bezerro desmamado. Portanto, devemos fazer o máximo esforço para que as novilhas produzam a primeira cria rapidamente. Para isso, os animais devem ser corretamente alimentados e ter suas coberturas feitas em função do peso e não da idade.

De um modo geral, os fazendeiros acreditam que cobrindo a novilha muito cedo o animal terá dificuldades no parto. No entanto, pesquisas demonstram que isto não é ver-

dade, pois se a cobertura for feita com o peso ideal (entre 300 e 350 quilos) o parto será normal. Para evitar que a capacidade reprodutiva seja prejudicada acarretando redução da longevidade e problemas de parto, o gado não deve ser super-alimentado, pois isto acarreta um ganho de peso excessivo, portanto desnecessário.

As experiências demonstram que as novilhas que ganham o máximo de peso por dia (650 g) entram em cio mais cedo. Para elas, o peso ideal na época da parição é em torno de 450 quilos. Já durante o período de gestação, o ganho de peso deve ser entre 200 e 400 g, sendo que nos últimos 120 dias este valor deverá atingir o mínimo de 400 g. Um dos aspectos mais difíceis é conseguir que uma novilha de primeira cria volte em cio para ter uma boa chance de ficar prenhe novamente. Para que isto aconteça, a novilha necessita de um ganho diário de peso entre 650 g e 1 quilo (do parto até três meses pós-parto). Isto é, para compensar a perda de peso com o parto e a produção de leite durante a fase de lactação, bem como para continuar o crescimento ainda incompleto.

Dicas Especiais

1 — As novilhas deverão ter acesso à alimentação para poder ganhar entre 400 e 650 g por dia, do desmame até a época da cobertura.

2 — A cobertura das novilhas deve ser feita 30 dias antes das vacas, pois a novilha tem um período mais longo entre o primeiro parto e o próximo cio, com isto, a parição seguinte será normalmente no mesmo período das vacas.

3 — Alimentando as novilhas prenhes para ganhar 400 g por dia durante os últimos 120 dias de gestação, você conseguirá bezerros desmamados

* Este artigo foi publicado no "O Gertrudista".



se selvagem e chegou até a mudar de aspecto, com o crescimento dos chifres transformando-se em reserva natural, o couro engrossando e os ossos armazenando muito tutano.

De pelagem geralmente vermelho-chita, africano-pintado, ou salino-escuro são animais muito resistentes a bernês e carrapatos, submetendo-se às mais diversas variações de

Praticamente desaparecido em quase todo o mundo, nos Estados Unidos ainda restam alguns exemplares, em parques, denominados "longhorns". O maior rebanho de que hoje se tem notícia é o de Lages, cujo criador procurou obstinadamente vacas e touros por todo o País, salvando-o da extinção.

Este verdadeiro "Museu Genético" reúne mais de cem ca-

mais pesados, maior produção de leite e aumento na taxa de concepção na primeira cobertura.

4 — Uma alimentação baseada nas proteínas e energias adequadas após a parição, possibilitando um ganho de peso entre 650 g e 1 quilo por dia, da parição a 3 meses após o parto proporcionará a recuperação do peso perdido durante o parto, aparecimento regular do cio, maior produção de leite e maior taxa de concepção na próxima cobertura.

5 — As novilhas devem ser separadas e deixadas em manadas isoladas durante duas parições pois além de obter maior quantidade de alimentos que as vacas a competição entre ambas será reduzida, o que possibilitará uma produção mais uniforme.

Momento certo do tratamento de infecções uterinas

Muitos criadores utilizam rotineiramente as infusões uterinas em seus rebanhos, com antibióticos ou outras drogas após o parto. Eles acreditam que estas medicações previnem a instalação de metrites e outros problemas reprodutivos. Entretanto, as pesquisas têm demonstrado claramente que os tratamentos e medicamentos utilizados em momentos inadequados aumentam as probabilidades do animal adquirir infecção e tornar-se suscetível a alterações da esfera reprodutiva.

Portanto, os tratamentos de rotina realizados após o parto são desaconselháveis, pois os mesmos podem causar mais prejuízos do que vantagens. Entretanto, as vacas chamadas "problemas" e que apresentam retenção de placenta, corrimento purulento e outras anomalias, requerem cuidados especiais, devendo ser examinadas e tratadas convenientemente.

A metrite, inflamação do útero, é um problema sério em muitos rebanhos leiteiros, podendo causar queda de produção de leite, além de problemas reprodutivos. Os microorganismos causadores de infecção penetram no trato reprodutivo mais facilmente durante o parto, uma vez que neste período há uma dilata-

ção acentuada da cervix, vagina e lábios vulvares. A cervix permanece aberta por alguns dias após o parto, favorecendo a entrada de bactérias e outros microorganismos causadores de infecção.

As transformações do útero bovino após o parto são conhecidas pela denominação involução uterina. Essas mudanças vão desde o momento que o útero expulsa o bezerro até o momento que este se torna capaz de realizar uma nova concepção e desenvolver uma gestação. Assim sendo, uma involução uterina normal é fundamental para a manutenção da eficiência reprodutiva.

Durante o processo normal da involução uterina, a maioria das carúnculas (estrutura da parede uterina na qual a placenta se adere) entram em necrose (morte) devido à diminuição da circulação sanguínea e serão liberadas no útero, constituindo parte do lóquios. O lóquio é um líquido formado por muco, sangue, fluidos fetais e restos de placenta, que estão presente no útero após o parto. Em condições normais, ele não apresenta sinais de infecção ou cheiro forte, sendo visto durante 7 a 10 dias após o parto.

Neste período, ocorre um restabelecimento das células componentes do útero, bem como a remoção de restos placentários. O útero inicia a redução do seu tamanho, a qual se completa ao redor do 45.º dia após o parto.

A ovulação pode ocorrer precocemente, isto é, 7 a 10 dias após o parto, porém raramente ela é acompanhada de sinais externos de cio. A involução uterina e o retorno ao cio freqüentemente são observados entre o 25.º e 60.º dia após o parto, sendo este período variável, na dependência de vários fatores que interferem sobre o ciclo reprodutivo.

As vacas de alta produção leiteira tendem a apresentar cio mais tardiamente após o parto do que a média de vacas de baixa produção.

As metrites agudas ou tóxicas podem ocorrer até duas semanas após o parto. As vacas tornam-se extremamente debilitadas, emagrecem rapidamente e apresentam um corrimento avermelhado com cheiro pútrido.

Nestes casos, o tratamento deve ser imediato e rigoroso, sendo indicada a retirada do

conteúdo uterino através de sifonagem, com posterior infusão uterina e tratamento sistêmico.

Existem algumas pesquisas evidenciando que em casos de metrites consideradas leves, não é indicado qualquer tratamento. A taxa de concepção neste caso geralmente é igual ou superior em animais não tratados quando comparada com animais que receberam tratamento, muito embora sejam sempre inferiores quando comparada com vacas normais (sem metrite).

Existem algumas razões para evitar o tratamento nestas condições:

- 1 — Alguns tratamentos são de pouca utilidade, podendo mesmo serem prejudiciais.
- 2 — As medicações intra-uterinas são absorvidas pela corrente sanguínea e podem causar resíduos no leite.
- 3 — O tratamento geralmente é caro.
- 4 — Dependendo do momento que o tratamento é feito, o ciclo estral normal pode ser alterado.

Em casos severos de metrites (que apresentam corrimento purulento), os animais tratados apresentam taxas de concepções superiores quando comparados com animais com o mesmo quadro e sem tratamento porém são sempre inferiores ao de vacas normais. A chave para obtenção da máxima eficiência reprodutiva está na seleção dos casos para o tratamento, através da palpação do útero e observação do corrimento. O veterinário é a pessoa mais indicada para realizar este trabalho e decidir sobre o tratamento em casos de metrite para obtenção de bons resultados.

O momento de iniciar o tratamento é muito importante, uma vez que este pode interferir sobre o ciclo estral normal. As soluções irritantes agem sobre o endométrio (uma das camadas do útero), encurtando a duração do ciclo estral, quando usadas 3 a 9 dias após a ovulação. Estas mesmas soluções retardam o aparecimento do próximo cio, quando utilizadas entre o 14.º e 17.º dia do ciclo, sendo que o tratamento realizado no meio do ciclo não altera sua duração.

Alguns autores sugerem que 24 horas após o cio é o melhor momento para se realizar

infusões com estes medicamentos.

Alguns tratamentos têm sido realizados anteriormente aos períodos citados, sem causar aparentemente efeitos adversos. A utilização de soluções irritantes após 48 horas de realizada a cobertura ou inseminação artificial pode causar aborto.

As infusões intra-uterinas freqüentemente apresentam resíduos no leite da droga utilizada. A maioria dos produtos usados aparecem sob forma de resíduos no leite por mais de 48 horas.

Recomenda-se, portanto, observar as instruções do rótulo de cada droga a ser utilizada, evitando-se o consumo de leite por um período de tempo específico para cada caso e seguir as recomendações do veterinário.

Áreas de cobertura limpas podem auxiliar a reduzir as taxas de infecção. As doenças metabólicas podem ser reduzidas quando se diminui os casos de retenção de placenta, metrites, insuficiências hormonais, as quais interferem sobre a eficiência reprodutiva.

O objetivo do tratamento em casos de metrite deve ser o de capacitar o trato reprodutivo 40 a 60 dias após o parto para uma nova concepção e conseqüente gestação. Se a metrite é um problema sério em seu rebanho, você deve reexaminar o manejo e nutrição que estão sendo empregados.

Este artigo foi publicado no **Correio da Inseminação Artificial**.

Almoço dos veterinários

Já virou uma tradição: na primeira sexta-feira de todos os meses, os veterinários das empresas de insumos para animais reúnem-se para um almoço de confraternização no Terraço Itália, em São Paulo. Essa rotina vem-se repetindo há dois anos, patrocinada por empresas do setor. A última reunião-almoço foi realizada em maio, reunindo 100 veterinários e representantes das veículos de comunicações da área agropecuária. Esse último almoço foi patrocinado pelo Instituto de Veterinária Rho-dia-Merieux.



A sede da Fazenda Pau D'Alho, em Campinas, há 38 anos dirigida e administrada pela Sra. Marguerite Dutilh.

Um Plantel sob Controle

Seleção de Holandês da Fazenda Pau D'Alho, sempre usando tecnologia avançada

Desde que iniciou a seleção de gado Holandês, em Campinas, a família Dutilh procurou, sempre, usar a tecnologia de ponta: há 48 anos, começou a empregar a inseminação artificial, uma raridade na época. Hoje, faz transferência de embrião e tem, na informática, uma ferramenta de trabalho. O mais importante, formou um dos melhores plantéis de gado leiteiro do país: com 100 vacas em lactação — metade na primeira cria e um quarto em segunda — a Fazenda Pau D'Alho produz uma média de 2.000 litros de leite B. O mais importante, a média de produtividade é de 20 litros/dia ao longo do ano.

Produtor de leite B, o holandês Willem Alexandre Dutilh não se queixa da atividade. Filho de Jacob e Marguerite Dutilh, que iniciaram na pecuária leiteira há 48 anos, a 12 km do centro de Campinas, Willem explica que produzir leite é lucrativo, mesmo na atual situação. O segredo, segundo ele, é administrar os

custos da alimentação. "Por exemplo, o volumoso é a principal fonte de alimentos na fazenda", explica. "Damos grande atenção à produção de volumosos", acrescenta.

Com uma área de 110 hectares, situada numa das regiões mais valorizadas do Estado de São Paulo, a Fazenda Pau D'Alho, de sua família,

explora unicamente a pecuária leiteira. Produz uma média mensal de 2.000 litros de leite B/dia — com picos de 2.500 no inverno, época mais generosa em produção. Além do leite, entregue à Cooperativa Paulista, a Fazenda Pau D'Alho vende, anualmente, uma média de 30 fêmeas e 20 machos como reprodutores.

O plantel atual é composto de 260 animais, da raça Holandesa, GHB e PO. Normalmente, há 100 vacas em lactação, cuja média em duas ordenhas, é de 20 kg de leite/dia — média anual. Uma média bastante alta, já que é obtida em duas ordenhas e com pelo menos a metade das vacas em 1.ª lactação e um quarto em segunda. Esse elevado número de animais de 1.ª lactação é em razão do método de administração de vendas de fêmeas em leilões e na própria fazenda. Segundo Willem, só são vendidas as fêmeas que já tiveram uma lactação e tenham deixado um produto na fazenda. Os machos são vendidos com qualquer idade.

Quando a família Dutilh chegou ao Brasil e comprou a Fazenda Pau D'Alho, a propriedade dedicava-se à exploração leiteira e ao café. Paulatinamente, a família foi introduzindo animais comprados no Sul de Minas e de origem argentina e erradicando o cafezal, para dedicar exclusivamente ao leite. Já em 1948, a família decidiu submeter o plantel ao Serviço de Controle Leiteiro e nessa mesma época adotou a inseminação artificial, quando o sêmen ainda era apenas refrigerado — o que dificultava o trabalho. Como era refrigerado, o sêmen tinha uma durabilidade curta.



Cultura de milho para silagem com faixas de arroz para consumo na fazenda e ao fundo as instalações.

Manejo

Embora o plantel que existia na fazenda, na época da compra, era considerado de boa qualidade, seus pais resolveram, há 48 anos, buscar animais melhores, objetivando produzir reprodutores e matrizes. Assim, resolveram buscar os animais no Sul de Minas, cuja origem era argentino, de ótimas produções. Nesse lote, passou a colocar sêmen importado, distribuído, na época, pela Ho-

lambra e Secretaria da Agricultura do Estado de São Paulo. Em 1948, a técnica de inseminação artificial era ainda embrionária e se contava nos dedos o número de criadores que a usava em seus plantéis. Era uma tecnologia de ponta — porém usada de forma precária. O sêmen era refrigerado e conservado em refrigeradores, com período de duração limitado.

Além da inseminação artificial, um avanço para a época, a família Dutilh preocupou-se, logo após a compra da propriedade, com o alimento dos bovinos, cuja base, desde o início, foram os volumosos. Assim, havia uma preocupação acentuada com a genética e a alimentação. Na opinião de Willem, não basta, para produzir leite de forma econômica, só dispor de um plantel geneticamente melhorado e nem oferecer alimentos abundantes para animais ruins. "É necessário somar a genética e alimentos", observa o criador. "Genética e alimentação se somam", ensina. "20% da produção depende da genética e 80% da alimentação e manejo", acrescenta.

Não só na quantidade de alimentação e qualidade, segundo Willem, é necessário preocupar-se. "É preciso administrar os custos", diz. Assim, uma das preocupações da família foi fornecer alimentos abundantes e com mínimo de custos. Dessa maneira, a Fazenda Pau D'Alho



O gado da PAU D'ALHO, tendo à frente filhos do Wilhen Alexandre Dutilh, Jaques e Jan. Desde pequeno vão se acostumando com a saudável vida na fazenda. Formam a terceira geração na Pau D'Alho.

Um Plantel sob Controle

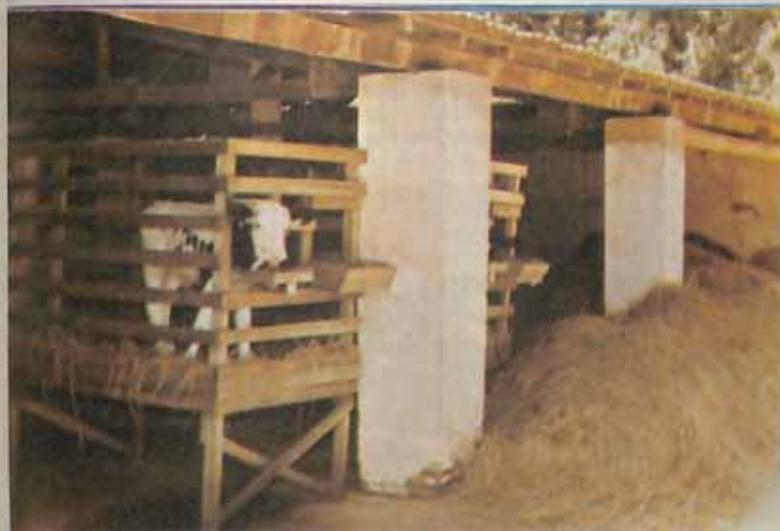
montou toda a infra-estrutura para produzir volumosos intensivamente e comprar rações e sais minerais.

Segundo Willem, os volumosos, além de reduzir custos, são de fundamental importância. Os volumosos, além de poder ser produzidos na fazenda e ter custos mais baixos, reduz a velocidade da digestão, levando a melhor absorção dos alimentos, sobretudo das rações. "Os bovinos foram criados para comer capins", observa.

Dos 110 hectares da fazenda, a família ocupa 50 hectares com plantação de milho e sorgo, para fazer silagem. Outros 50 hectares, são plantados com napier — utilizados para pastejo direto, feno, silagem e fornecido verde no cocho. Para alimentar os bovinos, a família gasta, com rações, 40% dos custos da alimentação com ração. Toda a área de capineiras são adubados com es-



Ordemha mecânica em espinha de peixe e onde, diariamente são ordenhadas 100 vacas duas vezes ao dia. A produção diária da fazenda é de 2.000 quilos e no inverno chega a 2.500 quilos.



O bezerro merece toda atenção da direção da Pau D'Alho. Muita higiene e boa alimentação.

terco, sem curtir. Quando é necessário, faz a correção do pH, aplicando calcário.

Os animais permanecem nos pastos apenas durante a noite. Durante o dia, são mantidos estabulados, recebendo volumosos, misturados com ração mineralizada. Além disso, todos os animais recebem sal mineral, também misturado à ração e aos volumosos. São feitos duas ordenhas diárias, com ordenhadeiras mecânicas, introduzidas no início da

atividade. De acordo com Willem, boa alimentação, mineralização, bom manejo, são importantes tanto para aumento da produção como na eficiência da reprodução, cujo índice, no rebanho, alcança 80%.

Há pouco tempo, introduziu um microcomputador para racionalizar o serviço de reprodução, manejo e também para fazer serviço contábil. Por exemplo, com o computador ele sabe as vacas que serão inseminadas, as que pariu, as que devem ser

secas e as que vão parir e precisam receber a vitamina ADE. Além disso, o computador ajuda, também, na orientação sobre o manejo sanitário e controla os estoques de sêmen.

Em 1979, a Fazenda Pau D'Alho introduziu, na propriedade, a transferência de embriões — uma forma de agilizar o trabalho de seleção e ampliar o plantel de animais PO. Para isso, ele tem 10 vacas doado-



O úbere de três produtoras da Pau D'Alho. Eis aí a razão de 100 vacas produzirem em média 2.000 quilos de leite por dia. ▶



Na Fazenda Pau D'Alho, a produção, a reprodução e a saúde animal bem como os custos são controlados pelo mínimo computador.

ras, todas recordistas nacional de produção, com produção superior a 13 mil kg de leite por lactação em duas ordenhas. Willem procura usar as doadoras alternadamente, para não interromper a produção. Assim,

após a doação do embrião, as vacas voltam à produção da fazenda. As principais linhagens de matrizes importadas são Denise, Connie e Jennifer. Dos touros, as linhagens utilizadas são Elevation, Glendell Arlin-

da Chief, Hilltop Apollo Ivanhoe, Penstate Elevation Star, Limehollow Elevation Mars, Paclamar Bootmaker e Arlinda Chief, cujos sêmen são importados dos Estados Unidos. Willem, que estudou nos Estados Unidos e tem ex-companheiros de escola nesse país, acompanha atentamente o desempenho dos melhores reprodutores leiteiros da raça Holandesa nos Estados Unidos.

Para as vendas das matrizes e machos, a família participa, há vários anos, do leilão Outono e Primavera, com mais 9 criadores da raça Holandesa da região de Campinas. Dia 8 de maio, será realizado mais um leilão Outono, no Parque da Água Branca. Outro leilão, o da Primavera, com os mesmos criadores, é realizado no início de outubro — este ano no dia 1.º, também no Parque da Água Branca. Este ano, a Fazenda Pau D'Alho resolveu participar de outro leilão — o Quality, dia 22 de maio, com Guilherme Caldas, da Fazenda São José — quando venderá os primeiros produtos da transferência de embrião. Este leilão também será realizado anualmente.



Eis no que resulta o cuidado com os bezerras nos seus primeiros dias: muita saúde e robustez.



Mês de fevereiro de 1986

Walter C. Battiston

Dos 1.110 animais cujas lactações se encerraram em fevereiro, 942 ou 84,8% mantiveram-se na Divisão II, isto é, com produções até 365 dias; distribuídos entre 10 raças, variedades ou tipo. A maior representação coube à aça Holandesa Preta e Branca, com 684 exemplares (61,6%) e à Raça Holandesa Vermelha Branca, com 171 animais. A Raça Gir representou-se por 78 cabeças, a Parda Suíça por 41, a Nelore e a Jersey por 8 cada uma e as raças Red Poll e Guernsey com um só representante cada. Os animais de Cruzamento Dirigido foram 11, os de Tipo Girolando 7.

De todo esse grande lote, porém, só 172 animais conseguiram o índice que justificasse a publicação de suas lactações, ficando sujeitos às nossas explicações.

Alcançaram Livro de Escol (LE) 18 bovinos e o Livro de Mérito outros 126.

REPRODUTORA EMÉRITA

Foi PANORAMA CAFUNGA DEMANDA, holandesa preta e branca crioula de Donald Graber, a única a alcançar o título de Reprodutora Emérita (RE). Aos 4 anos e 7 meses ela deu 8.375 kg de leite e 254,9 kg de gordura em 305 dias e LE.

RAÇA HOLANDESA PRETA E BRANCA

Representando 61,6% do total controlado e 80,0% da Raça Holandesa, os 684 animais "pretos e brancos", estiveram distribuídos da seguinte maneira: 112 mantiveram-se na Divisão I (até 305 dias), com 12 inscrições em Livro de Escol, enquanto que 572 permaneceram na

Divisão II (até 365 dias), com 81 em Livro de Mérito (LM).

Além da mencionada PANORAMA CAFUNGA DEMANDA, chamaram a atenção mais as seguintes vacas:

POSSE SERENA MABUNCA REPUT, da Fazenda Santa Maria da Posse Agropecuária Ltda., com 2 anos e 6 meses, LE, 7.253 kg de leite e 210,5 kg de manteiga em 305 dias;

M.A.B. TRADITION DINAH TE, de Maria A. Pacheco Borba, com LE, 2 anos e 5 meses, 8.052 kg de leite e 281,2 kg de gordura em 305 dias;

PANORAMA STARCRAFT FADA, de Donald Graber, com LE, 2 anos e 7 meses, 7.121 kg de leite e 219,1 kg de gordura em 302 dias;

MARGO MARVEX PANORAMA, do mesmo criador, com LE, 5 anos e 5 meses, 8.410 kg de leite e 255,2 kg de gordura em 301 dias;

CLARIANA FOND TOM CRIS, de Lazara de Mello Brandão, com 2 anos e 3 meses, LM, 8.278 kg de leite e 242,4 kg de gordura em 301 dias.

ARATAINGA HELEDA 2 ROCKMAN, de Joaquim Arruda Brandão, com LM, 3 anos e 5 meses, 8.930 kg de leite e 301,3 kg de gordura em 284 dias;

JPR PASCOA, de Joaquim Peixoto Rocha, com LM, 3 anos e 9 meses, 9.666 kg de leite e 250,2 kg de gordura em 321 dias;

A.F. FORALEZA REFORMA, da Fazenda Fortaleza Ltda., com LM, 7 anos e 7 meses, 11.236 kg de leite e 329,3 kg de gordura em 365 dias;

FRUTÍFERA AGRINDUS, da Agrindus S/A Empresa Agrícola e Pastoral, com LM, 5 anos e 10 meses, LM, 10.436 kg de leite e 325,8 kg de gordura em 365 dias;

GRAIGOREST MILKAN, de Luiz Augusto Sacchi, com LM, 7 anos e 7

meses, 10.181 kg de leite e 340,8 kg de gordura em 365 dias;

UBEBA GAY RONDA DO PAU D'ALHO, de Jacob Rosier Dutilh, com LM, 3 anos e 6 meses, 9.181 kg de leite e 237,2 kg de gordura em 348 dias;

SOLANCO AGRES JOB LENA, da Fazenda Shigueno Ltda., com LM, 6 anos e 5 meses, 11.154 kg de leite e 404,2 kg de gordura em 365 dias; e

S.S. VIOLETA CHIEF, de João Figueiredo Frota, com LM; 6 anos e 5 meses, 10.043 kg de leite e 337,8 kg de gordura em 365 dias.

RAÇA HOLANDESA

Entre os 171 representantes da Raça Holandesa Vermelha e Branca, 21 permaneceram em regime de três ordenhas, 6 alcançaram Livro de Escol (LE), 150 foram colocados sob duas ordenhas e 24 obtiveram Livro de Mérito (LM). Eles representaram 15,4% do total controlado e 20,0% da Raça Holandesa.

Entre os que conseguiram LE, destacaram-se 3 vacas de Amílcar Farid Yamin e uma de Olympio A. Souza A. Stochler; do primeiro criador são:

CORONA ANA ROSA JASPER, com 4 anos e 5 meses, 8.076 kg de leite e 251,8 kg de gordura em 305 dias;

ALBERTINA'S M.R. POTIRA, com 7 anos e 10 meses, 8.186 kg de leite e 270,8 kg de gordura em 305 dias;

CORONA LENNY ROBARON, com 3 anos e 2 meses, 8.242 kg de leite e 269,6 kg de gordura em 305 dias;

Pertencente a Olympio A.S.A. Stochler, CAMPO VERDE FOB VIBRISSA, deu aos 5 anos e 10 meses, 7.535 kg de leite e 220,1 kg de gordura em 305 dias.



No lote com LM, sobressairam-se as seguintes fêmeas:

CORONA LOREN JASPER, de Amílcar F. Yamin, com 3 anos e 0 meses, 7.003 kg de leite e 236,7 kg de gordura em 291 dias;

JANESTEAD TTT BINGO, do mesmo proprietário, com 6 anos e 7 meses, 9.247 kg de leite e 356,6 kg de gordura em 365 dias;

RELIZA R.J.R. ALBERTINA'S, de Pedro Conde, com 5 anos e 9 meses, 8.241 kg de leite e 285,1 kg de gordura em 298 dias;

CRISTINA DE SÃO RAFAEL, da Agropecuária Sto. Isidoro Ltda., com 10 anos e 0 meses, 8.036 kg de leite e 287,3 kg de gordura em 365 dias; e

SÃO SIMÃO DA BRUNELA, de Antonio de Toledo Lara Netto, com 3 anos e 10 meses, 6.890 kg de leite e 260,7 kg de gordura em 354 dias.

RAÇA PARDA SUIÇA

Foram 41 os animais pardo suíços com lactações encerradas neste mês, sendo que 16 deles obtiveram Livro de Mérito (LM); entre estes, queremos destacar as produções de:

B.C. CUBANA ELEGANT III, de Fernando Prado Rennó, com 8 anos e 4 meses, 10.126 kg de leite e 368,3 kg de gordura em 365 dias;

B.C. CLEUZA ELEGANT III, irmã da anterior e na mesma fazenda, com 8 anos e 4 meses, 9.074 kg de leite e 364,2 kg de gordura em 365 dias;

E.S. BUROMAN JOAN, de Amílcar Farid Yamin, com 10 anos e 6 meses, 9.333 kg de leite e 380,0 kg de gordura em 365 dias; e

CORONA TECA HARRY, do mesmo proprietário, com 7 anos e 4 meses, 8.550 kg de leite e 346,1 kg de gordura em 365 dias.

RAÇA GIR

Atualmente a Raça Gir vem ocupando o 3.º lugar no Serviço de Controle Leiteiro da ABC em número de exemplares com lactações encerradas mensalmente. Em fevereiro, confirmando o que dissemos, aparecem 78 animais com lactações encerradas, o que representa 7,0% do total controlado no mês.

Entre eles, destacaram-se:

PRENDA DE BRASILIA, de Rubens Resende Peres, com LM, 8 anos e 6 meses, 5.451 kg de leite e 264,9 kg de gordura em 365 dias;

JANA DA ZEBULANDIA, de Artur Souto Maior Filizzola, com LM, 12 anos e 9 meses, 5.809 kg de leite e 216,9 kg de gordura em 365 dias; e

C.A. BONANÇA, de Antonio José Lucio de Oliveira Costa, com LM, 3 anos e 10 meses, 3.856 kg de leite e 182,5 kg de gordura em 365 dias.

RAÇA GUERNSEY

Exclusivamente Custodio Cabral de Almeida mantém animais da Raça Guernsey sob controle leiteiro da ABC; em fevereiro, 4 deles encerraram a produção, destacando-se:

NORREN D.F. JACQUE, com 5 anos e 5 meses, LM, 7.433 kg de leite e 390,0 kg de gordura em 365 dias; e

PAX MILA H. D'ABADIA, com 2 anos e 6 meses, LM, 4.166 kg de leite e 224,0 kg de gordura em 305 dias.

CRUZAMENTO DIRIGIDO

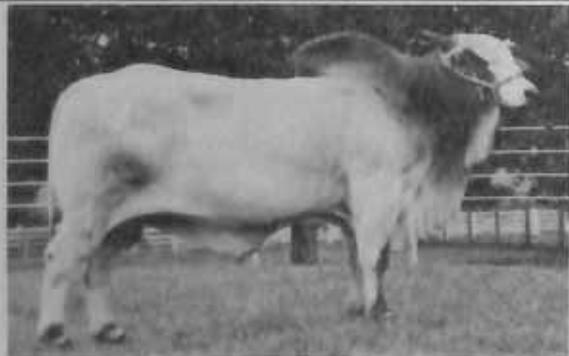
Foram 11 as fêmeas que representaram os "Cruzados Registrados", todas pertencentes a Paulo de Tharso Bittencourt e, entre as melhores produções, destacaram-se as de:

P.T.B. MARA ROSA, com 6 anos e 2 meses, 3.616 kg de leite e 134,6 kg de gordura em 285 dias; e

P.T.B. BISNAGA, com 3 anos e 6 meses, 3.589 kg de leite e 121,9 kg de gordura em 326 dias.

Acima de Morfologia fazemos seleção para características de valor econômico **FERTILIDADE E PESO**

23 anos de seleção exclusivamente em regime de pasto e como resultado nossos touros de 2 anos fornecem as seguintes informações:



JALÃO

- 1) Curva do Desenvolvimento Ponderal Mensal.
- 2) Pesos ajustados para as idades, padrão de 205, 365, 550, 730 dias.
- 3) Índices Ponderais comparativos em relação aos contemporâneos nas idades padrão.
- 4) Ordem de cria da mãe.
- 5) Idade da mãe ao parto.
- 6) Média dos intervalos interpartos da mãe.
- 7) Índices Ponderais comparativos da mãe em relação às suas contemporâneas do mês nas idades padrão de 205, 365, 550, 730 dias.



Fazenda Bonsucesso
ARNALDO ZANCANER & FILHOS

GUARARAPES - SP — Fone: (0186) 61-1989

Serviço de controle leiteiro

DESTAQUES

RAÇA HOLANDESA - variedade preta e branca

NOVA REPRODUTORA EMÉRITA:

PAIORAMA CAFUNGA DEMANDA, Rj. HBB/B-67424. P.O., Pai/PANORMA ELEVATION CAFUNGA, Rr. HBB/A-20526, Mãe/BESHORE STAR NOMI OHA, Rj. HBB/B-39153, obteve "LE" aos:

2a7m	-	2x	-	5.819	-	211,5	-	3,63%
3a7m	-	2x	-	7.271	-	230,6	-	3,17%
4a7m	-	2x	-	8.375	-	254,9	-	3,04%

Prop: DONALD GRABER

LACTAÇÕES TERMINADAS

COM NOVA PARIÇÃO — DENTRO DOS 427 DIAS

I — DIVISÃO — Lactações até 305 dias

NOME DO ANIMAL	Grau de sangue	Idade anos/meses	N.º SCL	Dias de lactação	Produção		%	PROPRIETÁRIO	
					Leite kg	Coord. kg			
Raça Holandesa — variedade preta e branca									
					Três colheitas (3x)				
CLASSE A1 - até 2 1/2 anos.									
Shilling Lake Val. G.P.F.-HBB/B-61048	PO		2-3	82736	305	6.108	252,5-LE	4,13	Geraldo Pipiredo Furtos
J.P.B. Quaresima-HBB/B-75792	PO		2-1	82641	294	5.723	176,4	3,08	Joaquim Felinto Rocha
CLASSE A2 - de 2 1/2 a 3 anos.									
F. Serrão Pastora Reput.-HBB/B-75488	PO		2-6	82302	305	7.251	210,5-LE	2,90	Faz. Sta. Maria de Ponte Ag. P. Ltda.
F.A.F.B. Elevação Ford Pub.-HBB/B-77100	PO		2-7	82576	285	6.941	221,7-LE	3,18	Faz. Sta. Maria de Ponte Ag. P. Ltda.
CLASSE C2 - de 4 1/2 a 5 anos.									
J.P.H. Orla-HBB/B-63495	PO		4-7	72941	305	7.375	228,3	3,10	Joaquim Felinto Rocha
CLASSE D - Adultas de mais de 5 anos.									
Alcides 2 de Baricomba-HB/58282	GC3		5-2	82614	305	7.083	185,5	2,79	Arnaldo M. de Oliveira F. e Outros
Vinte e Nove Solimar Cit.-HBB/B-58865	PO		7-6	74194	269	6.241	205,5	3,29	João J. Victor dos Santos
					Duas colheitas (2x)				
CLASSE A2 - até 2 1/2 anos.									
H.A.B. Tradition Dinah TW-9B-HBB/B-48592	PO		2-5	82098	305	8.052	261,2-LE	3,49	Maria Aparecida Pacheco Rocha
Pancosow Grasses Florida-HBB/B-78706	PO		2-5	82576	305	6.313	216,0-LE	3,43	Donald Graber
San Archinha Sabat-HBB/B-75219	PO		2-3	82770	305	5.886	167,0	2,83	Belarmino de Azevedo Maria
CLASSE A2 - de 2 1/2 a 3 anos.									
FORUM Bizarro Act Fada-HBB/B-78704	PO		2-7	82893	302	7.121	219,1-LE	3,07	Donald Graber
A.E. Oficial Neto Jupiter-HBB/B-73315	PO		2-7	82037	305	6.078	130,2-LE	3,73	Fazenda Augusto Ltda.
Caldas Formador Milão-HBB/B-80796	PO		2-7	81767	305	5.960	190,3	3,23	Guilherme Walter Soares Caldas
CLASSE B2 - de 3 1/2 a 4 anos.									
Pancosow Mary, Desfilândia-HBB/B-71279	PO		3-7	83329	305	7.729	226,3-LE	2,92	Donald Graber
Par. Inconfidência Bioré-HBB/B-71530	PO		3-9	77913	305	6.826	224,6-LE	3,28	Fazenda Furtos S/P.
CLASSE C1 - de 4 a 4 1/2 anos.									
J.L. Heleni Harvey Niebe-HBB/B-69316	PO		4-1	76306	305	6.443	248,0-LE	3,84	Geraldo Pipiredo Furtos

NOME DO ANIMAL

Grau de
sangueIdade
anos/meses

N.º SCL

Dias de
lactaçãoProdução
Leite kg

Gord. kg

%

PROPRIETÁRIO

CLASSE CI - de 4 1/2 a 5 anos.

Narcisoa Calças Desnada-IBB/9-67424

PO

4-7

74403

305

8.375

254,9-LE

1,04

Donald Graber

CLASSE D - Adultas de mais de 5 anos.

Harjo Harvey Passarim-IB/143402

OC3

5-5

71200

301

8.410

255,2-LE

3,03

Donald Graber

Benilda O2 (Matriz)-IB1382

OC2

6-6

65870

305

7.842

262,1

1,34

Afonso Sogaira de Freitas

S.H. Sally 1 Harjo-IBB/9-58406

PO

6-10

74454

305

6.394

233,0

1,64

Cia.Adm.Tec.e Agric. Atagui

Raça Holandesa — variedade vermelha e branca

Três ordenhas (3x)

CLASSE DI - de 3 a 3 1/2 anos.

Circora Leney Robson-IBB/9-7939

PO

3-2

82280

305

8.242

269,6-LE

3,27

Amílcar Farid Yamin

CLASSE CI - de 4 a 4 1/2 anos.

Circora Ana Rosa Jasper-IBB/9B-6965

PO

4-5

77951

305

8.076

251,8-LE

3,11

Amílcar Farid Yamin

CLASSE D - Adultas de mais de 5 anos.

Aldairina's M.R. Petira-IBB/9B-4924

PO

7-10

60730

305

8.186

270,8-LE

3,30

Amílcar Farid Yamin

Duas ordenhas (2x)

CLASSE BE - de 3 1/2 a 4 anos.

Ladoga de Bragança-OB/161804

OC2

3-11

76280

291

6.054

199,7-LE

3,29

Olypio Amado Sousa A.Stockler

CLASSE D - Adultas de mais de 5 anos.

Campo Verde Fob Vilheana-IBB/9B-6332

PO

5-10

78703

305

7.535

220,1-LE

2,92

Olypio Amado Sousa A.Stockler

Cliff Joy Dottie Starliner-IBB/12B-742

PO

6-5

70937

283

6.404

192,8

3,01

Antonio Bassoli

Genetra Nancy Nico-IBB/1090

GBB

6-3

67730

288

6.140

184,1

2,99

Antonio Bassoli

Cait Jupiter Caviano

PO

-

82475

302

6.107

213,0-LE

3,48

Luiz Albino S.Oliveira Neto

Campo Verde Tritone Unionita-IBB/9B-6129

PO

6-1

77840

305

5.774

192,6

3,33

Olypio Amado Sousa A.Stockler

Raça Parda Suíça (Schwyz)

Três ordenhas (3x)

CLASSE D - Adultas de mais de 5 anos.

Circora Flavia Harry-6812

PO

6-5

70200

235

4.314

148,1

3,43

Amílcar Farid Yamin

Cruzamento Dirigido

Duas ordenhas (2x)

CLASSE HI - de 3 a 3 1/2 anos.

Fama B. Albepe

ZH

3-4

82361

305

3.114

108,4

3,48

Paulo de Thasso Rittencourt

CLASSE D - Adultas de mais de 5 anos.

P.T.R. Mare Rosa-21676

HI

6-2

77390

285

3.616

134,6

3,72

Paulo de Thasso Rittencourt

P.T.R. Aspofei-22864

HI

5-4

78387

276

3.306

125,4

3,79

Paulo de Thasso Rittencourt

II DIVISÃO — ATÉ 365 DIAS

Raça Holandesa — variedade preta e branca

Três ordenhas (3x)

CLASSE AI - até 2 1/2 anos.

Clarissa Ford Tom Cris. S.H.-OB/177706

POCC

2-3

83657

285

8.278

242,4-LE

2,92

Lazzaro de Mello Brandão

Thalpa Alcinda II Jutatar-IBB/9-77350

PO

2-4

82558

365

8.048

254,9-LE

3,16

Joaquim de Arruda Campos

Johi Sacra Nel Boot.-IBB/9-75369

PO

2-4

82800

335

6.274

212,0-LE

3,40

Valmir Spinelli de O.E Irineu

CLASSE AI - de 2 1/2 a 3 anos.

Johi Daxada Boot. Astro-IBB/9-72950

PO

2-9

83041

295

7.629

218,4

2,86

Valmir Spinelli de O.E Irineu

CLASSE BI - de 3 a 3 1/2 anos.

Aratinga Heleda 2 Rocônt-IBB/9-62781

PO

3-5

78691

284

8.930

301,3-LE

3,37

Joaquim de Arruda Brandão

Karia Bea, Esperança-IB/10700

POCC

3-5

78303

250

7.684

250,5-LE

3,26

Lazzaro de Mello Brandão

Albertina's B.S.H. Oval 1E-IBB/9-72702

PO

3-2

79500

339

7.196

251,4-LE

3,49

Pedro Conde

CLASSE BE - de 3 1/2 a 4 anos.

J.P.R. Pascoa-IBB/9-68992

PO

3-9

77812

321

9.666

250,2-LE

2,58

Joaquim Peixoto Rocha

CLASSE CI - de 4 a 4 1/2 anos.

F. Quartata Brisa Mount.-IBB/9-68852

PO

4-5

75413

265

8.639

224,2

2,59

Faz.Sta.Maria da Toms Ag.P.Lda.

J.P.R. Palmeira-IBB/9-67503

PO

4-2

75887

278

7.770

277,9-LE

3,57

Joaquim Peixoto Rocha

A.P. Portaleza Noroia-IBB/9-68047

PO

4-1

75368

247

7.417

225,6

3,04

Fazenda Portaleza Ltda.

Miramanda Garcia F.Friens-IBB/9-65762

PO

4-5

83051

365

7.147

278,7-LE

3,89

Luiz Augusto Secchi

CLASSE D - Adultas de mais de 5 anos.

A.P. Portaleza Noroia-IBB/9-67503

POCC

7-7

59555

365

11.236

329,3-LE

2,93

Fazenda Portaleza Ltda.

Fruífera Agulhada-IBB/9-130091

OC1

5-10

59184

365

10.436

325,8-LE

3,12

Agrícola S/A.Bp.Agric.e Pastil.

Cralpiment Willean Carey-IBB/9-52340

PO

7-7

62823

365

10.181

340,8-LE

3,34

Luiz Augusto Secchi

A.P. Portaleza Noroia-IBB/9-68047

PO

9-4

52032

365

9.472

313,7

3,31

Fazenda Portaleza Ltda.

Dabo J.J.-IB/142795

POCC

5-8

72354

350

8.129

267,9-LE

3,29

Valmir Spinelli de O.E Irineu

Tiara Astronoz S.G.-GBB/1405

NOME DO ANIMAL	Grau de sangue	Idade anos/meses	N. SCL	Dias de lactação	Produção		PROPRIETÁRIO	
					Leite kg	Gord. kg		
Blanco Royal D.A.G.-SP/177032	OC2	2-8	83199	365	7.481	234,7-1M	3,93	Derval Antonio Galotto
Caldas Marvex Adelaide-HBB/B-57212	PO	2-8	82579	349	7.450	239,8-1M	3,21	Guilherme Walter Soares Caldas
Tobrasa Lender Laura Granada-HBB/B-73955	PO	2-8	82712	357	7.259	245,2-1M	3,37	Gilberto e Sérgio Simão
Seaf A.G.-RAJ/2623	GHB	2-9	82616	365	7.123	258,7-1M	3,43	Sementes Agropeco S/A.
Velada Rabuloso Funda do P.D'A.-RAJ/2840	GHB	2-6	83418	365	6.981	211,6-1M	3,03	Jacob Rosier Dutill
Color Demari Conrada-HBB/B-74487	PO	2-8	83471	290	6.867	184,2	2,68	Fazenda Colorado S/A.
Venozona Ace Fusada-HBB/B-78707	PO	2-6	82895	326	6.716	243,8-1M	3,46	Donald Graber
Caçaca Rita Builder M.L.-173128	OC1	2-10	83029	289	6.585	202,4-1M	3,02	Maria Lúcia Ferreira Silva Dias
Color Ford Dordelira-HBB/B-73904	PO	2-9	83469	287	6.521	174,5	2,67	Fazenda Colorado S/A.
CLASSE B1 - de 3 a 3 1/2 anos.								
Francisca Duke de Francisco-SP/90349	OC1	3-4	82602	365	7.585	245,1-1M	3,23	Carlos Alberto Julio Lohmann
CLASSE B2 - de 3 1/2 a 4 anos.								
Ueda Gay Honda do P.D'A.-RAJ/2253	GHB	3-6	78853	348	9.181	237,2-1M	2,58	Jacob Rosier Dutill
Tajv Boot. Diswertje-HBB/B-68199	PO	3-8	83004	365	8.917	293,6-1M	3,29	Theodoras Aronidius J.Vermulen
Par. Impulsiel Milestone-HBB/B-71526	PO	3-10	82588	365	7.585	225,5-1M	3,07	Fazenda Paraíso S/A.
Hilozona Ford Friend M.L.-RAJ/2343	GHB	3-6	79692	312	7.426	227,3-1M	3,06	Maria Lúcia Ferreira Silva Dias
Jany. I. Heigite Otilla Giltco-HBB/B-70989	PO	3-9	83133	365	7.370	234,8-1M	3,41	João Antonio S.N.e Filhos
Academia Crescuntina S. E. S.-RAJ/2221	GHB	3-11	79624	318	7.151	270,9-1M	3,78	Cláudio Augusto Souza A.Strocker
Uvada Altitude Patroa P.D'A.-RAJ/2395	GHB	3-7	80030	284	7.037	222,8-1M	3,16	Jacob Rosier Dutill
Fancema Astronaut Elocor-HBB/B-71274	PO	3-7	78726	354	6.978	253,4-1M	3,63	Donald Graber
Caldas Standout Asacia-HBB/B-71478	PO	3-8	78786	311	6.954	219,7-1M	3,16	Guilherme Walter Soares Caldas
CLASSE C1 - de 4 a 4 1/2 anos.								
Paulistana Agrindum	OC1	4-5	82455	365	6.680	273,4-1M	3,15	Agrindum S/A.Sep-Agric.e Pastil.
Dapasia São Quirino-GHB/1980	GHB	4-5	75059	365	6.521	276,6-1M	3,24	Pecúria Arzamas Ltda.
Cabezeira M.A.B.-RAJ/1992	GHB	4-1	79137	365	6.261	278,2-1M	3,34	Maria Aparecida Pacheco Bosta
Fancema Narcas Doriana-HBB/B-67441	PO	4-2	74131	359	7.994	283,9-1M	3,55	Donald Graber
Florida do Prata-SP/167584	OC2	4-0	77618	365	7.924	246,0-1M	3,35	H. Horacio Charkowsky
Barrabara	GHB	4-3	77519	347	7.703	245,1-1M	3,18	João Maria Junqueira Netto
Assala Oclandia-SP/155488	15/16	4-5	78811	333	7.563	232,5-1M	3,07	João Maria Junqueira Netto
Jany. I. Bravura Brasileira S.II.-HBB/B-68789	PO	4-1	77464	320	7.478	209,1-1M	2,79	Agro Pec.Sto. Osório S/A.
Color Focad Fancema-SP/158126	OC4	4-5	74409	365	7.318	263,4-1M	3,28	Gilberto e Sérgio Simão
Color Performer Alicia-HBB/B-66599	PO	4-4	76434	325	7.299	209,1-1M	2,86	Fazenda Colorado S/A.
Galateia do Melião-SP/157816	OC2	4-4	75034	365	7.133	252,2-1M	3,53	Marcelo Elísio de Freitas
Fancema Jupiter Dirce-HBB/B-67435	PO	4-5	74404	355	7.100	222,9-1M	3,13	Donald Graber
CLASSE C2 - de 4 1/2 a 5 anos.								
Marcolina Belmont M.L.	POCC	4-7	74985	290	8.120	250,2-1M	3,08	Maria Lúcia Ferreira Silva Dias
Par. Gala Ivanhoê Star-HBB/B-63955	PO	4-11	73453	365	8.079	268,9-1M	3,32	Fazenda Paraíso S/A.
Andradeiro Rosalba-HBB/B-81115	PO	4-7	83009	337	7.799	266,9-1M	3,44	Antonio Quaresimo
Misaira M.L.-SP/152544	OC2	4-9	78997	285	7.366	227,1-1M	3,08	Fazenda Shigawano Ltda.
CLASSE D - Abilhas de mais de 5 anos.								
Cláudio Agnes Job Lena-HBB/B-58603	PO	6-5	67943	365	11.154	404,2-1M	3,62	Fazenda Shigawano Ltda.
S.S. Violeta Chief-HBB/B-58209	PO	6-5	68422	365	10.043	337,8-1M	3,36	João Figueiredo Frota
Fiel Ogara Diana Noct.-HBB/B-47158	PO	8-7	60674	345	8.843	283,5-1M	3,20	Derval Antonio Galotto
Moeda Gay Fancema-GHB/1581	GHB	5-4	71858	365	8.720	293,9-1M	3,37	Donald Graber
Somestino Boot. Coocada-HBB/B-59038	PO	6-3	62859	365	8.717	247,9-1M	2,84	Agro Pec. Colonial Ltda.
Hinkling Sp.L. Star Sandra-HBB/B-39156	PO	11-4	45081	365	8.695	270,1-1M	3,10	Derval Antonio Galotto
Marina Sexy M.L.-SP/153555	11/12	5-0	78671	361	8.574	279,3-1M	3,25	Maria Lúcia Ferreira Silva Dias
Palmeira Boot. Indala T.P.D'A.-GHB/644	GHB	9-1	54560	365	8.559	266,9-1M	3,11	João Rosier Dutill
Yocrona Chief Dirce-SP/39167	PO	5-0	71203	306	8.065	253,3-1M	2,99	Donald Graber
Aquosada São Quirino-GHB/1105	GHB	8-0	60276	365	8.030	237,2-1M	2,85	Pecúria Arzamas Ltda.
S.Q. Acropolis Gay Oberonia-HBB/B-49404	PO	7-10	59675	365	8.018	251,7-1M	3,13	Pecúria Arzamas Ltda.
Jangada Urbana Leop.Boot.-HBB/B-58026	PO	6-6	68763	299	8.007	236,2-1M	2,94	Fazenda Colorado S/A.
M.L. Joannina First M.L.-HBB/B-64088	PO	6-4	68643	308	7.989	251,8-1M	3,15	Maria Lúcia Ferreira Silva Dias
Ilusio Ultramar M.L.-SP/101993	POCC	8-0	63210	308	7.916	260,1-1M	3,28	Maria Lúcia Ferreira Silva Dias
S.Q. Zira Ivanhoê Oceania-HBB/B-57539	PO	8-6	57379	365	7.860	250,8-1M	3,19	Pecúria Arzamas Ltda.
Igale Boot Rick Van-HBB/B-58508	PO	6-2	67726	365	7.791	257,1-1M	3,29	João Raposo dos Reis
Harlan Gloriosa Clas. Boot.-HBB/B47370	PO	9-9	52518	365	7.713	279,8-1M	3,62	Cláudio Adventista Brasileiro
Selva do Pau D'Alho-GHB/1705	GHB	6-0	69108	302	7.657	230,8-1M	3,01	Jacob Rosier Dutill
Colme Botafogo Balhada-HBB/B-62669	PO	5-3	70591	326	7.609	234,7-1M	3,08	Fazenda Colorado Ltda.
Sor. 5197 Cainoa Althaus Pucci-HBB/B-56981	PO	6-7	65923	331	7.321	214,9	2,93	Lair Antonio de Souza
Raça Holandesa — variedade vermelha e branca						Três cordões (3x)		
CLASSE A2 - de 2 1/2 a 3 anos.								
Albertina e M.L. Ursula-HBB/B-8131	PO	2-10	83114	348	6.678	224,0-1M	3,35	Pedro Crade
Coocra Anjo Jasper-HBB/B-8531	PO	2-8	84227	254	6.610	205,0-1M	3,10	Andino Fariel Zanin
Albertina e M.L. Urante TE-HBB/B-8219	PO	2-11	83413	306	6.481	266,6-1M	4,11	Pedro Crade
CLASSE B1 - de 3 a 3 1/2 anos.								
Georgina Loren Jasper-HBB/B-9557	PO	3-0	83782	291	7.093	236,7-1M	3,38	Andino Fariel Zanin
CLASSE B2 - de 3 1/2 a 4 anos.								
U.P.F. Coocra Jasper-SP-HBB/LHB-795	PO	3-10	77337	331	7.311	265,1-1M	3,62	Geraldo Figueiredo Forbes
Talita R.J.R. Albertina's-RAJ/2348	GHB	3-6	83115	339	6.219	217,6-1M	3,49	Pedro Crade
CLASSE C1 - de 4 a 4 1/2 anos.								
Albertina e M.L. Tangê-SP-HBB/LHB-451	PO	4-0	76931	365	7.535	259,2-1M	3,44	Pedro Crade
Albertina e R.R. Tascinato TE-HBB/B-7685	PO	4-2	83407	327	7.380	263,3-1M	3,58	Pedro Crade
CLASSE C2 - de 4 1/2 a 5 anos.								
Albertina's D.,J.R. Barzani-HBB/B-6831	PO	4-9	72618	350	7.382	314,8-1M	4,28	Pedro Crade
CLASSE D - Abilhas de mais de 5 anos.								
Christina P.T. Rippe-HBB/B-5727	PO	6-7	68849	365	3.247	396,5-1M	3,05	Andino Fariel Zanin
Alina R.J.R. Albertina's-RAJ/1847	GHB	5-9	68874	298	8.241	285,2-1M	3,45	Pedro Crade
Imperatriz F.R. Rosa Ned-HBB/B-4800	PO	9-4	55966	346	7.791	279,5-1M	3,57	Andino Fariel Zanin
Albertina's P.R. Patrícia-HBB/B-5251	PO	7-6	68845	365	7.453	273,1-1M	3,68	Agripino Faustino Zanin
Belvivo Dual Fran Ned-HBB/LHB-576	PO	7-8	60404	313	7.246	207,1-1M	2,85	Valmir Spiselli de Oliveira
Isaac Belmont Rosetta-HBB/LHB-689	PO	7-11	60209	254	6.894	217,1	3,16	Andino Fariel Zanin
Christina Bernarda de Heir.-HBB/B-197793	OC1	5-4	83358	365	6.814	241,8-1M	3,54	Suzete Zanin
CLASSE N1 - de 3 a 3 1/2 anos.						Dois cordões (2x)		
Eliz. Nella Master S.G.-HBB/B-8075	PO	3-1	78367	310	5.944	201,3-1M	3,38	Gilberto Amado Souza A.Strocker

NOME DO ANIMAL

Grav de sangue
Idade anos/meses
N.º SCL
Dias de lactação
Produção
Leite kg
Gerol. kg
%

PROPRIETÁRIO

CLASSE BI - de 3 1/2 a 4 anos. São Bruno de Brasília-188/28-7315	PO	3-10	77857	354	6.890	260,7-121	3,78	Antonio de Toledo Lara Neto
Actalia Crescente S.S.R.L.-59/168442	OC2	3-11	79009	335	6.682	228,5-121	3,42	Olympto Anando Souza A.Stockler
CLASSE D - Adultas de mais de 5 anos. CELILINA de São Rafael-75992	11/32	10-0	50871	365	8.036	287,3-121	3,57	Agro Pec.Sto. Isidoro Ltda.
Haycrest J. Bites Ind-122/28-5616	PO	7-10	58948	339	7.500	253,9-121	3,41	Antonio de Toledo Lara Neto
São Bruno de Opoca-188/28-4202	PO	5-8	73973	365	7.378	273,2-121	3,70	Antonio de Toledo Lara Neto
Morosa Trani Sylvia Ind-122/28-5144	PO	8-4	56042	355	7.231	272,3-121	3,76	Geraldo Inatal Medeiros
Cerro Verde Pto União-188/28-5628	PO	7-2	79006	365	7.021	240,4-121	3,42	Olympto Anando Souza A.Stockler
L.F. Varosa Ind-122/28-5628	PO	-	83514	295	6.693	234,1-121	3,49	Olympto Anando Souza A.Stockler

Raça Parda Suíça (Schwyz)

Três ordenhas (3x)

CLASSE AE - de 2 1/2 a 3 anos. Corona Lucille Barry-8679	PO	2-8	83780	292	5.960	248,2-121	4,14	Anilcar Farid Yamin
CLASSE BE - de 3 1/2 a 4 anos. Gloria Carl Tallman-8176	PO	3-9	78258	311	5.812	235,1-121	4,04	Anilcar Farid Yamin
CLASSE D - Adultas de mais de 5 anos. E.C. Chloea Elagant III-6187	PO	8-4	61687	365	10.126	368,3-121	3,63	Fernando Prado Reró
E.S. Barcan José-5826	PO	10-6	48440	365	9.333	380,0-121	4,07	Anilcar Farid Yamin
R.C. Claudia Elagant III	PO	8-4	60972	365	9.074	364,2-121	4,01	Francisco Prado Reró
Corona Teca Barry-6442	PO	7-4	64102	365	8.550	346,1-121	4,04	Anilcar Farid Yamin
Corona Ava Wein-7527	PO	5-0	75014	365	7.829	320,0-121	4,08	Anilcar Farid Yamin
S.A. Ray's Am-5831	PO	10-5	57011	345	7.323	304,4-121	4,15	Anilcar Farid Yamin
Corona Corina Barry-6257	PO	8-0	63338	296	7.144	247,7-121	3,46	Anilcar Farid Yamin
Na Va Dapass Bernice-6563	PO	8-4	63330	365	6.409	308,1-121	4,80	Anilcar Farid Yamin
Corona Flora Adelant-6433	PO	7-4	64101	265	6.301	233,4-121	3,70	Anilcar Farid Yamin
Corona Bea Wein-7438	PO	5-3	72879	313	6.160	274,7-121	4,45	Anilcar Farid Yamin

Dois ordenhas (2x)

CLASSE BT - de 3 a 3 1/2 anos. E.C. Nivea Dorset-208441	PO	3-1	82618	365	4.964	184,9-121	3,72	Carlos Cardoso de A. Azeite
CLASSE CT - de 4 a 4 1/2 anos. E.C. Guineira Japover III-207794	PO	4-5	83334	312	5.506	213,0-121	3,66	Francisco Prado Reró
CLASSE CS - de 4 1/2 a 5 anos. LIRA-30821	PO	4-9	78450	365	6.031	236,2-121	3,91	Agro Pec.Sto. Isidoro Ltda.
Colômbia da Ibrreira-310039	OC3	4-4	83630	279	5.366	217,5-121	4,05	Giovani Branquinho Grossi

Dois ordenhas (2x)

Raça Guernsey								
CLASSE AE - de 2 1/2 a 3 anos. Fox Hill H. D'Abadia-1258	PO	2-6	80992	305	4.166	224,0-121	5,38	Custódio Cabral de Almeida
CLASSE D - Adultas de mais de 5 anos. Warren D.F. Jacque-888	PO	9-5	70031	365	7.433	390,0-121	5,25	Custódio Cabral de Almeida
Jac Jaju Big D'Abadia-1113	PO	5-8	80181	305	4.434	238,0-121	5,37	Custódio Cabral de Almeida
Orcos Grande E.Vinta do Itaquai-2074	7/8	5-0	80620	305	4.428	225,0-121	5,09	Custódio Cabral de Almeida

Três ordenhas (3x)

Raça Gir								
CLASSE D - de 5 a 6 anos. Totus de Brasília-1/4894	BE	5-7	83116	365	3.750	184,7	4,92	Rubens Resende Peres
CLASSE E - Adultas de mais de 6 anos. Prinda de Brasília-8/3588	BE	8-6	72681	365	5.451	264,9-121	4,86	Rubens Resende Peres
CLASSE BE - de 3 1/2 a 4 anos. C.A. Bonaço-1833	PC	3-10	82988	356	3.856	182,5-121	4,73	Antonio José L.de Oliveira Costa
CLASSE D - de 5 a 6 anos. C.A. Azuma-8/8566	BE	5-3	76962	315	3.717	181,3-121	4,87	João Gabriel da C.Neocsa e Outros
CLASSE E - Adultas de mais de 6 anos. Joni de Sobradinho-9/209	BE	12-9	75446	365	3.809	216,9-121	3,73	Arthur Souto Maior Filizola
Corina de Brasília-11/4579	BE	9-10	67040	365	4.596	200,6-121	4,36	Arthur Souto Maior Filizola
Acervado-7/888	BE	-	82607	365	4.241	169,4-121	3,99	João Lúcio Resende e Outros
Neoclise de Brasília-8/3235	BE	-	71916	304	3.453	147,1	4,26	Arthur Souto Maior Filizola

Dois ordenhas (2x)

Cruzamento Dirigido								
CLASSE BE - de 3 1/2 a 4 anos. Blanca-3/06020	BE	3-6	83575	326	3.589	121,9	3,39	Paulo de Thereso Bittencourt

I - H - LIVRO DE MÉRITO I, E - LIVRO DE EXC.

Resultados Parciais de Controle

NOME DO ANIMAL	Grav de sangue	Idade de anos meses	Con-trole	Dias de lactação	Leite %	NOME DO ANIMAL	Grav de sangue	Idade de anos meses	Con-trole	Dias de lactação	Leite %	
Raça Holandesa — variedade preta e branca												
<p>de São Paulo (Associação Nacional de Criadores de Gado Leiteiro) em 25/02/86, sendo de parto em ciclo regular, 3 a 3 ordenhas.</p>												
3 ordenhas						Coroisa Orianda	11/31	10-8	80	179	23,2	4,4
1 ordenha						Opazeta Agripino Corti	10/31	7-1	80	164	23,1	3,8
						Rebeca Orianda	11/22	7-0	80	168	23,1	4,5
						Três de Junho	11/25	10-2	80	173	23,2	4,5
						Rebeca Orianda	11/22	3-11	70	178	23,2	4,5
						Setecenta Orianda	11/28	4-4	70	178	23,2	4,5
						Três de Junho	11/21	3-11	80	168	23,1	4,4
1 ordenha	11/31	10-11	80	181	18,8	4,8						

NOME DO ANIMAL	Grau de sangue	Idade em meses	Controle	Dias de lactação	Leite %	NOME DO ANIMAL	Grau de sangue	Idade em meses	Controle	Dias de lactação	Leite %		
Anna Brasileira 111, Orleans	OC1	5-11	30	96	24,0	3,4	Aspetiva Orleans	30	3-5	20	67	18,0	3,9
Anna Brasileira 112, Orleans	OC1	3-7	30	115	24,0	3,5	Coréia Orleans	30	3-7	20	54	24,0	3,4
Anna Brasileira 113, Orleans	OC1	2-3	30	134	19,0	4,0	Coréia Orleans	OC2	3-5	19	8	13,0	3,7
Anna Brasileira 114, Orleans	OC1	3-2	30	271	14,0	4,2	Colina Orleans	15/16	2-7	68	230	17,0	3,8
Anna Brasileira 115, Orleans	OC2	3-6	30	229	30,0	3,8	Dracena Hook - Ast. Orleans	PO	-	10	10	19,0	3,3
Anna Brasileira 116, Orleans	OC2	2-8	30	210	17,0	4,0	Enina Bivona Lifford Ori.	POC2	-	10	221	14,0	3,9
Anna Brasileira 117, Orleans	OC2	3-2	30	215	26,0	3,5	Envolução Uda Hook Ori.	OC2	2-5	30	190	15,0	3,7
Anna Brasileira 118, Orleans	OC2	3-6	30	63	19,0	3,9	Envolução Uda Hook Ori.	OC2	2-6	30	117	18,0	3,7
Anna Brasileira 119, Orleans	OC2	2-9	30	390	18,0	4,1	Envolução Uda Hook Ori.	OC2	2-6	30	83	17,0	3,8
Anna Brasileira 120, Orleans	OC2	2-10	30	162	30,0	3,7	Envolução Uda Hook Ori.	OC2	2-5	30	254	14,0	3,7
Anna Brasileira 121, Orleans	OC2	2-5	30	235	20,0	4,0	Envolução Uda Hook Ori.	OC2	2-5	30	225	14,0	3,7
Anna Brasileira 122, Orleans	OC2	2-5	30	219	16,0	4,1	Envolução Uda Hook Ori.	OC2	2-6	30	211	18,0	3,7
Anna Brasileira 123, Orleans	OC2	2-5	30	178	16,0	3,9	Envolução Uda Hook Ori.	OC2	2-5	30	173	13,0	3,9
Anna Brasileira 124, Orleans	OC2	2-6	30	138	21,0	3,8	Envolução Uda Hook Ori.	OC2	2-5	30	178	18,0	3,7
Anna Brasileira 125, Orleans	OC2	2-5	30	162	20,0	3,9	Envolução Uda Hook Ori.	OC2	2-4	30	151	19,0	3,7
Anna Brasileira 126, Orleans	OC2	2-6	30	92	19,0	4,3	Envolução Uda Hook Ori.	OC2	2-4	30	7	23,0	3,7
Anna Brasileira 127, Orleans	OC2	2-4	30	230	18,0	3,7	Envolução Uda Hook Ori.	OC2	2-4	30	240	22,0	3,7
Anna Brasileira 128, Orleans	OC2	2-4	30	158	18,0	4,2	Envolução Uda Hook Ori.	OC2	2-4	30	192	18,0	3,8
Anna Brasileira 129, Orleans	OC2	4-8	30	174	19,0	3,9	Envolução Uda Hook Ori.	OC2	2-4	30	210	18,0	3,9
Anna Brasileira 130, Orleans	OC2	-	30	194	19,0	4,2	Envolução Uda Hook Ori.	OC2	2-4	30	150	17,0	3,8
Anna Brasileira 131, Orleans	OC2	2-11	30	268	13,0	4,1	Envolução Uda Hook Ori.	OC2	2-4	30	190	18,0	3,8
Anna Brasileira 132, Orleans	OC2	2-3	30	132	20,0	3,8	Envolução Uda Hook Ori.	OC2	2-4	30	125	18,0	3,8
Anna Brasileira 133, Orleans	OC2	2-3	30	87	20,0	3,9	Envolução Uda Hook Ori.	OC2	2-4	30	120	20,0	3,8
Anna Brasileira 134, Orleans	OC2	2-3	30	203	19,0	3,7	Envolução Uda Hook Ori.	OC2	2-4	30	157	14,0	3,8
Anna Brasileira 135, Orleans	OC2	2-3	30	158	18,0	3,9	Envolução Uda Hook Ori.	OC2	2-4	30	30	19,0	3,8
Anna Brasileira 136, Orleans	OC2	2-3	30	181	21,0	3,4	Envolução Uda Hook Ori.	OC2	2-4	30	102	16,0	3,8
Anna Brasileira 137, Orleans	OC2	2-3	30	80	20,0	3,5	Envolução Uda Hook Ori.	OC2	2-4	30	101	24,0	3,8
Anna Brasileira 138, Orleans	OC2	2-3	30	157	21,0	3,7	Envolução Uda Hook Ori.	OC2	2-4	30	131	13,0	3,8
Anna Brasileira 139, Orleans	OC2	2-3	30	130	21,0	3,7	Envolução Uda Hook Ori.	OC2	2-4	30	122	16,0	3,8
Anna Brasileira 140, Orleans	OC2	2-3	30	189	20,0	4,0	Envolução Uda Hook Ori.	OC2	2-4	30	111	24,0	3,7
Anna Brasileira 141, Orleans	OC2	2-3	30	89	20,0	3,8	Envolução Uda Hook Ori.	OC2	2-4	30	122	18,0	3,8
Anna Brasileira 142, Orleans	OC2	2-6	30	10	16,0	3,9	Envolução Uda Hook Ori.	OC2	2-4	30	108	20,0	3,8
Anna Brasileira 143, Orleans	OC2	2-6	30	80	20,0	3,7	Envolução Uda Hook Ori.	OC2	2-4	30	151	16,0	3,8
Anna Brasileira 144, Orleans	OC2	2-6	30	50	20,0	3,4	Envolução Uda Hook Ori.	OC2	2-4	30	120	19,0	3,8
Anna Brasileira 145, Orleans	OC2	2-6	30	65	24,0	3,7	Envolução Uda Hook Ori.	OC2	2-4	30	131	21,0	3,8
Anna Brasileira 146, Orleans	OC2	2-6	30	50	25,0	3,5	Envolução Uda Hook Ori.	OC2	2-4	30	115	14,0	3,8
Anna Brasileira 147, Orleans	OC2	2-6	30	24	21,0	3,7	Envolução Uda Hook Ori.	OC2	2-4	30	128	19,0	3,8
Anna Brasileira 148, Orleans	OC2	2-6	30	24	21,0	3,9	Envolução Uda Hook Ori.	OC2	2-4	30	161	13,0	3,8
Anna Brasileira 149, Orleans	OC2	2-6	30	28	25,0	3,7	Envolução Uda Hook Ori.	OC2	2-4	30	87	25,0	3,8
Anna Brasileira 150, Orleans	OC2	2-6	30	180	21,0	3,9	Envolução Uda Hook Ori.	OC2	2-4	30	122	18,0	3,8
Anna Brasileira 151, Orleans	OC2	4-5	30	267	17,0	4,0	Envolução Uda Hook Ori.	OC2	2-4	30	91	19,0	3,8
Anna Brasileira 152, Orleans	OC2	4-10	30	101	20,0	3,9	Envolução Uda Hook Ori.	OC2	2-4	30	134	14,0	3,8
Anna Brasileira 153, Orleans	OC2	4-6	30	202	18,0	3,7	Envolução Uda Hook Ori.	OC2	2-4	30	88	19,0	3,8
Anna Brasileira 154, Orleans	OC2	4-6	30	19	24,0	3,7	Envolução Uda Hook Ori.	OC2	2-4	30	108	18,0	3,8
Anna Brasileira 155, Orleans	OC2	4-6	30	14	24,0	1,8	Envolução Uda Hook Ori.	OC2	2-4	30	6	18,0	3,8
Anna Brasileira 156, Orleans	OC2	4-8	30	259	30,0	3,5	Envolução Uda Hook Ori.	OC2	2-4	30	8	13,0	4,2
Anna Brasileira 157, Orleans	OC2	4-8	30	24	18,0	4,0	Envolução Uda Hook Ori.	OC2	2-4	30	114	19,0	3,8
Anna Brasileira 158, Orleans	OC2	4-8	30	213	14,0	3,9	Envolução Uda Hook Ori.	OC2	2-4	30	122	18,0	3,8
Anna Brasileira 159, Orleans	OC2	4-8	30	152	18,0	3,8	Envolução Uda Hook Ori.	OC2	2-4	30	108	18,0	3,8
Anna Brasileira 160, Orleans	OC2	4-8	30	39	19,0	4,1	Envolução Uda Hook Ori.	OC2	2-4	30	54	28,0	3,8
Anna Brasileira 161, Orleans	OC2	5-10	30	176	22,0	3,8	Envolução Uda Hook Ori.	OC2	2-4	30	12	19,0	3,8
Anna Brasileira 162, Orleans	OC2	5-10	30	245	23,0	3,7	Envolução Uda Hook Ori.	OC2	2-4	30	12	29,0	3,8
Anna Brasileira 163, Orleans	OC2	5-10	30	152	28,0	3,7	Envolução Uda Hook Ori.	OC2	2-4	30	12	29,0	3,8
Anna Brasileira 164, Orleans	OC2	4-6	30	213	21,0	3,9	Envolução Uda Hook Ori.	OC2	2-4	30	12	29,0	3,8
Anna Brasileira 165, Orleans	OC2	4-6	30	214	23,0	3,8	Envolução Uda Hook Ori.	OC2	2-4	30	12	29,0	3,8
Anna Brasileira 166, Orleans	OC2	4-6	30	264	24,0	3,9	Envolução Uda Hook Ori.	OC2	2-4	30	12	29,0	3,8
Anna Brasileira 167, Orleans	OC2	4-6	30	307	17,0	3,9	Envolução Uda Hook Ori.	OC2	2-4	30	12	29,0	3,8
Anna Brasileira 168, Orleans	OC2	4-6	30	24	27,0	3,8	Envolução Uda Hook Ori.	OC2	2-4	30	12	29,0	3,8
Anna Brasileira 169, Orleans	OC2	4-6	30	262	17,0	4,0	Envolução Uda Hook Ori.	OC2	2-4	30	12	29,0	3,8
Anna Brasileira 170, Orleans	OC2	4-6	30	119	19,0	3,9	Envolução Uda Hook Ori.	OC2	2-4	30	12	29,0	3,8
Anna Brasileira 171, Orleans	OC2	4-6	30	121	25,0	4,0	Envolução Uda Hook Ori.	OC2	2-4	30	12	29,0	3,8
Anna Brasileira 172, Orleans	OC2	4-6	30	111	20,0	3,8	Envolução Uda Hook Ori.	OC2	2-4	30	12	29,0	3,8
Anna Brasileira 173, Orleans	OC2	4-6	30	111	18,0	3,9	Envolução Uda Hook Ori.	OC2	2-4	30	12	29,0	3,8
Anna Brasileira 174, Orleans	OC2	4-6	30	225	27,0	4,1	Envolução Uda Hook Ori.	OC2	2-4	30	12	29,0	3,8
Anna Brasileira 175, Orleans	OC2	4-6	30	295	20,0	4,0	Envolução Uda Hook Ori.	OC2	2-4	30	12	29,0	3,8
Anna Brasileira 176, Orleans	OC2	4-6	30	92	27,0	3,7	Envolução Uda Hook Ori.	OC2	2-4	30	12	29,0	3,8
Anna Brasileira 177, Orleans	OC2	4-6	30	221	19,0	3,7	Envolução Uda Hook Ori.	OC2	2-4	30	12	29,0	3,8
Anna Brasileira 178, Orleans	OC2	4-6	30	173	22,0	3,9	Envolução Uda Hook Ori.	OC2	2-4	30	12	29,0	3,8
Anna Brasileira 179, Orleans	OC2	4-6	30	178	20,0	1,9	Envolução Uda Hook Ori.	OC2	2-4	30	12	29,0	3,8
Anna Brasileira 180, Orleans	OC2	4-6	30	266	21,0	3,8	Envolução Uda Hook Ori.	OC2	2-4	30	12	29,0	3,8
Anna Brasileira 181, Orleans	OC2	4-6	30	198	23,0	3,8	Envolução Uda Hook Ori.	OC2	2-4	30	12	29,0	3,8
Anna Brasileira 182, Orleans	OC2	4-6	30	171	24,0	1,4	Envolução Uda Hook Ori.	OC2	2-4	30	12	29,0	3,8
Anna Brasileira 183, Orleans	OC2	4-6	30	248	13,0	4,3	Envolução Uda Hook Ori.	OC2	2-4	30	12	29,0	3,8
Anna Brasileira 184, Orleans	OC2	4-6	30	116	23,0	3,6	Envolução Uda Hook Ori.	OC2	2-4	30	12	29,0	3,8
Anna Brasileira 185, Orleans	OC2	4-6	30	274	18,0	3,8	Envolução Uda Hook Ori.	OC2	2-4	30	12	29,0	3,8
Anna Brasileira 186, Orleans	OC2	4-6	30	178	28,0	4,2	Envolução Uda Hook Ori.	OC2	2-4	30	12	29,0	3,8
Anna Brasileira 187, Orleans	OC2	4-6	30	125	13,0	4,3	Envolução Uda Hook Ori.	OC2	2-4	30	12	29,0	3,8
Anna Brasileira 188, Orleans	OC2	4-6	30	169	13,0	3,8	Envolução Uda Hook Ori.	OC2	2-4	30	12	29,0	3,8
Anna Brasileira 189, Orleans	OC2	4-6	30	209	21,0	3,8	Envolução Uda Hook Ori.	OC2	2-4	30	12	29,0	3,8
Anna Brasileira 190, Orleans	OC2	3-10	30	93	27,0	3,3	Envolução Uda Hook Ori.	OC2	2-4	30	12	29,0	3,8
Anna Brasileira 191, Orleans	OC2	3-10	30	12	22,0	3,3	Envolução Uda Hook Ori.	OC2	2-4	30	12	29,0	3,8
Anna Brasileira 192, Orleans	OC2	3-10	30	82	18,0	3,4	Envolução Uda Hook Ori.	OC2	2-4	30	12	29,0	3,8
Anna Brasileira 193, Orleans	OC2	3-10	30	235	16,0	3,7	Envolução Uda Hook Ori.	OC2	2-4	30	12	29,0	3,8
Anna Brasileira 194, Orleans	OC2	3-10	30	293	16,0	3,6	Envolução Uda Hook Ori.	OC2	2-4	30	12	29,0	3,8
Anna Brasileira 195, Orleans	OC2	3-10	30	141	15,0	3,7	Envolução Uda Hook Ori.	OC2	2-4	30	12	29,0	3,8
Anna Brasileira 196, Orleans	OC2	3-10	30	20	22,0	3,4	Envolução Uda Hook Ori.	OC2	2-4	30	12	29,0	3,8
Anna Brasileira 197, Orleans	OC2	3-10	30	20	19,0	3,8	Envolução Uda Hook Ori.	OC2	2-4	30	12	29,0	3,8
Anna Brasileira 198, Orleans	OC2	3-10	30										

Tire todo **LUCRO**
de sua criação utilizando-se do

MANUAL DE CONTROLE DE PRODUÇÃO LEITEIRA, REPRODUÇÃO, ALIMENTAÇÃO E CUSTOS

Utilizando o MANUAL você vai ficar sabendo: o que suas vacas estão produzindo; os intervalos entre as parições; o que as vacas estão comendo e o que você está gastando com a alimentação e custeio.

Pelo quadro ao lado, você verá que conseguindo uma média de 375 a 395 dias entre os partos, você está tirando o máximo de suas vacas. Isso você poderá conseguir seguindo as instruções do MANUAL, que contem 76 páginas para:

	Rebanho A	Rebanho B	Rebanho C
NÚMERO DE VACAS	194	501	150
INTERVALO MÉDIO ENTRE PARTOS (em dias)	423,3	395,7	436,6
PERÍODO VAZIO MÉDIO (em dias)	143,5	115,9	156,8
PARIÇÕES QUE PODERIAM TER OCORRIDO	+10% = 19,5	+2,8% = 13,9	+13,3% = 20
RECEITAS NÃO APURADAS:			
a) LEITE (3.000 kg p/Lactação a Cr\$ 1.000)	-58.500.000	-41.700.000	-60.000.000
b) BEZERROS (50% machos a Cr\$ 30.000 e 50% fêmeas a Cr\$ 200.000)	- 2.208.000	- 1.598.500	- 2.300.000
SUB-TOTAL	-60.708.000	-43.298.500	-62.300.000
DESPESAS C/ VACAS IMPRODUTIVAS (Cr\$ 5.000 X 365 = Cr\$ 1.825.000)	-35.587.500	-25.367.500	-36.500.000
LUCRO NÃO APURADO	-96.295.500	-68.666.000	-98.800.000
DESPESA ANUAL C/ CONTROLE AUXILIAR	2.820.000	8.292.000	2.340.000

CONTROLE LEITEIRO

7 páginas para controle de 105 vacas.

CONTROLE DE REPRODUÇÃO

6 páginas para anotações durante 12 meses.

CONTROLE DE CUSTOS — DESPESA E RECEITA

2 páginas para análise financeira da produção. 2 páginas com explicações como escriturar a receita

e despesa e duas páginas como exemplo. 6 páginas para anotações sobre o custo operacional de produção durante 12 meses. Idem para receita da produção de leite e mais 2 páginas para anotações mensais dos índices técnico-econômicos. Regulamento do Controle Auxiliar (para aqueles que quiserem entrar no Controle Leiteiro)

Preço do exemplar: Cr\$ 100.000.

Pedidos à:

EDITORA DOS CRIADORES LTDA.

— Rua Venâncio Aires, 31 — 05024 — SÃO PAULO.

CU

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE CRIADORES — Rua Jaguaribe, 634 — 01223 e Av. José Cesar de Oliveira, 175 — 05317 — SÃO PAULO - SP. Rua Gabriel Ferreira, 83 — SÃO JOÃO DA BOA VISTA - SP. Rua Monsenhor Manoel Gomez, 3 — São Cristóvão RIO DE JANEIRO - RJ

NOME DO ANIMAL	Grau de sangue	Idade de anos	Controle de meses	Dias de lactação	Leite	%
Mr. Capota Seven	PO	8-11	20	87	27,0	4,1
Mr. Cabréi Factoran Seven	PO	5-5	20	86	35,0	4,3
Mr. Fantasma Million	PO	6-7	20	87	19,0	3,8
Mr. Tonsela Domes	PO	4-4	20	86	29,0	3,9
Mr. Ganga Regalator	PO	5-6	20	86	27,0	3,6
Mr. Ganga Ameliano	PO	5-3	20	83	21,0	3,2
Mr. Poluven Oxford	PO	6-4	20	82	22,0	3,3
Mr. Legitimus Glen	PO	2-4	20	81	25,0	3,5
Mr. Frank Santa Defiad	PO	6-2	20	80	22,0	3,6
Mr. Eusto Million	PO	7-13	20	79	24,0	3,2
Mr. José Lupum	PO	4-3	20	72	29,0	3,5
Mr. Ganga Lender	PO	5-8	20	72	32,0	3,5
Mr. Isolina Paves	PO	4-4	20	70	26,0	3,3
Mr. Zikatrata Ford Friend	PO	4-11	20	69	26,0	3,4
Mr. Lujada Elestion	PO	8-5	20	67	32,0	3,9
Mr. Antônia Faldio	PO	11-1	20	67	29,0	3,7
Mr. Ganga Regalator	PO	5-7	20	58	21,0	3,4
Mr. Fúrdio Million	PO	6-10	20	56	30,0	3,2
Mr. Francisco Regalator	PO	6-1	20	56	19,0	3,3
Mr. Babilio Million	PO	7-11	20	50	31,0	3,6
Mr. Delinda Seven	PO	8-8	20	49	29,0	3,0
Mr. Lapidaria Glen	PO	2-8	20	46	22,0	3,2
Mr. Lancia Rastador Th	PO	2-10	20	45	20,0	3,3
Mr. Jacota Rai	PO	3-8	20	36	25,0	3,4
Mr. Francisco Rastor	PO	10-9	20	31	26,0	2,9
Mr. Wendela Cansano	PO	7-4	19	16	35,0	3,4
Mr. Operado Elend	PO	-	19	11	25,0	3,3
Mr. Dondofinista Elend	PO	4-11	19	6	19,0	3,4
Mr. Gery Babilio	PO	5-6	19	4	20,0	3,1

NOME DO ANIMAL	Grau de sangue	Idade de anos	Controle de meses	Dias de lactação	Leite	%
Burity Maryland M. Napie	PO	5-3	30	66	21,0	4,0
Jary. J Aquatina E. Venetizno	PO	5-1	50	130	23,0	4,1
Burity Cinquina Ant. Starlite	PO	5-3	10	25	25,0	1,7
Z urberano						
Burity Jacova Mariana Wright	PO	5-0	10	29	15,0	1,7
Conala Ikoni Admiral	PO	8-8	50	130	15,0	3,4
Jary. J Jacova Bekovia Milord	PO	4-10	10	19	18,0	2,2
Burity Alessandra Antilla E.	PO	5-4	40	87	15,0	1,0

Dr. Delino David Yano, Porto Feliz, Est. de São Paulo, Controle em 26/02/86, Registe de pasto com ração suplementar, 3 ordenhas.

Consa Guly Alvacar Ave-02	PO	5-5	10	10	29,0	3,8
Consa Heidi 9-Red Th	PO	3-4	40	90	24,0	3,8

Dr. Geoval Antonio Galeotto, Campinas, Est. de São Paulo, Controle em 28/02/86, Registe de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

Berynia Rijs Marinier Det	POCC	3-7	120	327	16,0	3,0
Alice D. A. G.	POCC	3-6	100	314	15,0	3,8
Draiva M. S.	POCC	9-1	90	291	15,0	1,8
Iconista M. S.	POCC	6-1	100	291	14,0	1,8
Piel 256 Puma Pioneer	PO	3-4	100	289	19,0	1,6
Caroline Royal Vowant Day	OC1	3-4	100	290	17,0	4,1
Wenta M. S.	OC1	5-0	90	246	17,0	4,1
Hayusa M. S.	OC1	5-2	90	247	16,0	3,8
Ouarina M. S.	OC2	3-3	90	239	22,0	2,7
Lacordina M. S.	OC1	5-8	90	296	14,0	3,9
Enaly Valéria Imperor	PO	3-11	80	254	21,0	3,4
Piel 232 Edelma Victor	PO	7-11	60	233	14,0	3,7
D.A.C. Camescypta Astronaut	PO	2-1	70	194	18,0	3,1
Isapa M. S.	OC2	4-1	60	154	26,0	3,3
M. S. Camarista	PO	7-5	90	213	13,0	1,8
Indretha M. S.	OC1	8-4	90	142	13,0	1,0
Ostra M. S.	PO	3-1	30	123	17,0	3,1
Colopial Ana 125 King Imperor	PO	4-2	40	125	20,0	3,0
Osapa M. S.	OC2	3-8	60	103	19,0	2,8
Wera M. S.	OC1	4-4	20	32	24,0	3,4
M.S. Nétri Harver Piel	PO	5-2	10	16	22,0	3,5
Correia M. S.	11/32	11-7	10	20	29,0	3,5
D.A.C. Carina Lady Vowant	PO	3-8	10	21	14,0	3,4
D.A.C. Carina Solalite Norma	PO	2-5	10	17	19,0	3,3

Dr. Delino David Yano, Porto Feliz, Est. de São Paulo, Controle em 26/02/86, Registe de pasto com ração suplementar, 3 ordenhas.

Eda Ribeiro Neves e Filho, Botafogo, Est. de São Paulo, Controle em 14/02/86, Registe de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.						
Eda Maria Capota Octy	PO	10-2	10	1	21,0	4,4
Eda Tota Sofia Aquilo Victor	PO	8-4	50	187	21,0	1,3
Wendela Eliza Vito	PO	4-8	70	111	23,0	3,0
Wendela Corvina Cavalier	PO	4-2	10	25	30,0	2,9
Wendela Corina Vito	PO	2-8	10	25	21,0	3,0

Dr. Luiz Roberto Monteiro Porto, Cordilheira, Est. de Minas Gerais, Controle em 26/02/86, Registe de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

Vandora Albany	POCC	6-10	80	239	10,0	3,5
Luiza Albany	POCC	5-9	70	211	16,0	2,8
Regilina 763 Albany	POCC	6-9	70	207	16,0	3,2
R.P. Daily Hillstone	PO	5-1	70	204	17,0	3,2
Albany Sara Octator	PO	2-4	60	189	11,0	3,1
Berla Albany	11/32	6-0	50	184	13,0	3,0
Lizaira 11 de Sant'Ana	OC1	3-9	40	132	11,0	3,2
Márcia Albany	11/32	4-8	40	126	14,0	3,0
Wendurina Albany	11/32	5-4	40	121	14,0	3,0
Wendela 12 de Sant'Ana	OC1	4-2	40	113	13,0	3,0
Wega Arpaal Albany	OC1	4-0	40	110	13,0	2,7
Yara Albany	SB	3-3	30	82	14,0	2,8
Jan Albany	SB	-	20	37	20,0	2,9
Beila Arpaal Albany	OC1	4-4	20	54	14,0	2,9
Jary. J Maritana Unhada Pabel	PO	4-5	20	39	23,0	1,0
Wendela Arpaal Albany	OC1	4-9	10	27	18,0	3,1
Derrubada M. S.	11/32	8-9	10	35	18,0	2,6
Jary. J Beirrieta T. Passador	PO	4-10	10	23	19,0	2,3
Adapa Albany	11/32	7-1	10	21	20,0	2,6
Carola Albany	11/32	6-6	10	14	17,0	3,0
Wendela Albany	11/32	4-5	10	7	15,0	3,2
Papa Albany	11/32	6-3	10	3	17,0	2,8

Dr. Nélio Moreira Sales, Casa Branca, Est. de São Paulo, Controle em 27/02/86, Registe de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

J ordenhas						
Wendela Lisa	OC1	5-1	80	224	32,0	4,6
J ordenhas						
Wendela Lisa	OC1	5-10	100	288	14,0	4,0
Lisa Strassand Unaco	PO	6-1	80	233	13,0	2,5
Lisa Branca	PO	3-2	90	244	14,0	3,2
Lisa Branca e Caratela	PO	4-10	110	307	13,0	4,4
Lisa Glani	PO	4-3	120	335	15,0	4,7
Márcia Lisa	POCC	-	80	224	15,0	3,6
Upponia Lisa	GBB	6-2	90	254	17,0	3,4

Dr. Antonio de Toledo Lara Neto, São Carlos, Est. de São Paulo, Controle em 18/02/86, Registe de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

São Sinto de Fátima	PO	2-1	40	121	21,0	3,8
São Sinto de Flores	PO	3-1	20	71	20,0	3,9
São Sinto Hapoy M. Paula Et	PO	5-5	20	44	25,0	1,8

Dr. Nélio Moreira Sales, Casa Branca, Est. de São Paulo, Controle em 27/02/86, Registe de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

Wendela Anad	PO	12-2	90	255	13,0	4,2
Wendela Branca	PO	11-0	70	188	16,0	3,3
Wendela Carlos A. Wendelo	POCC	-	60	181	14,0	3,8
Wendela Glorinda S. Wendelo	POCC	6-4	20	51	15,0	3,5
Wendela Camarada	PO	10-2	150	135	15,0	3,4
Wendela Ganga Brasil	PO	6-5	40	130	18,0	3,1
S.S. Lucrecia Mary K.L. Wright	PO	3-7	30	77	13,0	2,4
S.S. Depressiva Wendelo	PO	5-8	10	32	17,0	3,4
S.S. Liana Brasil	PO	5-11	10	11	24,0	3,7

Alvairi Oliveira, Betim, Pindamonhangaba, Est. de São Paulo, Controle em 26/02/86, Registe de pasto com ração suplementar, 1 e 2 ordenhas.

J ordenhas						
Betty Lupum Dr. S. Chief	PO	2-10	20	85	19,0	3,7
Burity Helena Uchana Chief	PO	3-3	30	89	16,0	3,5
Burity Solista S. Antecano	PO	6-4	40	89	29,0	3,4

Dr. Sidney Taper, São João do Rio Preto, Est. de São Paulo, Controle em 27/02/86, Registe de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

Sta. Odina Edelvide Dorant	PO	2-10	60	234	14,0	3,2
Terrydale Robet Abbey	PO	6-2	90	165	14,0	2,9
Ovela	SB	-	20	12	18,0	2,5
Ortita Hillstone Sta. Odina	OC1	3-7	20	18	18,0	1,2

ALCEU RIBEIRO BUENO
FAZENDA N.SRA. DE FÁTIMA
Gado SINDI e Nelore
 FONE: (016) 729-2464 — ITUVERAVA - SP

Venda de tourinhos da raça Nelore e **SINDI**

DESABORO — RGD 211 — Grande Campeão da Raça Sindi PO
 51.ª Exposição Nacional de Uberaba - MG — Maio 1985.

NOME DO ANIMAL	Grau de sangue	Idade de anos e meses	Controle de lactação	Dias de Leite	%	
De Pedro Grande, Ribeirão, Est. de São Paulo, Controle em 23/02/86, Registo de pasto com raça suplementar, 3 ordenhas.						
Albertina's M.R. Vitória Te	PO	2-6	60	169	22,0	4,3
Albertina's M.R. Vitória Te	PO	-	40	108	20,0	3,5
Albertina's R.J.R. Vitoria Te	PO	-	20	60	23,0	3,7
Albertina's M.R. Vitória Te	PO	-	20	43	21,0	4,0
Albertina's M.R. Vitória Te	PO	-	10	38	11,0	3,3
Albertina's M.R. Vitória Te	PO	-	20	31	26,0	3,1
Venancia S.M.R. Albertina's	PC	-	10	28	22,0	3,0
Albertina's R.J.R. Vitória Te	PO	-	10	25	21,0	3,5
Lina S.R.P. Netina's	GBB	12-1	60	180	27,0	3,8
Albertina's M.R. Vitória Te	PO	6-0	80	218	21,0	3,1
Albertina's M.R. Vitória Te	PO	6-11	10	34	30,0	3,1
Olina S.R.S. Albertina's	GBB	2-6	80	168	21,0	3,4
Albertina's R.J.R. Queen	PO	7-5	10	228	22,0	3,8
Albertina's R.J.R. Queen	PO	7-7	30	78	58,0	3,0
Netrovelita R.J.R. Albertina's	GBB	6-9	80	225	21,0	3,7
Albertina's S.M.R. Zinabes	PO	4-10	80	217	22,0	3,8
Albertina's M.R. Vitória Te	PO	6-11	60	64	23,0	4,5
Albertina's M.R. Vitória Te	PO	5-1	60	169	21,0	3,1
Albertina's S.M.R. Vitória Te	PO	5-6	30	102	21,0	2,9
Albertina's S.M.R. Vitória Te	PO	5-2	20	29	33,0	3,4
Piper-Wald Diplomata Red Ex.	PO	5-11	70	209	26,0	3,4
Piper-Wald Latin Red Ex.	PO	5-11	70	209	22,0	3,8
Piper-Wald Jump Line Red Ex.	PO	6-0	60	172	24,0	3,5
Piper-Wald Jump Line Red Ex.	PO	6-2	50	138	31,0	3,3
Admirable Kameko Red Ex.	PO	-	50	137	24,0	3,9
Orono-Villa King Harvest Red	PO	7-11	30	64	23,0	4,5
Sawatch O.R.S. Serina's	PC	-	10	24	31,0	2,7
Sahara S.M.R. Albertina's	PC	-	10	12	32,0	3,3
Albertina's M.R. Vitória Te	PO	3-8	80	223	26,0	2,8
Albertina's M.R. Vitória Te	PO	-	80	218	20,0	3,4
Albertina's M.R. Vitória Te	PO	-	60	185	20,0	3,1
Albertina's S.M.R. Vitória Te	PO	-	40	123	24,0	3,8
Albertina's M.R. Vitória Te	PO	-	40	104	22,0	4,3
Albertina's M.R. Vitória Te	PO	3-6	20	31	29,0	3,5
Albertina's M.R. Vitória Te	PO	-	20	30	29,0	3,8
Albertina's M.R. Vitória Te	PO	3-7	10	27	29,0	3,1
Albertina's M.R. Vitória Te	PO	-	10	26	27,0	2,8
Albertina's R.J.R. Vitória Te	PO	-	10	9	30,0	3,5
Albertina's S.M.R. Vitória Te	PO	4-8	40	123	27,0	3,3
Albertina's M.R. Vitória Te	PO	4-4	30	86	20,0	3,5
Thelma M.R. Albertina's	GBB	4-8	30	79	25,0	3,1
Albertina's S.M.R. Vitória Te	PO	5-1	10	14	30,0	3,4
Albertina's M.R. Vitória Te	PO	-	80	221	20,0	4,3

Qual Gabriel Elias Pereira, Olímpio Moreira, Est. de Minas Gerais, Controle em 25/02/86, Registo de pasto com raça suplementar, 1 e 2 ordenhas.

NOME DO ANIMAL	Grau de sangue	Idade de anos e meses	Controle de lactação	Dias de Leite	%	
3 ordenhas						
Perolina Belvina Juro	PO	4-5	40	125	16,0	3,4
Belinda Adine de Sant'Ana	GBB	3-11	20	53	14,0	3,4
Rebecca Jasper de Sant'Ana	POCC	-	20	80	16,0	3,4
Paloma Jasper Pereira	GBB	6-1	60	179	15,0	4,3
Perolina Tereza Pernambuco	PO	11-9	20	80	13,0	3,6
Isabella Juro de Sant'Ana	GBB	3-9	30	83	20,0	3,3
Lucia Jasper de Sant'Ana	GBB	5-0	30	80	15,0	3,4
Olivia Jasper Hilar Red	PO	8-10	90	264	15,0	3,6
2 ordenhas						
Zafraí Bern de Sant'Ana	GBB	5-8	10	10	18,0	1,7
Lucia Jasper de Sant'Ana	GBB	6-10	20	80	14,0	3,3
Polarene Juro Pereira	GBB	6-1	20	42	14,0	3,7

De: Otiliano e Otilio Moraes Ribeiro, Reg. do Zebu, Est. de São Paulo, Controle em 24/02/86, Registo de pasto com raça suplementar, 2 ordenhas.

NOME DO ANIMAL	Grau de sangue	Idade de anos e meses	Controle de lactação	Dias de Leite	%	
Ribeirão Letícia Del	PO	6-5	20	104	13,0	2,9
Ribeirão Matiana Rebel	PO	5-1	30	93	14,0	3,2
Willy Aquino H. Leme	GBB	9-8	20	129	13,0	3,3
Mariposa Jasper Ribeirão	PO	5-4	20	42	13,0	4,0
Ribeirão Oly Hilar Red	PO	3-5	20	54	13,0	3,8
Ribeirão Redi Mariposa	PO	4-11	20	58	14,0	3,3
Ribeirão Oly Hilar Red	PO	3-1	20	41	13,0	3,6
Ribeirão Wanda Quality	PO	4-11	10	1	13,0	3,9
Tecora Sultan Tubalco Leme	GBB	8-4	10	19	14,0	3,1
Neiva Pequena Ribeirão	GBB	5-0	20	24	18,0	3,8
Leme's Heron Hilar Tubalco	PO	8-9	30	154	13,0	3,4

NOME DO ANIMAL	Grau de sangue	Idade de anos e meses	Controle de lactação	Dias de Leite	%	
Leme's Garça Cis. Rebel	PO	11-9	20	4	21,0	3,3
Ribeirão Letícia Rebel	PO	8-7	20	8	22,0	4,3
Jobotônica Ribeiro Pal. Leme	GBB	8-1	10	20	21,0	3,5
Lajota Dos Ribeirões	GBB	6-11	10	18	19,0	2,8
Leturora Dos Ribeirões	GBB	6-1	40	130	11,0	3,4

Genesial e Distribuidora João Rogério Lida, Lezíria Paulista, Est. de São Paulo, Controle em 10/02/86, Registo de pasto com raça suplementar, 2 ordenhas.

NOME DO ANIMAL	Grau de sangue	Idade de anos e meses	Controle de lactação	Dias de Leite	%	
Netina Tereza Billy Red	PO	8-4	40	122	20,0	4,3
Ribeirão King III Jasper	PO	5-9	70	260	14,0	3,8

De: Lisias Gatovalves Almeida, Lina, Est. de São Paulo, Controle em 14/02/86, Registo de pasto com raça suplementar, 2 ordenhas.

NOME DO ANIMAL	Grau de sangue	Idade de anos e meses	Controle de lactação	Dias de Leite	%	
Conceição Sabino	PO	5-9	10	13	20,0	3,9
Son Quiry Centaur Royalty	PO	5-8	90	144	11,0	3,4
Conceição Sabino	PO	4-10	60	122	19,0	3,4
Almyra Galaxia Est. Galina's	GBB	-	50	150	15,0	3,8
Polina Ostra Longuina Ideal	PO	3-1	60	178	13,0	4,3

De: Hugo Bráulio Basso, Cruzetiro, Est. de São Paulo, Controle em 24/02/86, Registo de pasto com raça suplementar, 2 ordenhas.

NOME DO ANIMAL	Grau de sangue	Idade de anos e meses	Controle de lactação	Dias de Leite	%	
Artão de Belémia	GBB	5-9	70	245	11,0	3,3
Loli Happer Red S.M.P.	GBB	8-1	10	28	28,0	3,7
Geberia Junior H. Nair.	GBB	4-9	70	226	16,0	3,4
Sarah Happer Red	GBB	8-9	60	217	15,0	4,1
J.P. Detachado R. de T. Inês	GBB	11-4	30	60	20,0	4,1
Reajustamento Agro Ind.	GBB	9-10	30	67	16,0	4,1
Cinova de São Paulo	GBB	5-0	20	47	17,0	4,2
Joselândia Dorian H. Cruz.	PC	-	10	18	11,0	3,1
Acc. S.V.S. Daria Condessa Red	PO	6-8	20	43	17,0	4,1
Despida Jantar de Maracá	GBB	3-7	10	36	14,0	4,4
Quilini Maracá Leda	GBB	3-5	60	185	16,0	3,3

De: Fernando de Souza Toledo, Jaguaratá, Est. de São Paulo, Controle em 06/02/86, Registo de pasto com raça suplementar, 2 ordenhas.

NOME DO ANIMAL	Grau de sangue	Idade de anos e meses	Controle de lactação	Dias de Leite	%	
Reata do Herro Verde	GBB	5-5	30	211	14,0	3,4
Reata do Herro Verde	PCCA	8-4	60	172	16,0	3,4
Reajustamento do Herro Verde	GBB	8-8	20	40	20,0	3,8
Reata do Herro Verde	GBB	8-0	20	33	19,0	3,9
Violante do Herro Verde	GBB	5-8	20	57	15,0	3,1
Reata do Herro Verde	GBB	3-3	10	11	17,0	4,0
Plana do Herro Verde	GBB	4-4	20	43	18,0	3,9
Quarta Red Wier	GBB	8-0	20	52	16,0	3,2
Reata do Herro Verde	PCCA	11-7	20	9	20,0	3,9

Raça Jersey

Reg. De Augusto Anelli de Matta Pedreira, Tetul, Est. de São Paulo, Controle em 02/02/86, Registo de pasto com raça suplementar, 2 ordenhas.

NOME DO ANIMAL	Grau de sangue	Idade de anos e meses	Controle de lactação	Dias de Leite	%	
Veranda Heróides Rey	PO	8-8	20	58	22,0	4,0
Heróides Café Rey	PO	5-1	20	16	14,0	3,3
Capacina Justino Rey	3/4	6-2	10	24	11,0	3,8

De: Reg. De April Luiz de Oliveira, Piratininga, Est. de São Paulo, Controle em 06/02/86, Registo de pasto com raça suplementar, 2 ordenhas.

NOME DO ANIMAL	Grau de sangue	Idade de anos e meses	Controle de lactação	Dias de Leite	%	
Luiz Regina Emma	PO	1-8	30	72	11,0	3,3
Luiz Assisília Aze	PO	2-4	20	60	11,0	3,6
Luiz Sorey Sorey	PO	6-4	20	60	10,0	4,1

De: Mito Linco Lodi, Caramuru, Est. de São Paulo, Controle em 25/02/86, Registo de pasto com raça suplementar, 2 ordenhas.

NOME DO ANIMAL	Grau de sangue	Idade de anos e meses	Controle de lactação	Dias de Leite	%	
Sant'Ana Casanova 30 Nove	PO	11-9	20	126	11,0	4,1
Marijane Louren H. Poo.	PO	3-5	10	24	10,0	3,3
Faustina Polina H. Poo.	PCCE	3-8	20	52	10,0	3,4
Galéria Wanda de H. Poo.	PO	10-1	20	8	14,0	3,5
Jaguel Sultan de H. Poo.	PO	3-4	10	11	11,0	3,5
Jalcina Rosemar H. Poo.	PO	-	20	30	14,0	4,0
Reata de Famosos H. Poo.	PO	5-8	20	30	14,0	4,0



FAZENDA VARGEM DO MANEJO

MIGUEL PEREIRA - RJ - C. POSTAL 88.307
TEL. 0244/84-3719 — CEP 26.900



COMUNICADO N.º 01

Formulamos um agradecimento público a todos os importadores, criadores e centrais de sêmen de gado das raças Holstein Frisian e Gir Leiteiro de quem adquirimos, com o maior cuidado de seleção, os sementais que usamos, de acordo com as normas técnicas do PROCRUZA, para a formação do **GADO LEITEIRO TROPICAL (5/8)** que agora desponta promissoramente com a entrada em produção das primeiras novilhas, das quais damos abaixo os resultados iniciais de lactações controladas oficialmente pela A.B.C.

MX3 — 26.357 — AVA DO MANEJO — 2a 8m 31 d. 30.7 kg 3x

MX3 — 66.359 — AUSTRIA DO MANEJO — 2a 7m 33 d. 29.6 kg 3x

NOME DO ANIMAL	Grau de sangue	Idade em anos	Controle	Dias de lactação	Leite	%
Neve Sabida de S. Fm.	PO	4-11	19	4	16,0	4,1
Nevada Virgínia S. Fm.	PO	-	49	95	14,9	5,0
Norjeira Fúria de S. Fm.	PO	3-10	10	4	17,9	3,8
Nova S. Fm.	PO	-	40	101	14,8	3,9
Nova S. Fm.	PO	3-7	18	13	12,0	4,3

Raça Parda Suíça (Schwyz)

Dr. Josef Philip Justiz, Est. de São Paulo, Controle em 18/02/76, Registe de parto com raça suplementar, 2 ordenhas.

Alfina	PO	9-7	40	111	20,0	3,7
Mrs. Isidoro Dias	PO	6-2	50	156	16,0	3,6
Mrs. Isidoro Dias	PO	3-10	29	128	18,0	3,7
Mrs. Isidoro Dias	PO	3-1	20	32	15,0	3,4
E.E. Jay Sweet	PO	7-4	48	154	20,0	4,1
Corona Luísa	PO	9-5	89	239	13,0	3,4
Ally	PO	9-0	60	156	20,0	3,5
Corona Juvenê Nebelart	PO	7-8	39	72	24,0	3,9
Oria	PO	7-7	80	225	15,0	4,2
Ira	PO	7-5	60	158	19,0	3,5
Helena	PO	6-11	79	215	17,0	4,4
Orlana de Mrs. Isidoro	PO	6-7	90	247	13,0	4,4
Mrs. Isidoro Elias	PO	5-8	120	343	17,0	4,4
Mrs. Isidoro Elias	PO	5-2	50	150	16,0	4,0
Mrs. Isidoro Catarina	PO	6-2	49	12	20,0	3,4
Gise	PO	9-8	60	156	15,0	4,2
Mrs. Isidoro Helene	PO	4-7	10	19	18,0	4,1

Dr. Uvaldo Benedito Grossi, Est. das Cruzes, Est. de São Paulo, Controle em 05/12/76, Registe de parto com raça suplementar, 2 ordenhas.

Alfina	PO	6-9	70	240	19,0	3,9
Alfina	PO	5-10	69	217	15,0	4,4
Alfina	PO	3-3	70	246	20,0	4,4
Alfina	PO	8-2	69	204	17,0	3,7
Alfina	PO	9-3	50	140	17,0	4,2
Alfina	PO	8-4	30	90	12,0	3,0
Alfina	PO	3-1	20	63	18,0	3,4
Alfina	PO	4-1	20	62	16,0	3,2
Alfina	PO	13-5	20	53	17,0	3,7

Dr. Carlos Acácio Pente Aguiar, S.C. Ltda. (COPA), Pos. São Joazeiro, Porto Ferreira, Est. de São Paulo, Controle em 26/02/76, Registe de parto com raça suplementar, 2 ord.

Alfina	POCC	6-1	70	224	13,0	3,1
Alfina	PO	7-5	89	220	13,0	3,8
Alfina	POCC	11-6	79	208	14,0	3,5
Alfina	PO	3-4	69	159	14,0	4,0
Alfina	POCC	6-1	96	243	17,0	3,9
Alfina	POCC	7-9	50	141	19,0	4,0
Alfina	PO	6-3	50	132	18,0	4,2
Alfina	PO	6-7	40	109	14,0	4,0
Alfina	PO	8-0	49	96	13,0	3,6
Alfina	PO	8-2	30	88	22,0	4,8
Alfina	PO	8-9	30	84	21,0	4,4
Alfina	PO	3-7	30	82	17,0	4,2
Alfina	PO	4-4	30	80	15,0	4,3
Alfina	POCC	12-4	30	75	14,0	3,6
Alfina	PO	4-8	30	74	16,0	3,9
Alfina	PO	3-2	20	71	13,0	3,0
Alfina	PO	3-7	20	68	15,0	3,4
Alfina	POCC	6-4	20	58	17,0	4,2
Alfina	PO	-	20	58	16,0	3,6
Alfina	POCC	3-2	20	58	18,0	3,8
Alfina	PO	3-8	20	38	25,0	3,3
Alfina	POCC	8-10	19	38	23,0	4,1
Alfina	PO	3-8	19	24	20,0	4,0

NOME DO ANIMAL	Grau de sangue	Idade em anos	Controle	Dias de lactação	Leite	%
Ornata	POCC	2-5	20	13	16,0	3,2
Levina	PO	5-7	20	12	22,0	3,8
S. C. Joazeiro	PO	6-7	10	10	13,0	3,0

Dr. Antônio Fariol Tassin, Porto Feliz, Est. de São Paulo, Controle em 26/02/76, Registe de parto com raça suplementar, 3 ordenhas.

S. C. H. Elzevir's	PO	7-7	20	43	26,0	4,3
Valley	PO	7-4	40	96	24,0	3,8
Ornata	PO	5-10	20	27	27,0	3,8
Ornata	PO	5-8	20	31	29,0	3,0
Ornata	PO	5-1	40	113	25,0	4,2

San. Dep. de Agricultura de Quatzen, Piracicaba, Est. de São Paulo, Controle em 04/02/76, Registe de parto com raça suplementar, 2 ordenhas.

Ornata	PO	2-7	70	201	12,0	4,2
Ornata	PO	4-10	69	178	11,0	3,2
Ornata	PO	2-4	10	20	10,0	3,7

Dr. Fernando Prado Neto, Jacareíma, Est. de Minas Gerais, Controle em 18/02/76, Registe de parto com raça suplementar, 1 ordenha.

S. C. Elzevir's	PO	13-4	109	286	18,0	3,5
S. C. Elzevir's	PO	8-9	120	258	17,0	3,0
S. C. Elzevir's	PO	5-8	80	230	15,0	3,2
S. C. Elzevir's	PO	2-7	70	245	21,0	3,0
S. C. Elzevir's	PO	5-10	60	161	15,0	3,5
S. C. Elzevir's	POCC	3-6	50	127	18,0	2,5
S. C. Elzevir's	PO	6-1	30	61	23,0	2,5
S. C. Elzevir's	PO	3-5	30	95	13,0	1,7
S. C. Elzevir's	PO	3-4	20	65	17,0	2,0
S. C. Elzevir's	PO	3-6	20	39	23,0	2,1
S. C. Elzevir's	PO	3-8	20	43	20,0	1,5
S. C. Elzevir's	PO	5-0	10	7	26,0	2,3
S. C. Elzevir's	PO	7-8	10	11	20,0	4,0

Cia. Agropecuária Sta. Madalena, Jacareíma, Est. do Paraná, Controle em 04/02/76, Registe de parto com raça suplementar, 2 ordenhas.

S. M. Tânia	PO	7-2	20	88	14,0	3,3
-------------	----	-----	----	----	------	-----

Dr. Francisco Prado Neto, Jacareíma, Est. de Minas Gerais, Controle em 17/02/76, Registe de parto com raça suplementar, 3 ordenhas.

S. C. Elzevir's	PO	6-4	40	103	21,0	3,6
S. C. Elzevir's	PO	4-4	40	99	18,0	3,0
S. C. Elzevir's	POCC	-	40	111	14,0	2,8
S. C. Elzevir's	PO	6-4	20	77	15,0	3,5
S. C. Elzevir's	PO	4-10	20	51	17,0	3,4
S. C. Elzevir's	PO	11-8	10	13	24,0	3,7
S. C. Elzevir's	PO	11-9	10	10	21,0	3,2

Raça Guernsey

Dr. Antônio Cabral de Almeida, Fazenda, Est. de Rio de Janeiro, Controle em 27/02/76, Registe de parto com raça suplementar, 2 ordenhas.

Ordem de Registro para substituição de ordenhas no livro de registro.

Ornata	PO	-	40	196	15,0	3,0
Ornata	PO	6-9	50	170	17,0	4,4
Ornata	PO	6-9	50	123	21,0	3,1
Ornata	PO	13-4	30	120	15,0	3,5
Ornata	PO	9-1	40	98	17,0	4,8
Ornata	PO	-	40	90	15,0	4,3
Ornata	PO	-	40	90	17,0	4,2
Ornata	PO	8-7	40	91	17,0	3,0
Ornata	PO	7-6	30	87	16,0	3,0

GRANJA D'ABADIA CUSTÓDIO DE ALMEIDA & FILHO



O GADO DO LEITE DOURADO CRIAÇÃO E SELEÇÃO DE GUERNSEY PO E CRUZADOS

Maior plantel em controle leiteiro do Estado. Troféu ACERJ 1985. Conquistamos o maior número no livro de Mérito e Escol entre todas as raças leiteiras.

VENDA DE REPRODUTORES

FAZENDA: Estrada de Piranema, 731

Fone: (021) 788-1206 — ITAGUAÍ - RJ

ESCRITÓRIO: Cx. Postal 3386

Fone: (021) 240-2341 — RIO DE JANEIRO - RJ

NOME DO ANIMAL	Grau de sangue	Idade em anos	Controle em meses	Dias de lactação	Leite	%
Poa Deposição Rio	PO	10-5	30	86	17,0	4,7
Pedraço PC D'Abadia	3/4	4-5	30	82	17,0	5,2
Boa Nóbrega Hieronímus	PO	-	30	89	13,0	4,3
Ona D'Almeida do Moinho	PO	-	20	44	13,0	4,8
Galina M D'Abadia	15/16	-	20	41	16,0	4,8
Hilena M D'Abadia	3/4	-	20	40	15,0	5,8
Poa Lavinia Hieronímus D'Abadia	PO	8-3	20	37	16,0	5,1
Gracia M D'Abadia	3/4	-	20	29	14,0	4,8
França M D'Abadia	1/2	-	10	24	17,0	4,8
Joana M D'Abadia	3/4	-	10	24	15,0	4,6
Carla Maria D'Abadia	3/4	-	10	21	15,0	4,9
Ma M D'Abadia	1/2	-	10	20	20,0	4,7
Clara M D'Abadia	3/4	-	10	19	19,0	4,6
Silvana M D'Abadia	3/4	-	10	19	17,0	5,0
Paula Maria M D'Abadia	PO	-	10	17	17,0	5,0
Bilho M D'Abadia	1/2	-	10	15	18,0	5,1
Pau Sacramento M D'Abadia	PO	-	10	13	15,0	4,5
Elia M D'Abadia	3/4	-	10	13	17,0	4,6
Carla Maria Guedes Itapuaí	3/8	-	10	11	19,0	4,5
Rosângela M D'Abadia	PO	8-9	10	5	18,0	4,8
Amélia M Fialdo D'Abadia	1/2	-	10	4	14,0	5,2
Fátima M D'Abadia	3/4	-	10	1	20,0	4,8

Rec. Inv. de Aprimor. de Ovinos, Piracicaba, Est. de São Paulo, Controle em 04/02/86, Registro de parto com raça suplementar, 2 criatórios.

Uadi Valéry Martin PO 3-9 60 179 10,0 3,8

Raça Red-Poll

Dr. Lídio Nalini, Capotona, Est. de São Paulo, Controle em 25/02/86, Registro de parto com raça suplementar, 2 criatórios.

Flakiana Noronha PCDD 4-3 20 43 10,0 4,7
 Flakiana Dado PCDD 4-11 30 72 11,0 3,9
 Inepari Ellen Berry PO 5-5 20 40 13,0 3,6

Raça Gir

Rená Aguiar e Penélope Sade, Roca, Est. de São Paulo, Controle em 30/02/86, Registro de parto com raça suplementar, 3 e 2 criatórios.

3 criatórios	2 criatórios					
Sarcia	ZA	5-0	20	44	12,0	4,0
Aracê/Adão	ZA	4-7	20	54	13,0	3,3
Henalia	BB	12-1	20	54	13,0	3,1
Matrona	BB	4-11	20	42	12,0	4,8
Valência	BB	2-9	20	41	12,0	4,6
Verônica/Adão	ZA	5-1	17	25	12,0	4,4
Nova	BB	11-3	17	17	16,0	3,8
Delaine	BB	8-12	17	2	16,0	4,1
2 criatórios						
Triziane	ZA	7-1	80	228	12,0	3,6
Renata	BB	5-10	18	11	12,0	4,4

NOME DO ANIMAL	Grau de sangue	Idade em anos	Controle em meses	Dias de lactação	Leite	%
Dr. Antonio José Leite de Oliveira Costa, Sta. Cruz das Faltas, Est. de São Paulo, Controle em 18/02/86, Registro de parto com raça suplementar, 3 criatórios.						
C. A. Orestes	PC	5-5	120	341	15,0	4,0
C. A. Jaca	PC	12-3	80	221	22,0	4,0
C. A. Orestes	PC	5-9	80	215	20,0	4,0
C. A. Estelino	PC	6-9	70	206	20,0	4,0
C. A. Indivertida	PC	12-3	60	108	20,0	4,0
C. A. Hieronímus	PC	12-10	60	161	18,0	4,0
C. A. Jolanda	PC	12-0	50	145	17,0	4,0
C. A. Orestes	PC	5-10	40	121	18,0	4,0
C. A. Apolinária	PC	12-10	40	116	17,0	4,0
C. A. Suelia	PC	9-0	40	113	12,0	4,0
C. A. Suelia	PC	-	30	62	11,0	4,0
C. A. Orestes	PC	8-2	30	46	12,0	4,0
C. A. Suelia	PC	9-1	20	46	12,0	4,0
C. A. Suelia	PC	12-0	20	57	12,0	4,0
C. A. Faria	BB	7-7	20	56	11,0	4,0
C. A. Suelia	PC	4-4	20	43	10,0	4,0
C. A. Suelia	PC	4-3	10	21	11,0	4,0
C. A. Suelia	PC	8-3	10	28	10,0	4,0

Dr. João Gabriel da Costa Noronha e Outros, Casa Branca, Est. de São Paulo, Controle em 20/02/86, Registro de parto com raça suplementar, 2 criatórios.

C. A. Lila	PC	10-9	30	807	12,0	4,4
C. A. Alfa	BB	5-10	20	296	12,0	4,4
C. A. Alexa	BB	6-3	20	191	12,0	4,4
C. A. Maria	PC	-	20	243	12,0	4,4
C. A. Nóbrega	PCDD	9-4	20	133	12,0	4,4
C. A. Papalio	BB	7-2	20	111	12,0	4,4
C. A. Rêta	PCDD	8-4	20	129	12,0	4,4
C. A. Orestes	PC	7-10	20	195	12,0	4,4
Graciana da Boa Vista	BB	12-11	20	113	12,0	4,4
S. C. Paparova	BB	7-5	40	109	12,0	4,4
C. A. Cleopatra	BB	-	40	58	12,0	4,4
C. A. Ciravila	BB	6-4	30	72	12,0	4,4
C. A. Carinhosa	BB	4-5	30	67	12,0	4,4
C. A. Noroninha	BB	9-9	30	66	12,0	4,4
C. A. Olívia	PCDD	7-4	30	63	12,0	4,4
C. A. Nourça	PC	3-0	20	40	12,0	4,4
C. A. Fantasia	BB	16-0	20	50	12,0	4,4
C. A. Orestes	ZA	8-8	20	46	12,0	4,4
C. A. Nóbrega	PC	12-1	20	41	12,0	4,4
C. A. Suelia	PC	3-8	20	41	12,0	4,4
C. A. Suelia	PC	5-10	20	31	12,0	4,4

Dr. Gabriel Gustavo de Andrade, Calorizândia, Est. de Minas Gerais, Controle em 03/02/86, Registro de parto com raça suplementar, 2 criatórios.

Nela Vista	BB	4-6	20	81	12,0	4,4
Quênia da Calorizândia	BB	6-8	40	162	12,0	4,4
Renata	PCDD	4-3	40	82	12,0	4,4
Helena	BB	4-9	30	81	12,0	4,4
Indivertida da Calorizândia	BB	4-9	30	66	12,0	4,4
Nora da Calorizândia	BB	8-10	40	154	12,0	4,4
Nora	PC	5-0	20	130	12,0	4,4
Agôa da Calorizândia	PC	5-7	10	13	12,0	4,4
Henara da Calorizândia	BB	-	20	11	12,0	4,4
Henara da Calorizândia	BB	10-4	10	1	12,0	4,4

GIR LEITEIRO - FB O GADO CERTO PARA O CLIMA CERTO

KENIA AGRICOLA E PECUÁRIA LTDA.
 FAZENDA SANTANA DA SERRA
 Estrada Morcoso Cajuru, Km. 295 - Município de Cajuru
 Fone (0196) 55 0801 - Telefone Rural - Canoas SP
 (telefonista 101) 98 1164 - Mococa SP - Fone (0196) 55 0085
 São Paulo SP - Fone (011) 36-1681

AZOTO RGD-11 — filho de EECALA, 32.407 kg em 7 lactações
 pai — SÂNDALO — 6 Livros de Mérito — Cat. de Longevidade
 mãe — NOVATA — é recordista de produção de leite na classe D
 com 6.481 kg, 2 Livros de Mérito e Categoria
 de Longevidade. Participa do Programa de
 Transferência de Embriões.

GIR LEITEIRO - FB - MOCOCA MEIO SÉCULO DE SELECÇÃO TODO REBANHO EM CONTROLE LEITEIRO OFICIAL

COLETA E VENDA DE SEMEN
 AGROPECUÁRIA LAGOA DA SERRA
 PECPLAN-BRADESCO



FAÇA-NOS UMA VISITA,
 NÓS TEMOS O REPRODUTOR
 QUE O SEU REBANHO ESTÁ NECESITANDO

NOME DO ANIMAL		Grau de sangue	Idade em anos e meses	Controle	Dias de lactação	Leite %		NOME DO ANIMAL		Grau de sangue	Idade em anos e meses	Controle	Dias de lactação	Leite %	
Netana da Colômbia	PC		4-5	33	14	12,0	5,8	Indira de Brasília	PC		5-3	20	41	11,0	4,7
Sara da Colômbia	PC		4-1	20	17	13,7	3,3	Waldemir	PC		10-11	20	34	14,0	4,0
Clayson da Colômbia	PC		6-0	20	47	11,8	4,7	Uanda de Brasília	PC		6-1	20	47	10,0	4,7
Waldemir da Colômbia	PC		10-4	20	47	14,0	4,0	Salado de Brasília	PC		6-10	10	214	11,0	5,3
Netana da Colômbia	PC		4-1	20	11	10,8	5,0	Waldemir de Brasília	PC		6-0	10	38	13,0	5,4
Tava	LA		3-1	10	26	10,0	1,3	Waldemir de Brasília	PC		7-8	10	21	10,0	4,7
Apresenta	PC		4-3	20	10	14,0	3,7	2ª Colônia de Registro de Indústrias, Indústria de Minas Gerais, Indústria em 17/02/94, Região de pasto em região semi-árida, 2 colônias.							
Sara	PC		-	20	27	11,0	4,0	Waldemir de Brasília	PC		15-6	20	70	10,0	5,4
LA (1071)	LA		-	10	10	10,0	0,0	Uanderson de Brasília	PC		6-2	20	120	12,0	5,1
Waldemir da Colômbia	PC		10-4	10	14	13,8	4,0	Uanda de Brasília	LA		6-1	20	226	12,0	4,7
Sara da Colômbia	PC		4-2	10	20	11,0	4,5	Waldemir de Brasília	PC		6-1	30	70	10,0	5,2
Sara da Colômbia	PC		4-4	20	10	11,0	4,0	Uanderson de Brasília	PC		4-0	30	60	12,0	4,8
Waldemir da Colômbia	PC		-	10	23	11,0	4,0	Uanda de Brasília	PC		6-1	10	231	14,0	4,7
								Waldemir de Brasília	PC		7-1	30	120	12,0	5,0
								Uanda de Brasília	PC		7-4	20	50	12,0	5,0
								Waldemir de Brasília	PC		6-0	20	10	12,0	5,0
								Uanda de Brasília	PC		6-7	30	107	13,0	5,0
								Via Nova de Brasília	PC		4-10	30	69	10,0	4,3
								Uanda de Brasília	PC		7-0	40	131	14,0	4,2
								Waldemir de Brasília	PC		7-10	30	110	11,0	5,4
								Uanderson de Brasília	PC		11-4	40	117	10,0	4,5
								Waldemir de Brasília	PC		11-8	40	129	13,0	5,0
								Uanda de Brasília	PC		4-4	40	34	11,0	4,5
								Waldemir de Brasília	PC		11-4	40	244	11,0	4,4
								Uanda de Brasília	PC		9-0	30	148	13,0	5,0
								Uanderson de Brasília	PC		8-10	30	201	12,0	5,0
								Uanda de Brasília	PC		9-5	20	61	12,0	4,8
								Waldemir de Brasília	PC		8-1	30	140	12,0	5,3
								Uanda de Brasília	PC		4-4	30	64	12,0	4,0
								Waldemir de Brasília	PC		4-1	30	130	12,0	5,3
								3ª Tarefa Associação Criação de Minas Gerais, Indústria em 18/02/94, Região de pasto em região semi-árida, 2 colônias.							
Waldemir	LA		8-2	40	115	10,0	4,0	4ª Tarefa Associação Criação de Minas Gerais, Indústria em 18/02/94, Região de pasto em região semi-árida, 2 colônias.							
Uanderson	PC		8-4	20	30	10,0	4,0	E.C. Uanderson de Brasília	PC		10-0	110	111	10,0	4,4
Uanderson	PC		11-1	20	30	10,0	4,0	Waldemir de Brasília	PC		7-8	90	211	12,0	4,2
Uanderson	PC		5-2	10	40	11,0	4,2	E.C. Uanderson de Brasília	PC		7-0	70	228	10,0	5,0
Uanderson	PC		5-0	10	34	11,0	3,7	Waldemir de Brasília	PC		10-1	70	206	12,0	5,3
								E.C. Uanderson de Brasília	PC		4-0	30	144	11,0	4,7
								Waldemir de Brasília	PC		7-4	60	141	12,0	5,0
								Waldemir de Brasília	PC		11-1	10	175	10,0	5,0
								Waldemir de Brasília	PC		6-9	30	188	12,0	5,3
								Waldemir de Brasília	PC		10-1	30	143	14,0	5,0
								Waldemir de Brasília	PC		6-3	30	134	10,0	5,3
								Waldemir de Brasília	PC		11-0	40	125	14,0	5,0
								Waldemir de Brasília	PC		11-0	40	112	10,0	5,0
								Waldemir de Brasília	PC		11-0	40	114	17,0	5,4
								Waldemir de Brasília	PC		7-4	40	108	16,0	5,0
								Waldemir de Brasília	PC		6-3	40	94	16,0	5,3
								Waldemir de Brasília	PC		9-6	30	93	10,0	5,4
								Waldemir de Brasília	PC		11-4	10	91	17,0	5,4
								Waldemir de Brasília	PC		10-1	30	78	10,0	5,3
								Waldemir de Brasília	PC		9-6	30	79	14,0	5,3
								Waldemir de Brasília	PC		9-6	30	89	13,0	5,3
								Waldemir de Brasília	PC		9-0	30	82	16,0	5,4
								Waldemir de Brasília	PC		5-1	10	51	10,0	4,3
								Waldemir de Brasília	PC		5-1	10	3	10,0	4,3
								5ª Tarefa Associação Criação de Minas Gerais, Indústria em 18/02/94, Região de pasto em região semi-árida, 2 colônias.							
Waldemir de Brasília	PC		8-1	30	42	12,0	5,0	Waldemir de Brasília	PC		11-0	40	140	11,0	4,4
Uanderson de Brasília	PC		10-1	10	5	14,0	4,4	Uanderson de Brasília	PC		8-1	110	102	10,0	4,4
Uanderson de Brasília	PC		9-1	20	14	14,0	5,4								
Uanderson de Brasília	PC		6-1	100	20	12,0	5,3								
Uanderson de Brasília	PC		11-9	110	221	10,0	5,3								

Fazenda Santo Antonio do Mocambo

Prop.: José Lucio Resende e Outros

Seleção e Criação de Gir Leiteiro

Controle Oficial da ABC VENDA PERMANENTE DE TOURINHOS

FAZENDA SANTO ANTONIO DO MOCAMBO

Município de Matozinhos - MG

Tel.: (031) 661-1312

B. Horizonte: Rua Santa Rita Durão, 1160

Tel.: (031) 212-5011



TARIMBA

6a 2x 362d 2784 kg 1056 kg 3,77%

NOME DO ANIMAL	Grau de sangue	Idade em meses	Controle	Dias de lactação	Leite %	NOME DO ANIMAL	Grau de sangue	Idade em meses	Controle	Dias de lactação	Leite %		
Capetana	PC	11-3	69	100	14,0	3,7	Dorada do Navejo	PC	-	76	126	11,3	4,0
Chaveiro	PC	11-9	90	362	12,5	4,4	Delina do Navejo	PC	2-4	78	121	11,3	3,7
Fufo	PC	-	79	241	11,0	4,3	Christa da Boa Esperança	PC	-	80	113	13,3	3,7
Dona da Sabedoria	PC	14-2	30	74	12,0	4,0	Navejo Encantada	PC	2-10	49	108	10,3	3,7
Engenheiro	PC	13-1	90	246	11,0	4,3	Leopoldina do Navejo	PC	-	60	116	12,3	3,7
Tracoma	PC	9-11	25	53	11,0	4,0	Leitão do Navejo	PC	1-1	29	44	10,3	3,7
Julia da Sabedoria	PC	13-6	20	84	11,8	4,5	Reza do Navejo	PC	3-1	26	45	10,3	3,7
Jules da Sabedoria	PC	13-6	20	85	12,0	4,0	Rafaela de Brasília	PC	4-5	20	45	10,3	3,7
Jana da Sabedoria	PC	11-9	110	353	11,8	4,3	Reverência do Navejo	PC	4-1	20	37	10,3	3,7
Liberdade	PC	-	109	285	14,0	4,7	Navejo Paiz	PC	2-11	29	33	10,3	3,7
Luz	PC	-	86	225	13,8	4,5	Orléans do Navejo	PC	3-3	18	17	10,3	3,7
Luzia dos Poções	PC	2-1	30	67	14,0	4,8	Austrália do Navejo	PC	3-4	19	1	10,3	3,7
Margarita dos Poções	PC	5-7	90	276	11,0	4,2	Ana do Navejo	PC	2-9	12	1	10,3	3,7
Matéria	PC	4-2	60	160	13,0	4,2							
Marcela dos Poções	PC	5-10	80	225	13,0	4,3							
Mira dos Poções	PC	-	19	70	14,0	4,0							
Nelson dos Poções	PC	5-5	40	117	13,0	3,9							
Onirina de Brasília	PC	9-10	116	307	11,0	4,2							
OSÍLIA dos Poções	PC	4-7	60	161	13,0	4,3							
Opélia de Brasília	PC	10-4	60	164	12,0	4,5							
Opiza dos Poções	PC	4-8	60	167	13,0	4,0							
Orquídes dos Poções	PC	4-4	60	176	11,0	4,3							
Osmo dos Poções	PC	4-2	60	160	12,5	3,9							
Parafina de Brasília	PC	8-7	78	209	13,0	3,8							
Paula dos Poções	PC	4-0	60	187	11,0	3,9							
Paula dos Poções	PC	4-8	60	164	13,0	3,7							
Regata de Brasília	PC	8-8	50	145	13,0	4,3							
Reza	PC	12-1	24	10	14,0	4,6							
Thalândia	PC	13-4	30	142	15,0	3,8							
Patrícia dos Poções	PC	4-0	19	28	14,0	3,3							
Olívia dos Poções	PC	4-0	60	187	10,5	4,0							

Raça Girolando

Dr. Sidney Raper, São João do Rio Preto, Est. de São Paulo, Controle em 27/02/56, Registro de posto com raça suplementar, 2 ordenadas.

Grise Fino Brasileiro	1/2	-	10	51	10,0	4,3
Imperatriz Brasileiro	1/2	-	10	48	13,0	4,1
Gravata Brasileiro	1/2	-	10	43	12,0	4,4
Jangada Brasileiro	1/2	-	10	50	12,0	3,5
Imperatriz Brasileiro	1/2	-	10	21	11,0	4,7

Crustáceo Dirigido

Francisco Wagner de Souza Lima, Viamão, Est. do Rio de Janeiro, Controle em 12/03/56, Registro de posto com raça suplementar, 2 ordenadas.

CONTROLE EFETUADO PELA ASSOCIAÇÃO DE CRIADORES DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO.

Suprema do Navejo	PC	3-2	100	294	3,8	4,0
Suprema do Navejo	PC	4-2	100	288	13,8	4,1
Suprema do Navejo	PC	4-8	90	264	14,8	4,0
Suprema do Navejo	PC	3-11	90	247	16,3	3,7
Suprema do Navejo	PC	4-2	70	233	14,8	3,5

Raça Nelore

Colônia Agro Pecuária Ltda., Jandia, Est. de Minas Gerais, Controle em 11/02/56, Registro de posto com raça suplementar, 2 ordenadas.

Raf	PC	4-9	20	113	9,1	4,7
Dalia	PC	8-1	40	43	8,5	4,7
Orlé	PC	11-1	30	64	4,2	3,7
Harpa	PC	9-7	30	72	10,3	3,7
Carista	PC	6-0	30	79	6,5	3,7
Soledade da Colonial	PC	5-7	60	194	8,0	4,0
Thalândia	PC	-	60	195	9,3	4,0
Belgista da Colonial	PC	5-6	30	200	9,0	3,7
Chava	PC	13-11	50	145	8,5	3,7
Delonópolis	PC	-	19	12	12,0	3,7
Quilombo	PC	3-10	20	53	8,3	4,0
Tapacaria	PC	5-4	10	14	10,3	4,0

Colônia Agropecuária Ltda., Jandia, Est. de Minas Gerais, Controle em 15/02/56, Registro de posto com raça suplementar, 2 ordenadas.

Bertha da Colonial	PC	5-8	80	126	9,9	3,7
Soledade da Colonial	PC	5-7	70	222	8,0	4,1
Thalândia	PC	-	70	223	9,0	3,7
Raf	PC	4-9	60	181	9,0	3,7
Orlé	PC	11-1	40	36	9,0	4,0
Harpa	PC	9-7	40	102	11,0	4,1
Carista	PC	6-0	40	109	9,0	4,0
Thalândia	PC	-	50	40	12,0	4,0
Quilombo	PC	3-10	20	86	9,0	4,0
Tapacaria	PC	5-4	20	43	10,0	3,7
Testativo	PC	5-1	10	1	9,0	4,0
Delonópolis	PC	5-1	10	1	9,0	4,0
Soledade	PC	5-0	10	1	10,0	4,0

Controle Auxiliar

Dr. Polycarpo Soares Pereira, São, Jandia, Est. do Rio de Janeiro, Controle em 20/02/56, Registro de posto com raça suplementar, 2 ordenadas.

Ra (1318)	-	-	10	51	10,0	4,0
Orlé (1059)	-	-	10	48	10,0	4,0



**QUEM? QUANDO? COMO?
ONDE? POR QUE?**

Não tenha dúvidas. Anuncie seu produto ou seu reprodutor no maior grupo editorial brasileiro especializado exclusivamente em assuntos agropecuários: a Editora dos Criadores. Além da Revista dos Criadores (com meio século de existência), editamos também o Anuário dos Criadores, Agenda dos Criadores e Agricultores. Além disso possuímos um moderno parque gráfico capacitado para produzir, compor, imprimir (branco e preto e quatro cores) qualquer tipo de peça gráfica.

Rua Venâncio Aires, 31 — CEP 05024 — São Paulo - SP



NÃO FIQUE NA SAUDADE.

VACINE O SEU GADO CONTRA A FEBRE AFTOSA.

Você acha que o melhor remédio para saudade é o tempo? Agora pode ser.

Mas se hoje você vacinar o seu gado contra a febre aftosa, amanhã, com certeza, você não estará remediando. Estará lucrando mais e mais.

Lembre-se de que a febre aftosa não perdoa. Ela chega, afeta o seu gado e os seus lucros.

Já é hora de colocar a mão na consciência e tirar a mão do bolso. Proteger o seu gado, é proteger você e os seus negócios. O prejuízo deixado pela febre aftosa é uma boa razão para vacinar. A vacina

custa pouco, é eficaz e muito simples de ser aplicada. Vacine a cada 4 meses e siga corretamente a orientação dos serviços especializados.

Assim, você vai ter o seu gado bonito, sadio e valorizado.

Ou você prefere ter apenas um porta-retrato para matar a saudade?

Campanha de Combate à Febre Aftosa.

Apelo: ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DOS CRIADORES



Use um programa 'Ivomec' na sua fazenda e você conseguirá do seu gado **Maior produtividade e Maior lucro**

Na Cria

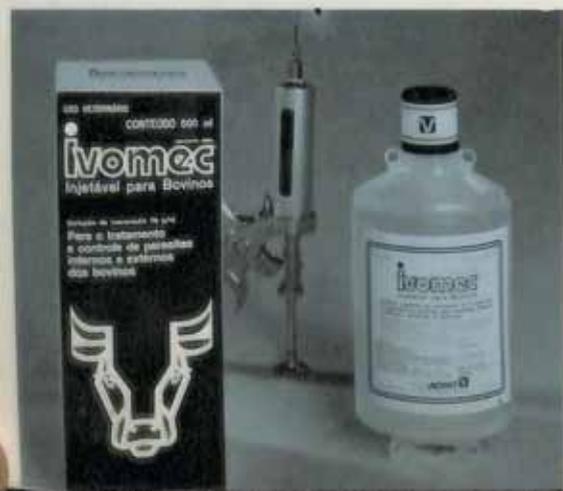
Desmame bezerros mais pesados e mais saudios

Na Recría

Obtenha maior peso com menos tempo e manejo

Na Engorda

Antecipe o abate com animais mais pesados e retorno mais rápido



Ivomec 
Injetável para Bovinos

Reduz o número de tratamentos
Mata mais espécies de parasitas
Controla por mais tempo

MSD-AGVET
DIVISÃO DE MERCK SHARP & DOHME
Química e Farmacologia